

Flávia Pereira Dias Menezes

**NARRATIVAS FILTRADAS,
A EDIÇÃO NO DOCUMENTÁRIO:**
imagens e efeitos de sentido
em "Vozes de Mariana"



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Flávia Pereira Dias Menezes

NARRATIVAS FILTRADAS, A EDIÇÃO NO DOCUMENTÁRIO:
imagens e efeitos de sentido em “Vozes de Mariana”

Belo Horizonte
2020

Menezes, Flávia Pereira Dias.
M543n Narrativas filtradas, a edição no documentário : imagens e
efeitos de sentido em “Vozes de Mariana” / Flávia Pereira Dias
Menezes. – 2020.
221 f. : il.
Orientadora: Giani David Silva

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de
Linguagens, Belo Horizonte, 2020.
Bibliografia.

1. Edição (Jornalismo). 2. Memória. 3. Barragens de rejeitos -
Mariana (MG). 4. Análise do discurso - Narrativas pessoais. I. Silva,
Giani David. II. Título.

CDD: 401.41

Flávia Pereira Dias Menezes

**NARRATIVAS FILTRADAS, A EDIÇÃO NO DOCUMENTÁRIO:
imagens e efeitos de sentido em “Vozes de Mariana”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Giani David Silva

**Belo Horizonte
CEFET-MG
2020**



Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens

Tese intitulada *Narrativas filtradas, a edição no documentário: imagens e efeitos de sentido em “Vozes de Mariana”*, de autoria da doutoranda Flávia Pereira Dias Menezes, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Giani David Silva – CEFET-MG (Orientadora)

Profa. Dra. Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães – CEFET-MG (Coorientadora)

Profa. Dra. Simone de Paula dos Santos – UFVJM (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Rafael Diogo Pereira – UFMG (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Lilian Aparecida Arão – CEFET-MG (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa – CEFET-MG (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Antônio Augusto Braico Andrade (Suplente) – CEFET-MG

Belo Horizonte, 15 de maio de 2020
Av. Amazonas, 5.253 – Belo Horizonte, MG – 30.421-169 – Brasil – tel.: (031) 3319-7140

Dedico àquela que amo, minha família.

Dedico também a todas as pessoas que direta ou indiretamente foram atingidas pela tragédia do dia 5 de novembro de 2015, em Mariana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para buscar e alcançar meus objetivos e me conduzir até aqui, permitindo que eu concluísse mais uma etapa na minha trajetória acadêmica e de vida.

Em especial, agradeço aos meus pais, Edy e Míria, as tantas lições importantes ensinadas, entre elas o valor de se investir na educação e lutar pelos nossos sonhos. Reconheço e admiro o empenho deles para que minha irmã e eu estudássemos em boas escolas e escolhêssemos as profissões desejadas. Admiro ainda o apoio quando nós enfrentávamos desafios pelo caminho, sempre nos ajudando a lidar com momentos de insegurança e dúvidas. Amo vocês. Gratidão.

À minha orientadora, Giani, a generosidade, delicadeza e sabedoria. A você, Giani, minha gratidão, respeito e carinho. Admiração pela mulher e profissional e gratidão por permitir que sigamos com as nossas ideias como pesquisadores e com muita abertura para o diálogo.

À minha coorientadora, Ludmila, o acolhimento no grupo de pesquisa *Nem mais um minuto de silêncio*, no qual aprendi novas metodologias e pude aprofundar no tema desta pesquisa. Sempre disposta em me ajudar; então, meu respeito e admiração pela pessoa e profissional que é.

À minha irmã, Daniela, a amizade, incentivo e inspiração. Você é um exemplo para que eu buscasse o doutorado. Minha admiração por você. Ao meu cunhado, Danival, as conversas sempre prazerosas e o incentivo. À minha sobrinha, Eduarda, a amizade e cumplicidade. Amo vocês.

Aos meus amigos da Secretaria de Comunicação Social (SECOM) do CEFET-MG, a amizade e boa convivência no ambiente de trabalho. Meu respeito por vocês, André, Andréa, Diogo, Gilberto, Luiz Eduardo, Marquinhos e Nívia, e pelas estagiárias Isabela e Bia. Muito obrigada pela força. Vocês foram fundamentais nesse percurso. Agradeço ao secretário de Comunicação Social, Luiz Eduardo, e ao diretor-geral do CEFET-MG, professor Flávio Santos, pela concessão da licença de três meses para avançar na escrita da pesquisa.

André, muito obrigada pelas boas ideias que me fizeram avançar nessa pesquisa, conversas, incentivo e revisão desta tese. E ainda pela disponibilidade sua e do Diogo em ajudar quando encontrei dificuldades.

Ao Pedro, da Secretaria de Comunicação Visual (SECOV) do CEFET-MG, que fez os gráficos desta tese, os quais enriqueceram o trabalho, e a Luciana Vilhena que produziu a linda capa da tese. Muito obrigada.

A Nina Layotte, que se dispôs a fazer o *résumé* e Letícia Labore, o *abstract*.

A Sônia, da Coordenação Geral de Divulgação Científica e Tecnológica do CEFET-MG, que muitas vezes me escutou. Obrigada pela amizade e companheirismo. Às pessoas queridas do CEFET-MG, que me receberam de braços abertos.

Ao Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), o apoio financeiro no início desta jornada e as pessoas que tive o prazer de conviver, em especial Denise, Juliano e Tati. Obrigada pelas boas conversas e parceria.

Ao jornal *Estado de Minas*, em especial ao editor de imagens Fred Bottrel, que gentilmente cedeu os registros brutos da série documental *Vozes de Mariana* para fins desta pesquisa. Obrigada pela confiança.

Aos amigos que fiz no Posling e que sempre se dispuseram em ajudar no delineamento deste trabalho, em especial Agmar, Andrey, Georgiana, Leila, Leilane, Marcos Maia, Ricardo Divino, Marco Túlio. E ainda Kelly e Cibele, que se tornaram grandes confidentes e amigas. Muito obrigada pelas conversas, desabafos, alegrias e carinho.

Aos funcionários do Posling, a cordialidade no atendimento. Aos professores do Posling, por compartilharem conhecimentos, especialmente Carla Barbosa, Vicente Parreiras, Cláudio Lessa (que simpatizei já de início e se tornou uma pessoa que quero sempre perto) e Ana Elisa, que me ajudou a ter acesso ao *corpus* desta pesquisa.

Ao professor da UFMG Rafael Diogo Pereira, que prontamente se dispôs a participar da banca de qualificação e fez contribuições precisas e valiosas para este trabalho. Muito obrigada.

Aos grupos de pesquisa do CEFET-MG, *Narrar-se e Capte*, e da PUC Minas, *Mídia e Memória*.

Aos atingidos pela barragem de rejeitos da Samarco em Mariana, em especial aos meus entrevistados, Seu Zezinho, Marinalva Salgado e Sandra Quintão, a atenção e disponibilidade em ajudar e tirar um pouco do tempo deles para uma conversa comigo. Muito obrigada pelo tratamento respeitoso.

Aos membros da banca, que aceitaram o convite e prontamente se fizeram presentes, Simone, Lilian e Antônio.

Aos meus filhos, Gabriela e Felipe. Gabriela, obrigada por compreender as minhas ausências e os adiamentos de nossas viagens porque eu precisava finalizar essa etapa na minha vida. Gabriela, você e o Felipe são a razão da minha vida. Obrigada pela amizade e por confiar em mim. Estou do seu lado em todos os momentos. Felipe chegou em um momento crucial da escrita, mas foi um estímulo para que me empenhasse ainda mais e apresentasse um belo trabalho. Amo vocês.

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. (BENJAMIN, 1994, p. 37).

RESUMO

Edição, narrativas de vida, memória e discurso. A inter-relação dessas áreas norteia esta tese, em que temos o objetivo de analisar discursivamente as condições de produção e circulação de entrevistas em materiais audiovisuais midiáticos, de modo a percebermos o processo de edição e, conseqüentemente, a configuração de narrativas e a reconstrução da memória. Nesta pesquisa, procuramos investigar o processo de construção e mediação editorial de uma série documental produzida pelo jornal *Estado de Minas*, denominada *Vozes de Mariana*, abordando os atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, em Mariana, Minas Gerais, ocorrido em 5 de novembro de 2015. Em uma perspectiva analítico-discursiva, tentamos abordar a edição por meio de três intervenções: primeiro, com base nos registros brutos dos vídeos realizados por jornalistas do *Estado de Minas*, a partir de um roteiro pré-definido, eles entrevistaram algumas pessoas que moravam nos distritos Bento Rodrigues e Paracatu, atingidos pela lama de rejeitos de minério; segundo, partindo de uma análise do mesmo material, mas já editado, em que há narrativas que resgatam as trajetórias de vida dos atingidos as quais são veiculadas no portal de notícias do *Estado de Minas*; e em terceiro, apoiados em uma perspectiva espaçotemporal, realizamos entrevistas com os mesmos sujeitos-enunciadores selecionados pelo jornal *Estado de Minas*, lançando mão das mesmas perguntas feitas pelos jornalistas, com o intuito de examinar a memória e perceber a composição de significados durante esses três processos. Para isso, o quadro teórico-metodológico utilizado foi constituído com base nas proposições de Patrick Charaudeau, com a Semiolinguística e seus pressupostos. Contamos ainda com elementos da teoria do acontecimento e das questões da edição para tratar da maior tragédia ambiental com rejeitos de mineração do Brasil. Buscamos analisar também, nesta pesquisa, os espaços cênicos dos documentários, como planos, enquadramentos e ângulos. O *corpus* deste trabalho, as entrevistas que conduzem *Vozes de Mariana*, foi produzido a partir do rompimento da barragem da empresa Samarco e inspirado no livro *Vozes de Tchernóbil*, da jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksiévitch, no qual os depoimentos das personagens das narrativas estão em primeira pessoa. Entre os resultados obtidos, constatamos que a participação dos jornalistas na condução das entrevistas apresentou função estratégica discursiva, pois conseguiram resgatar lembranças que sensibilizaram os entrevistados e, de certa forma, conseguiram emocioná-los. Concluimos que a edição dos documentários realizada com as narrativas dos atingidos da barragem, por suas estratégias discursivas, permitiu percebermos que, apesar de a produção audiovisual passar por vários processos e

etapas, é na edição que é possível definir o enquadramento que será dado, de acordo com o que se conseguiu coletar com as entrevistas. Assim, temos uma versão do veículo de comunicação sobre aquela temática; é o olhar dele para aquela situação e, por isso, as filtragens realizadas para o produto final chamamos de “portagem sociodiscursiva”. A edição de *Vozes de Mariana* mostrou uma ruptura da normalidade, de um estado de tranquilidade e paz de Bento Rodrigues que viviam os moradores para uma situação de caos e desespero com o rompimento da barragem. Percebemos ainda que a memória episódica dos entrevistados está mais consistente passados quase dois anos do acontecimento, pois eles conseguiram contar o que viveram com mais riquezas de detalhes e se mostraram mais críticos em relação à responsabilização da Samarco no ocorrido e acerca de seus direitos. A partir da entrevista realizada por nós, encontramos a visada contar-se, quando o EU tem a necessidade de narrar a sua história para um TU que está interessado em ouvir. Por fim, percebemos a importância de desconstruir a edição e identificar os sentidos propostos pela mídia, pois percebemos que as escolhas não são aleatórias.

Palavras-Chave: Edição. Narrativas de vida. Memória. Rompimento barragem em Mariana (MG). Análise do Discurso.

ABSTRACT

Editing, narratives of life, memory and discourse. The interrelation of these areas guides this thesis, in which we aim to discursively analyze the conditions of production and circulation of interviews in media audiovisual materials, in order to understand the editing process and, consequently, the configuration of narratives and the reconstruction from memory. In this research, we seek to investigate the process of construction and editorial mediation of a documentary series produced by the newspaper Estado de Minas, called *Vozes de Mariana*, addressing those affected by the rupture of the tailings dam of the mining company Samarco, in Mariana, Minas Gerais, which occurred in November 5th, 2015. From an analytical-discursive perspective, we attempted to approach editing through three interventions: first, based on the raw records of the videos made by journalists from the Estado de Minas, from a pre-defined script, they interviewed some people who lived in the Bento Rodrigues and Paracatu districts, affected by the mud of ore tailings; second, starting from an analysis of the same material, but already edited, in which there are narratives that rescue the life trajectories of those affected which are broadcast on the news portal of *Estado de Minas*; and third, supported by a spatio-temporal perspective, we conducted interviews with the same subject-enunciators selected by the newspaper *Estado de Minas*, using the same questions asked by journalists, in order to examine the discursive memory and understand the composition of meanings during these three processes. For this, the theoretical-methodological framework used was constituted based on Patrick Charaudeau's propositions, with Semiolinguistics and its assumptions. We also have elements of the theory of the event and issues of the edition to deal with the greatest environmental tragedy with mining waste in Brazil. We also seek to analyze, in this research, the scenic spaces of the documentaries, such as plans, frames and angles. The corpus of this work, the interviews that lead *Vozes de Mariana*, was produced from the rupture of the Samarco dam and inspired by the book *Vozes de Tchernóbil*, by Ukrainian journalist and writer Svetlana Aleksievitch, in which the testimonies of the characters in the narratives are in first person. Among the results obtained, we found that the participation of journalists in conducting the interviews had a discursive strategic function, as they managed to recover memories that sensitized the interviewees and, in a way, managed to thrill them. We conclude that the editing of the documentaries made with the narratives of those affected by the dam, due to their discursive strategies, allowed us to realize that, although the audiovisual production goes through several processes and stages, it is in the edition that it is possible to define the framework that will be given, according to what was

collected from the interviews. Thus, we have a version of the communication vehicle on that theme; it is his look at that situation and, for this reason, the filtering carried out for the final product we call “sociodiscursive tolling”. The edition of *Vozes de Mariana* showed a rupture from normality, from a state of tranquility and peace by Bento Rodrigues, who lived the residents to a situation of chaos and despair with the rupture of the dam. We also realized that the interviewees' episodic memory is more consistent after almost two years of the event, as they were able to tell what they experienced in greater detail and were more critical of Samarco's accountability for what happened and about their rights. From the interview conducted by us, we found the aim to be told, when the “I” has the need to tell its story to a “YOU” that is interested in hearing. Finally, we realize the importance of deconstructing the edition and identifying the meanings proposed by the media, as we realize that the choices are not random.

Keywords: Edition. Life narratives. Memory. Dam rupture in Mariana (MG). Speech analysis.

RÉSUMÉ

Montages, histoires de vie, mémoire et parole. L'interrelation de ces domaines guide cette thèse dans laquelle nous avons pour objectif d'analyser discursivement les conditions de production et de circulation d'interviews médiatiques afin d'analyser le processus de montage et, par conséquent, la configuration des récits et la reconstruction de la mémoire. Dans ce travail, nous cherchons à comprendre le processus de construction et de médiation éditoriale d'une série documentaire produite par le journal *Estado de Minas* et intitulée *Vozes de Mariana* (« Les voix de Mariana »). Cette dernière met en avant les personnes touchées par la rupture du barrage de l'entreprise minière Samarco ayant eu lieu le 5 novembre 2015 à Mariana dans l'Etat de Minas Gerais. D'un point de vue analytique et discursif, nous abordons la question du montage à travers trois supports. Premièrement, nous utilisons les enregistrements bruts des vidéos réalisées par des journalistes de l'*Estado de Minas*, à partir d'un scénario prédéfini, ils ont interviewé des habitants des districts de Bento Rodrigues et de Paracatu, envahis par la boue venant des mines suite à la rupture du barrage. Deuxièmement, nous analysons le même matériel après le montage. Les trajectoires de vie des personnes touchées y sont présentées et elles sont diffusées sur le site internet du journal. Troisièmement, dans une perspective spatio-temporelle, nous avons réalisé des entretiens avec les mêmes sujets-énonciateurs sélectionnés par l'*Estado de Minas*, en utilisant les mêmes questions posées par les journalistes, dans le but d'examiner la mémoire discursive et de percevoir la composition des significations au cours de ces trois processus. Pour ce qui est du cadre théorique, nous nous appuyons sur les considérations de Patrick Charaudeau concernant la sémiolinguistique. Nous nous basons également sur des éléments de la théorie de l'événement et sur les enjeux que suppose la réalisation d'un montage afin d'aborder la plus grande tragédie environnementale causée par des déchets miniers au Brésil. Par ailleurs, nous souhaitons analyser les espaces scéniques proposés dans les documentaires à travers l'étude des plans, des cadres et des angles. Le corpus de cette thèse, composé des interviews rassemblées dans le documentaire *Vozes de Mariana*, a été produit à partir de la rupture du barrage de l'entreprise Samarco et inspiré du livre *La Supplication (A vozes de Tchernobyl en portugais)*, de la journaliste et écrivaine ukrainienne Svetlana Aleksievitch, dans lequel les témoignages sont à la première personne. Parmi les résultats obtenus, nous constatons que la participation des journalistes dans la réalisation des interviews fait partie d'une stratégie discursive étant donné qu'ils ont réussi à capter des souvenirs qui touchaient les personnes interrogées et, dans une certaine mesure, les émouvaient. Le montage des documentaires, de

par les stratégies discursives employées, nous a permis de nous rendre compte que, bien que la production audiovisuelle passe par plusieurs processus, c'est seulement lors de cette étape qu'il est possible de définir le cadre qui sera donné, en fonction de ce qui a été recueilli dans les interviews. Nous avons donc une version du véhicule de communication, c'est à dire un regard sur la situation. Il s'agit ainsi d'un filtrage effectué pour obtenir le produit final que nous appelons le « péage socio-discursif ». Le montage de *Vozes de Mariana* met en scène une rupture de la normalité, le passage d'un état de tranquillité et de paix à Bento Rodrigues à une situation de chaos et de désespoir suite à la rupture du barrage. Nous avons également remarqué que la mémoire épisodique des personnes interrogées est plus consistante deux ans après l'événement. En effet, elles ont témoigné de ce qu'elles vivaient avec plus de détails et ont été plus critiques quant à la responsabilité de Samarco concernant l'événement et à leurs droits. A travers les entretiens réalisés par nos soins, nous percevons l'importance de « se raconter », lorsqu'un "JE" a besoin de parler de son histoire à un "TU" à l'écoute. Enfin, nous réalisons l'importance de déconstruire le processus de montage et d'identifier les significations proposées par les médias car nous savons que les choix ne sont pas aléatoires.

Mots clés : montage, histoires de vie, mémoire, rupture du Barrage de Mariana (MG), analyse du discours

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Situação de Comunicação	70
Quadro 1 – Procedimentos discursivos da construção descritiva	74
Quadro 2 – Questionário sobre os actantes narrativos.....	75
Figura 2 – Mecânica de construção do sentido	78
Figura 3 – José do Nascimento	83
Figura 4 – Marinalva Salgado	83
Figura 5 – Sandra Quintão	83
Figura 6 – Percurso teórico-metodológico	86
Figura 7 – Plano Geral.....	110
Figura 8 – Plano Conjunto.....	111
Figura 9 – Plano Americano	111
Figura 10 – Plano Médio.....	111
Figura 11 – Primeiro Plano	112
Figura 12 – Primeiríssimo Plano	112
Figura 13 – Plano Detalhe.....	112
Figura 14 – Sandra Quintão	119
<u>Erro! O objeto incorporado não é válido.....</u>	119
Figura 15 – Marcelo José Felício	120
Figura 16 – Pamela Rayane	120
Figura 17 – Marinalva Salgado	120
Figura 18 – Leonard Fasah.....	120
Figura 19 – Mírian Carvalho.....	121
Figura 20 – Nívea da Silva	121
Figura 21 – Edinaldo da Silva	121
Figura 22 – Marcos Júnio de Souza	122
Figura 23 – Maria do Carmo.....	122
Figura 24 – Geraldo da Silva	122
Figura 25 – Onézio Souza	122
Figura 26 – Leontina Marcelino	123
Figura 27 – José Pascoal.....	123
Figura 28 – Paula Geralda Alves.....	123
Figura 29 – José do Nascimento	124

Figura 30 – José do Nascimento	132
Quadro 3 – Relação temas e tempo com o entrevistado José do Nascimento	133
Figura 31 – Temas abordados no documentário editado com José do Nascimento	134
Quadro 4 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de José do Nascimento	136
Quadro 5 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: José do Nascimento	142
Figura 32 – Sequências narrativas (bruto e editado), José do Nascimento.....	145
Figura 33 – José do Nascimento	146
Figura 34 – Detalhe mãos José do Nascimento	147
Figura 35 – Marinalva Salgado	149
Quadro 6 – Relação tempo e temas com a entrevistada Marinalva Salgado	150
Figura 36 – Temas abordados no documentário com Marinalva Salgado.....	151
Quadro 7 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Marinalva Salgado	152
Quadro 8 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Marinalva Salgado	158
Figura 37 – Marinalva Salgado	161
Figura 38 – Marinalva Salgado	161
Figura 39 – Sequências narrativas (bruto e editado), Marinalva Salgado.....	162
Figura 40 – Sandra Quintão	165
Quadro 9 – Relação tempo e temas com a entrevistada Sandra Quintão	165
Figura 41 – Temas abordados no documentário com Sandra Quintão	168
Quadro 10 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Sandra Quintão.	170
Quadro 11 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Sandra Quintão	179
Figura 42 – Sandra Quintão	181
Figura 43 – Sequências narrativas (bruto e editado), Sandra Quintão	182
Quadro 12 – Tematização e imaginários na entrevista científica: José do Nascimento	191
Quadro 13 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Marinalva Salgado .	196
Quadro 14 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Sandra Quintão	199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Procedimentos discursivos da construção descritiva	74
Quadro 2 – Questionário sobre os actantes narrativos.....	75
Quadro 3 – Relação temas e tempo com o entrevistado José do Nascimento	133
Quadro 4 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de José do Nascimento.....	136
Quadro 5 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: José do Nascimento	142
Quadro 6 – Relação tempo e temas com a entrevistada Marinalva Salgado	150
Quadro 7 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Marinalva Salgado.....	152
Quadro 8 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Marinalva Salgado	158
Quadro 9 – Relação tempo e temas com a entrevistada Sandra Quintão	165
Quadro 10 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Sandra Quintão.	170
Quadro 11 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Sandra Quintão	179
Quadro 12 – Tematização e imaginários na entrevista científica: José do Nascimento	191
Quadro 13 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Marinalva Salgado .	196
Quadro 14 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Sandra Quintão	199

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
1 ACONTECIMENTO E MÍDIA.....	22
1.1 Acontecimento	29
1.2 5 de novembro de 2015: a barragem de rejeitos da Samarco se rompe	41
2 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DAS NARRATIVAS DE VIDA E MEMÓRIA.....	47
2.1 O que são narrativas?	47
2.2 Narrativa na entrevista jornalística e na pesquisa	53
2.3 Memória	55
3 ANÁLISE DO DISCURSO	61
3.1 Semiologia: os atos de linguagem e os contratos	62
3.1.1 <i>Circuito externo</i>	64
3.1.2 <i>Circuito interno</i>	68
3.2 Os sujeitos do discurso	69
3.3 O desenvolvimento dos modos de organização do discurso	71
3.3.1 <i>Enunciativo</i>	72
3.3.2 <i>Modo de organização descritivo</i>	72
3.3.3 <i>Modo de organização narrativo</i>	75
3.4 Discurso de informação midiática	77
4 PERCURSO METODOLÓGICO	81
4.1 <i>Jornal Estado de Minas</i>	86
4.2 O documentário e o <i>corpus</i> de análise, <i>Vozes de Mariana</i>	89
4.3 Instrumentos de análise	91
4.3.1 <i>Interdiscursividade</i>	91
4.3.2 <i>Patemização</i>	95
4.3.3 <i>Imaginários sociodiscursivos</i>	97
4.3.4 <i>Imagem</i>	101
4.3.5 <i>Edição audiovisual: aspectos teóricos e práticos</i>	103

5 SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO	115
5.1 Os modos de organização enunciativo, descritivo e narrativo nos documentários ..	117
5.2 Entre o bruto e o editado – material midiático	132
<i>5.2.1 José do Nascimento (Seu Zezinho).....</i>	<i>132</i>
<i>5.2.2 Marinalva Salgado</i>	<i>149</i>
<i>5.2.3 Sandra Quintão</i>	<i>164</i>
5.3 Vozes que se entrelaçam: o que as entrevistas têm em comum	184
5.4 Dois anos depois: as entrevistas com os atingidos	186
<i>5.4.1 Memória: a entrevista acadêmica.....</i>	<i>186</i>
5.5 Abram a Portagem.....	205
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	210
REFERÊNCIAS.....	216

APRESENTAÇÃO

Antes de apresentar objetivos, metodologia, caminhos percorridos neste trabalho, sinto que seria interessante falar um pouco sobre mim, minha trajetória como pesquisadora e meu envolvimento nesta pesquisa.

Sou formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e com mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), finalizado em 2008. Muitos devem pensar por que Extensão Rural se minha formação primeira é em Jornalismo. Sempre tive o interesse em estudar as questões que envolvem o meio ambiente e a mídia, pois acreditava que pouco se falava sobre o assunto nos meios de comunicação e o considero de grande relevância. Pesquisei as linhas de pesquisa do Programa e vi que uma muito me atendia e ainda que muitas jornalistas que tenho admiração profissional estavam cursando ou já tinham concluído o mestrado lá, então pensei que seria um aprendizado importante enveredar nessa área. Os dois anos de curso foram fundamentais para conquistar novos conhecimentos e conhecer pessoas que enriqueceram o meu caminho. Além disso, foi uma experiência gratificante e que acrescentou uma bagagem de informações muito importante nesse período.

Depois do mestrado, trabalhei como jornalista. Em 2010, depois de uma temporada dedicada aos estudos para concurso público, passei no concurso da Prefeitura Municipal de Governador Valadares na minha área de formação. Foram sete meses de muito aprendizado na Secretaria de Assistência Social como Assessora de Comunicação. O pouco tempo de trabalho na Prefeitura deve-se ao meu ingresso em uma instituição de âmbito federal. Trabalhei no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), *campus* Governador Valadares, de 2011 a 2016, ano que consegui a redistribuição para o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), onde estou desde então. Nesse mesmo ano, iniciei o doutorado nesta Instituição com a orientação da professora Giani.

No período em que estava morando em Governador Valadares, tive a oportunidade de ministrar uma disciplina no curso de Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce (Univale), *Comunicação nos Movimentos Sociais e Terceiro Setor*. Foram dois semestres muito importantes e de muitas amizades. Os moradores da cidade me receberam de braços abertos e me deram oportunidades únicas de vivenciar o papel de professora, uma profissão cativante

que um dia hei de exercer novamente. Os alunos foram bem receptivos e pude aprofundar nos assuntos que me motivam; acredito que as discussões que perpassaram a disciplina são necessárias.

Como na dissertação havia trabalhado com questões ambientais e mídia, a ideia de trabalhar com o tema sobre os atingidos da barragem seria instigante. Em conversa com minha orientadora, consideramos relevante a temática, bem como relacioná-la com o processo de edição e a Semiologia, promovendo uma abordagem interessante e motivadora.

Dessa forma, entrei no grupo de pesquisa *Nem mais um minuto de silêncio*, coordenado pela professora Ludmila Vasconcellos, que trata das barragens e fui muito bem recebida. Logo, saberia que a professora, que tanto me ensinou, seria minha coorientadora.

Todo esse relato da minha trajetória profissional é para chegar ao ponto que nos interessa: minha relação com a temática, o rompimento da barragem em Mariana. Claro que em proporções bem menores daqueles moradores de Bento Rodrigues e Paracatu, posso me considerar uma atingida. Quando a barragem se rompeu, no dia 5 de novembro de 2015, em pouco tempo aquela lama atingiu o rio Doce e, eu, como moradora da cidade de Governador Valadares, passei algumas dificuldades, sobretudo pela falta de água em casa. Fiquei sem água por alguns dias, tive que recorrer à água mineral para necessidades básicas, isso sem contar que precisei conviver, como outros moradores da cidade, com o mau cheiro do rio Doce no bairro Ilha dos Araújo. Realmente vivemos um caos.

A temática, o rompimento da barragem, é tão instigante que fizemos artigos analisando diferentes *corpora*. Um artigo, feito em parceria com a minha orientadora Giani, analisamos um vídeo institucional da Samarco, lançado dias após a tragédia, em outro artigo, feito em parceria com Georgiana Luna, Cláudio Lessa e Ludmila Vasconcellos, analisamos o jornal *A Sirene*, um veículo de comunicação alternativo que tem o objetivo de dar voz aos atingidos.

Atualmente, como jornalista do CEFET-MG, estou envolvida com a parte da divulgação científica da Instituição e essa área vem me surpreendendo a cada dia. Uma de nossas conquistas foi criar e publicar a revista *Túnel*, que busca popularizar a ciência, por meio de uma linguagem de fácil acesso a pessoas leigas. Além disso, estou responsável por trabalhos de comunicação interna e audiovisual.

Essa é apenas uma parte da minha trajetória de vida que resolvi compartilhar com você, leitor(a). É uma parte das minhas realizações e conquistas como profissional que considero muito importantes, pois são bases de muito esforço e determinação. Espero estar sempre me renovando, adquirindo novos conhecimentos, realizando mais sonhos e que este texto se estenda muito mais em outros momentos, de maneira que eu possa compartilhá-lo novamente com você.

MARIANA E O MAR DE LAMA: INTRODUÇÃO

De tempos em tempos, testemunhamos ou somos surpreendidos, na condição de espectadores da mídia, por grandes acontecimentos trágicos e/ou catastróficos em que há repercussões nacionais e internacionais e que comovem pelas perdas humanas. São acidentes aéreos, incêndios de grandes proporções, rompimentos de barragens de rejeitos de mineração, entre outros acontecimentos. Nos últimos anos, foram muitos eventos dessa natureza em Minas Gerais e, como consequência, muitos danos ambientais e mortes; o primeiro registro de um rompimento de barragem ocorreu em 1986, em Itabirito (Minas Gerais). Mirai, Muriaé, Cataguases, Macacos, Mariana e Brumadinho¹ foram algumas das cidades mineiras que vivenciaram esse tipo de tragédia², desde então.

A mídia é a grande responsável pela divulgação desses acontecimentos, fazendo com que as informações cheguem ao grande público. Diante disso, constatamos que ela desempenha papel essencial no agendamento de temas relevantes, de modo que grande parte do conhecimento e imagens da realidade social é fomentada pela transmissão da mídia.

Nesse sentido, ela possui inúmeras estratégias discursivas, entre elas a edição, e desempenha um papel importante na divulgação de um grande acontecimento que envolve testemunhas, atingidos, familiares das vítimas, fontes oficiais³. Dessa forma, portanto, emerge o tema da

¹ A Barragem 1 da Mina do Córrego do Feijão, que pertence à Vale, rompeu-se no dia 25 de janeiro de 2019, em Brumadinho (MG); a lama destruiu o refeitório e o prédio da mineradora, além de casas e vegetação. O número de mortes até 31 de agosto de 2019 era de 249, além de 21 pessoas desaparecidas ou sem identificação. Disponível em: <encurtador.com.br/hvAN4>. Acesso em: 18 dezembro 2019. Comparando com a tragédia de Mariana, em Brumadinho houve mais mortes; Mariana, até a data mencionada, apresentou maior dano ambiental.

² Optamos por utilizar os termos tragédia (no sentido de algo trágico que acontece na vida de alguém, acontecimento fatal) e crime corporativo socioambiental, em vez de acidente e desastre, devido ao relatório final da comissão externa da Câmara dos Deputados criada para acompanhar e avaliar os desdobramentos do rompimento de barragem na região de Mariana (MG), que responsabilizou a Samarco Mineração pela tragédia e suas consequências. Os termos utilizados e adotados com frequência pela mídia e pela empresa para nominar o acontecimento, como, por exemplo, “desastre”, “catástrofe”, “acidente” e outros axiológicos sinonímicos, servem, na verdade, para silenciar e desviar as atenções da sociedade sobre as responsabilidades de quem causou/provocou/cometeu esse delito.

³ São aquelas pessoas que, em função ou cargo público, se pronunciam por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (Executivo, Legislativo e Judiciário) e organizações agregadas (juntas comerciais, cartórios de ofício, companhias públicas etc.).

pesquisa cujo objeto discursivo é a repercussão de possível crime corporativo⁴ socioambiental que aconteceu em Mariana, Minas Gerais.

Contextualizando o acontecimento que estimulou a produção das entrevistas pelo jornal *Estado de Minas*, consideramos que a repercussão da tragédia começou no dia 5 de novembro de 2015, quando a barragem de Fundão, em operação desde 2008, de propriedade da empresa de mineração Samarco, localizada no município de Mariana, Minas Gerais, rompeu-se, liberando um volume considerável de lama contendo rejeitos de mineração. Esse lamaçal destruiu povoados, causou impactos ambientais, econômicos e sociais, além de prejudicar a saúde da população dos distritos próximos à cidade de Mariana, Bento Rodrigues e Paracatu, e de outras cidades que se localizam às margens do rio Doce. Os rejeitos atingiram mais de 40 cidades de Minas Gerais e do Espírito Santo, por meio do leito do rio Doce e deixaram mortos. Nesse contexto, rios e córregos foram atingidos, vegetação comprometida e edificações foram soterradas no distrito de Bento Rodrigues. É considerada a maior tragédia ambiental da história do país e uma das maiores relacionadas à mineração no mundo. (BRASIL, 2015)

Entende-se que o fato trouxe novidade ao romper com o cotidiano, afetando muitos cidadãos. A mídia⁵ deu significado a esse acontecimento, sendo ela referência ao informar e atualizar as pessoas sobre variadas questões, distinguindo a pertinência ou não de certos acontecimentos e de como abordá-los. A mídia, em especial o jornalismo, tem importante papel na sociedade, por proporcionar a mediação de sentidos e promover o debate público. Dotado de poder simbólico e persuasivo, o jornalismo desempenhou papel fundamental na divulgação do acontecimento e na formação de opiniões, ao se apropriar de formas de modalização, enquadramentos, escolhas e visadas discursivas como estratégias para expressar suas atitudes, manifestando, assim, maior ou menor engajamento dos locutores.

Nesse contexto suscitado pelo acontecimento, o jornal *Estado de Minas*, pertencente ao grupo de comunicação *Diários Associados*, cerca de 20 dias após o acontecimento, entrevistou dezesseis atingidos, entre moradores dos distritos de Bento Rodrigues e Paracatu e pessoas

⁴ Crime corporativo é “[...] uma ação ou omissão ilegal ou socialmente prejudicial e danosa contra o indivíduo ou a sociedade, produzida na interação de atores envolvidos em estruturas organizacionais ou interorganizacionais na busca de objetivos corporativos de uma ou mais corporação de negócios, resultando em prejuízos imateriais ou materiais aos seres vivos e às atividades humanas”. (MEDEIROS, 2013, p. 59).

⁵ É importante ressaltar que tanto a “grande mídia” quanto as mídias alternativas, que propõem narrativas contra-hegemônicas, se empenharam em divulgar esse acontecimento, cada uma com um direcionamento específico.

que tiveram papéis fundamentais no salvamento, e buscou abordar, em registro de áudio e vídeo, por meio do resgate da memória dos entrevistados, a rotina de suas vidas e de suas comunidades antes do rompimento da barragem, a reação dessas pessoas no dia fatídico, as perdas sofridas, a relação com a Samarco e a vida pós-acontecimento. As entrevistas materializadas na série documental foram denominadas *Vozes de Mariana*. Aproximadamente 30 dias após o rompimento, a empresa começou a divulgar em seu portal de notícias (www.em.com.br) os materiais editados. Primeiro, foi divulgado um *teaser*⁶ com pequenos trechos de cada entrevista, ou seja, uma prévia com os fragmentos das falas de todos os entrevistados e, posteriormente, foi lançado um vídeo, a cada semana, com cada um desses atingidos separadamente. Cada vídeo tem a duração de cerca de três minutos.

Mas, afinal, como foram construídas as narrativas dos atingidos no audiovisual e por que as entrevistas foram assim editadas? Como as entrevistas jornalísticas são apuradas e registradas antes de serem editadas? Para a edição, quais partes são selecionadas, escolhidas para as construções das narrativas? Como a memória do acontecimento é construída e registrada pelos atingidos? Quais recordações sobre o acontecimento estão presentes na memória desses sujeitos em diferentes momentos da vida? Qual o papel da edição na construção do acontecimento midiático a partir de entrevistas com atingidos, vítimas de um crime corporativo? Essas são algumas das indagações de interesse e que justificam este estudo. Entende-se que o recurso do testemunho aparece como ferramenta estratégica para a memória, ao recolher vestígios do passado de sujeitos que vivenciaram ou presenciaram algum acontecimento. As discussões sobre o processo de edição que envolve um assunto de extrema relevância e gravidade são complexas e merecem um estudo aprofundado e que provoque reflexões sobre as abordagens metodológicas. Essas abordagens serão capazes de problematizar a captação das entrevistas, a edição e as narrativas de trajetórias de vida em um produto midiático audiovisual passível de criar novos significados quando editado.

Pretendemos, por meio deste trabalho, perceber as interseções das narrativas em três momentos diferentes: no registro bruto, no editado e nas entrevistas realizadas por nós. O registro bruto é aquele que resgata a apuração das entrevistas; o editado é quando esse mesmo material é apresentado para o público-alvo pelo processo de midiaticização; e as entrevistas são

⁶ Sequência curta de um programa que tem como objetivo atrair a atenção e a curiosidade do público. Em inglês, significa “aquele que provoca”, sendo que é uma técnica usada em *marketing* para chamar a atenção para uma campanha publicitária.

as realizadas por nós com alguns dos atingidos quase dois anos após o rompimento. Trata-se, portanto, de um estudo centralizado no tratamento midiático a partir da perspectiva das narrativas e da memória dos atingidos.

Para a análise dos registros brutos e dos vídeos editados, utilizamos a perspectiva teórico-metodológica da Semiologia, de Patrick Charaudeau (2012), integrando-a com os estudos das narrativas de vida. Para o estudo sobre as narrativas, utilizamos os trabalhos de Arfuch (2010), Machado (2016), Bertaux (1997), Dosse (2009), entre outros. Sobre memória, consideramos autores como Halbwachs (2003), que elabora a noção de memória coletiva no quadro mais amplo da psicologia coletiva, destacando que a memória coletiva reconstrói o passado com vistas a organizar o presente, não sendo uma simples e idêntica restituição, e Pollak (1992), que aborda o entrecruzamento entre memória e identidade social.

A motivação inicial para esta pesquisa veio da possibilidade de trabalhar com narrativas de vida (um tema que me desperta interesse subjetivo) de pessoas afetadas por um acontecimento de grande relevância e complexidade, com reverberações econômicas, políticas, ambientais e sociais. Esses atingidos têm muito a contar e a contribuir para a construção da memória desse acontecimento que está marcado na história do país e, em especial, de mineiros e capixabas.

Outros motivos que justificaram a realização desta pesquisa são o seu caráter de ineditismo nas questões que envolvem a Semiologia, narrativas de vida, edição e análise de material bruto audiovisual; por possuir grande potencial para contribuir com os estudos que abordam as narrativas, especialmente pelo viés analítico-discursivo; e por pretender favorecer as pesquisas que têm como eixo condutor trajetórias e vivências de sujeitos-comunicantes. Ao acessar o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BRASIL, 2019) e realizar diagnóstico dos resumos das pesquisas que se relacionam com o tema “registro bruto” para abordar a questão da edição, encontramos três teses, sendo uma em Estudos de Linguagens, a saber: Angrisano (2018)⁷, que escreveu *A edição do real na TV: mediações editoriais no Jornal Minas*.

As outras duas teses, intituladas *Arte por um fio – Mitopoética nas obras têxteis de Bispo do Rosário e de Judith Scott: um estudo no campo da recepção crítica*, de Oliveira (2017), e

⁷ Iremos falar sobre as contribuições desta tese posteriormente.

Eletromiografia de superfície de músculos envolvidos na deglutição em pacientes com doença de Parkinson, de Coriolano (2009), são, respectivamente, doutorados em Psicologia Social e em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento. As abordagens do tema não são como estamos trabalhando nesta pesquisa.

Ao buscar por “edição audiovisual”, encontramos a dissertação de Gueller (2014), *Pílula de um dia qualquer: dose para remontar o ordinário*. A presente pesquisa consiste na análise de um processo de criação que parte da captura de fragmentos do cotidiano para sua remontagem em pílulas sonoras e audiovisuais, propondo diferentes possibilidades de ocorrências e de instauração dos trabalhos.

Ao relacionar o termo “material bruto”, 44 resultados, entre teses e dissertações, foram encontrados, mas nenhum com o propósito similar a este trabalho. Por meio da consulta, foi possível perceber que não tem sido frequente, no Brasil (pelo menos levando em conta a base de dados em que pesquisamos), a realização de trabalhos que fazem articulação da teoria proposta por Charaudeau (2012) com o estudo de narrativas de vida em audiovisual e o processo de edição. Isso ficou evidente também no Portal Periódicos Capes/MEC; quando procuramos “registro bruto”, encontramos quatro trabalhos, mas nenhum com a proposta que estamos apresentando.

O caráter inovador da proposta é justamente aliar a Semiolinguística às pesquisas de narrativas, à edição em audiovisual e aos estudos de memória. Considera-se que a mediação editorial das narrativas em entrevistas audiovisuais se torna mais evidente quando também se analisa o seu registro bruto. Porém, ainda não encontramos um trabalho que realize a análise do material bruto de um documentário, a partir da análise das narrativas e da memória.

O principal critério que justifica a escolha dos documentários deve-se ao fato de as narrativas serem instituídas pelo mais tradicional jornal do Estado, de cunho mercadológico, relatando e abordando o acontecimento a partir do olhar de pessoas anônimas, vítimas de uma tragédia. O material bruto foi cedido pela empresa para ser utilizado apenas com fins de pesquisa acadêmica. Das dezesseis entrevistas feitas pelo jornal, foram selecionados três entrevistados para análise, de modo que houvesse um aprofundamento satisfatório no estudo.

O objetivo da tese é analisar discursivamente as condições de produção e circulação de entrevistas em materiais audiovisuais midiáticos, de modo a percebermos o processo de edição e, conseqüentemente, a configuração de narrativas e a reconstrução da memória. Especificamente, buscamos 1) realizar revisão teórica de conceitos fundamentais que tratam da análise do discurso, mais especificamente da Semiologia, das pesquisas contemporâneas sobre edição, das narrativas de vida e de memória e 2) caracterizar as entrevistas no espaço audiovisual. Como temos três situações de comunicação, materializadas no registro bruto, no material editado e nas entrevistas realizadas por nós, dividimos os objetivos específicos apenas por questão de organização, já que os objetivos se entrelaçam e dialogam entre si. No material bruto, buscamos investigar potencialidades de sentido presentes, estratégias de encenação das narrativas, imaginários presentes e, além disso, aspectos de mediação editorial, de modo a compreender as possibilidades de organização de significados na série documental *Vozes de Mariana*. No material editado, procuramos analisar estratégias de seleção das cenas, composição das narrativas, filtro utilizado na edição, imaginários, interdiscursos e patemização, além do espaço cênico que abrange enquadramentos, planos e ângulos adotados. E, nas entrevistas realizadas por nós, a proposta é identificar os elementos da memória mobilizados na caracterização discursiva, além de verificar como a memória sobre os aspectos relacionados ao rompimento da barragem da Samarco se reconfigura pelo olhar dos atingidos pela lama de rejeitos instalada na cidade de Mariana, Minas Gerais.

No Capítulo 1 desta tese, trabalhamos com o conceito de acontecimento e sua abordagem na mídia, além de contextualizar o acontecimento do dia 5 de novembro de 2015, quando a barragem de rejeitos de mineração da Samarco se rompeu. No Capítulo 2, realizamos uma caracterização do universo das narrativas de vida, das entrevistas midiática e científica e ainda o conceito de memória. O terceiro capítulo traz a Semiologia e seus pressupostos, os atos de linguagem e os contratos, os sujeitos do discurso, o desenvolvimento dos modos de organização do discurso.

No quarto capítulo, trabalhamos com os conceitos: imaginários, interdiscurso e patemização. As questões sobre a edição audiovisual, a apresentação do jornal *Estado de Minas* e o *corpus* de análise, a série documental *Vozes de Mariana*, são abordados também neste capítulo. No quinto capítulo, voltamos para as análises do material bruto, do editado e das entrevistas.

O estudo proposto contempla a investigação dos mecanismos e estratégias de produção de sentido, organização e funcionamento de processos enunciativos no audiovisual, identificando-se com as prerrogativas das linhas de pesquisa do Programa Estudos de Linguagens *Discurso Mídia e Tecnologia e Edição, Linguagens e Tecnologias*, que destacam a reflexão sobre o papel da edição, análise discursiva dos textos midiáticos e influência da tecnologia na produção discursiva. Sabendo da pluralidade de perspectivas que se referem ao funcionamento da linguagem dentro das complexas situações de comunicação, optamos pela análise do discurso por ser um instrumento capaz de auxiliar na interpretação dos efeitos de sentidos presentes nas narrativas e desvendar as relações entre a série documental analisada e o contexto social que a gerou. Assim, é importante ressaltar que o discurso jornalístico associado às características da entrevista em audiovisual se apresenta como um relato repleto de regras relativas aos argumentos lógicos e subjetivos e que, por meio de suas estratégias, constrói a realidade.

1 ACONTECIMENTO E MÍDIA

O primeiro capítulo, partindo de uma pesquisa bibliográfica, é dedicado às reflexões sobre o conceito de acontecimento com base em duas perspectivas: hermenêutica e discursiva. As especificidades do acontecimento jornalístico também são exploradas neste capítulo, já que são importantes para esta pesquisa, que tem como objeto de estudo o rompimento da barragem da Samarco em Mariana, Minas Gerais. O conceito é relevante para que possamos investigar as narrativas produzidas em dispositivos como os documentários. Ainda neste capítulo, apresentamos o que aconteceu naquele dia 5 de novembro de 2015 em Mariana, os danos e dados da tragédia e a história do distrito de Bento Rodrigues, uma das áreas mais atingidas pela lama.

1.1 Acontecimento

É neste sentido que é um “acontecimento”: *com a condição de não confundir o acontecimento com sua efetuação espaço-temporal em um estado de coisas*. Não perguntaremos, pois, qual é o sentido de um acontecimento: o acontecimento é o próprio sentido. (DELEUZE, 1974, p. 23, grifos no original).

O rompimento da barragem de rejeitos de minério de propriedade da empresa Samarco, em Mariana (MG), no dia 5 de novembro de 2015, provocou uma ruptura da normalidade social, apanhou a todos de surpresa e não foi expectável (pelo menos para os atingidos e sociedade em geral), constituindo, assim, em um legítimo acontecimento no sentido do improvável, do imprevisível e do inesperado. Por esses motivos e características do termo, é relevante iniciarmos este trabalho pelo conceito de acontecimento e, posteriormente, de acontecimento jornalístico. Essas noções, tão enriquecedoras para análise deste trabalho, são pesquisadas em diferentes áreas do conhecimento, como a Sociologia, Filosofia e Comunicação, sendo que grande parte dos estudos ligados à área da comunicação busca desvendar as especificidades do acontecimento jornalístico e a lógica de constituição da notícia.

Por incitar a palavra e se traduzir em narrativas, o acontecimento é considerado neste trabalho como uma construção discursiva. Antes, porém, de ser colocado em discurso, não podemos deixar de destacar também o poder hermenêutico que este possui, devido à sua capacidade de se instaurar, criar novos sentidos e desencadear campos de ações. Com relação ao poder hermenêutico que o acontecimento possui, consideramos os trabalhos que trazem

contribuições ímpares sobre a temática, como o de Louis Quéré (2006) e o de Vera França (2012b).

Como o rompimento da barragem em Mariana (MG) causou uma ruptura do cotidiano daqueles locais onde a lama invadiu e suas consequências geraram, e ainda têm gerado, desdobramentos⁸, podemos situar esse acontecimento na perspectiva hermenêutica proposta por Quéré (2006), que o caracteriza não como simples relato de ocorrências ou fatos, mas um rompimento contínuo da existência, destacando a descontinuidade da normalidade. Como afirma o autor, é no domínio da experiência e no seu poder de afetação que os acontecimentos se constituem, interferem, atuam nos comportamentos das pessoas e entram em suas experiências.

Pelo viés pragmatista, entendemos que os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. São coisas que ocorrem, que se passam. Tal abordagem é mais sensível a essa dimensão que chamo real ou existencial, como coisas que existem. Defrontamo-nos com acontecimentos reais, concretos, que têm certas qualidades, que são coisas que acontecem, como tremores de terras, a catástrofe nuclear do Japão, todos esses tipos de acontecimentos. Eles não são acontecimentos de discurso, do domínio do discurso. Então, a abordagem pragmatista desenvolve a dupla ideia de que as coisas são sentidas antes de serem colocadas em discurso. (QUÉRÉ, 2011, p. 179).

Quéré (2012) inscreve o acontecimento, portanto, no terreno da ação e da experiência humana. Além disso, associa a facticidade do acontecimento à sua inscrição no campo do simbólico e também à sua temporalidade e sua natureza de emergência e devir. Aprofundando nessa perspectiva pragmatista e teleológica, Quéré (2012) distingue o acontecimento-existencial e o acontecimento-objeto, sendo que a grande diferença entre as duas formas está no grau de simbolização. As duas formas de acontecimentos coexistem em nossa experiência, sendo os acontecimentos-existenciais aqueles ligados às mudanças contingentes que se produzem concretamente no nosso entorno. “Trata-se, então de reações espontâneas, baseadas nos hábitos, na percepção direta e na emoção” (p. 24). Os acontecimentos como objetos dizem respeito aos objetos de consciência, de pensamento, de discurso, de investigação e de julgamento, sendo que a maioria desses acontecimentos é capturada pela comunicação.

⁸ O jornal *Hoje em Dia* publicou, no dia 5 de novembro de 2019, uma reportagem noticiando que as primeiras duas casas foram construídas no Novo Bento Rodrigues naquele momento e o prazo para a conclusão das obras é agosto de 2020. Disponível em: encurtador.com.br/jrBRV.

Uma vez que o acontecimento é um vir a ser orientado, seu conceito é “teleológico”. Dever é, de fato, mudar qualitativamente. Tal mudança implica uma heterogeneidade interna e um movimento direcional: por um lado, não há a mesma coisa de um extremo ao outro do processo; por outro, é impossível perceber um dever se não for apreendida uma transição de um estado para outro, passando por um ou vários estados intermediários. (QUÉRÉ, 2012, p. 26).

Segundo Quéré (2012), não é possível reconstruir o acontecimento tal como ele ocorreu, mas ele pode tomar lugar em diferentes histórias em que o narrador se introduz na narrativa e reconfigura o acontecimento como acontecimento. O autor destaca ainda que, para a compreensão de um acontecimento, é preciso um mínimo de distância temporal, sendo que a testemunha direta de um acontecimento não é a pessoa mais idônea para compreendê-lo, porque a informação imediata pode ser transmitida sem discernimento.

Para França (2012a, p. 13), que estuda o conceito na mesma perspectiva, o acontecimento interrompe um caminho já conhecido, esperado, e afeta as pessoas, “[...] rompe, quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação”. O conceito, nessa perspectiva, diz respeito à ruptura e à desorganização que leva a pensar, provocar sentidos e agir, convocando o passado e reorientando o futuro. “O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas”. (p.13)

O acontecimento, portanto, desdobra-se em fatos que “[...] fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática). E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e *re-posicionam* o futuro” (FRANÇA, 2012a, p. 14). Nesse sentido, para Quéré (2012, p. 27), “[...] a natureza do passado e do futuro é diferente daquela do presente. Enquanto este é o ‘lugar da realidade’ – um dever existencial dotado de um mínimo de duração –, o passado e o futuro têm a ver com a ‘ideação’”.

Quéré (1997) aponta duas abordagens centrais nos estudos comunicacionais dentro de um mapeamento que realizou sobre diferentes formas de tratamento do acontecimento pelas Ciências Sociais, a saber: construtivista e ritualística. A abordagem construtivista explica o acontecimento como construção midiática e está fundamentada na ideia de que os

acontecimentos apresentados pela mídia não são imagens puras e simples do que ocorre no mundo, mas “[...] são resultados de um processo socialmente organizado e regulado, de dar forma a, de encenar e de dar sentidos às informações, isto é, de descrições de ocorrências ou de situações” (QUÉRÉ, 1997, p. 416). A abordagem construtivista, para França (2012a), peca pelo seu excesso ao atribuir total poder à mídia. O construtivismo desvia “[...] o foco da avaliação do próprio acontecimento e promovendo, no final das contas, uma abordagem midiacêntrica (ou uma análise dos enunciados apartados da enunciação)” (p. 42).

Já os acontecimentos midiáticos como rituais é “[...] o revezamento atemporal de uma ocorrência, que vem inscrevê-la na ordem da repetição e de um sentido preexistente” (FRANÇA, 2012a, p. 43). O risco nesse tipo de abordagem, segundo Quéré (1997), é justamente o de não considerar a dimensão temporal dos acontecimentos. O ritual é entendido como um dispositivo repetitivo e cerimonial que pode orientar a apreensão dos acontecimentos pela mídia. De acordo com o autor, não se pode buscar apreender as ocorrências apenas em uma dimensão ritualística e atemporal, negligenciando o aspecto temporal dos acontecimentos, que irrompem no cotidiano e se inscrevem em um espaço-tempo.

Essa dimensão temporal dos acontecimentos é abordada também por Antunes (2007), ao explorar a temporalidade⁹ como uma dimensão de análise na construção do acontecimento jornalístico. Para o autor, o acontecimento jornalístico é um dos insumos da experiência, ao mesmo tempo em que pode ser pensado como forma de experiência.

O acontecimento jornalístico, para Antunes (2007), é uma “falha geológica”, pois se revela na superfície da experiência. “Mostra que acontecimentos não se referem apenas àquilo que alguém pode experimentar no contexto da sua ação imediata, mas também o que pode ser trazido até ela por uma narrativa” (p. 13). O autor assume, assim, o caráter temporal do acontecimento e a sua inscrição no terreno da experiência, afastando-se, portanto, da abordagem como um ritual.

⁹ “A temporalidade é uma espécie de ‘harmonia’, no sentido musical, do acontecimento; uma das suas formas de arranjo, de se constituir como estrutura ordenada, de ritmar o acontecimento. Sem tal ‘harmonia’ não há como a enunciação jornalística dar visibilidade a diferentes eventos ou acontecimentos da vida social, arrancando-lhes de uma prática cotidiana e ordinária para luzir sob uma forma do extra-ordinário da notícia.” (ANTUNES, 2007, p. 18).

Tanto a abordagem construtivista quanto a ritualística, lembra-nos França (2012a), “[...] substitui o acontecimento pela maneira como ele é tratado, pelo revestimento cerimonial que recebe” (p. 44).

A diferença é que a configuração ritualística promove uma suspensão temporal do acontecimento; construído na forma de ritual, ele é inscrito numa serialização que ultrapassa o tempo presente e, numa fusão de tempos, se transforma na repetição (retorno) de um ato fundador. Além disso, a abordagem construtivista enfatiza sobremaneira os elementos discursivos; já a segunda perspectiva (ritualística), o processo de ressignificação do evento se dá pela interposição de formas sociais cristalizadas – seu reconhecimento é marcado por referências compartilhadas pela sociedade e fortemente simbolizadas. Visto desta maneira o acontecimento perde sua individualização, seu “elemento irredutível”, sua capacidade própria de afetação. (FRANÇA, 2012a, p. 44).

França (2012b) se detém na perspectiva do acontecimento como narração do fato. “Essa abordagem se caracteriza por tomar o acontecimento enquanto forma discursiva; ele seria resultado da transformação sofrida pelas ocorrências quando traduzidas discursivamente” (p. 41). Nas palavras da autora:

Um acontecimento acontece, e acontece com pessoas, e na organização da vida de uma sociedade ou de um grupo. Ele se passa no domínio da experiência e se realiza – ou não – a partir de seu poder de afetação na ação dos sujeitos, de sua capacidade de interferência no quadro da normalidade e das expectativas previstas no desenrolar do cotidiano de um povo. (FRANÇA, 2012b, p. 45).

Sobre a perspectiva que relaciona o acontecimento com a esfera discursiva, França (2012b) questiona as ideias do linguista Charaudeau quando este diz que, para um acontecimento existir, é necessário que ele seja percebido e nomeado. França (2012b) destaca que ao direcionar a força do acontecimento nos sujeitos, na sua capacidade de percepção e no poder constituinte da linguagem, a perspectiva de Charaudeau não leva em consideração outras esferas da sociedade além da linguagem. Nas palavras da autora,

Invertendo o enunciado de Charaudeau, é importante nos darmos conta de que o acontecimento não passa a existir somente quando e porque o percebemos; ele o é exatamente porque se faz perceber, e nos faz falar. Ele não significa apenas quando se faz discurso, mas é ele que tensiona os sentidos existentes, demanda ser compreendido e impulsiona o processo de semiotização dentro do qual passa a uma outra fase de sua existência. (FRANÇA, 2012b, p. 45).

Para França (2012b, p. 49), o acontecimento suscita a não conformação e a renovação, ele faz falar, é “[...] gerador de informações, perturbador dos quadros”. Com essas contribuições, é possível perceber que o acontecimento não significa apenas quando se faz discurso, porém,

para a análise de um produto midiático, como a que propomos neste trabalho, vamos ressaltar a construção discursiva do acontecimento. Com relação às críticas de França (2012b) sobre os dizeres de Charaudeau, é importante frisar que o autor explica que o espaço social depende, para sua significação, do olhar de atores sociais por meio dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível. Charaudeau (2010) não, necessariamente, está interessado no acontecimento como fenômeno puramente, mas na sua discursivização no espaço social e na interação entre os atores sociais. Portanto, podemos considerar que, além da linguagem, outras dimensões estão presentes como a política e o social.

Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídio”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso. O acontecimento significado nasce num processo evenemencial que se constrói ao término de uma mimese tripla¹⁰. E daí que nasce o que se convencionou chamar de “a notícia”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 131, grifo no original).

Olhamos para o acontecimento em destaque nesta pesquisa, o rompimento da barragem da Samarco, em novembro de 2015, pelo seu poder hermenêutico por desencadear sentidos, suscitar discursos e provocar ações, porém percebemos os discursos midiáticos configurando e organizando esses sentidos dispersos. Portanto, o conceito de acontecimento que respalda este trabalho tem a ver com a construção discursiva e seu potencial poder de afetação nos sujeitos, de maneira que o trabalho analítico se dará pelo discursivo. O acontecimento em análise apareceu de forma súbita, foi uma temporalidade vivida pelos atingidos, entrou na experiência dessas pessoas e acionou a memória pelo local onde viviam (Bento Rodrigues e Paracatu).

Para Charaudeau (2010), antes da captura perceptiva e interpretativa do acontecimento, ele se encontra em um “mundo a comentar”, como surgimento de uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito em estado bruto. Esse “mundo a comentar” nunca é transmitido tal e qual à instância de recepção. “O acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu

¹⁰O processo é inspirado nos três momentos do círculo hermenêutico de narrativas desenvolvido por Ricoeur (1994). A tríplice mimese é composta por prefiguração do campo prático (mimese 1); configuração textual desse campo (mimese 2); e mimese 3, que diz respeito à reconfiguração pela recepção da obra. Para o filósofo, a relação entre esses três momentos é pensada como forma de constituição da relação tempo/narrativa. Charaudeau adota tal procedimento articulado com a construção do sentido do discurso.

estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (p. 95).

Sobre a questão da externalidade e autonomia do acontecimento em relação à linguagem, Charaudeau (2010) explica que é o sujeito linguageiro que possibilita aos fenômenos uma significação por meio de sua “percepção-captura-sistematização-estruturação”. Segundo o linguista, o sujeito linguageiro é duplo, por se desdobrar num “eu” e num “tu” que se definem mutuamente numa relação de intersubjetividade, assim como o olhar que estrutura o acontecimento também é duplo. “O olhar do sujeito ao produzir o ato de linguagem que transforma o acontecimento bruto em acontecimento significativo, e o olhar do sujeito interpretante que reestrutura o acontecimento previamente significado, segundo sua própria competência de inteligibilidade”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 96).

De acordo com Charaudeau (2010), o acontecimento nasce, vive e morre numa dialética permanente da ordem e da desordem, e a percepção e a significância dependem de um sujeito que interpreta o mundo. O linguista explica que não é o acontecimento como tal que interessa a uma disciplina do sentido, e sim o processo evenemencial, que seria o processo de construção do acontecimento. Para que exista um acontecimento, segundo o autor, é necessário que o acontecimento seja captado, é preciso que haja modificação no estado do mundo fenomenal, geradora de um estado de desequilíbrio, que essa modificação seja percebida pelos sujeitos num efeito de “saliência” e que essa percepção se inscreva numa rede de significações sociais por um efeito de “pregnância”. Com relação à modificação, quer dizer que “[...] é preciso que aconteça alguma coisa, isto é, que de um modo ou de outro alguma coisa cause uma ruptura na ordem estabelecida e provoque um desequilíbrio nos sistemas que fundam essa ordem” (p. 100). No que tange à percepção, “[...] é preciso que alguém perceba o que, nele (acontecimento), provoca o efeito ‘saliência’ na uniformidade do mundo” (p. 100). O efeito de saliência remete a uma operação perceptivo-cognitiva que faz com que o sujeito imponha seu olhar ao mundo. Significância deve ser notável para o sujeito como ser social.

É pela pregnância que a saliência adquire sentido, se diversifica e se torna, de algum modo, uma nova saliência. Isso supõe que o próprio sujeito se inscreva num sistema de expectativas cuja perturbação por algo de inesperado, que provoque afastamento ou desvio, provoque ao mesmo tempo espanto e tentativa de racionalização, para estabelecer ou modificar os sistemas já existentes de inteligibilidade do mundo. (CHARAUDEAU, 2010, p. 100).

Sendo inúmeros os acontecimentos que ocorrem no mundo, a mídia tem o papel e a capacidade, por meio de uma filtragem realizada por cada veículo de comunicação, de escolher o que será divulgado ou não. A instância midiática, na visão de Charaudeau (2010), escolhe o acontecimento que converte em notícia em função de dados mais ou menos objetivos na relação com o tempo, o espaço e a hierarquia. A mídia, para o autor, deve tentar “[...] aproximar ao máximo os dois momentos opostos na cadeia temporal: *instante do surgimento do acontecimento*> instante da produção midiática> instante da saída do produto midiático> *instante do consumo da notícia*”. (p. 133, grifo no original).

Com relação aos critérios de seleção dos acontecimentos pela mídia, Charaudeau (2010) distingue dois tipos: externo e interno. Os critérios externos podem ser de três tipos, conforme seu modo de aparição: acontecimento-acidente; acontecimento programado e acontecimento suscitado. O acontecimento-acidente apresenta caráter inesperado, surge em sua factualidade. O acontecimento programado é aquele que é conhecido ou anunciado antecipadamente, como os campeonatos de futebol, estreias de filmes, inaugurações, festas, ou seja, é planejado segundo um calendário que organiza a vida social. Como os dirigentes da empresa Samarco sabiam dos riscos que a barragem de Fundão poderia provocar ao romper-se e não agiram antecipadamente para evitar o rompimento e, por esta razão, cometeram crime corporativo socioambiental, consideramos o acontecimento como programado. Mesmo não existindo um “calendário” que pontuasse a tragédia, eles tinham conhecimento sobre os problemas que existiam na barragem e que algum dia ela poderia causar estragos. Já o acontecimento suscitado é aquele preparado e provocado por tal ou qual setor institucional que pressiona as mídias para conquistar visibilidade.

Com relação aos critérios internos, necessários à definição do acontecimento, podemos classificá-los como aqueles relacionados às escolhas da instância midiática; essas escolhas dependem de como a mídia constrói representações sobre o que pode interessar ou emocionar o público, como os critérios de proximidade espaçotemporal, entre outros. Para designar o fenômeno de relação entre o externo e interno na construção do espaço público midiático, Charaudeau (2010) utilizou a expressão “filtragem” das mídias, como tentativa de domínio do evenemencial. Para o autor, não é o acidente como tal que interessa às mídias, mas o que ele comporta de drama humano, independente da temática, ou seja,

[...] o insólito, que desafia as normas da lógica; o enorme, que ultrapassa as da quantidade, obrigando o ser humano a se reconhecer como pequeno e frágil; o misterioso, que remete ao além como lugar de poder, muito mais das forças do mal que do bem; o repetitivo, que transforma o aleatório em fatalidade; o acaso, que faz coincidir duas lógicas em princípio estranhas uma à outra, obrigando-nos a pensar nessa coincidência; o trágico, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; o horror, enfim, que conjuga exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de exterminação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 140, grifos no original).

Para finalizar as discussões sobre o conceito de acontecimento, podemos considerar que o rompimento da barragem e seus desdobramentos se inserem, portanto, nos conceitos trazidos pelos autores, porém esse “acontecimento bruto” possui uma dimensão diferente da repercussão levantada pela mídia, ou seja, do “acontecimento midiático”, porque este sempre surge a partir da construção, do enquadramento, da resignificação “do acontecimento bruto”. Assim, há diferenças da noção de acontecimento no sentido fenomenológico trazido por Quéré e França, causador de discontinuidades e rupturas na experiência, e a noção de acontecimento midiático, aquele que se configura após o ocorrido, que tem significado como discurso. Mesmo porque o acontecimento não é transmitido em seu estado bruto, pois, “[...] antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 151).

Segundo Charaudeau (2010), o acontecimento midiático constrói-se segundo três tipos de critérios: atualidade, expectativa e socialidade. Atualidade porque a informação deve dar conta do que ocorre em uma temporalidade coextensiva à do sujeito informador e informado. Além disso, a informação deve captar o interesse e a atenção do sujeito informado e tratar daquilo que surge no espaço público. A atenção à atualidade irá conferir à informação jornalística sua natureza ao mesmo tempo efêmera e a-histórica. “O acontecimento é convertido em notícia através de um processo narrativo que o insere numa interrogação sobre a origem e o devir, conferindo-lhe uma aparência (ilusória) de espessura temporal” (p. 135).

A expectativa está relacionada à captação do interesse do sujeito pela informação midiática, jogando com o seu sistema de expectativa, previsão e imprevisão. A socialidade deve abordar do que surge no espaço público, sendo seu compartilhamento e visibilidade assegurados (princípio de pregnância). (CHARAUDEAU, 2010).

Com relação à maneira pela qual a instância midiática procede à formulação de seu propósito, Charaudeau (2012) propõe quatro modos de organização do discurso¹¹: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. É importante ressaltar que todos esses modos estão presentes nos discursos, no entanto, alguns prevalecem em determinados gêneros. Nas reportagens jornalísticas, por exemplo, podemos considerar que predominam os modos narrativo e descritivo. O narrativo, proposto por Charaudeau (2012), pode ser considerado o modo discursivo que fundamenta os documentários analisados nesta tese, pois é preciso que exista um sujeito que narre o acontecimento, um sujeito construtor dotado de intenções comunicativas. A atenção aos aspectos narrativos é o principal operador de análise no âmbito da dimensão verbal, que dialogará com os demais operadores.

A mídia amalgama os modos de organização do discurso com estratégias próprias. Rosa (2002) ressalta que não há como mostrar, de maneira objetiva, a “verdade” do acontecimento na sua “cena primária, pois o “[...] discurso jornalístico não reflete a realidade. Traduz e a constrói via recursos discursivos, simulando realidades mediante todo um sistema próprio de cada veículo...” (p. 58). Então, para entender o significado das mensagens emitidas pelos veículos de comunicação, Rosa (2002) chama atenção para o que não é dito literalmente, caracterizando-se por multiplicidades de vozes e aos sentidos da enunciação. Para a autora, o jornalista e a cultura organizacional do veículo estão associados ao acontecimento capturado na construção do discurso, portanto, “[...] o fato observado é aprisionado pelas normas, leis, modos de enunciar de cada veículo, até porque é necessário dar-lhe uma forma para que atinja o espaço social e seu cotidiano” (ROSA, 2002, p. 4).

Dessa forma, pode-se dizer que os materiais jornalísticos divulgados passam por alguns processos antes de chegarem ao público, além de denotarem a linha editorial e a ideologia do veículo, retratando a sua visão de mundo. Os próprios jornalistas apresentam uma comunidade discursiva de caráter narrativo interpretativo-virtual, como aponta Rosa (2002), que constrói a realidade destinada ao seu grupo de referência em nível simbólico. É no primeiro contato do jornalista com a informação que as “distorções” têm início, “[...] de como ele a enxerga e a recorta a partir de seu mundo de experiência, pois do contrário, não haveria informações, notícia, enfim, ‘discurso da atualidade’” (p. 9). A informação jornalística é subordinada a uma cadeia enunciativa em que várias vozes se misturam e se encadeiam até se

¹¹ Os modos de organização do discurso serão aprofundados posteriormente neste trabalho.

transformarem em notícia. Nessa mesma linha de pensamento, Emediato (2005) destaca que “[...] o acontecimento é o produto, portanto de uma figuração, de uma configuração e de uma refiguração.” (p. 107).

O acontecimento e o acontecimento jornalístico, segundo Antunes (2007), apresentam diferenças. O autor destaca a relação intrínseca entre eles, porém não os considera fenômenos equivalentes. O autor acredita, do ponto de vista fenomenológico, que o acontecimento é como uma ruptura dentro de uma ordem de coisas e, do ponto de vista biográfico ou histórico, uma quebra de expectativas, uma abertura para possibilidades não previstas. Já o acontecimento jornalístico, para Antunes (2007), não pode ser definido tão-somente por um movimento de descontinuidade.

O autor destaca que a mídia faz emergir um acontecimento a partir de um “processo evenemencial”, no qual a desordem semeada pelo acontecimento, sua imprevisibilidade, é posta em um quadro contextual, em um mundo significado. O acontecimento funciona como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos. Assim sendo,

[...] o jornalismo também opera exatamente em direção oposta a essa ideia de ruptura, promovendo a integração do “novo” às categorias do já existente, como construído pelo sistema de informação e pela própria experiência social. Há, pois, uma figuração dos acontecimentos com base em uma estrutura arquetípica, há um padrão que retém alguns acontecimentos e despreza outros, os fatos visam os acontecimentos procurando de certa maneira estabilizá-los. (ANTUNES, 2007, p. 4).

O jornalismo é visto, dessa forma, como um dispositivo que arquiteta o acontecimento com e no discurso, assegurando sua identificação. O discurso da informação, para o autor, é uma maneira de expressar e fazer circular o acontecimento. Coloca-o em movimento e, ao fazê-lo, alimenta a reinterpretação do próprio acontecimento. O jornalista, ao narrar, implica o acontecimento numa referência à sua própria história, o “presente das coisas passadas”. “Já o ‘fato mesmo’, aquele posto como diferido dessa história, se constitui no ‘presente das coisas presentes’. O ‘presente das coisas futuras’ é a própria expectativa do desenrolar-se, de sequência, posta pelo acontecimento” (ANTUNES, 2007, p. 6). O relato jornalístico, sempre nucleado por um “tempo presente”, estimula uma sensação de simultaneidade entre os fatos e o momento de sua apropriação pelo leitor. É nesse sentido que o autor destaca o relato

jornalístico como um discurso que se volta não propriamente para o acontecimento ou para o acontecido, e sim para o acontecer. (ANTUNES, 2007, p. 18).

Ao abordar o acontecimento pelo viés histórico, o historiador francês Pierre Nora (1988) destaca que a atualidade marcada pela circulação generalizada da percepção histórica culmina no acontecimento. Nas sociedades contemporâneas, é por intermédio dos *mass media* e “[...] somente por eles que o acontecimento marcará a sua presença e não nos pode evitar” (p. 181).

Nesse mergulho na historiografia, Nora (1988) fala do “retorno do fato” na história contemporânea, ou seja, a atualidade e rapidez provocada pela mídia geraram uma nova percepção sobre o sentido histórico inscrito no acontecimento. O autor acredita que quem tem o monopólio das narrativas históricas é a mídia e é a partir dela que o acontecimento marca sua presença na sociedade. Nora (1988) diferencia o acontecimento do fato cotidiano, destacando que, teoricamente, a diferença entre os dois fenômenos é bastante nítida.

O acontecimento pertence por natureza a uma categoria bem catalogada da razão histórica: acontecimento político ou social, literário ou científico, local ou nacional, seu lugar se inscreve nas rubricas dos jornais. Mas no interior de sua categoria bem marcada, o acontecimento se faz assinalar por sua importância, a novidade da mensagem, tanto menos discreto quanto menos banal. O fato cotidiano ocupa um lugar simetricamente inverso: afogado no que se encontra espalhado, fora de categoria, consagrado ao inclassificável e ao que não é importante, remete, por outro lado, a um conteúdo estranho a um contexto de convenções sociais, pela lógica de uma causalidade seja corrompida (do tipo: uma mãe assassina seus quatro filhos) seja trocada (do tipo: um homem morde seu cão). (NORA, 1988, p. 184).

O autor destaca também o “*voyerismo*” dado ao acontecimento. “Daí essa impressão de jogo mais verdadeiro que a realidade, de divertimento dramático, de festa que a sociedade dá a si própria através do grande acontecimento”. (p. 185). Ainda, segundo Nora (1988), “[...] o acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo que revela, menos pelo que é do que pelo que provoca. Sua significação é absorvida na sua ressonância; ele não é senão um eco, um espelho da sociedade, uma abertura” (p. 188).

O filósofo da linguagem Maurice Mouillaud (2012) também trabalha com a questão do acontecimento. Segundo ele, a mídia está situada no fim de uma longa cadeia de transformações que lhe entregam um real domesticado. “[...] porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejamos a partir de seu próprio campo mental e recolocamos em circulação no ambiente cultural” (MOUILLAUD, 2012, p. 69). Ainda, segundo o autor,

os acontecimentos da mídia são o terminal e a parte emergente de um processo de informação que teve início bem antes no espaço e no tempo.

Entender a mídia como um dispositivo é vê-la a partir das práticas que a influenciam, estabelecem disposições e configuram modos de agir por meio da rede que a constitui. Nesse universo midiático, será relevante analisar as narrativas de vida e as memórias dos atingidos por meio da Semiologia. Porém, a sistematização da pesquisa será marcada pela complexidade, devido à falta de trabalhos que analisem o registro bruto de narrativas audiovisuais e à escassez de estudos que articulem a Semiologia e o conjunto de procedimentos analíticos propostos.

Vimos, portanto, que as discussões sobre o acontecimento dialogam com as questões de temporalidade e da narrativa como fatores constituintes do discurso midiático. Propusemos analisar o acontecimento e o discurso da mídia inscrito por uma memória. Mesmo porque, segundo Antunes (2007, p. 2), “[...] a narrativa, ao compor eventos, motivos, atores, produz um relato que representa o acontecimento jornalístico em uma dada configuração temporal que agencia ação e interpretação”.

Acreditamos que os conceitos apresentados e as reflexões realizadas a respeito dos acontecimentos no seu sentido fenomenológico e discursivo podem apontar um caminho satisfatório para pensarmos e analisarmos as construções das narrativas da série documental proposta pelo *Estado de Minas*. A partir de agora, vamos contar um pouco sobre o que ocorreu no dia 5 de novembro de 2015, a repercussão desse acontecimento, os dados divulgados e mostrar a abrangência da tragédia que mobilizou pessoas de todo o país.

1.2 5 de novembro de 2015: a barragem de rejeitos da Samarco se rompe

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.
(ANDRADE, 1984)

O poema acima escrito por Carlos Drummond de Andrade foi publicado no jornal *O cometa Itabirano*, em 1984. Naquela época, o poeta já assistia ao domínio da empresa Vale em

Itabira, cidade onde viveu. É tão forte o poder da mineração, que a Fazenda do Pontal onde Drummond passou a infância é hoje depósito de rejeitos da empresa. No dia 5 de novembro de 2015, outra cidade de Minas Gerais foi dominada pelos rejeitos de minérios e se viu vítima de uma empresa que, até então, era motivo de satisfação da população, pois gerava muitos empregos aos moradores. A barragem de Fundão, em operação desde 2008, de propriedade da empresa de mineração Samarco, localizada a 35 km do centro da cidade histórica de Mariana, Minas Gerais, rompeu-se, liberando 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração sobre cidades, rios, chegando, em poucos dias ao oceano Atlântico. Nesse processo, a barragem de Fundão acabou danificando outra barragem, de Santarém, e o lamaçal destruiu povoados próximos, deixou diversos rastros, incluindo impactos ambientais, econômicos e sociais. Os rejeitos atingiram mais de 40 cidades de Minas Gerais e Espírito Santo, deixando mortos e afetando os distritos de Mariana e o leito do rio Doce. É considerada a maior tragédia ambiental da história do país (BRASIL, 2015) e uma das maiores relacionadas à mineração no mundo.

A mineradora Samarco foi responsável pelo lançamento de lama no meio ambiente, resultado da produção de minério de ferro extraído pela empresa controlada pela Vale e pela britânica BHP Billiton. Ao todo, 663 quilômetros de rios e córregos foram atingidos, 1.469 hectares de vegetação comprometidos e 207 edificações soterradas no distrito de Bento Rodrigues. A enxurrada de rejeitos da mineração formou uma onda de lama que se espalhou pela região e, em questão de horas, chegou ao rio Doce, cuja bacia é a maior da região Sudeste do país, com uma área total de 82.646 quilômetros quadrados, equivalente a duas vezes o Estado do Rio de Janeiro. A lama avançou pelo rio e seus afluentes, chegando ao oceano Atlântico pelo Estado do Espírito Santo, 16 dias após o rompimento. Laudos técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e da Agência Nacional das Águas (Ana) afirmam que o nível de impacto foi profundo e perverso e que não é possível estimar um prazo de retorno da fauna ao local, visando ao reequilíbrio das espécies na bacia (BRASIL, 2015).

As consequências do rompimento da barragem não se limitaram aos aspectos ambientais, vidas humanas também foram destruídas. Ao todo, 19 vítimas fatais, entre elas, 14 trabalhadores terceirizados a serviço da própria Samarco, e mais de 600 famílias desabrigadas. O acontecimento não atingiu apenas os trabalhadores da Samarco e de empresas terceirizadas e a população de Bento Rodrigues e Paracatu, mas agricultores familiares,

camponeses, pescadores artesanais, faiscadores, comunidades tradicionais, o povo indígena Krenak, trabalhadores e artesãos envolvidos com o turismo regional. Vale ressaltar que centenas de famílias se viram obrigadas a abandonar suas moradias em Barra Longa, Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, distritos de Mariana, e precisaram morar em apartamentos e casas cedidas pela Samarco na cidade de Mariana.

Além dos bens materiais, essas pessoas perderam seus laços culturais, suas noções de vizinhança, seu lugar de pertencimento e os ambientes que moldaram seus modos de viver. Seus bens, trabalhos, registros, documentos e recordações acumulados no curso de suas vidas foram, compulsoriamente, destruídos. Os atingidos passaram a viver em condições provisórias e, dessa forma, foram afastados de seu ambiente sociocultural, subtraídos em sua autonomia, vivem sob um sofrimento social imputado pela dependência em relação a empresas e às instituições (FIOCRUZ, 2016).

É relevante frisar que o tema se insere em uma agenda maior, a atividade de mineração brasileira¹². É de conhecimento público que a atividade minerária representa uma importante fonte de recursos para Minas Gerais. O Estado, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), responde por 53% da produção do país e, das cem maiores minas do Brasil, 40 estão no Estado. Assim sendo, a relação de Minas Gerais com a mineração é permeada por sentimentos de apropriação e medo; o caso específico do rompimento da barragem da Samarco, em Mariana, uma das principais cidades produtoras de minério do Estado, mostra isso. Em meio ao caos e a perdas, o prefeito da cidade, Duarte Júnior (PPS), ressaltou, em pronunciamentos públicos, a importância da Samarco na cidade por proporcionar emprego para a população de Mariana, e disse que, se a empresa saísse de lá, a cidade pararia. Os pronunciamentos foram seguidos de protestos em defesa da mineração para tentar preservar empregos e a economia local (O TEMPO, 2015). Segundo a Prefeitura de Mariana, cerca de 90% da economia da cidade é ligada à mineração. Dessa forma, a suspensão da atividade da Samarco afetou empregos, consumo e arrecadação de impostos.

¹² Segundo a Agência Nacional de Águas, no Relatório de Segurança de Barragens, realizado em 2017, existem no país 31 órgãos efetivamente fiscalizadores de segurança de barragens, sendo que em seus cadastros constam 24.092 barragens para os mais diversos usos, destacando-se irrigação, dessedentação animal e aquicultura. Foram detectadas, no momento, 3.543 barragens classificadas como “categoria de risco” e 5.459 como “dano potencial associado”, sendo 723 simultaneamente como “categoria de risco e dano potencial associado altos”. Disponível em: <<https://bit.ly/2WjxRX1>>.

Nesse aspecto, o rompimento da barragem, segundo Mansur et al. (2016) marca, no Brasil, o fim do megaciclo das *commodities* que ocorreu durante a primeira década dos anos 2000. Esse megaciclo pode ser associado ao período entre 2003 e 2013, quando as importações globais de minérios saltaram de US\$ 38 bilhões para US\$ 277 bilhões (um aumento de 630%). Em 2013, cinco países foram responsáveis por dois terços das exportações globais de minérios, o Brasil foi o segundo.

No século XVIII, a extração de minérios era uma das principais atividades econômicas do Brasil e foi durante essa época que surgiram as estradas reais, usadas para desbravar o interior brasileiro. E, com as estradas nasceram cidades, entre elas Mariana e Ouro Preto, e os pequenos distritos, como Bento Rodrigues. A Igrejinha de São Bento, erguida com o município há quase três séculos, era um dos mais importantes bens culturais da região. Foi completamente soterrada no dia 5 de novembro de 2015.

Antes do rompimento da barragem de Fundão, além das casas, havia em Bento Rodrigues, restaurante e escola; algumas mulheres da comunidade produziam a geleia da pimenta biquinho, um produto artesanal que era vendido nas cidades vizinhas. Inclusive, a nossa entrevistada Marinalva Salgado fazia parte desse grupo de mulheres. O grupo plantava, colhia as pimentas e fabricava o doce.

No momento do rompimento da barragem, a Escola Municipal Bento Rodrigues tinha aproximadamente 50 pessoas entre alunos e funcionários. Cerca de 20 minutos antes de a lama atingir o local, todos foram removidos para um ponto mais alto. Professores tiveram que passar a noite no meio da vegetação com os alunos.

Atualmente, Bento Rodrigues está vazio e os mais de 600 desabrigados estão acomodados em casas alugadas em Mariana pela Samarco. É importante destacar também a origem de Bento Rodrigues, porém poucas informações foram encontradas. A *Revista Curinga* (2016), jornal laboratório da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), conseguiu algumas informações sobre o bandeirante Bento Godói Rodrigues, que deu o nome ao distrito, e reconstruiu a história do local. Sobre o bandeirante Bento Godói Rodrigues,

Pela origem, nascimento e sepulcro, seria um eterno desconhecido. Porém deixou seu nome marcado na história e fez do caminho do ouro sua própria estrada real. Bandeirante por profissão, foi um dos paulistas que em território mineiro cravou sua bandeira. Logo em 1708, antes que os paulistas saíssem derrotados da Guerra dos Emboabas, juntou sua comitiva de índios carijós e rumou de Santa Bárbara – onde estava o bando armado do português Manuel Nunes Viana, o chefe dos emboabas - em direção a Catas Altas. Desbravando a mata, já ao pé da Serra do Caraça, conseguiu, em um dia e meio de trabalho, o feito de encontrar quase uma arroba do metal precioso. Os aproximados 13 kg em pepitas de ouro fez com que desse ao lugar seu próprio nome: Bento Rodrigues. (MESQUITA, 2016, p. 17).

Sobre o distrito Bento Rodrigues, o jornal conta um pouco da sua história e formação:

Fundado ainda em 1708, era a demarcação de que aquelas terras, entre Camargos e Santa Rita Durão, tinham um dono. Em um tempo de muita fé, São Bento foi designado padroeiro do lugarejo. A primeira capela em homenagem a ele nasceu em 1718. Mais tarde, veio a capela de Nossa Senhora das Mercês - a padroeira da libertação dos escravos. A organização política fez do povoado um subdistrito da cidade de Mariana. As fazendas viraram casas, as trilhas viraram ruas, o lombo de animais e de escravos deram espaço para carros com motor e para pessoas livres. São Bento ganhou novena - todos os anos, no mês de julho. Houve um tempo que existia coral. Apareceu o time de futebol. Em 1950 a escola foi inaugurada. No final da década de 1970, chegou a energia elétrica. Tinha bar, tinha praça, tinha pássaros e plantações. Bento Rodrigues esteve de pé por 307 anos, até ser enterrado por um rio de lama. (MESQUITA, 2016, p.17)

Segundo informações do portal de notícias *GI Minas*¹³, divulgadas em outubro de 2019, os responsáveis pela tragédia respondem, em liberdade, por inundação qualificada e estão livres da acusação de homicídio. Em 2016, quatro empresas e 22 pessoas se tornaram réus, sendo treze excluídas por decisões judiciais e não vão responder por nenhum crime, de acordo Ministério Público Federal (MPF). As empresas Samarco Mineração, Vale e BHP Billiton Brasil respondem a pelo menos 12 crimes ambientais.

Para o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), segundo informações do *GI*, são mais de 700 mil pessoas atingidas ao longo dos cerca de 700 km do Rio Doce, de Minas até o Espírito Santo. Em abril de 2019, as acusações de homicídios e lesão corporal foram retiradas da ação penal. Isso significa que os acusados não vão mais a júri popular pelas mortes.

Segundo dados da *Renova* (2020)¹⁴, fundação criada com o intuito de mobilizar para a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG), foram desembolsados mais de 2 bilhões pagos em indenizações e auxílios financeiros

¹³ Quatro anos após rompimento de barragem, não há previsão para julgamento de responsáveis. Por Cintia Paes, Patrícia Fiúza e Laura Marques, *GI Minas e Rádio CBN* – Belo Horizonte 28/10/2019 05h30. Disponível em: <<https://glo.bo/2tNp2LV>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2020.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.fundacaorenova.org/>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

emergenciais para cerca de 320 mil pessoas atingidas por “dano água”, para quem teve abastecimento de água interrompido por mais de 24 horas; “dano geral” para aqueles que perderam renda ou bens materiais; e auxílio financeiro emergencial. A *Renova* diz ainda que sete mil pessoas estão trabalhando na reparação ambiental de Mariana e do rio Doce.

Após três anos desse rio de lama, mais um crime corporativo envolvendo a empresa de mineração Vale assolou Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 2019. O rompimento da barragem da Mina do Feijão, em Brumadinho (MG), corrobora a ideia de negligência técnica e falta de preocupação com a população que vive em torno dessas barragens.

A “grande mídia”, nesse contexto, explorou os dados provocados pela tragédia e muitas informações foram veiculadas com enfoques diversos, seja por meio da abordagem relacionada aos danos ambientais, posicionamentos de autoridades políticas ou ouvindo testemunhas oculares do acontecimento. O assunto proporcionou a produção de matérias jornalísticas com vários focos e nuances. Além da “grande mídia”, a mídia alternativa também foi eficiente na ação de divulgar o acontecimento, porém com outras perspectivas. Assim, podemos citar o jornal *A Sirene*, iniciativa criada para dar visibilidade às pessoas atingidas pela tragédia. O jornal é produzido pelos próprios atingidos e mantido em acordo entre eles, o Ministério Público e a Arquidiocese de Mariana. Conta com o apoio das Universidades Federais de Ouro Preto (UFOP) de Minas Gerais (UFMG), assessorias direcionadas aos atingidos, movimentos sociais e coletivos.

Nesse capítulo, portanto, trouxemos conceitos de acontecimento do ponto de vista hermenêutico e discursivo e de acontecimento jornalístico, importantes para entendermos o que foi o dia 5 de novembro de 2015. Além disso, contextualizamos a tragédia e fizemos um resgate da história de Bento Rodrigues, local mais atingido pela lama. É relevante, a partir de agora, explicarmos o que são narrativas de vida e o que é memória, temas importantes neste trabalho, já que estamos trabalhando com documentários que trazem as narrativas dos atingidos pela barragem e que, de certa forma, materializam as memórias deles.

2 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DAS NARRATIVAS DE VIDA E MEMÓRIA

No segundo capítulo, buscamos trabalhar os conceitos de narrativas de vida e memória. Como os documentários analisados tratam de trajetórias de vida dos atingidos e estamos lidando com a memória, as lembranças dos entrevistados, é salutar abordarmos essas duas áreas do conhecimento e relacioná-las. Neste capítulo buscamos também fazer uma reflexão sobre a entrevista e relacionar a entrevista midiática e a entrevista realizada com fins acadêmicos. Essa diferenciação é relevante, pois neste trabalho estamos analisando entrevistas realizadas por uma empresa jornalística e transformadas em documentários e entrevistas realizadas por nós como pesquisadoras. Essas duas ações foram essenciais para que pudéssemos analisar a memória desses atingidos, pois as entrevistas foram realizadas em momentos diferentes, com uma distância temporal de aproximadamente dois anos.

2.1 O que são narrativas?

As narrativas de vida, de modo geral, se caracterizam pela capacidade de um sujeito-enunciador ordenar a trajetória de si mesmo ou de outro sujeito, sendo que o indivíduo, ao narrar, articula momentos trazidos pelas suas próprias lembranças, recordações e/ou por documentos escritos e ditos de outros personagens, conferindo, assim, um “ordenamento” às etapas de uma trajetória pessoal e profissional. Na mídia, as construções biográficas e autobiográficas desempenham papéis culturais fundamentais, ganhando uma dimensão relevante na contemporaneidade, ao atribuir significado e sentido em um mundo marcado pela dispersão.

Narrativa de vida, de acordo com Carvalho (2016), é o processo discursivo assumido por um sujeito que conta a vida de um indivíduo que existe ou existiu, sendo ele o próprio narrador de sua história ou outro. O processo de contar a vida de outra pessoa acontece quando um jornalista/sujeito-enunciador/autor/narrador da história seleciona os fatos que pretende mostrar, desvelar, esclarecer em torno do sujeito biografado e, ao mesmo tempo, consciente ou não, silencia dados e deixa certas informações veladas.

O desejo e o ato de narrar o “eu”, as situações vivenciadas e as suas experiências não são novidades. O homem, desde a era pré-histórica, por meio da arte rupestre, faz uso das narrativas para contar histórias. É uma prática de (re)construção do passado que exige do

sujeito-enunciador uma organização da memória e, de certa forma, uma capacidade de ficcionalizar os fatos. A narrativa de vida, segundo Machado (2016), está localizada em documentos estritamente genealógicos canônicos, como biografia, autobiografia, memória e diário, mas também em gêneros considerados pela autora como “transgressivos”, ou seja, documentos que escapam do convencional, do esperado, como, por exemplo, os poéticos e os midiáticos.

É relevante destacar que os sintagmas biografia, autobiografia, relatos de vida, história de vida, ato-de-se-contar ou falar-de-si, narrativas de vida, entre outros axiológicos, são utilizados, de modo geral, para remeter a uma situação em que um entrevistador solicita ao outro que lhe conte a sua história de vida ou uma parte da trajetória dessa vida.

Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência. Mas na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis, retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do show – *talk show*, *reality show*... No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo o registro, fez da vida – e, conseqüentemente da ‘própria’ experiência um núcleo essencial de tematização. (ARFUCH, 2010, p. 15).

Arfuch (2010) traz o conceito de “espaço biográfico” para explicar essa emergência das narrativas de si na sociedade contemporânea, as diversas possibilidades de manifestação da dimensão biográfica em diferentes espaços e gêneros não tradicionais marcados para esse fim, incluindo, assim, a mídia e as entrevistas.

Com relação à emergência de narrativas, Machado (2016) aponta quatro tipos de indivíduos que empreendem uma narrativa de suas vidas ou de parte delas: o sujeito-narrador testemunha de uma fatalidade, que é o caso dos atingidos presentes na série documental *Vozes de Mariana, corpus* deste trabalho; o sujeito-narrador intelectual e criador de ideias, que quer deixar algo de seu trabalho ou de sua vida dedicada a esse trabalho para a posteridade; o sujeito-narrador político, aquele quem solicita lembranças ligadas a seu passado; o sujeito-narrador irônico, aquele que ri de si mesmo. Incluiríamos nessas possibilidades, apontadas pela autora, os sujeitos marginalizados, menosprezados ou inviabilizados pela sociedade, como, por exemplo, as mulheres que cumprem pena em presídios ou os homossexuais que contam suas histórias de aceitação na sociedade; e os sujeitos “estrelas”, que são aquelas

pessoas que se destacam nas esferas artísticas e, por ter essa notoriedade, querem apresentar, narrar a sua trajetória e fazer conhecer sua vida.

De modo geral, as formas de narrar o “eu” utilizam a diacronia para a (re)construção da vida de um personagem e são produzidas com uma sensação de ordenamento, apreensão de uma totalidade de uma trajetória e unidade coerente de uma vida. É o que Pierre Bourdieu (1996) considera “ilusão biográfica”, essa ilusão de uma narrativa estável e autônoma. Essa linearidade e coerência do indivíduo, conforme Bourdieu, é ilusória, já que a trajetória de um indivíduo varia no tempo e não cessa de ser reconfigurada pelas histórias verdadeiras e fictícias que um sujeito conta de si mesmo (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000).

Rondelli e Herschmann (2000) nos falam sobre as motivações, na contemporaneidade, das escritas de si e chamam atenção para a questão do poder ordenador da narrativa. O apelo à memória e ao passado como recurso para compensar o ritmo acelerado das mudanças contemporâneas foi denominado por Rondelli e Herschmann (2000) de “âncoras temporais”. Eles consideram que as formas de “âncoras temporais” acontecem à medida que as coordenadas territoriais e espaciais das pessoas se esmaecem ou são absorvidas pela crescente mobilidade do mundo. A que mais chama atenção hoje seria a biográfica. Assim, as narrativas biográficas e autobiográficas apresentam enquadramentos retrospectivo e prospectivo “[...] ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações (‘projetos’) dos indivíduos, suas motivações e os significados de suas ações numa conjuntura própria de vida, conferindo uma sequência às etapas de uma trajetória pessoal”. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 203).

Dessa forma, a narrativa surge justamente do “[...] equilíbrio feito pelo *sujeito-narrador* entre seu testemunho factual incrementado por fatores ficcionais. Estes últimos tentam preencher lacunas da própria fala ou da escrita. Seja como for, memória e a imaginação andam sempre de mão dada” (MACHADO, 2016, p. 80, grifo no original). Dosse (2009) destaca, justamente, essa tensão constitutiva do gênero biografia, por estar “navegando” entre o factual e a vontade estética. Ele considera a biografia um gênero híbrido, ou seja, ela se situa numa tensão da vontade de reproduzir um vivido real passado por meio do resgate das vivências pela memória e o polo imaginativo do biógrafo, que depende da dimensão histórica e da dimensão ficcional. Para ele, é preciso gerir procedimento para criar aspectos de credibilidade e efeito de real na narrativa, mantendo ainda o pacto da veracidade.

Contudo, Bourdieu (1996), Machado (2016) e Dosse (2009) parecem nos querer mostrar como as narrativas são construções discursivas estruturadas na tensão entre um “desejo de verdade”, “desejo de referencialidade”, de todo impossível e ficcionalidade.

Essa nova forma de fazer biográfico indica um traço da vida contemporânea, que é a ênfase na subjetividade (ARFUCH, 2010). A referida autora nos alerta que os relatos de vida resultam de uma construção discursiva e constituem representações possíveis de um “eu”, portanto não podemos considerá-los como fontes imediatas da verdade. Ademais, a entrevista midiática é vista como uma forma de registro da experiência e concentra funções, tonalidades e valores biográficos. O espaço biográfico, na entrevista, para a autora, define-se como um conjunto de momentos autobiográficos, ou seja, as entrevistas midiáticas estão sendo consideradas um espaço de relatos de vida, mesmo que fragmentário e anedótico. Para Arfuch (2010), a entrevista na mídia encena a oralidade da narração e torna visível a atribuição da palavra, o que gera um efeito paradoxal de espontaneidade e autenticidade.

Na contemporaneidade, evidencia-se uma “avalanche” da necessidade do narrar-se ou contar a história de outrem. Isso é evidenciado tanto por anônimos, quanto por pessoas conhecidas pelo grande público. Sibilia (2004, p. 2) chama atenção para a proliferação dos “espetáculos do eu”, em relação à exposição pública da intimidade dos usuários da internet. O “eu”, para a autora, seria uma entidade fictícia, “[...] uma unidade ilusória construída na linguagem a partir da multiplicidade caótica de toda e qualquer existência individual” (p. 2). A mídia, nesse contexto, se torna um suporte de divulgação das narrativas e é entendida como um espaço da memória e não apenas de fragmentos.

Portanto, ao narrar-se, o sujeito recorre à memória, lembranças de experiências e acontecimentos vividos e, assim, estrutura a vida e constrói sua identidade pela atuação na sociedade e no relacionamento com os outros. Barthes (2013) nos lembra de que são inumeráveis as narrativas do mundo, elas começam com a própria história da humanidade e são sustentadas pela linguagem oral ou escrita, pela imagem, pelo gesto e podem estar “[...] no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...], no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação” (p. 19).

A narrativa, para Barthes (2013, p. 57), é “[...] uma língua fortemente sintética, fundada essencialmente sobre uma sintaxe de encaixamento e de desenvolvimento: cada ponto da narrativa irradia em muitas direções ao mesmo tempo”. A partir dessa conceituação, o autor dá um exemplo de James Bond, ao pedir um uísque no avião, sendo que o uísque tem valor polissêmico, por ser um índice, podendo remeter à modernidade, riqueza e, como unidade funcional, o pedido do uísque percorre a etapa da consumação, espera, partida etc. “[...] para encontrar a sua significação final: a unidade é ‘tomada’ por toda a narrativa, mas também a narrativa não ‘subsiste’ a não ser pela distorção e irradiação de suas unidades” (p. 57).

Genette (2013) aponta a definição de narrativa no domínio da expressão literária, que é “[...] a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (GENETTE, 2013, p. 265). Porém, o autor nos chama a atenção para essa definição positiva e corrente, pois apaga as condições de sua existência. Ele acredita que definir de forma positiva a narrativa é “[...] acreditar, talvez perigosamente, na ideia ou no sentimento de que a narrativa é *evidente*, de que nada é mais natural do que contar uma história ou arrumar um conjunto de ações em um mito, um conto, uma epopeia, um romance” (GENETTE, 2013, p. 265, grifo no original).

Toda narrativa, segundo Genette (2013), comporta, mesmo que misturadas e em proporções muito variadas, representações de ações e de acontecimentos que é a narração propriamente dita e também as representações de objetos e personagens que é a descrição. Sendo que “[...] a descrição é mais indispensável do que a narração, uma vez que é mais fácil descrever sem narrar do que narrar sem descrever (talvez porque os objetos podem existir sem movimento, mas não o movimento sem objetos)”. Ainda segundo o autor, “[...] a descrição poderia ser concebida independentemente da narração, mas de fato não se encontra por assim dizer nunca em estado livre; a narração por sua vez, não pode existir sem descrição, mas esta dependência não a impede de representar constantemente o primeiro papel” (GENETTE, 2013, p. 273).

Nesse contexto das narrativas, Genette (2013) aborda a diferença de objetividade da narrativa e subjetividade do discurso definidas por critérios de ordem propriamente linguística. Enquanto a subjetividade é marcada, no discurso, pela presença explícita, ou não, do “eu”, mas um “eu” que não se define como a pessoa que mantém o discurso, a objetividade da narrativa, para o autor, é a ausência de toda referência ao narrador.

Seguindo com as definições de narrativas de vida, relevante trazer as contribuições de Bertaux¹⁵ (1994) que pertence ao campo da Sociologia. Assim, podemos mostrar a interdisciplinaridade com a qual temos trabalhado, principalmente, a partir dos estudos de Machado (2016). A narrativa de vida, para Bertaux (1994), é como um discurso narrativo que se empenha em contar uma história “real”, mas ele sinaliza que é diferente da autobiografia por se derivar de uma relação dialógica entre pesquisador e informante, processo orientado para fazer emergir descrições de experiências pertinentes ao objeto de estudo.

A estrutura diacrônica de eventos biográficos, segundo Bertaux (1994), faz-se em torno de um núcleo central estável em torno do qual se desenvolve, trata-se da construção de um enredo. Podemos perceber que duas narrativas sobre os mesmos fatos tendem a salientar aspectos distintos, pontuam, enaltecem pontos distintos. O núcleo central possui uma estrutura diacrônica. Bertaux (1994) destaca que o sujeito guarda os eventos mais marcantes segundo a ordem temporal em que os viveu. Entretanto, não significa que o sujeito estabelecerá sua narrativa de forma linear, uma vez que a narrativa de vida “vai e vem”, como toda narrativa espontânea. Assim, somente no trabalho analítico se pode estabelecer uma estrutura diacrônica, que representa uma objetividade discursiva.

Segundo Bertaux (1994), no esforço do sujeito em contar uma história realmente vivida, pode-se distinguir três ordens de realidade: histórico-empírica, psíquico-semântica e realidade discursiva. A histórico-empírica trata-se da história realmente vivida, que o autor prefere designar pelo termo “percurso biográfico”, e não “trajetória”; o percurso inclui não somente a sucessão de situações objetivas do sujeito, mas a maneira pela qual ele as viveu, percebeu, avaliou e agiu. A realidade psíquico-semântica é resultante da totalização subjetiva que o sujeito faz de suas experiências, o que o sujeito sabe e pensa retrospectivamente de seu percurso. Já a realidade discursiva se refere à narrativa em si, resultante da relação dialógica da entrevista, correspondente ao que o sujeito quis dizer do que ele sabe ou crê saber e pensa de seu percurso.

Há então entre o percurso biográfico e a narrativa que dele se faz, um nível intermediário, o da totalização subjetiva (sempre em evolução) da experiência vivida. Ela constitui o conjunto de materiais mentais a partir dos quais o sujeito busca produzir uma narrativa. Ela é feita de lembranças, mas também de pontos de vista, de reflexões e de avaliações retrospectivas. (BERTAUX, 1994, p. 68).

¹⁵ A tradução do texto de Bertaux (1994), utilizado nesta tese, foi realizada pelo professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG Cláudio Humberto Lessa.

É preciso considerar que uma biografia, para Bertaux (1994), resulta de um ponto de vista que ecoa uma época e um grupo social. Trata-se de uma mobilização de capacidades subjetivas. O mesmo ocorre na autobiografia, porém, nessa modalidade, o sujeito narra sua própria vida, do interior e a considera retrospectivamente.

No final desse breve *détour*, compreende-se melhor o que constitui uma narrativa de vida: uma improvisação sem notas (sem recursos a arquivos escritos), fundando-se na rememoração dos eventos principais tais como foram vividos, memorizados e totalizados, esforçando-se para discernir os encadeamentos. (p. 70).

Concluindo essa parte, podemos considerar que os autores de diversos domínios utilizados para conceituarmos narrativa de vida apontam para o caráter linguístico e discursivo das narrativas.

Como as entrevistas surgem como forma de narrar, contar a vida, como assinalou Arfuch (2010), é propício diferenciar a narrativa na entrevista divulgada pela mídia e as entrevistas feitas com fins acadêmicos, já que estamos analisando, neste trabalho, as entrevistas feitas por jornalistas para a série documental *Vozes de Mariana* e nós, como pesquisadoras, realizamos entrevistas com os mesmos atingidos presentes nos vídeos.

2.2 Narrativa na entrevista jornalística e na pesquisa

A proposta deste trabalho se enveredou na análise da série documental *Vozes de Mariana* e também nas entrevistas realizadas por nós com os atingidos por meio do mesmo roteiro seguido pelo jornal *Estado de Minas*. Diante desse quadro, é interessante trazer a diferença da entrevista feita para ser divulgada pela mídia, em que está presente, além do entrevistado e entrevistador, um aparato técnico com câmeras, sem contar o terceiro no diálogo, isto é, a instância de recepção, o público do veículo de comunicação; e a entrevista realizada com fins acadêmicos, em que está presente a pesquisadora e o entrevistado, mas, diferentemente da entrevista midiática, o público que se interessar pelos dados, informações coletadas, terá acesso à pesquisa depois de um tempo. Neste caso, não há o mesmo imediatismo da mídia, pois o pesquisador vai analisar, comparar dados e se debruçar sobre a escrita, o que exige um tempo maior.

Como qualquer entrevista, a jornalística, conforme pontuado por Charaudeau (2010), possui características próprias do gênero, porém ela é baseada no contrato midiático, em que temos o entrevistador, o entrevistado e o ouvinte/leitor/espectador. Temos diversas variantes de entrevistas: entrevista política, entrevista de especialista ou de expertise, entrevista cultural, entrevista de estrelas e entrevista de testemunho. Na entrevista política, presume-se colocar à disposição da opinião pública uma série de julgamentos e de análises que justifique o engajamento do entrevistado; é um gênero que está ligado a um “é preciso-dizer-a-qualquer-preço”. Já a entrevista de especialista ou de expertise tem um propósito técnico com relação à vida social, econômica e científica, tem o papel de fornecer à opinião pública análises objetivas, trazendo a prova de sua legitimidade pelo “saber” e pelo “saber dizer”. A entrevista cultural consiste em enriquecer os conhecimentos do cidadão. A entrevista de estrelas diz respeito à vida de atores, cantores, jogadores de futebol, enfim, personalidades do espetáculo. (CHARAUDEAU, 2010). E por fim, temos a entrevista de testemunho (a que nos interessa neste trabalho), que tem o propósito de relatar o acontecimento que testemunhou. Muitas vezes, essas pessoas são anônimas, desconhecidas do grande público e têm o papel de testemunhar por terem sido observadoras ou vítimas de um acontecimento. A ideia é que o entrevistado só relate o que viu, se possível com emoção, sem fazer juízos de valor.

Entre as formas de enunciação do “eu”, portanto, está a entrevista. Na mídia, a entrevista se revela como um meio precioso para o conhecimento de personalidades e pessoas comuns.

Talvez menos fantasiosa do que a biografia, ancorada na *palavra dita*, numa relação quase sacralizada, sua afirmação como gênero derivou justamente da exposição da proximidade, de seu poder de brindar um “retrato fiel”, na medida em que era atestada pela voz, e, ao mesmo tempo não concluído, como, de alguma maneira, a pintura ou a descrição literária, mas oferecido à deriva da interação, à intuição, à astúcia semiótica do olhar, ao sugerido no aspecto, no gesto, na fisionomia, no âmbito físico, cenográfico, do encontro. (ARFUCH, 2010, p. 149, grifos no original).

Toda essa “magia” que está presente e compõe as nuances da entrevista midiática faz com que imaginemos que ela pareça ser espontânea e fluida, porém a entrevista é um processo ritualizado. E o papel da edição, na entrevista midiática, tem a função de apagar, ou ao menos amenizar, as marcas desse trabalho. “A ideia é tornar o real o mais ‘real’ possível.” (ARFUCH, 2010, p. 170).

Como afirma Arfuch (2010, p. 190), é na cena da entrevista que o acontecimento encontra “[...] uma moldura de inteligibilidade, com relação a uma autoria e a uma narrativa vivencial”. A autora detalha os marcos que balizam a lógica narrativa na entrevista, entre eles a infância, a vocação e a afetividade. A infância opera como uma espécie de eterno retorno, sobre um tempo nunca insignificante. “[...] no registro pragmático, é para o entrevistador uma via privilegiada para ganhar a confiança, amarrar o laço de confiança, ultrapassar a distância que pode habitar a confissão”. (ARFUCH, 2010, p. 199).

Quanto à vocação traz a ideia de que é possível fazer escolhas e elas estão ao alcance de qualquer pessoa por mérito próprio. Mostra a ascensão social. Já a exibição pública da afetividade, outra zona de competência da entrevista, “[...] será necessário tornar explícito o que se ‘tem’, pôr-lhe um nome, dar exemplos, aventurar um esboço de (auto)caracterologia e inclusive uma hipótese aproximativa de ‘como me veem’” (p. 203). A exibição pública da afetividade, segundo a autora, não seria, apenas, um recurso estilístico ou estratégia de captação de audiência; e sim, a relação entre o privado (afetividade) e o que o corpo social reproduz.

A entrevista nas ciências sociais, assim como na mídia, é preponderante. Elas “[...] compartilham do imaginário da voz, da presença, da proximidade, a ideia de uma ‘verdade’ - da vida, do acontecimento” (ARFUCH, 2010, p. 242). Porém, há alguns pontos que a distinguem, como, por exemplo, enquanto a entrevista midiática é feita para ser publicada ou difundida mostrando a sua dinâmica interacional, a entrevista científica é realizada para se encontrar um produto-outro (história de vida, relato, autobiografia, relatório, etc.), já que pesquisa acadêmica se sustenta em hipóteses e objetivos. Enquanto a entrevista midiática está envolvida com a atualidade, a entrevista científica faz parte do universo a ser estudado.

Já que tratamos das entrevistas, iremos introduzir o conceito de memória tão relevante neste trabalho.

2.3 Memória

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de memória, como se eu nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi, mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva. (Clarice Lispector)

Do que é possível lembrar? E como as lembranças acontecem? Halbwachs¹⁶ (2003) nos conta que a lembrança é uma imagem atrelada a outras imagens. É a partir das nossas vivências sociais que as memórias são reconstituídas. “Reconhecer por imagens é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos” (p.55). O documentário também cria narrativas de inúmeras “reconstituições”, entre as quais, de tragédias.

A memória é uma rede interdiscursiva de dizeres e saberes socialmente partilhados na e pela linguagem. Ela possui a capacidade de mobilizar a relação entre o sujeito e o seu entorno sócio-histórico. Halbwachs (2003) destaca que a memória deve ser entendida como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações e mudanças constantes. Segundo o autor, as memórias são construções dos grupos sociais e são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. O sociólogo entende a memória como operação de seleção, de reconstrução de passado a partir das influências dos grupos sociais aos quais o sujeito esteve ou está ligado.

O autor caracteriza duas noções de memória: a individual e a coletiva. A noção de memória individual trazida pelo autor pressupõe que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. É preciso que uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, se lembre dele e possa relatá-lo e guardá-lo. A noção de memória individual é observada, portanto, como faculdade de armazenamento de informações. Diante dessa afirmação, pode-se considerar que é preciso que haja um testemunho para que um fato se perpetue e se torne memória para um grupo. Segundo Halbwachs (2003), “[...] recorreremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (p. 29). O primeiro testemunho, de acordo com ele, será sempre do próprio indivíduo. A relação entre o testemunho do “eu” e o testemunho do “outro” deve ser harmoniosa, no sentido de que ambos devem se entender como fazendo parte de um mesmo grupo; além disso, o evento vivido e recordado deve ser comum aos membros desse grupo.

¹⁶ Consideramos importante pontuar outro trabalho do sociólogo, não traduzido para o português, que lançou o conceito de memória coletiva nos anos 1920: *Les cadres sociaux de l'mémoire*.

O autor traz uma nova vertente para a noção de memória ao apresentar os quadros sociais que a compõem. Para ele, mesmo que aparentemente particular, a memória remete a um grupo; o indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo na sociedade, já que “[...] nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2003, p. 30). Há, portanto, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, visto que não será possível ao indivíduo recordar de lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam. Segundo Halbwachs (2003), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. De acordo com ele:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Segundo Halbwachs (2003, p. 69), a memória coletiva “tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”.

O autor nos alerta que a memória coletiva não deve ser confundida com a história e, portanto, a expressão “memória histórica” não é interessante, pois temos dois termos que são opostos. Enquanto a história é uma compilação de fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens, ela lança uma ponte entre o passado e o presente e reestabelece essa continuidade interrompida; a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo. Ela retém do passado ainda o que está vivo ou que é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.

Sobre a memória coletiva, a psicóloga social Bosi (1994) destaca que é a partir dos laços de convivência familiares, escolares e profissionais que a memória coletiva se desenvolve. Podemos considerar que é na convivência, e levando para a temática deste trabalho, é na

interação entre os moradores de Bento Rodrigues, onde todos se conheciam e conviviam, que a memória coletiva se fortalece. A autora ressalta que, quando sentimos necessidade de guardar traços de um amigo desaparecido, e aqui podemos considerar o guardar, lembrar da estrutura, arquitetura de Bento Rodrigues, do local em si, que foi destruído pela lama, é necessário recolher vestígios a partir do que guardamos dele e também dos depoimentos dos que o conheceram. É o indivíduo que é “[...] o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411).

Outro estudioso da memória, Pollak (1992), pontua três elementos constitutivos da memória, a saber: os acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”, que são “[...] acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer” (p. 2); pessoas/personagens; e lugares. Além disso, o autor destaca que a memória é seletiva. “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (p. 4).

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p. 204).

Para Pechêux (1999, p. 50), “[...] memória deve ser entendida aqui não no sentido psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Nas palavras do filósofo, “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...] Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos”. (p. 56). A memória, para Pêcheux (1999), é uma materialidade discursiva complexa.

A relação entre silêncio e memória pode ser considerada em Orlandi (1999, p. 59), quando destaca que “[...] a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos”. Ainda de acordo com a autora, os esquecimentos podem ser um sentido que é esquecido ou apagado para que um novo sentido

surja ou, de outra maneira, esquecem-se novos sentidos que já foram possíveis, “[...] mas que foram estancados em um processo histórico-político silenciador” (p. 62).

A investigação do funcionamento do silêncio em uma dada discursividade aponta, portanto, para a relação do discurso com a memória na inscrição do acontecimento discursivo na memória ou na forma de evocação de uma memória que vem se inscrever no acontecimento. A memória, para Orlandi (1999, p. 64), é o interdiscurso, “[...] é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer”, ou seja, algo fala antes em outro lugar.

Bosi (1994), ao tratar da memória como função social, entende que as sensações não se enfraquecem com as lembranças, mas é o interesse que se desloca e as reflexões seguem outro caminho. “Cresce a nitidez e o número de imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora” (BOSI, 1994, p. 81).

As lembranças de um grupo, segundo Bosi (1994), se sustentam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória desse grupo. Quando há o esquecimento, não basta que os outros testemunhem o que se viveu, mas é necessário que sempre se confronte, comunicando e recebendo impressões para que as lembranças ganhem consistência. “O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado.” (BOSI, 1994, p. 414).

A psicóloga social compara a lembrança com um diamante bruto que necessita ser lapidado pelo espírito e é preciso realizar o trabalho da reflexão e da localização para que não seja uma imagem fugidia, além do sentimento que precisa acompanhá-la para que seja uma reaparição, e não uma repetição do estado antigo.

Por meio de uma ponte teórica entre os estudos de Halbwachs e Bakhtin, o pesquisador Lessa (2015) percebeu, ao analisar excertos de relatos autobiográficos de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola municipal de Belo Horizonte, que o sujeito se lembra sob a influência dos grupos sociais aos quais pertence ou pertenceu. O referido autor concluiu que os alunos da EJA sentiram a necessidade de expor seus dramas, traumas pessoais, familiares e profissionais mesmo que a proposta do projeto estivesse voltada para as suas

experiências na escola. Lessa (2015) constatou, portanto, como “o eu-aqui-agora, ao se recordar, mobiliza as ‘formas da percepção axiologia dos outros’, constituídas pelo senso comum, pelas crenças e representações estereotípicas que determinam as designações e predicções de objetos, seres, eventos significativos que constituíram.” (p.173)

Podemos concluir, assim, que as nossas lembranças, como referendadas por Halbwachs (2003), são evocadas a partir dos quadros sociais como a família, classe, religião. E o ato de memória é uma reconstrução de experiências passadas.

Finalizando este capítulo em que abordamos as características das narrativas, buscamos trazer a diferença entre a entrevista realizada numa perspectiva midiática e a entrevista científica e, ainda, apresentamos um panorama do que é a memória, entraremos no terceiro capítulo com intuito de apresentarmos os mecanismos da Semiologia.

3 ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) traz em sua origem a multidisciplinaridade quando se constitui como uma área de saber que apresenta conceitos e princípios oriundos da História, da Psicanálise, das Ciências da Linguagem, das Ciências Sociais, e perpassa as discussões de importantes pensadores, como Freud, Marx e Saussure, Lacan, Althusser, Pêcheux, Foucault. Ela tem sido utilizada por diferentes áreas do conhecimento que compreendem e reconhecem que as análises dos fenômenos linguísticos são indissociáveis da situação de uso social da língua.

Ao trabalhar nos entremeios, na reintrodução do sujeito e da situação no campo dos estudos da linguagem, a AD abarca o dinamismo que há na língua em movimento, de maneira que tanto o sujeito como a situação podem ser redefinidos e ressignificados o tempo todo (ORLANDI, 2002). A interpretação e o sentido resultam do processo de co-construção entre os sujeitos que se inscrevem em determinadas formações discursivas e ocupam lugares sociais específicos, assim “[...] procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas, sobretudo como um acontecimento” (p. 19). Mais do que isso, a “[...] análise do discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 26). Ainda, segundo Orlandi, “[...] ao produzir este deslizamento, ao desmanchar teoricamente essa dicotomia, a teoria do discurso redefine (ressignifica enquanto instrumento de reflexão) o que é língua para a linguística” (ORLANDI, 2002, p. 24).

Para os objetivos do analista do discurso, considerando uma relação regrada entre língua e discurso, é necessário trabalhar o “[...] impulso metafórico interno da discursividade pelo qual a língua se inscreve na história” (ORLANDI, 2002, p. 24). Embora esteja fundamentada por esses elementos que a tornam singular, a AD é constituída por várias escolas, autores e correntes teórico-metodológicas, que se apresentam como múltiplas e variadas possibilidades para serem utilizadas por aqueles que se aventuram a estudar e analisar o discurso.

Nesse sentido, Maingueneau (2014) destaca as características do discurso. Segundo o autor, o discurso:

- a) supõe uma organização transfrástica: “[...] os discursos estão submetidos a regras de organização em vigor em uma comunidade determinada, as dos múltiplos gêneros de discurso” (p. 170);
- b) é orientado, porque ele se desenvolve no tempo: “[...] o discurso se constrói, com efeito, em função de um fim, considera-se que vai chegar a alguma parte” (p. 170);
- c) é uma forma de ação, a enunciação constitui um ato visando modificar uma situação;
- d) é interativo, mesmo sem a presença do destinatário, pois toda enunciação é interativa porque é uma troca com outros locutores: “[...] ela supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual o locutor se dirige e em relação à qual ele constrói seu próprio discurso” (p. 171);
- e) é contextualizado, porque não se pode atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto;
- f) é assumido, ou seja, o discurso está relacionado a uma instância que se põe como fonte e indica qual atitude adotar em relação àquilo que diz e ao seu interlocutor;
- g) é regido por normas, ou seja, o ato de enunciação precisa justificar seu direito de se apresentar tal como se apresenta; é assumido em um interdiscurso, isto é, o discurso adquire sentido no interior de um universo de outros discursos.

Na utilização da AD como estratégia de pesquisa no campo da organização, múltiplas são as abordagens possíveis. Dentre tantas, este estudo elege apresentar alguns aspectos da Semiologia, proposta por Patrick Charaudeau, linguista francês contemporâneo pertencente ao que se denomina de terceira geração de autores da AD.

3.1 Semiologia: os atos de linguagem e os contratos

A Semiologia possui em seu escopo conceitos que dizem respeito à dinâmica dos sujeitos no discurso. Inserida em uma perspectiva pragmática ligada a uma dimensão psicossocial, o principal objeto da Semiologia é a linguagem. A forma de analisar o discurso se apresenta essencialmente comunicativa, sendo que o estudo da comunicação entre os diferentes sujeitos na vida social tem um espaço privilegiado (CHARAUDEAU, 2012).

O termo “semio” advém de *semiosis*, uma vez que a construção de sentido se faz por meio da relação forma/sentido em diferentes sistemas semiológicos sob a responsabilidade de um

sujeito dotado de certa intencionalidade. Já o termo “linguística” está ligado à matéria linguageira.

Semio-, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *lingüística* para destacar que a matéria principal da forma em questão - a das línguas naturais. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmático-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens. (CHARAUDEAU, 2005, s/n).

Quanto ao ato de comunicação, para Charaudeau (2012), é representado por um dispositivo ocupado por um sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever) em uma relação que se estabelece com um interlocutor. Os componentes desse dispositivo são constituídos por uma situação de comunicação, ou seja, o enquadre físico e mental em que estão os parceiros do ato de comunicação; os modos de organização do discurso, que constituem os princípios de organização da matéria linguística; a língua¹⁷, que é o material verbal; e o texto, que é o resultado material do ato de comunicação. Portanto, comunicar, para Charaudeau,

[...] é um proceder a uma encenação. Assim como, na *encenação* teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, o cenário, a luz a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir *efeitos de sentido* visando um público imaginado por ele, o locutor – seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor. (CHARAUDEAU, 2012, p. 68, grifos no original).

Entre as perspectivas teóricas de Charaudeau, estão as múltiplas dimensões envolvidas em um ato de linguagem, um dos pontos-chave da proposta, e a intencionalidade dos sujeitos. Destacam-se ainda a articulação entre os planos situacional e linguístico e a importância atribuída às interações sociais. Os atos de linguagem são atos comunicativos carregados de intenções e motivações, em que o “eu” que fala ou escreve se dirige a um “tu”. O ato de informar consiste em uma encenação que resulta de competências que, segundo Charaudeau (2012), produzem atos de linguagem próprios de sentido e vínculo social.

¹⁷ A noção de língua é ampla. “Compreende regras (de pronúncia, de formação de palavras, de formação de frases, de relacionamento das formas com os significados), itens léxicos (palavras e morfemas, com suas propriedades gramaticais e seus significados), expressões idiomáticas (como pisar na bola ou mãe de santo) e clichês (como ficar sem fala e tomar café)” (PERINI, 2010, p. 1).

Essas competências são de ordens situacionais, semiolinguísticas e semânticas. A competência situacional ou comunicacional diz respeito às identidades dos locutores e interlocutores envolvidos na interação, a finalidade da comunicação, o propósito e as circunstâncias materiais. A competência semiolinguística consiste no modo de organização do discurso que pode ser enunciativo, descritivo, narrativo ou argumentativo. E a competência semântica compreende os saberes de conhecimento e de crenças envolvidos na interação de comunicação, entre os quais se situam as ideologias e os imaginários sociodiscursivos¹⁸ (CHARAUDEAU, 2007a; 2012).

O ato de linguagem, para o autor, se estrutura, portanto, a partir de um contrato específico e se organiza em função de dois circuitos: externo e interno. No externo, estão definidas as identidades dos interlocutores, a finalidade da situação de comunicação, o propósito temático e o suporte no qual a interação se realiza. O circuito interno, por sua vez, é a efetivação das estratégias discursivas empenhadas de cada interlocutor. Na interdependência desses dois circuitos é que o ato de comunicação revela, portanto, sua intencionalidade e significância (CHARAUDEAU, 2007; 2012).

Iremos detalhar, agora, os componentes de cada um dos circuitos propostos por Charaudeau (2010).

3.1.1 Circuito externo

3.1.1.1 Identidade

A identidade diz respeito aos traços de personalidade como idade, sexo, etnia, os traços que sinalizam o *status* social, econômico e cultural e que indicam a natureza ou o estado efetivo dos parceiros. Esses traços só podem ser considerados se estiverem numa relação de pertinência com relação ao ato de linguagem. No caso da comunicação midiática, Charaudeau (2010) simplifica a identidade em duas instâncias: uma de produção e uma de recepção. A instância de produção tem o papel de fornecer as informações e proporcionar o desejo de consumir as informações, sendo ela uma entidade que compreende vários tipos de atores,

¹⁸ Os imaginários, como afirma Charaudeau (2007), são o modo de apreensão do mundo, que nasce dos mecanismos das representações sociais, as quais transformam a realidade em real significante. Resultam de um processo de simbolização e significação do mundo, de ordem afetivo-racional, por meio da intersubjetividade das relações humanas e se deposita na memória coletiva.

como programadores, jornalistas, redatores, produtores, editores. Todos esses atores contribuem para fabricar uma enunciação homogênea do discurso midiático.

O jornalista, como lembra Charaudeau (2010), tem a função de transmitir a informação, coletando os acontecimentos e os saberes, além de desempenhar dois papéis fundamentais, de pesquisador-fornecedor da informação e de descritor-comentador da informação. Na posição de pesquisador-fornecedor, o autor aponta alguns problemas: 1) o das fontes, sendo que a grande quantidade de acontecimentos exige com que as mídias façam suas escolhas e selecionem o que consideram importante, interessante divulgar e são esses critérios que denotam a imagem do veículo de comunicação; 2) a necessidade em dar a notícia em “primeira mão”, antes dos outros veículos, o chamado “furo jornalístico”, mas é preciso verificar a informação antes de divulgá-la (credibilidade); e 3) a descontextualização de uma informação retirada de um determinado contexto e inserido, em parte, em outro.

Quanto ao papel do descritor-comentador, o autor destaca que o problema está na ausência de coerência e rigor, já que “[...] o discurso da informação não pode pretender nem à *cientificidade*, nem à *historicidade*, nem à *didaticidade*”. (CHARAUDEUAU, 2010, p. 76, grifos no original). O jornalista, segundo o autor, coloca-se como fornecedor de informações, mediador entre os acontecimentos e sua encenação pública, revelador da informação, intérprete dos acontecimentos.

Quanto à instância de recepção, ela deveria manifestar o desejo de consumir as informações propostas pela instância de produção. Assim como na instância de produção, há alguns problemas. O público, sendo uma entidade compósita, não pode ser tratado de maneira global. A instância de recepção¹⁹ se diferencia de acordo com o suporte de transmissão, por exemplo, os leitores para a imprensa, os ouvintes para o rádio, telespectadores para a televisão. A identidade da instância de recepção, para Charaudeau (2010), é uma incógnita para a instância de produção, pois esta não tem acesso direto às suas reações e é um público que possui *status* social diversificado e não há como conhecer diretamente seus pontos de vista. Os problemas levantados pelo linguista sobre o conhecimento do público que compõe a instância de recepção têm relação com a motivação desse público e a maneira de medir o impacto da informação. Podemos considerar que existem pesquisas que tentam definir os perfis dos

¹⁹ Podemos citar, nesse contexto, também a internet quanto à possibilidade de validação, retorno do público.

leitores, por exemplo, porém não deixam de ser hipóteses, pois o público é heterogêneo e instável. A instância de produção faz previsões a respeito dos movimentos de avaliação do público, considerando esse público como um alvo ideal e estudando suas reações.

3.1.1.2 Finalidade

A finalidade do contrato diz respeito ao objetivo. Charaudeau (2010) ressalta que a finalidade do contrato de comunicação midiática se encontra em uma tensão entre duas visadas: a de informação e a de captação.

Segundo Charaudeau (2010), as visadas discursivas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa do ato de linguagem do sujeito falante e consequentemente da própria troca linguageira. Elas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção, que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, e devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção.

Essas visadas são definidas por um duplo critério: a intenção pragmática do eu em relação à posição que ele ocupa como enunciador na relação de força que o liga ao tu (destinatário) e a posição que da mesma forma o tu (destinatário) deve ocupar. Charaudeau (2004) subdividiu as visadas em sete, a saber: prescrição, solicitação, incitação, captação, instrução, demonstração e informação.

O semiolinguística define a visada de prescrição como um EU que quer “mandar fazer”, e ele tem autoridade de poder sancionar; o TU, nesse caso, se encontra, então, em posição de “dever fazer”. Um exemplo dessa visada seria a relação patrão-empregado.

A visada de incitação seria um EU que quer “mandar fazer”, mas, como não está em posição de autoridade, não pode senão incitar a fazer; ele deve, então, “fazer acreditar”, mostrando que o TU será o principal beneficiário do ato. Um exemplo seria uma campanha de uso de preservativo por parte do governo federal.

A visada de solicitação diz respeito a um EU que quer “saber”, e ele está, então, em posição de inferioridade de saber diante do TU, mas legitimado em sua demanda; o TU, por sua vez,

está em posição de “dever responder” à solicitação. Um exemplo dessa visada seria um requerimento de abono de férias de um servidor para o setor responsável.

A visada de captação consiste em um EU que quer “fazer sentir” e aciona estratégias capazes de seduzir o espectador por meio de estados emocionais aptos a movimentar toda uma ação dramatizante que envolva esse TU, o que implica a construção de um objetivo comunicativo sedutor. A publicidade lança mão dessa visada para captar seu público.

A visada de instrução seria um EU que quer “fazer saber-fazer”, e ele se encontra, ao mesmo tempo, em posição de autoridade de saber e de legitimação para transmitir o saber; o TU está em posição de “dever saber fazer” segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto pelo EU. O manual de instrução é um exemplo dessa visada.

A demonstração seria o EU quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas” segundo certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, *expert*); o TU está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a capacidade de fazê-lo.

E, por fim, a visada de informação. O EU quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber; o TU está na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos. Exemplos dessa visada seria o jornal, a TV, o rádio, internet, enfim, a mídia. Assim, o discurso midiático de informação, segundo Charaudeau (2010), é composto por duas visadas: visada de informação, de fazer saber, e visada de captação, de fazer sentir.

No contrato de informação é a visada de “fazer saber” que predomina, sendo que a de “fazer sentir” deveria ser secundária, pois se espera que a informação seja reportada com seriedade numa cena de significação credível. David-Silva (2005, p. 50), no entanto, constatou que em algumas emissões televisivas ocorre um processo de hibridização dessas visadas. “Em função de se atingir tanto a credibilidade como a captação, programas como os telejornais têm utilizados estratégias de ficção e, por outro lado, programas de caráter fictício, como as telenovelas, têm recorrido a estratégias de autenticação do seu discurso.”

3.1.1.3 Propósito

O propósito é aquilo de que se fala, seria o “informar sobre o quê?”. O propósito se define por meio da resposta à pergunta “Do que se trata?”. Ele está relacionado ao “universo do discurso” que se refere ao movimento da linguagem, ou seja, está relacionado a um ato de troca e volta-se para o mundo para recortá-lo de uma maneira mais ou menos racional, por meio das representações languageiras, para, então, reconstruí-lo a partir de categorias de sentido. Assim, as noções de propósito, de universo de discurso e de acontecimento estão intrinsecamente ligadas.

3.1.1.4 Condição de dispositivo

O dispositivo constitui o suporte físico da mensagem, é um componente do contrato de comunicação que sem ele não há interpretação possível das mensagens. Ele compreende um ou vários tipos de materiais e se constitui como suporte com o auxílio da tecnologia. No material que se manifesta a oralidade, a escrituralidade, a gestualidade e a iconicidade. O suporte funciona como canal de transmissão, fixo ou móvel. A tecnologia regula a relação entre os elementos do material e do suporte. Com relação à comunicação midiática, temos os suportes de mídia rádio, televisão, imprensa escrita e internet.

Expostos os elementos que compõem o circuito externo da perspectiva Semiolinguística, vamos apresentar o circuito interno e seus componentes.

3.1.2 Circuito interno

Caracterizado como um ser de fala (sujeito enunciador), no circuito interno, o sujeito comunicante, no ato discursivo, não quer ser apenas entendido pelo sujeito interpretante, ele quer persuadi-lo, seduzi-lo, ou seja, o sujeito utiliza de estratégias discursivas para atingir tal fim. Essas estratégias são as possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer no ato de linguagem. Assim, Charaudeau (2010) propõe três etapas em que as estratégias se desenvolvem, sendo que elas não são excludentes, mas se distinguem pela natureza de seus objetivos. São elas: legitimação, credibilidade e captação.

As estratégias de legitimação visam determinar posição de autoridade que permite ao sujeito, assim, tomar a palavra. A estratégia de credibilidade diz respeito ao sujeito falante determinar uma posição de verdade e, dessa maneira, ser levado a sério. O sujeito pode recorrer a três

tipos de posicionamento: neutralidade, engajamento, distanciamento. A posição enunciativa de neutralidade levará o sujeito a apagar em seu modo de argumentação traços de julgamentos e avaliação pessoal. A posição de engajamento conduzirá o sujeito a optar pelas escolhas dos argumentos ou das palavras. A posição de distanciamento levará o sujeito a tomar atitude fria do especialista (CHARAUDEUAU, 2010). No *corpus* em análise neste trabalho, podemos verificar que o jornal *Estado de Minas*, ao mesmo tempo em que não expõe abertamente o seu posicionamento com relação à tragédia, se engaja no sentido de mostrar o sofrimento dos atingidos sem assim divulgar o “outro lado”, a versão dos dirigentes da empresa Samarco.

As estratégias de captação visam persuadir, seduzir o parceiro da troca comunicativa, podendo ele escolher dois tipos de atitude, a polêmica ou a dramatização. A polêmica é o questionamento de certos valores que o parceiro defende ou dá legitimidade. Quanto à dramatização, é o uso de analogias, metáforas carregadas de crenças para forçar o outro a experimentar emoções. Na comunicação midiática, a informação produz efeitos discursivos de convivência (jogo de palavras), de emoção (descrição da “desordem social”). (CHARAUDEUAU, 2010). A partir do exposto, agora, entraremos com os sujeitos do discurso propostos por Charaudeau (2010) e o funcionamento no ato de linguagem.

Podemos perceber que a série documental *Vozes de Mariana* utiliza a dramatização, o sofrimento dos atingidos como estratégia de captação.

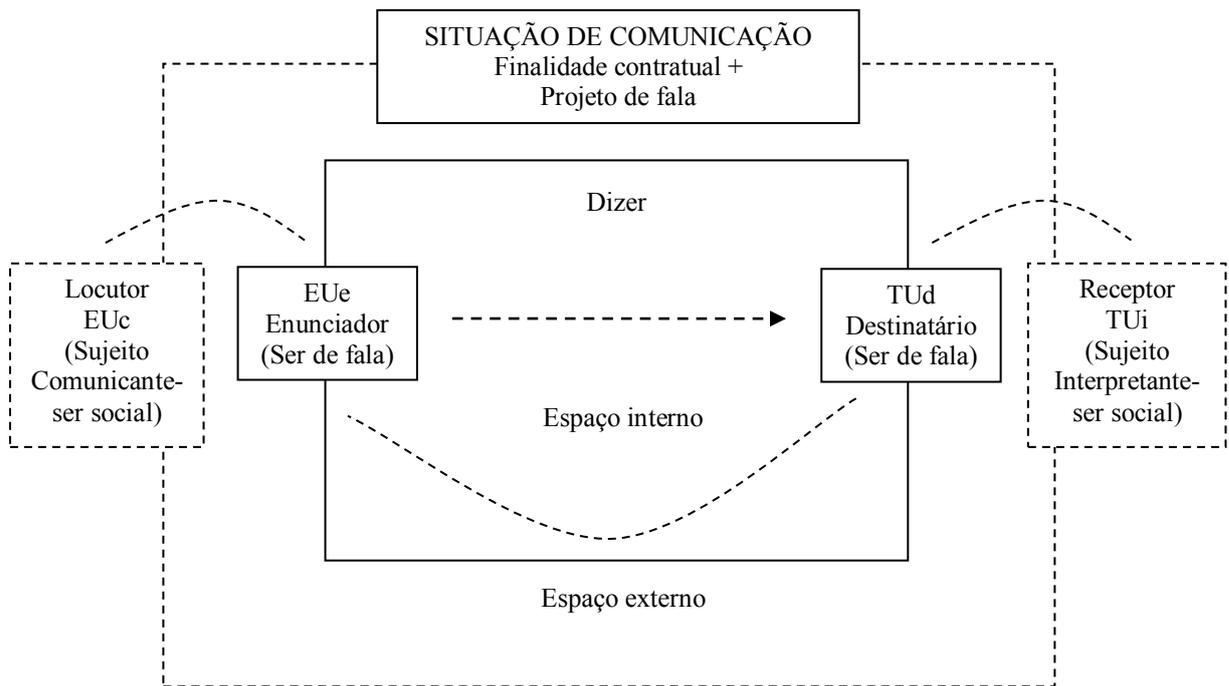
3.2 Os sujeitos do discurso

Cada discurso possui, portanto, um contrato específico, ou seja, uma espécie de aliança simbólica que permite aos parceiros da comunicação coconstruírem o sentido e se legitimarem. O contrato, segundo Charaudeau (2010, p. 56) “[...] pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais”. De acordo com a perspectiva do autor, os sujeitos são portadores de identidade, estão socialmente situados, possuem recursos específicos que condicionam na definição de seus cursos de ação e são caracterizados com um projeto de fala, objetivos que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente (CHARAUDEAU, 2007; 2012). Os espectadores do jornal *Estado de Minas* esperam encontrar no portal do referido veículo de comunicação notícias

factuais, informações credíveis, um aparato multimídia por estarmos nos referindo a um jornal na internet, por ser um veículo de comunicação com história em Minas Gerais.

A Figura 3 apresenta uma explicação do funcionamento e da disposição dos sujeitos em um ato de linguagem, proposto por Charaudeau (2012).

Figura 1 – Situação de Comunicação



Fonte: CHARAUDEAU, 2012, p. 77.

Na FIGURA 1, está a representação do dispositivo de encenação linguageiro, quatro sujeitos discursivos/comunicativos que se distribuem no que o autor chama de circuitos externo e interno, como apontamos anteriormente. Como foi dito, no circuito externo estão os sujeitos como seres sociais e psicológicos que organizam seu mundo real no qual se inscreve a troca comunicativa, em mundo linguageiro. O sujeito-comunicante se dirige a um receptor, denominado sujeito-interpretante. Já no circuito interno, estão os protagonistas da enunciação, os sujeitos de fala. O sujeito-enunciador e o sujeito-destinatário ocupam o espaço em que circula a palavra. Para produzir um ato de linguagem, o sujeito-comunicante transforma seu mundo em um mundo de palavras e as “delega” a um sujeito-enunciador. Este, por sua vez, se dirige a um receptor idealizado, o sujeito destinatário. Nesse jogo linguageiro, o sujeito interpretante pode, ou não, aceitar a mensagem que lhe é dirigida, pode questioná-la ou, então, ignorá-la.

A partir desse esquema, podemos considerar que o sujeito não é completamente livre e tampouco submisso. Na concepção do autor, o sujeito não é mero portador de uma intencionalidade sistêmica que o domina, sem que tenha consciência disso, e também não é plenamente consciente, que age racionalmente, livre de qualquer adesão identitária ou normativa previamente estabelecida.

Para finalizar a apresentação sobre a Semiolinguística, iremos apresentar os modos de organização do discurso.

3.3 O desenvolvimento dos modos de organização do discurso

A proposta de Charaudeau (2012) é que o discurso seja visto a partir de três dimensões: a situacional, a discursiva e a linguística. Na dimensão situacional, temos as finalidades, identidades e circunstâncias de uma situação de comunicação. Com relação à maneira pela qual a instância midiática formula seu propósito, Charaudeau (2012) propõe quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Eles constituem princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. Cada um desses modos propõe ao mesmo tempo uma organização do “mundo referencial” e uma organização de sua “encenação”.

É relevante ressaltar que todos esses modos estão presentes nos discursos, no entanto alguns têm maior relevância em determinados gêneros do que outros. Nas entrevistas jornalísticas, com as quais estamos trabalhando neste trabalho, podemos considerar que predominam os modos narrativo e descritivo. Em se tratando do *corpus* deste trabalho, consideramos que o narrativo é o modo discursivo que fundamenta o material audiovisual, pois é preciso que exista um sujeito que narre, conte o acontecimento, um sujeito construtor dotado de intenções comunicativas. A atenção aos aspectos narrativos é o principal operador de análise no âmbito da dimensão verbal, que dialogará com os demais operadores. Serão observados alguns aspectos da lógica e da cena narrativa descritos pelo linguista, com atenção especial ao papel das identidades social e discursiva, na tentativa de encontrar pistas de suas visadas. O modo de organização do discurso descritivo dá sentido ao narrativo. A construção descritiva verbal possui três componentes inseparáveis e autônomos: nomear, localizar-situar e qualificar. (CHARAUDEAU, 2012).

A partir deste momento, iremos detalhar cada um dos modos de organização do discurso²⁰.

3.3.1 Enunciativo

O modo de organização enunciativo não pode ser confundido com a situação de comunicação nem com a modalização. O enunciativo é uma categoria de discurso e está voltado para os seres de fala, internos à linguagem. Já na situação de comunicação, estão os parceiros do ato de linguagem, seres sociais, externos à linguagem, e a modalização é uma categoria de língua, procedimentos que permitem tornar explícito o ponto de vista do locutor (CHARAUDEAU, 2012).

Na Análise do Discurso, o verbo enunciar diz respeito à ordenação das categorias da língua de forma que é possível saber a posição do sujeito falante em relação ao interlocutor. São três as funções do modo enunciativo: relação de influência do locutor sobre o interlocutor, ou comportamento alocutivo; relação do locutor consigo mesmo, ou comportamento elocutivo; e relação do locutor com um terceiro, ou comportamento delocutivo.

O comportamento alocutivo refere-se à ação do sujeito falante que ao enunciar impõe um comportamento ao interlocutor e este tem uma determinada reação: responder e/ou reagir. Na instância de sua enunciação, o sujeito falante atribui “papéis linguageiros” a si e ao interlocutor, podendo o sujeito se enunciar em posição de superioridade, impondo-o a execução de uma ação, e em posição de inferioridade, em que assume papéis nos quais necessita saber do interlocutor.

Com relação ao comportamento elocutivo, o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo sem implicar uma tomada de posição de seu interlocutor. O seu ponto de vista pode designar um modo de saber, uma avaliação, uma motivação, um engajamento ou mesmo uma decisão. Já no comportamento delocutivo, o sujeito falante não implica o interlocutor. A enunciação é aparentemente objetiva.

²⁰ Não detalhamos o modo de organização argumentativo, pois não iremos utilizá-lo em nossas análises.

Modo de organização descritivo

Charaudeau (2012) apresenta três problemas na organização descritiva: a) confusão entre a ordem descritiva e a ordem narrativa com a utilização dos verbos descrever e contar ensinados nas escolas; b) a diferença entre finalidade e modo de organização, um texto pode se inscrever no modo descritivo, mas seu conjunto possui outra finalidade além da descrição; c) relação entre língua e texto.

Apesar de combinar com o narrativo e o argumentativo, o modo de organização descritivo apresenta algumas particularidades. Descrever não é o mesmo que contar e argumentar, embora haja a combinação dessas atividades. Enquanto contar é expor o desenvolvimento das ações do tempo, descrever consiste em nomear, localizar, atribuir qualidade aos seres. Argumentar consiste em explicar ligações de causa e efeito entre fatos ou acontecimentos, já descrever é identificar os seres e classificá-los. “[...] os três modos de organização contribuem igualmente para construir textos, **contar** o fato *testemunhando* uma experiência, **argumentar** *demonstrando* relações, **descrever** *identificando* e *qualificando* os seres”. (CHARAUDEAU, 2012, p.112, grifos no original)

O modo descritivo possui três tipos de componentes autônomos e indissociáveis: nomear, localizar-situar e qualificar. Nomear é uma atividade que versa em “[...] fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los” (p. 112). Localizar-situar quer dizer determinar o lugar que o ser ocupa no espaço e no tempo e atribuir características a este ser. Qualificar é permitir manifestar o imaginário do sujeito falante, imaginário da construção e da apropriação do mundo. Geralmente, são atribuídas aos seres qualidades e comportamentos para diferenciá-los dos demais. A qualificação pode ser de ordem objetiva, ou seja, serão atribuídos aos seres ações e características que possam ser verificadas por qualquer sujeito. E pode ser também de ordem subjetiva, quando as qualidades e especificidades farão parte da própria visão do sujeito que descreve, ancoradas no imaginário sociodiscursivo. A principal função da qualificação é a acumulação de detalhes e precisão. Esse detalhamento será feito principalmente pela adjetivação, mas pela analogia, seja explícita ou implícita.

No QUADRO 1, Charaudeau (2012) detalha os procedimentos discursivos da construção descritiva.

Quadro 1 – Procedimentos discursivos da construção descritiva

COMPONENTES	PROCEDIMENTOS DISCURSIVOS	FINALIDADE (da Situação de Comunicação)	GÊNEROS DE TEXTO
NOMEAR LOCALIZAR- SITUAR QUALIFICAR	Identificação	recensar	– Inventário – Listas recapitulativas – Listas identificatórias – Nomenclaturas
	Construção Objetiva do mundo	informar	– Artigos da Imprensa – Romances
		definir	– Textos de lei – Textos didáticos
	Construção Subjetiva do mundo	explicar	– Textos científicos – Crônicas
		incitar	– Modos de usar – Anúncios
		contar	– Relatos literários – Resumos
		incitar	– Publicidades – Declarações – Anúncios-bilhetes – Catálogos
		contar	– Relatos jornalísticos – Canções – Histórias em quadrinhos – Textos literários

Fonte: CHARAUDEAU, 2012, p. 131.

O discurso construído pelo descritivo não obedece a nenhum princípio de fechamento, nem à lógica sintática.

A encenação descritiva, para Charaudeau (2012), é coordenada pelo sujeito falante, tornando um descritor, que [...] pode intervir de maneira explícita ou não, e em todos os casos ele produz um certo número de efeitos [...]” (p. 139). Entre esses efeitos, temos o de saber, de realidade/ficção, o de confiança e o de gênero. O efeito de saber está embasado em uma informação conhecida pelo enunciador e desconhecida pelo coenunciador. O enunciador apresenta dados minuciosos obtidos por observação ou estudo, os quais vão reforçar ou mesmo comprovar certo argumento. O efeito de realidade/ficção integra os relatos de maneira simultânea à descrição, evidenciando detalhes de caráter realista ou dando ênfase a pormenores ficcionais. O efeito de confiança diz respeito à intervenção, explícita ou não,

realizada pelo descritor em um dado momento para exprimir comentários pessoais, interpelar o coenunciador. Já o efeito de gênero se refere à utilização de fórmulas, estruturas e tipos comuns a certos gêneros em outros.

3.3.3 *Modo de organização narrativo*

Contar, para Charaudeau (2012), vem depois da existência de uma realidade que já aconteceu, passada e, ao mesmo tempo, tem a função de fazer surgir o universo contado. A função do modo narrativo é organizar o mundo de forma sucessiva e contínua, numa lógica marcada por princípio e fim. Ele é marcado pela tentativa de construção de uma realidade a partir do desenrolar de ações sucessivas e de relações entre os personagens. O sujeito que narra tem o papel de testemunha que está em contato direto com o vivido (CHARAUDEAU, 2012).

A lógica narrativa é composta por três tipos: actantes, processos e sequências. Os actantes desempenham papéis relacionados à ação da qual dependem, são os sujeitos que desempenham papéis específicos na narrativa. É possível dizer que os actantes desempenham função primordial dentro da estrutura narrativa. Os processos são a semantização das ações em relação com sua função narrativa. Por meio deles que os actantes se relacionam uns com os outros e se ocupam de determinadas funções. As sequências integram os processos e os actantes num objetivo.

O QUADRO 2 apresentado por Charaudeau (2012) mostra um questionário que ordena as perguntas em torno dos actantes que são agente (que age) e paciente (que sofre a ação), prevendo, assim, uma especificação de papéis e alguns tipos de qualificações mais usuais.

Quadro 2 – Questionário sobre os actantes narrativos

QUESTIONÁRIO SOBRE OS ACTANTES NARRATIVOS

- Verificar se o actante:
 1. **Age:** é o iniciador, o responsável e o executante da ação.
 2. **Sofre a ação:** a ação recai sobre ele. Ele a recebe de maneira mais ou menos passiva, é mais ou menos afetado por ela, é mais ou menos a ela submisso.
 1. Se o actante age: ele o faz como:
 - 1.1. **Agressor:** comete um malefício.

- 1.2. **Benfeitor:** transmite um *benefício* (ver também 1.5).
- 1.3. **Aliado:** associa-se a um outro actante para auxiliá-lo ou defendê-lo, seja agindo diretamente sobre o adversário de outro actante, seja agindo ao mesmo tempo que este.
- 1.4. **Oponente:** contraria os projetos e as ações de um outro actante.
- 1.5. **Retribuidor:** dá a um outro actante ou uma recompensa (ver. 1.2), ou uma punição (castigo).
- ele o faz de maneira:
 - 1.a. **Voluntária:** ele é consciente, ele decidiu (ato intencional).
 - 1.b. **Involuntária:** não é consciente, não decidiu (não intencional).
 - 1.c. **Direta:** afrontamento direto.
 - 1.d. **Indireta:** por meio de fingimento ou de intermediário.
 - 2. Se o actante sofre a ação, ele o faz como:
 - 2.1. **Vítima:** é afetado negativamente pela ação de um outro actante.
 - 2.2. **Beneficiário:** é afetado positivamente pela ação de um outro actante.
 - Se o actante-vítima reage, ele o faz por:
 - 2.1.1. **Fuga:** ele evita o afrontamento.
 - 2.1.2. **Resposta:** age contra seu agressor.
 - 2.1.3. **Negociação:** tenta neutralizar a agressão.
 - Se o actante-beneficiário reage, ele o faz por:
 - 2.2.1. **Retribuição:** ele age retribuindo de maneira benéfica o outro actante.
 - 2.2.2. **Recusa:** ele recusa o benefício.
- Q. Os tipos de qualificações
- Q1. **Qualificações positivas:** prestígio, virtude, força, inteligência, destreza etc.
- Q2. **Qualificações negativas:** desconsideração (má reputação), vício (imoralidade, desonestidade), pusilanimidade, imbecilidade (estupidez), inabilidade etc.

Fonte: CHARAUDEAU, 2012, p. 162-163.

Conforme propõe o linguista, as ações serão desenvolvidas a partir de uma lógica que sustentará a organização da história contada. A encenação narrativa, em todas as suas relações, só é estabelecida a partir do momento em que a história é narrada, ou seja, a partir do encadeamento das ações realizadas por um enunciador-contador.

Charaudeau (2008) constitui os procedimentos de tempo em uma narrativa como os responsáveis pela indicação do encadeamento das ações e pela sequência destas nas

narrativas. É pelo tempo verbal, pela utilização de advérbios e adjuntos temporais e pelo uso de expressões que referenciem algum aspecto cronológico que identificaremos a ordem de acontecimentos numa história, o que é a causa, o que é consequência²¹.

Outros elementos poderiam ser destacados como componentes da lógica e da encenação narrativa. Contudo, concentramo-nos nas postulações teóricas acerca dos actantes, por entendermos que este é o componente fundamental de gêneros cuja narrativa se desenvolve em torno da vida de um personagem, como no caso das testemunhas de um acontecimento presentes na série *Vozes de Mariana*.

Para finalizar este capítulo, focaremos nas características do discurso de informação midiática, já que estamos tratando de um veículo de comunicação que tem a informação como principal produto.

3.4 Discurso de informação midiática

O discurso da informação, segundo Charaudeau (2010), modula seus efeitos de verdade segundo as supostas razões pelas quais uma informação é transmitida, os traços psicológicos e sociais daquele que dá a informação e os meios que o informador aciona para provar sua veracidade.

O autor define o sentido do ato de discurso como resultado de um duplo processo de transformação e transação de saber que produz efeitos de verdade. A informação não é mensurável quantitativamente, ela só pode ser verificada por meio de seus efeitos, e estes só podem ser apreendidos a partir de uma abordagem qualitativa. Somente o receptor está em posição de julgar o teor de uma informação, restando ao emissor tão-somente fazer uma aposta sobre a validade (e não sobre seu valor).

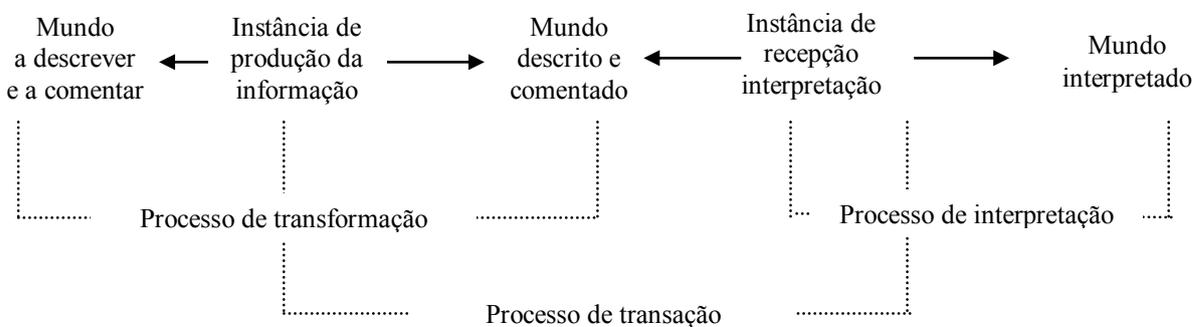
O autor compara o discurso informativo com outros que lhe são próximos: propagandista, científico (demonstrativo) e didático; explica ainda a importância da escolha da informação na

²¹Essa explicação é para o discurso verbal, pois se pode fazer isso usando imagens nas materialidades audiovisuais, por exemplo.

transmissão da verdade ao público, da verossimilhança de um fato e da inteligibilidade da informação. O autor afirma que o discurso informativo, com relação aos diferentes tipos de discurso, tem uma posição central e relação estreita com o imaginário do saber e do poder (pela autoridade que o saber lhe confere). Informar é, portanto, possuir um saber, ter a aptidão para fazê-lo e ser legitimado na transmissão. As mídias, dessa forma, constituem uma instância que detém parte do poder social, e o discurso de informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, verossimilhança e dramatização.

No âmbito da informação, Charaudeau (2010) destaca que no discurso, é preciso interrogar a mecânica de construção do sentido, a natureza do saber que é transmitido e o efeito de verdade que pode produzir no receptor. Com relação à mecânica de construção de sentido, segundo o autor, ela se constrói ao término de um duplo processo de semiotização: de transformação e de transação, conforme a FIGURA 2, que representa esse processo aplicado ao discurso informativo.

Figura 2 – Mecânica de construção do sentido



Fonte: CHARAUDEAU, 2010, p. 42.

O processo de transformação se refere ao transformar o “mundo a significar” em “mundo significado”, estruturando em categorias que identifica os seres do mundo, nomeando-os, qualificando-os, narrando, argumentando e modalizando. “O ato de informar inscreve-se nesse processo porque deve descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses fatos e acontecimentos)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 41).

O processo de transação, que comanda o processo de transformação, está ligado à significação psicossocial do ato de linguagem de um sujeito. São as hipóteses sobre a identidade do

destinatário-receptor, sua posição, seu saber, suas aptidões, etc.; o efeito que pretende produzir naquele; o tipo de relação que pretende instaurar com ele; e o tipo de regulação que prevê. O ato de informar funciona “[...] fazendo circular entre os parceiros um objeto de saber que, em princípio, um possui e o outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar.” (CHARAUDEAU, 2010, p. 41).

Sobre a natureza do saber, Charaudeau (2010) explica que a estruturação do saber se orienta pelo olhar do homem, e esse olhar tende a descrever o mundo em categorias de conhecimento e de crença. Os de conhecimento procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e fenômenos. Os conhecimentos “[...] beneficiam-se de um preconceito favorável de ‘objetividade’ e de ‘realismo’, o que constitui uma espécie de garantia quanto à estabilidade da visão estruturada do mundo” (p. 44). Já os saberes de crença estão relacionados ao olhar subjetivo que o sujeito lança sobre o mundo.

Por fim, o efeito de verdade está na subjetividade do sujeito em relação ao mundo, é o “acreditar ser verdadeiro”. “Diferentemente do valor de verdade, que se baseia na *evidência*, o efeito de verdade baseia-se na *convicção*, e participa de um movimento que se prende a um *saber de opinião*, a qual só pode ser apreendida empiricamente, através dos textos portadores de julgamentos” (CHARAUDEAU, 2010, p. 49, grifos no original).

Sobre o discurso midiático, Rodrigues (2012) destaca que o discurso é o principal produto da mídia e o resultado final do seu funcionamento e uma das principais características desse discurso é a sua apresentação de um discurso acabado e por funcionar aparentemente sem intermitências e sem vazios. O discurso midiático “[...] flui de maneira constante e ininterrupta, encadeia enunciados que se apresentam habitualmente de forma acabada, escondendo seus processos de gestação” (RODRIGUES, 2012, p. 227).

O autor entende que o discurso midiático apresenta uma natureza exotérica, ao passo que os discursos não midiáticos são esotéricos. Esotérico é um termo utilizado no sentido de o discurso ser destinado aos membros de uma instituição e que é compreensível no âmbito das representações simbólicas próprias do grupo, sendo que os que não pertencem a esse grupo, o discurso se torna relativamente opaco. Já o termo exotérico, para o autor, é o contrário de esotérico, são as modalidades discursivas que são destinadas a todos indiscriminadamente. “Uma das consequências mais evidentes é o fato de o funcionamento do discurso midiático

levar com frequência os detentores de legitimidade das outras instituições a considerarem que o discurso midiático atraiça a autenticidade do seu discurso especializado” (RODRIGUES, 2012, p. 231). Outra consequência é o contributo positivo do funcionamento exotérico do discurso midiático para a permeabilidade dos discursos das outras instituições e para a homogeneização das sociedades modernas.

Finalizando este capítulo em que trabalhamos com a Semiologia e seus pressupostos, passamos, no próximo capítulo, à parte da metodologia, na qual mostraremos os caminhos percorridos e os métodos utilizados nesta pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é do tipo qualitativa porque busca descrever e explicar as mediações da edição em um material audiovisual que trata de entrevistas com as testemunhas de um acontecimento trágico de grande repercussão no Brasil e no mundo. Como técnica de pesquisa, vamos utilizar a observação sistemática dos documentários produzidos pelo jornal *Estado de Minas*, veículo de comunicação tradicional no Estado de Minas Gerais, que tratou de entrevistar os atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da empresa Samarco, que aconteceu em Mariana (MG), em 5 de novembro de 2015. Partindo da Semiologia como referencial teórico-metodológico e aliando-a aos estudos sobre narrativas de vida, memória e o papel da mediação editorial, pretendemos, a princípio, utilizar ferramentas para analisar o material bruto das entrevistas realizadas pela equipe do jornal *Estado de Minas* com o objetivo de produzir a série documental *Vozes de Mariana*, as narrativas editadas e as entrevistas que foram realizadas por nós. Temos, portanto, neste trabalho três situações de comunicação.

Portanto, o arcabouço teórico-metodológico para a análise das entrevistas, as intenções e os efeitos possíveis, no contexto midiático de construção da realidade (material bruto e editado), será a Semiologia, de Charaudeau (2012). Será analisado, no referido escopo, o contrato estabelecido entre os parceiros envolvidos no ato de linguagem que resultou na série documental. Entre os pressupostos teóricos de Charaudeau, estão as múltiplas dimensões envolvidas em um ato de linguagem e a intencionalidade dos sujeitos, destacam-se ainda a articulação entre os planos situacional e linguístico e a importância atribuída às interações sociais.

Nesse contexto suscitado pelo acontecimento do rompimento da barragem de rejeitos, o jornal *Estado de Minas*, pertencente ao grupo de comunicação *Diários Associados*, cerca de 20 dias após o acontecimento, entrevistou dezesseis atingidos, entre moradores dos distritos de Bento Rodrigues, Paracatu e pessoas que ajudaram no salvamento, e buscou abordar, em registro de áudio e vídeo, por meio do resgate da memória dos entrevistados, a rotina de suas vidas e de suas comunidades antes do rompimento da barragem, a reação dessas pessoas no dia fatídico, as perdas sofridas, a relação com a Samarco e a vida pós-acontecimento. Aproximadamente 30 dias após o rompimento, o jornal começou a divulgar em seu portal de notícias o material editado. Primeiro um *teaser* com pequenos trechos de cada entrevista, ou seja, uma prévia

com os fragmentos das falas de todos os entrevistados e, posteriormente, um vídeo semanalmente, com cada um desses atingidos separadamente. Cada vídeo editado tem cerca de 3 minutos, e os brutos, cerca de 30 minutos cada vídeo.

O jornal *Estado de Minas*, por meio do editor de imagens Fred Bottrel²², concedeu os vídeos brutos para a pesquisa. Ao assistir aos vídeos, observamos que o jornalista era um dos responsáveis pela edição do material. Foi dessa maneira que conseguimos o contato dele via *Facebook* e, com ajuda da professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG Ana Elisa Ribeiro²³, que reforçou a importância da liberação desse material para a realização da pesquisa.

Nós fomos ao local de trabalho do jornalista e ele salvou o material, os registros brutos de todos os entrevistados para *Vozes de Mariana*, em um HD externo. Para a análise, foram selecionados aleatoriamente três atingidos presentes nos vídeos: José do Nascimento (Seu Zezinho), presidente da Associação de Moradores de Bento Rodrigues; Marinalva Salgado, integrante do grupo de mulheres que produz geleia de pimenta biquinho; e Sandra Quintão, proprietária de um restaurante, o *Bar da Sandra*, em Bento Rodrigues.

A entrevista com José do Nascimento pelo jornal *Estado de Minas*, materializada nos vídeos brutos, teve a duração de 37min35, a entrevista com Marinalva Salgado, 21min19 e com a Sandra Quintão, durou 57min02. O documentário editado com a entrevista com José do Nascimento tem duração de 3min22, incluindo trilha sonora, créditos dos responsáveis pela produção, e o título do vídeo é *Vai ficar na memória o que a gente tinha*. O documentário com a entrevista da Marinalva Salgado dura 3min58, com o título *Demorei anos para fazer minha casinha*. E da Sandra é de 4min49, com o título *O pessoal tinha esse pesadelo*.

As entrevistas realizadas por nós foram feitas em 2 de agosto de 2017, com cada um dos três atingidos separadamente. As conversas se deram nas casas onde eles moravam momentaneamente, casas essas alugadas pela empresa Samarco na cidade de Mariana. Nas

²² Fred Bottrel é jornalista e atua como subeditor no jornal *Estado de Minas*, coordenando a equipe multimídia responsável por produzir vídeos e editar reportagens especiais em longo formato. (Informações no *LinkedIn*. Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/fredbottrel/pt-br>)

²³ Ana Elisa Ribeiro é professora e pesquisadora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG, atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, no bacharelado em Letras (Tecnologias da Edição), em cursos de especialização e na educação profissional técnica de nível médio. É doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). (Informações disponíveis no Currículo *Lattes*)

FIGURAS 3, 4 e 5, apresentamos, por meio de *frames* dos vídeos editados, os nossos três entrevistados. Os três moravam em Bento Rodrigues antes da tragédia.

Figura 3 – José do Nascimento



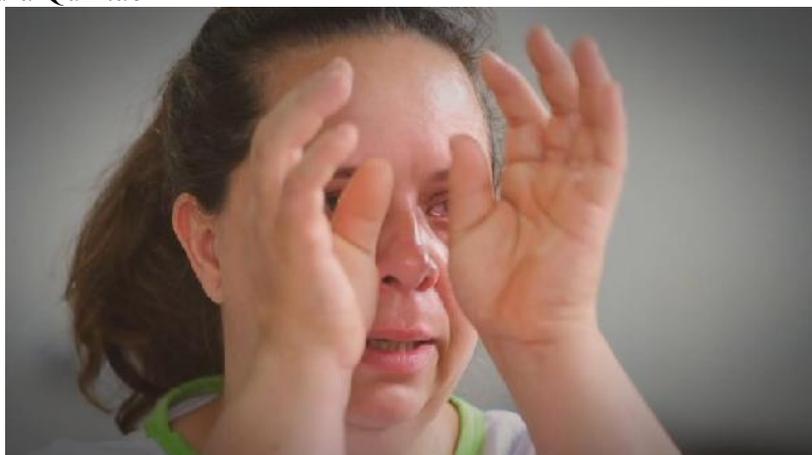
Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

Figura 4 – Marinalva Salgado



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

Figura 5 – Sandra Quintão



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

O percurso da pesquisa está demonstrado na FIGURA 6, sendo que o estudo está baseado na estrutura teórico-metodológica fornecida pelos conceitos de patemização, interdiscursividade, imaginários sociodiscursivos, além de considerações sobre imagens, especialmente do espaço cênico, como enquadramentos, ângulos, planos. A FIGURA 6 foi assim detalhada: temos o acontecimento (rompimento da barragem em Mariana, em 5 de novembro de 2015) e, a partir desse acontecimento, foram produzidos documentários pelo jornal *Estado de Minas*, com alguns dos atingidos pelo rompimento, sendo que temos disponíveis para a análise os registros brutos e suas versões editadas. Podemos perceber que nas entrevistas realizadas pelo veículo, os jornalistas seguiram um roteiro prévio, fizeram, dessa forma, entrevistas semiestruturadas. Focaram determinados assuntos e à medida que o entrevistado entrava em um assunto de interesse dos entrevistadores, eles aprofundavam na determinada temática. Além disso, temos os áudios com as entrevistas realizadas por nós com três desses atingidos.

No registro bruto, analisamos as temáticas trabalhadas e o modo como se deu a decupagem²⁴. Foi utilizado o termo “decupagem” para a análise das estratégias editoriais no sentido de “roteiro decupado”, em que as indicações técnicas, como posição e movimento de câmara, personagens e partes do cenário que estão em quadro, são colocadas para organizar e facilitar o trabalho da equipe.

Nos documentários editados, analisamos os depoimentos (texto e som) e as imagens. Nos depoimentos, foram utilizados, para análise, os imaginários sociodiscursivos, o interdiscurso e a patemização. Para as imagens, utilizamos os conceitos de *relais* e ancoragem, propostos por Barthes (1990), e analisamos elementos do espaço cênico, como enquadramento, planos e ângulos dos documentários.

Nas entrevistas realizadas por nós, analisamos as mesmas categorias que propusemos observar nos documentários editados, porém sem as análises das imagens já que as entrevistas se deram por gravações de áudios. A nossa entrevista com José do Nascimento durou 46min40, com Marinalva Salgado, 47min09 e com Sandra Quintão, 50min07. As entrevistas se deram da seguinte forma: primeiro entramos em contato com o jornal *A Sirene: para não*

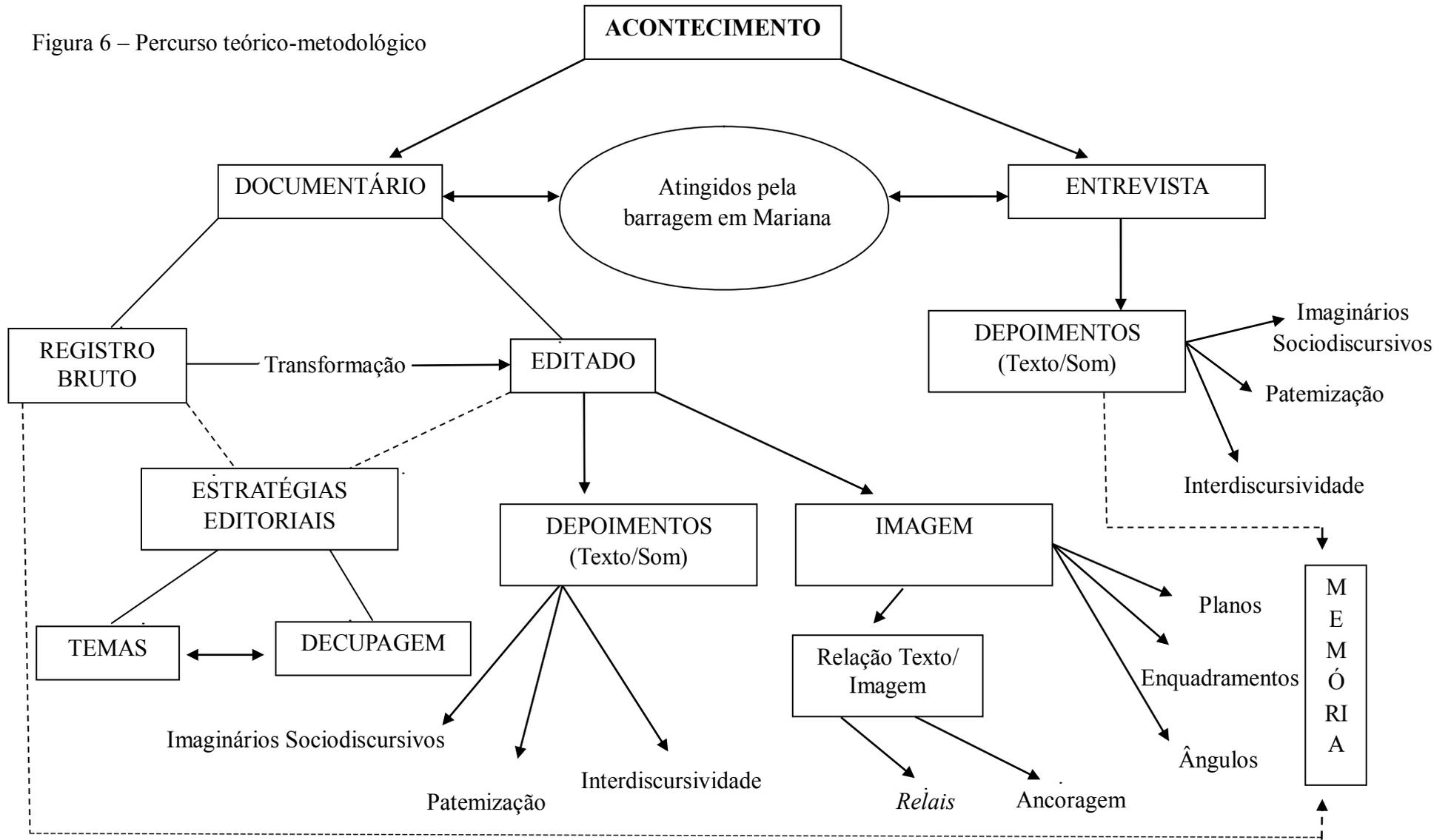
²⁴ Decupagem é a divisão de um roteiro em cenas, sequências e planos numerados com o intuito de facilitar a gravação. É o ato de recortar ou cortar para dar forma ao audiovisual, é o planejamento da filmagem, a divisão da cena em planos e a previsão de como eles vão se ligar por meio de cortes. A decupagem como roteiro técnico, ao qual fazemos menção aqui, está designando um instrumento de trabalho como planejamento do filme com as indicações técnicas.

*esquecer*²⁵, uma iniciativa que nasceu da união entre atingidos e os grupos de apoio #Um minuto de Sirene, Arquidiocese de Mariana e Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Ouro Preto (ICSA/UFOP). A partir desse contato, fomos a Mariana em 5 de julho de 2017 para a reunião dos atingidos que acontece todo dia 5 do mês na praça de Mariana, que tem o intuito de fazer lembrar o ocorrido. Na reunião, uma sirene foi tocada, manifestos foram lidos e expostos cartazes pedindo justiça para o crime corporativo. Nesse dia, conseguimos os números do telefone dos três atingidos (José do Nascimento, 72 anos; Marinalva Salgado, 45 anos; e Sandra Quintão, 43 anos) que participaram das entrevistas para o jornal *Estado de Minas*. Em posse desses telefones, retornando a Belo Horizonte, fizemos contato com cada um deles, que prontamente aceitaram participar da entrevista. Marcamos para o dia 2 de agosto do mesmo ano com os três entrevistados em suas respectivas casas separadamente. Chegando a seus domicílios, os entrevistados foram bem receptivos e estavam dispostos a narrar o que aconteceu no dia 5 de novembro de 2015 em Bento Rodrigues. Isso sinaliza a necessidade de evocarem novamente a memória daquele dia trágico, que marcou as vidas deles.

Na interface entre as entrevistas com os jornalistas do jornal *Estado de Minas* e as realizadas por nós, iremos verificar a questão da memória, o que foi reconstruído do passado pelos entrevistados passados quase dois anos após o acontecimento.

²⁵O jornal foi criado após a tragédia com o objetivo de ceder espaço para que os atingidos pelo crime corporativo se manifestassem, um espaço legitimador de autonomia e empoderamento desses sujeitos.

Figura 6 – Percurso teórico-metodológico



Fonte: Elaborada pela autora.

Após apresentarmos o percurso teórico-metodológico, vamos conhecer um pouco da história do jornal *Estado de Minas* e sua atuação no Estado, as especificidades que compõem o documentário, a proposta de *Vozes de Mariana* e ainda vamos detalhar os instrumentos que escolhemos para as análises e os mecanismos que norteiam a edição em audiovisual.

4.1 Jornal *Estado de Minas*²⁶

Parte do *corpus* deste trabalho, as entrevistas que conduzem a série *Vozes de Mariana*, foi produzida após o rompimento da barragem da empresa Samarco e inspiradas no livro *Vozes de Tchernóbil*, da jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch, no qual os depoimentos das personagens estão em primeira pessoa.

Entendemos que o fato ocorrido em Mariana (MG) trouxe novidade ao romper com o cotidiano, afetou muitos cidadãos, e a mídia deu significado a esse acontecimento. Os meios de comunicação têm papel relevante na mediação de sentidos e na promoção do debate público. Diante de uma “avalanche” de questionamentos e curiosidades sobre as pessoas que vivenciaram a tragédia do rompimento, o jornal *Estado de Minas* entrevistou, dias após o acontecimento, alguns atingidos. Nessa situação, foi criada a série documental *Vozes de Mariana*, com os testemunhos dos atingidos. O material foi divulgado no portal de notícias do referido jornal, que é considerado tradicional no Estado.

Considerando o conceito bakhtiniano de enunciado concreto, de que quando falamos sempre nos dirigimos ao outro, mesmo que não saibamos quem é esse outro, é preciso entender qual jornal é esse, quem são e onde estão. O *Estado de Minas* é considerado o jornal mais tradicional do Estado de Minas Gerais, foi fundado em 1928 e circula em municípios mineiros e em outros Estados do Brasil. Surgido em um momento em que a imprensa mineira vivia uma fase embrionária, foi a primeira e mais duradoura experiência efetiva de jornalismo em Belo Horizonte (FRANÇA, 1998). O jornal se confunde com a trajetória da própria imprensa mineira. “[...] Ele manteve um desenvolvimento contínuo linear, desprovido de grandes crises ou grandes momentos. Sobreviveu à concorrência e com um alto índice de preferência ganhou a reputação de ser o ‘grande jornal dos mineiros’” (p. 111).

²⁶ É importante ressaltar que a proposta desta tese é apresentar o percurso histórico do jornal *Estado de Minas* pelo viés tecnológico e ascensão no Estado, contudo, precisamos destacar que não há ingenuidade de nossa parte com relação aos posicionamentos e à ideologia política que conduzem o jornal desde então.

A partir de agora, vamos contar um pouco a história do jornal *Estado de Minas*, sua evolução no cenário mineiro e sua adaptação à tecnologia. *O Estado de Minas*, jornal mineiro diário, foi fundado por Juscelino Barbosa, então diretor do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, Álvaro Mendes Pimentel e Pedro Aleixo, ambos membros do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, atual Câmara Municipal.

O objetivo inicial dos fundadores era incorporar à imprensa mineira um periódico que imprimisse novos padrões jornalísticos em Belo Horizonte. Durante seus primeiros meses de existência, o *Estado de Minas* limitou-se a noticiar as discussões iniciais em torno da sucessão de Washington Luís na Presidência da República. (FERREIRA, 2015)

A primeira edição foi produzida com doze páginas e, a partir daí, o novo veículo de comunicação se firmou como porta-voz dos mineiros (DRUMMOND, 2018). O editorial, como pontua Drummond (2018), publicado na capa da primeira edição, destacou a necessidade de Minas Gerais ter um grande veículo de comunicação e selou o compromisso com o leitor de “fazer um jornal de sentimento mineiro”.

Ainda em 1929, Juscelino Barbosa desfez-se de sua parte no jornal, ficando a empresa sob a responsabilidade de Pedro Aleixo e Álvaro Mendes Pimentel; aí o jornal começou a definir com maior nitidez sua linha política. (FERREIRA, 2015)

Em 15 de junho do mesmo ano, transformou-se numa sociedade anônima, o controle acionário foi adquirido por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Proprietário na época dos primeiros órgãos do que viria a ser a cadeia dos Diários Associados, Chateaubriand entregou a direção do jornal a Dario de Almeida Magalhães, que tinha Milton Campos no cargo de redator-chefe; Tancredo Neves, secretário de redação; Pedro Aleixo, presidente da empresa; e José Alckmim, gerente.

O jornal foi se consolidando como referência em diversos acontecimentos. Segundo Drummond (2018), as pessoas iam para a sede do jornal em busca de notícias, por exemplo, sobre jogos de futebol, resultado de vestibular, pois uma lista de aprovados era colocada na frente do prédio do jornal e era esse o destino de praticamente todos os estudantes que tinham feito as provas.

Em fevereiro de 1938, o jornal passou por uma reforma gráfica, adquiriu maquinário novo e mais moderno e foi inaugurado o primeiro prédio construído para ser a sede do jornal. Em 1954, o jornal passou por mais uma reforma gráfica, adotando o formato *standard*²⁷.

Em abril de 1963, o jornal passou a utilizar o serviço de radiofotos, com fotos tiradas na cidade e no mundo inteiro e, em 1964, ocorreu a terceira reforma gráfica do jornal, conforme o projeto elaborado pelo artista plástico Amilcar de Castro; no mesmo ano ganhou o primeiro prêmio nacional de jornalismo, com a reportagem *A interpretação econômica do futebol brasileiro*, escrita por Roberto Drummond, e dois prêmios regionais, com Frederico Morais, *Novo ciclo do ouro em Minas Gerais*, e Fialho Pacheco, *A criação de coelhos e seu aproveitamento alimentício*.

A era digital é precedida do que há de mais moderno em termos de impressão de jornais no mundo. Em 1988, o parque gráfico é ampliado. Naquele período, houve aumento no número de tiragens e a empresa passou a imprimir jornais e outras publicações para empresas e órgãos do governo. Mais duas rotativas foram incorporadas à primeira. Em seguida, veio a impressão em cores. Em março de 1993, a redação é informatizada. Graças a essa modernidade, o jornal, que circulava de terça a domingo, passa a circular também às segundas-feiras, em 7 de março de 1994.

Na década de 1980, o jornal teve significativo crescimento em captação e publicidade, em vendas avulsas e em número de assinantes. Em 1988, o parque gráfico foi ampliado e, em 20 de março daquele ano, foi impressa na capa do jornal a primeira foto colorida sobre o treino da seleção brasileira de vôlei. Em 1994, entrou em funcionamento o *Tel Service*, um catálogo de consultas de serviços acessado por telefonema gratuito, que ampliava o espaço para o leitor fazer sugestões e críticas ao jornal. Por meio desse serviço, os leitores podiam também ter acesso às notícias que não haviam entrado na edição do dia.

Em janeiro de 1995, o *Estado de Minas* iniciou outra reforma gráfica e editorial, implantando um sistema de editoração informatizado. A partir de janeiro de 1996, com a internet, o *Estado*

²⁷ Na tipografia brasileira, *standard* é o formato de jornal que possui cerca de 55 cm.

de Minas tornou-se o primeiro jornal do Brasil a ser provedor de acesso à rede mundial. Três anos depois, o *Portal UAI* entra para o rol dos dez maiores do Brasil (DRUMMOND, 2018).

Em novembro de 2000, o jornal mudou de sede e passou a ocupar o Edifício Pedro Aleixo, em homenagem a um dos seus fundadores. Em 2004, foi realizada uma nova reforma no projeto gráfico e editorial do jornal, que passou a ter três edições diárias, além de começar a ser distribuído em outros estados. Entre 2004 e 2008, *O Estado de Minas* reformulou cadernos e apresentou novos suplementos, tendo em vista atender um público diversificado e com interesses específicos.

Como podemos perceber, durante todos esses anos de existência, o jornal *Estado de Minas* passou por grandes transformações e reestruturações, sobretudo, por conta dos avanços tecnológicos, mas, ao mesmo tempo, tornou-se um veículo que mantém a tradição de ser um jornal voltado para os mineiros. No tópico seguinte, vamos explicar um pouco o que é o documentário e as características da série *Vozes de Mariana*.

4.2 O documentário e o *corpus* de análise, *Vozes de Mariana*

Como consideramos que os materiais divulgados pelo jornal *Estado de Minas* pertencem ao gênero documentário, é importante defini-lo, já que ele é uma autêntica expressão mais imediata do vivido, do testemunhal. O documentário é uma “[...] forma de cinema que nos fala sobre situações e acontecimentos reais. Envolve pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós em histórias que transmitem uma proposta ou perspectiva plausível sobre as vias, as situações e os acontecimentos retratados” (NICHOLS, 2016, p. 153).

Nessa mesma linha de pensamento, Lucena (2012) conceitua o documentário.

É a edição (ou não) de um conteúdo audiovisual captado por dispositivos variados e distintos (câmera, filmadora, celular) que reflete a perspectiva pessoal do realizados – ou seja, nem tudo é verdade no documentário –, envolvendo informações colhidas no mundo histórico, ambientações quase sempre realistas e personagens na maioria das vezes autodeterminantes (que falam de si ou desse mundo), roteiro final definido e não necessariamente com fins comerciais, com o objetivo de atrair nossa atenção. (LUCENA, 2012, p. 16)

A série documental *Vozes de Mariana* adotou a linha do cinema direto²⁸, registrando opiniões, declarações e relatos dos entrevistados sem a interferência do cineasta, no caso do jornalista. Mesmo podendo visualizá-la em um ambiente predominantemente jornalístico, pois foi divulgada em um portal de notícias, as características dos documentários estão presentes, por isso é importante destacar que

[...] diferentemente do jornalismo, o documentário se realiza após o acontecimento, mas diferentemente do espetáculo, é-lhe proibido “reconstruir” o que não filmou. Assim, ele coloca em jogo o *primado do real* que parece cada vez mais necessário ao motor libidinal que faz guiar as sociedades (COMOLLI, 2008, p. 29, grifos no original).

Assim, o documentário não se confunde com os relatos jornalísticos que buscam a objetividade e também não se iguala aos contornos da ficção.

De acordo com a clássica definição sobre gênero, cada campo de utilização da língua “[...] elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279), isto é, os gêneros do discurso. No jornalismo, temos, por exemplo, editorial, nota e crônica; e na literatura, temos romance e poesia. Os gêneros, segundo Bakhtin (2000), estão divididos em primários, ou simples (bate-papo, carta etc.), e secundários ou complexos (romances, pesquisas científicas etc.). Embora, segundo o autor, exista um sem-número de gêneros do discurso, considerando-se a quantidade infinita de esferas da atividade humana, podemos definir um enunciado como gênero do discurso com base em três elementos: composição (modo de organização do enunciado); estilo (seleção léxico-gramatical) e conteúdo temático.

Como gênero do discurso, é importante definir o documentário como “[...] uma montagem cinematográfica de imagens visuais e sonoras dadas como reais e não fictícias”. (AUMONT e MARIE, 2003, p. 86). Segundo Aumont e Marie (2003), o documentário quase sempre apresenta um caráter didático ou informativo que tem como proposta restituir as aparências da realidade.

²⁸ Existem três correntes principais de produção de documentário, segundo Lucena (2012). 1. Corrente clássica com o uso da voz *over* narrando um fato, história; sendo a voz *over* um recurso típicos dos documentários, o narrador conta a sequência dos fatos ser estar ligado à cena. 2. O cinema direto norte-americano com o uso da câmera-olho. 3. O cinema-verdade francês que permite a interferência do cineasta. A maioria das produções do cinema de não ficção no Brasil e no mundo têm se fundamentado nessas correntes.

Soares e Limberto (2014), ao retratarem a diferença das reportagens e dos documentários, apontam que os documentários não são apenas filmes de caráter informativo ou didático, mas reconstróem a realidade a partir de um ponto de vista subjetivo que se estabelece no intervalo entre cineasta e personagem, um “eu” e um “outro” colocados em relação.

Enquanto na reportagem o jornalista/repórter aparece no vídeo, no documentário, o realizador, como ressalta Soares e Limberto (2014), normalmente está fora de quadro, mas presente por meio dos enfoques buscados, e este tem como desafio ocupar o lugar de escuta do outro, mais do que tornar audível sua própria voz. Ainda que a reportagem e o documentário apresentem similaridades em alguns aspectos, como a presença no vídeo de sujeitos concretos, histórias acontecidas e situações pertencentes ao mundo histórico – explicitando seu caráter referencial e testemunhal,

[...] os documentários ocupam-se menos da busca pela verdade das pessoas e dos fatos retratados, e dedicam-se mais a interpretações sobre tais pessoas e fatos, elaborando suas narrativas a partir das informações e histórias de vida colhidas por meio das interações verbais com seus personagens. A problemática da objetividade e da autenticidade, certificadas pelo repórter que vivencia as histórias ao mesmo tempo em que as apresenta ao telespectador, não se coloca para o documentarista, que assume o caráter provisório de seu relato, tecido sempre a *posteriori*, em outro tempo e lugar que não os da própria ação (SOARES; LIMBERTO, 2014, p. 46).

Depois de situarmos o jornal *Estado de Minas* e abordarmos o conceito de documentário, agora iremos explicar cada instrumento de análise adotados nesta pesquisa.

4.3 Instrumentos de análise

Os conceitos utilizados se justificam pelas características, elementos do *corpus* e suas especificidades e têm o intuito de perceber o processo de edição realizado pelo jornal *Estado de Minas* para a divulgação da série *Vozes de Mariana*. A seguir, vamos explicar cada um dos conceitos escolhidos e, em seguida, realizar uma análise do *teaser* de *Vozes de Mariana* utilizando as categorias analíticas provenientes desses conceitos.

4.3.1 Interdiscursividade

Um importante conceito capaz de identificar o agenciamento de vozes no *corpus* em questão é a interdiscursividade, já que todo discurso é atravessado por ela, isto é, está em relação

multiforme com outros discursos. O discurso tem efeito polifônico²⁹, um discurso dialoga com outros discursos e outras vozes estão presentes. Nenhum discurso, portanto, é singular, pois está em constante interação com os discursos já produzidos e que estão sendo produzidos.

Maingueneau (2014) trabalha com o conceito de interdiscurso (ou espaço discursivo) em um sentido restritivo: “[...] um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros” (p. 286). Já em um sentido amplo, o autor considera o interdiscurso como “[...] o conjunto de unidades discursivas (que pertencem a discursos anteriores do mesmo gênero, de discursos contemporâneos de outros gêneros etc.) com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita” (MAINGUENEAU, 2014, p. 286).

Maingueneau (1997, p. 75) ressalta que essa heterogeneidade não é marcada em superfície, mas que a Análise do Discurso “[...] pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva”³⁰. Os discursos, portanto, se misturam de forma implícita. Authier-Revuz (2004) os define como um jogo de fronteiras e de interferência. Os discursos são dominados pelo interdiscurso e se constituem por meio de um debate com a alteridade, independentemente de qualquer traço visível de alusão.

Todos os enunciados no processo de comunicação, de acordo com o pensamento bakhtiniano, são dialógicos. O enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado,

²⁹ O linguista francês Ducrot (1987) desenvolveu uma teoria polifônica da enunciação que assevera ser possível haver mais de um sujeito em um discurso e também estão presentes vários sujeitos em um único enunciado. Ducrot trabalha com a perspectiva estritamente linguística ao analisar as diferentes vozes em um mesmo enunciado. O teórico distingue dois tipos de sujeitos: o locutor e os enunciadore. O locutor é subdividido em dois: locutor enquanto responsável pela enunciação e o locutor ser do mundo. É relevante frisar que a polifonia é voltada para a língua, não se preocupando com os aspectos exteriores a ela. Quanto aos enunciadore, são vozes implícitas que expressam pontos de vista diversos os quais são organizados pelo locutor.

³⁰A noção de formação discursiva é utilizada para compreender a produção dos sentidos e a relação com a ideologia permitindo estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. As formações discursivas, segundo Maingueneau (1997) devem ser vistas dentro de um espaço ou de um campo discursivo. EQas estão sempre em relação com determinados campos de saber. quando falamos em discurso seja econômico, político e outros queremos dizer que cada um compreende um conjunto de enunciados, apoiados em um determinado sistema de formação discursiva. Essas formações não são sistemas fechados em si mesmos.

atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo³¹ é as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2006).

Dessa maneira, entende-se que o dialogismo é o princípio constitutivo do enunciado, sendo este sempre heterogêneo, pois revela duas posições: a sua e aquela em oposição a qual ele se constrói. Sendo assim, todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Mesmo que não tenha marcas de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido “[...] pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade”. (MAINGUENEAU, 1997, p. 120).

O coenunciador identifica as formas não marcadas (discurso indireto livre, alusões, ironia, pastiche...) combinando em proporções variáveis a seleção de índices textuais ou paratextuais diversos e a ativação de sua cultura pessoal. As formas marcadas, ao contrário, são assinaladas de maneira unívoca; pode tratar-se de discurso direto ou indireto, de aspas, mas também de glosas que indicam uma não-coincidência do enunciador com o que ele diz (modalização autonímica). (MAINGUENEAU, 2014, p. 261).

As manifestações mais clássicas do discurso relatado são representadas, portanto, pelo discurso direto, indireto, indireto livre e também pela “[...] modalização do discurso em discurso segundo”, conforme destaca Authier-Revuz (2004). O discurso direto se fundamenta na aparição de um segundo “locutor” no enunciado atribuído a um primeiro “locutor”. Maingueneau (1997, p. 85) destaca que o discurso indireto, e até mesmo o direto, não é uma reprodução literal das alocações citadas, e sim “[...] uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior e não uma similitude absoluta”. Já o discurso indireto livre está presente nos deslocamentos, nas discordâncias entre a voz do enunciador que relata as alocações e a do indivíduo cujas alocações são relatadas. O enunciado não pode ser atribuído nem a um nem ao outro, e não é possível separar no enunciado as partes que dependem univocamente de um ou de outro (MAINGUENEAU, 1997).

³¹ O conceito de dialogismo funda com a concepção baktiniana de linguagem e é constitutiva de sua antropologia filosófica. Segundo o teórico russo, a orientação dialógica é um fenômeno que está presente em todo discurso, ou seja, todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos.

Outra forma do discurso relatado é a “modalização do discurso em discurso segundo”, que é representada por enunciados como “Segundo X”, “De acordo com”, inserindo-se o outro no discurso. O discurso relatado, para a Análise do Discurso, pode ser gerenciado a fim de se ocultar por trás do dizer do outro, ou ainda para sugerir o que se pensa, sem se responsabilizar pelo dito. Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a “autoridade” que protege a asserção. Pode-se tanto dizer “[...] o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo”, quanto o contrário (MAINGUENEAU, 1997, p. 86).

Maingueneau (1997) apresenta a noção de interdiscurso de forma operacional e recorre a três outros termos complementares para precisar melhor a noção de interdiscurso: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

O universo discursivo é explicado pelo autor como “[...] o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116). Esse universo representa um conjunto finito, mesmo que não possa ser apreendido em sua globalidade. É de pouca utilidade para o analista e define apenas o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de serem estudados os “campos discursivos”.

O campo discursivo é, segundo Maingueneau (1997, p. 116), “[...] um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região”. Pode tratar-se do campo político, filosófico, dramático, entre outros, e esse recorte em “campos” é apenas uma abstração necessária, que deve permitir abrir múltiplas redes de trocas.

Por espaço discursivo, o autor entende a partir de uma decisão do analista em função dos objetivos de pesquisa, “[...] delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (MAINGUENEAU, 1997, p. 117).

Finalizando o conceito de interdiscurso, apresentaremos o conceito de patemização, uma categoria de efeito proposta por Charaudeau (2007b).

4.3.2 Patemização

Para Charaudeau (2007b, p. 10), a patemização é uma categoria de efeito, ou seja, é o efeito produzido pelo locutor no auditório. “Pode ser obtido tanto por um discurso explícito e direto, na medida em que as próprias palavras têm uma tonalidade patêmica, quanto implícito e indireto, na medida em que as palavras parecem neutras deste ponto de vista” (p. 10). Porém, o autor chama atenção para três tipos de problemas: palavras que descrevem de maneira transparente emoções, como “raiva”, “angústia”, “horror”, “indignação” etc., não significam nem que o sujeito as sinta como emoções (problema de autenticidade), nem que produzirão um efeito patêmico no interlocutor (problema de causalidade). Há palavras também que não descrevem emoções, como, “conspiração”, “vítimas”, “manifestação”, “assassino”, mas são susceptíveis de estarem em universo patêmico. Ou seja, de acordo com o contexto, a palavra pode alterar ou até mesmo se inverter.

Podemos considerar ainda enunciados que não comportam palavras patemizantes, mas mesmo assim são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação. Portanto, “[...] a produção de efeitos intencionais visados depende das inferências que os parceiros do ato de comunicação podem produzir, e que estas inferências dependem do conhecimento que esses parceiros podem ter da situação de enunciação” (CHARAUDEAU, 2007b, p. 10).

Dessa forma, há três condições para que o discurso tenha efeito patêmico. A primeira diz que o discurso produzido se inscreva em um dispositivo comunicativo cuja finalidade e cujos lugares que são atribuídos previamente aos parceiros da troca predisponha ao surgimento de efeitos patêmicos. Os dispositivos da comunicação científica e didática, por exemplo, não se dispõem ao surgimento desses efeitos, diferentemente dos dispositivos da comunicação ficcional, comunicação midiática e narrativa de vida.

A segunda condição para que o discurso seja patemizante está ligada ao campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo comunicativo. A temática deve prever a existência de um universo de patemização e propor certa organização das tópicas capazes de provocar o efeito. Já a terceira condição está atrelada ao espaço de estratégia deixado disponível pelas limitações do dispositivo comunicativo, de maneira que a instância de enunciação se valha da *mise en scène* discursiva com visada patemizante.

A partir da encenação televisiva, Charaudeau (2007b) propõe quatro tópicos, ou as “tópicas do *pathos*”: tópico da “dor” e seu oposto, a “alegria”; o tópico da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; o tópico da “anti-patia” e o seu oposto, a “simpa-patia”; e o tópico da “repulsa” e seu oposto, a “atração”. No campo da dor, temos introspecção do sujeito e enunciação elocutiva (o sujeito falante expõe seu ponto de vista sobre o mundo) e a alegria possui as mesmas características da dor, mas sobre o polo oposto da satisfação do desejo, do bem-estar corporal e moral, que faz dizer ao sujeito: “estou bem comigo mesmo”.

A angústia faz com que o sujeito mobilize uma rede de crenças que lhe faz encarar diferentes representações, sempre negativas (biológicos: epidemias; sociais: guerra, criminalidade, desemprego) frente às quais ele permanece distante, à espera de saber (ele diz: “o que é que me espera?”). A esperança tem as mesmas características da angústia, mas à espera de um benefício, de um acontecimento feliz, de uma melhora do destino.

A antipatia deve ser considerada uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: vítima de um mal, responsável pelo mal, sujeito observador-testemunha. Na simpatia, o sujeito está em estado de emoção (crenças morais) no que diz respeito ao perseguido e em comportamento de ajuda para aliviar o sofrimento desse perseguido.

Na atração, o sujeito é voltado para um actante benfeitor que repara um sofrimento. Na repulsa, o sujeito tem um movimento de desaprovação ou até mesmo de rejeição violenta dessa imagem, sem que, entretanto, ele esteja em condições de destruí-la.

As marcas linguísticas que denunciam a presença do sujeito na enunciação têm potencial para provocar emoção. As marcas dessa subjetividade podem ser encontradas nos operadores argumentativos (mas, porém); expressões adverbiais modais (poder, dever); orações modalizadoras (eu acho que, é claro); índices de avaliação (muito triste, muito cruel). Outras estratégias patemizantes são palavras e expressões desencadeadoras de efeitos patêmicos (fé, Deus, pior momento da minha vida); palavras que descrevem emoção (beijo, abraço, compaixão); enunciados que desencadeiam emoção (um beijo, um abraço e mais nada; veio uma onda e jogou ela pra dentro da lama); menção a situações vividas (acabou com a minha vida; eu salvaria meu cachorro); *topoi* (Se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria ali); repetição de palavras (cruel, muito cruel, muito cruel mesmo). Acrescentam-se como estratégias patemizantes que podem ser encontradas no *corpus* em análise as lembranças de

animais de estimação (apego) e a descrição dos detalhes do dia do acontecimento, da lama destruindo casas, vidas e levando pessoas. Além dos efeitos patêmicos presentes nos índices verbais apontados pelo linguista, consideramos no *corpus* esses efeitos nos índices visuais como, por exemplo, nos enquadramentos escolhidos.

Finalizando a conceituação de efeito patêmico, falaremos sobre os imaginários. Os imaginários são definidos como o modo de apreensão do mundo, que nasce dos mecanismos das representações sociais (CHARAUDEAU, 2007b) e que são fundamentais para as análises dos documentários.

4.3.3 Imaginários sociodiscursivos

Os imaginários resultam de um processo de simbolização e significação de ordem afetivo-racional, por meio da intersubjetividade das relações humanas, que se deposita na memória coletiva. Eles são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, organizando-se em sistemas de pensamento, desempenhando o papel de justificativa da ação social.

Charaudeau (2013) conceitua os imaginários, e, por conseguinte, os imaginários discursivos e os imaginários sociodiscursivos. Assim, os imaginários são os saberes que enquanto representações sociais constroem o rela em universo de significações.

O imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, uma imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações. [...] A significação da realidade procede de uma dupla relação: a relação que o homem mantém com a realidade por meio de sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar o consenso de significação. A realidade tem, portanto, necessidade de ser percebida pelo homem para significar, e é essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, os quais em contrapartida dão sentido a essa realidade. (CHARAUDEAU, 2013, p.203)

Os imaginários discursivos são “identificados por enunciados languageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis” (CHARAUDEAU, 2013, p.203). Já os imaginários sociodiscursivos “circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros” (p.203)

O linguista classifica o imaginário de sociodiscursivo uma vez que cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala (escrita, imagem etc.). Os imaginários se constroem a partir

de tipos de saber que são investidos, por vezes, de *logos* (o saber como argumento racional), *pathos*, *ethos*³². O imaginário sociodiscursivo circula em um grupo social e se materializa em enunciados, materialização esta sustentada por uma racionalidade discursiva. Circula, portanto, em um espaço de interdiscursividade. No caso deste estudo, as narrativas audiovisuais são materialização discursiva por estarem difundidas nos meios de comunicação e por promoverem trocas sociais a partir da linguagem, instaurando vínculos e produzindo efeitos (CHARAUDEAU, 2007a).

Charaudeau (2007a) opta pelo termo imaginário em detrimento de estereótipo. Essa escolha deve-se à proliferação de termos cobrindo um mesmo campo semântico, tais como clichê, chavões, ideias batidas, lugar comum, preconceito, estereótipo, que, por força da repetição, simplificam e generalizam as suas significações. Para o autor, se, por um lado, certas expressões circulam em grupos sociais com a função de identificação, por outro, são usadas de forma simplista ou generalizante, falseando verdades, instaurando preconceitos e configurando-se como traços de suspeita em relação ao que é dito. Assim, os estereótipos têm a função social de estabilizar os laços sociais.

O termo imaginário apresenta um problema em razão do sentido que adquire em seu uso corrente e pela forma com que é empregado em certas disciplinas. (CHARAUDEAU, 2007a). O termo é empregado no sentido daquilo “que existe apenas na imaginação, que não tem realidade” e, assim, lhe são dados como sinônimos os termos “mito”, “lenda”, “ficção”, e, frequentemente, é portador de um julgamento negativo. O autor conclui, dessa forma, que é necessário empregar o termo como substantivo, porque recupera uma noção que se inscreve em uma tradição filosófica e psicológica, para ser finalmente recuperada e reconceitualizada pela Antropologia Social, já que o seu emprego como adjetivo adquire esses valores de invenção, ficção.

³² *Ethos* é definido pela imagem que o enunciador deixa entrever de si no processo enunciativo, sendo construído no próprio ato de enunciação. O *ethos* assume importância no discurso, pois é, por meio da construção da imagem de si, que o enunciador legitima seu próprio dizer. A construção de uma imagem de si, peça principal da máquina retórica, está fortemente ligada à enunciação.

Charaudeau (2007a) explica que a mecânica das representações sociais³³ gera, por meio da produção de discursos, os saberes que se estruturam em saberes de conhecimento e saberes de crença, os quais se configuram, por sua vez, em tipos de saberes. Vamos, a partir de agora, explicar cada um desses saberes.

4.3.3.1 Saberes de conhecimento

Os saberes de conhecimento “[...] procedem de uma representação racionalizada da existência dos seres e dos fenômenos sensíveis do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 43), de uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito.

O sujeito constrói esses conhecimentos no ponto de convergência de uma dupla aprendizagem: pelas práticas da experiência e pelos dados científicos e técnicos. Os saberes de conhecimento, diferente dos de crença, “[...] beneficiam-se de um preconceito favorável de ‘objetividade’ e de ‘realismo’, o que constitui uma espécie de garantia quanto à estabilidade da visão estruturada do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 44).

Esse processo de construção do saber de conhecimento se desdobra em dois tipos de saberes: o científico e o de experiência. O saber científico se baseia na razão científica, nos procedimentos de observação, de experimentação e de cálculo. Está situado na ordem do provado. Charaudeau (2007) exemplifica esse saber por meio da relação da Terra com o Sol; ninguém jamais viu a Terra girar em torno do Sol, porém temos esse conhecimento, pois foi provado de maneira indiscutível.

O saber de experiência, por sua vez, constrói explicações sobre o mundo que se aplicam ao conhecimento do todo, porém sem nenhuma garantia de serem provadas, ou seja, não possui procedimentos particulares, nem instrumentos. Para exemplificar esse saber, Charaudeau (2007) conta que, quando se solta um objeto que se tem na mão, tem-se a experiência de que ele cairá todas as vezes, e se supõe que qualquer outra pessoa no mesmo lugar e espaço terá a mesma experiência. Estamos aqui no domínio do experienciado e da experiência

³³ Jodelet (2001) nos conta da importância das representações sociais na vida cotidiana. “Elas nos guiam de modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva”. (p.17). A autora as considera como algo natural em diversas ocasiões. “Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais”. (p.17)

universalmente partilhada, e não é preciso, por isso, do saber científico. Não é preciso conhecer as leis da gravidade para saber que, quando se solta um objeto, ele cairá.

4.3.3.2 Saberes de crença

Os saberes de crença “[...] resultam da atividade humana quando esta se aplica a comentar o mundo, isto é, a fazer com que o mundo não mais exista por si mesmo, mas sim através do olhar subjetivo que o sujeito lança sobre ele” (CHARAUDEAU, 2010, p. 45) e se relacionam com as avaliações, apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento. Contudo, a crença está relacionada ao olhar que o sujeito tem sobre a legitimidade dos eventos e das ações do homem.

A construção do saber de crença dá lugar a dois tipos de saber: o saber de revelação e o saber de opinião. O saber de revelação supõe a existência de um lugar de verdade exterior ao sujeito, mas, diferentemente do saber de conhecimento, essa verdade não pode ser provada nem verificada, isso porque ela exige um movimento de adesão total do sujeito a ela. O discurso que sustenta o saber de revelação se apresenta sob evidência.

O saber de opinião surge de um processo de avaliação do termo sobre o qual o sujeito toma partido e se engaja em um julgamento a respeito dos fatos do mundo. A opinião resulta de um movimento de apropriação, da parte de um sujeito, de um saber dentre os saberes circulantes nos grupos sociais. Esse saber é, então, ao mesmo tempo, pessoal e partilhado, e é por isso que não pode ser discutido.

O saber de opinião pode ser atrelado a três categorias: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva. A opinião comum se apropria do julgamento da crença popular, podendo ser expressa em provérbios e ditados. Possui intenção universal a qual se espera que seja largamente partilhada. O sujeito que exprime um enunciado diz: “Eu penso como todo mundo que...” ou “Todo o mundo pensa que... e eu também”. Esse tipo de opinião é encontrado em *slogans* publicitários ou políticos e em certos comentários jornalísticos. (CHARAUDEAU, 2007)

A opinião relativa decorre de um sujeito individual ou de um grupo restrito. Eles sabem que esse julgamento é circunstancial, relativo ao grupo e à situação na qual ele é emitido. O

sujeito que emite uma opinião relativa diz: “Eu penso como (e/ou contra) esses (alguns) que pensam que...”. A coletiva é a opinião expressa por um grupo a respeito de outro grupo. Ela consiste em limitar o outro grupo a uma categoria definitiva em seu essencial.

Concluimos, então, que esses saberes de conhecimento e de crenças se constroem no interior dos imaginários. Finalizando essa parte dos imaginários, vamos apresentar os aspectos que compõem a imagem.

4.3.4 Imagem

Considerando em seu estudo as características da imagem fotográfica, Barthes (1990) ressalta que a imagem não é o real, mas o seu *analogon* perfeito. A imagem fotográfica é “[...] uma mensagem sem código; proposição de que se deduz imediatamente a um importante corolário: a mensagem fotográfica é uma mensagem contínua” (p. 13).

Os estudos sobre a imagem estão embasados na metodologia de Barthes em sua *Retórica da imagem*. Segundo Barthes (1990), a imagem revela imediatamente uma primeira mensagem, que é linguística e vem contribuir com a exposição de uma sequencialidade e um direcionamento de leitura. A segunda mensagem é de natureza icônica, o que caracteriza o entendimento da denotação. E a terceira mensagem é a simbólica, a conotação. A *Retórica da imagem* encontra-se no “[...] sistema que adota os signos de outro sistema, para deles fazer seus significantes, é um sistema de conotação; podemos, pois, desde já afirmar que a imagem literal é denotada, e a imagem simbólica é conotada” (BARTHES, 1990, p. 31).

Para Barthes (1990), “[...] toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma cadeia flutuante de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros” (p. 32). Barthes (1990) distingue duas formas principais de referência recíproca entre texto e imagem, denominadas de ancoragem (ou fixação) e *relais* (ou revezamento). Na ancoragem, “[...] o texto conduz o leitor por entre os significados da imagem, fazendo com que se desvie de alguns e assimile outros” (BARTHES, 1990, p. 33). Ou seja, a imagem dirige o leitor a um significado escolhido antecipadamente. Já no caso do *relais*, “[...] a palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmentos de um sintagma mais geral, assim como as imagens e a unidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese” (BARTHES, 1990, p.

33). Enquanto a fixação, para Barthes (1990), é a função mais frequente da mensagem linguística, encontrada na fotografia jornalística e na publicidade; a função de *relais* é encontrada nas charges e nas histórias em quadrinhos. Acreditamos que, atualmente, principalmente na publicidade, diferente do que nos diz Barthes, temos a predominância da função de *relais*.

Dessa forma, Barthes (1990) propõe o termo ancoragem para designar uma das funções da mensagem linguística em relação à mensagem icônica. Ancorar significa firmar, fixar. A mensagem linguística tem por principal função fixar a cadeia flutuante dos significados. No revezamento, a fala e a imagem se complementam. No cinema, por exemplo, “[...] o diálogo não tem uma função simples de elucidação, mas faz avançar a ação dispondo, na sequência das imagens, sentidos que não se encontram na imagem” (AUMONT; MARIE, 2003, p. 18).

Charaudeau (2010) destaca a dominação da imagem e da palavra na televisão, que pode ser estendida para o documentário. A palavra é encenada seguindo cinco tipos de enunciação: a descrição narração (do fato e do dito), a explicação, o testemunho, a proclamação e a contradição. O testemunho, é importante ressaltar já que estamos trabalhando com os testemunhos dos atingidos, é uma forma de enunciação que revela ou confirma a existência de uma realidade com a qual o enunciador teve contato. Ele fala o que viu, o que ouviu, sentiu ou tocou. A palavra de testemunho, para o autor, instaura o imaginário de “verdade verdadeira”. Já a proclamação é performativa e compromete o sujeito enunciador a fazer o que ele diz. A contradição é interativa e significa trazer um ponto de vista contrário a outro já exposto.

Quanto à imagem, o autor considera três funções: de designação, de figuração e de visualização. A designação, segundo Charaudeau (2010), é uma função que diz respeito ao mostrar diretamente o mundo sem nada que interponha entre o objeto e o olhar do sujeito. O sujeito tem a sensação que está tendo contato com a realidade física. Essa função nos sugere efeitos de autenticidade. A figuração é uma reconstrução, uma simulação do mundo, sendo que o sujeito percebe esse mundo reconstruído por analogia, como uma construção de certo imaginário da realidade. Essa função coloca em cena efeitos de verossimilhança. A outra função da imagem televisual destacada pelo autor é a visualização que consiste em uma organização do mundo que não pode ser visto a olho nu, mas por meio de representações gráficas, *closes* ou imagens virtuais. O sujeito precisa ter conhecimento do código de representação para perceber esse mundo, portanto é necessário o contrato de comunicação

para ter efeito. Essa função pode colocar em cena efeitos de descoberta da verdade. Charaudeau (2010) exemplifica um efeito que contribui para a dramatização, o *close* em um filme de terror ou de um jogador de futebol que teria mais o efeito de descoberta de sentimentos dele.

Para Charaudeau (2010), a instância de exibição, no que tange às questões que envolvam a imagem, utiliza também de procedimentos de topologia, de filmagem e de montagem. A topologia favorece o surgimento de um tipo de fala e também prefigura certa gestão da imagem, alguns roteiros de exibição. A filmagem do acontecimento utiliza enquadramentos, como *closes*, primeiro plano, entre outros, e ângulos de visão, como panorâmica e *travelling*. Esses procedimentos produzem pontos de vista diferentes sobre o eu que é mostrado, como observador, anônimo, entre outros.

Já a montagem, que é a edição, é outro momento, diferente da filmagem. É o momento de intervenção da instância de exibição sobre a própria filmagem com a utilização de imagens compósitas, inserções que produzem efeito de irrealidade, mas essa irrealidade, na televisão, tem a finalidade didática, de fazer com que o público entenda, compreenda o que está sendo mostrado, dito. Outra intervenção da instância de exibição que pode ser feita na montagem é a composição do produto transmitido pela seleção de alguns elementos filmados que servem para criar ritmo e efeitos de dramatização. Por último, temos a transmissão do produto que pode ser direta, ao vivo, sendo que nesse caso a instância exibidora intervém com a seleção e enquadramento, ou diferida quando se situa no pós-acontecimento. Segundo Charaudeau (2010), a montagem pode sugerir intenções manipuladoras ou pode produzir uma fruição, a do olhar distanciado.

Agora, iremos tratar da edição no audiovisual, seus aspectos práticos e teóricos e depois de explicados os conceitos que propusemos utilizar, iremos aplicar as categorias analíticas provenientes desses conceitos no *teaser*.

4.3.5 Edição audiovisual: aspectos teóricos e práticos

O objetivo deste tópico é propor uma discussão sobre as especificidades da prática da edição, refletir sobre o complexo processo de escolhas do editor no material exibido ao público, as escolhas editoriais praticadas no material audiovisual e as ferramentas utilizadas para

construir as entrevistas que puderam “dar voz” aos atingidos da barragem de rejeitos da Samarco e o acontecimento em si. É no processo de edição que é possível deixar transparecer os efeitos de sentido imaginados e propostos. Esse “dar voz”, como nos diz Arfuch (2010), reveste-se de uma natureza mítica na contemporaneidade. Ela pode ser utilizada pela mídia para integrar uma estratégia de dramatização, de espetacularização. Na verdade, trata-se de considerar as lutas por visibilidade, a partir dos quais, os sujeitos, os movimentos buscam exercer o direito de publicizar suas agendas, suas argumentações.

O termo edição, no sentido técnico jornalístico, está relacionado ao recorte e à montagem final de um determinado produto impresso ou audiovisual. No *Manual de redação* do jornal *Folha de S.Paulo* (2001, p. 33), há uma explicação sumária daquilo que seria, para a empresa, o conceito de edição: “[...] exposição hierárquica e contextualizada das notícias e distribuição espacial correta e interessante de reportagens, análises, artigos, críticas, fotos, desenhos e infográficos”. A explicação se fundamenta essencialmente na função editorial meramente técnica, já que as questões subjetivas e pessoais do editor não são levadas em consideração como um dos componentes da atividade. Porém, ao especificar que é uma distribuição correta e interessante, podemos inferir que as escolhas, as decisões passam por um crivo subjetivo.

Em resumo, o trabalho de edição no jornalismo está vinculado ao planejamento, orientação das pautas, discussão das pautas com o repórter, decisão de quais matérias entrarão ou não e quais textos terão destaque; portanto, nesse contexto, há espaço para as decisões particulares do próprio editor. No audiovisual, a edição pressupõe escolha das imagens, dos momentos de falas dos entrevistados e/ou entrevistadores, do uso ou não de músicas, do enquadramento de um objeto e/ou pessoa etc. Segundo Pereira Júnior (2006), o maior desafio do editor é dar relevância aos fatos na devida medida.

Ademais, a edição de um produto midiático audiovisual envolve uma série de elementos de âmbito institucional, mercadológico e, também, estético-visual. Diante dessas considerações, emerge a questão: o editor escolhe, seleciona, define, hierarquiza e publica dentro de quais critérios? Não podemos determinar os critérios, mas a partir dos recursos utilizados nos documentários, conseguimos interpretar esses critérios. Podemos considerar que a direção, roteiro prévio, produção de som e imagem, montagem, elaboração e revisão do texto, linha editorial da empresa jornalística, contato e seleção dos entrevistados, escolhas do que irá ao “ar” são alguns dos itens levados em consideração, além de muitos outros.

Quais escolhas, seleções foram feitas no processo de edição do da série documental *Vozes de Mariana*? Quais decisões foram tomadas para a apresentação do material para o público? É possível perceber os limites da subjetividade e objetividade no processo de edição? Por que se dá destaque e visibilidade a algumas falas e outras não? Por que começar com aquele sujeito e não outro? A edição jornalística é, portanto, um conjunto de escolhas e intencionalidades relacionadas a questões estéticas, sociais, econômicas e culturais.

Trabalhos de alguns pesquisadores trataram da edição jornalística nos diversos suportes e suas especificidades³⁴, porém há poucas referências bibliográficas que tratam da matéria, se aprofundam na teoria que embasa a edição em jornalismo e se relacionam a meios específicos, como o audiovisual³⁵; portanto, as reflexões desenvolvidas na pesquisa serão baseadas em outros campos de saber, já consolidados. A edição é um dos passos mais importantes do exercício jornalístico e requer estudos comprometidos que discutam o processo e crie uma teoria acerca da prática.

Para a condução desta parte da tese, serão consideradas teorias e técnicas específicas da montagem que envolvem o cinema e a televisão, além de levarmos em conta o sentido mais reflexivo do termo. Algumas questões nortearão o desenvolvimento desta seção: como ocorre a construção das narrativas dos atingidos em *Vozes de Mariana*? Em que medida essas construções alteram os sentidos do material captado (registro bruto) e sem edição?

Serão utilizadas contribuições de alguns estudos que abordam o tratamento editorial em produtos audiovisuais, principalmente para pensar a questão das narrativas de vida. Tais operadores podem servir como possibilidade de reflexão, apontando discursivamente os indícios editoriais na elaboração das narrativas, a construção do sentido das entrevistas quando editadas. É relevante observar as escolhas feitas para a série *Vozes de Mariana* e entender o processo de construção editorial das narrativas como algo integrador.

Charaudeau (2010) considera que existe na mídia uma filtragem de cunho particular:

³⁴ Autores como Paternostro (1999), Barbeiro e Rodolfo de Lima (2003) e Pereira Júnior (2006).

³⁵ Nesse sentido, é importante citar a pesquisa “*A edição do real na TV: mediações editoriais no jornal Minas*”, realizada por Angrisano (2018) no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), que trabalha a questão da análise do material bruto e editado, sendo que o objeto de análise foi reportagens apresentadas em um telejornal.

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói um objeto particular que é dado como um fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos a voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a ideia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvelá-la, é necessário fazer explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade (p. 131).

Nessas filtragens, os enquadramentos passam por um processo de escolhas. Hernandez (2012) caracteriza enquadramento como possibilidade de deixar um objeto dentro ou fora do quadro.

Os planos de câmara simulam principalmente o contato de corpos do público com personagens ou objetos. No dia-a-dia, a aproximação sujeito-objeto se relaciona a atos de intimidade e também ao que desperta a curiosidade e atenção. Tudo o que a câmara traz para perto mobiliza uma dimensão mais afetiva – emocional, passional ou sentimental. O distanciamento promovido pelo equipamento, ao contrário, tem outras funções. Pode ser a de observar um “quadro completo”, no qual se insere a parte no todo, uma operação de caráter inteligível. (HERNANDES, 2012, p. 137).

A edição tem a capacidade de evidenciar ou desvalorizar aspectos do discurso que acaba administrando como o público deve se sentir e reagir.

Os jornais sempre reportam realidades filtradas, resultado de um processo com três fases: 1) “pinçagem” ou escolha do que é considerado “relevante”; 2) remontagem dos pontos que interessam para criar uma sensação de realidade e verdade; 3) esquecimento ou negação do que é notado como inoportuno ou desimportante na situação retratada. (HERNANDES, 2012, p. 27).

Para o autor, fala-se muito no jornalismo de objetividade para se tentar “apagar” o modo pelo qual a realidade foi filtrada a partir do sistema de valores do jornal que, como empresa, não quer se revelar como ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas consequências do que noticia. Mesmo porque “[...] só podemos falar da realidade, da verdade, da objetividade e também da imparcialidade como **efeito de sentido**” (HERNANDES, 2012, p. 29, grifo no original).

Para Hernandez (2012, p. 34), a edição não é uma mera montagem, o editor faz julgamentos e escolhas, valoriza tal imagem ou desvaloriza. “É uma atividade que se desenvolve a partir de uma visão de mundo, e novamente se está diante de coerções ideológicas.”

As estratégias para despertar a atenção do sujeito público, conforme o autor, não estão ligadas apenas ao inteligível e racional, é preciso ainda identificar esse público e os personagens das histórias e envolver as questões sensíveis e passionais. Segundo Hernandez (2012), há duas maneiras complementares de chamar atenção do ponto de vista das estratégias sensíveis e

passionais: 1. apresentar unidades para serem sentidas, como uma foto que atrai o olhar pelas cores, contrastes, simulação de movimentos; 2. A mobilização dos afetos por meio dos conteúdos. É o caso das histórias de notícias que são feitas para comover e contam com o engajamento empático do público. “O jornal maneja a curiosidade, guia a percepção do público no sentido do que deve ou não ser valorizado, direciona as expectativas, mostra pontos de maior ou menor interesse nos níveis sensível, inteligível e passional.” (HERNANDES, 2012, p. 83).

Wolf (2010), nas considerações que realiza sobre o papel da edição na televisão, explica que o editor tem o objetivo de fornecer uma representação sintética, necessariamente breve, visualmente coerente e possivelmente significativa do objeto da notícia. Ele condensa, focaliza a atenção em certos aspectos do acontecimento.

Assim como em uma regência, que é a arte de transmitir a um conjunto instrumental ou vocal o conteúdo rítmico e expressivo de uma obra musical por meio dos gestos, a edição consegue transmitir ao seu interlocutor o conteúdo de sua obra audiovisual, no caso do documentário, por meio de escolhas. O maestro como um elo entre o compositor da peça musical e os instrumentistas, o editor como um elo entre seus entrevistados e seus receptores. Assim como o maestro, que é uma figura necessária para que todos os instrumentistas toquem no mesmo ritmo e em equilíbrio sonoro dos instrumentos, o editor é essencial no processo de tratamento das imagens para que o conteúdo tenha harmonia, coerência narrativa e dinamismo, tudo isso com a finalidade de tocar, sensibilizar, chamar atenção do ouvinte, espectador.

Consideramos o editor um orquestrador de vozes ao selecionar as imagens, o conteúdo que considera importante, necessário para a construção da narrativa audiovisual. Resgatando a ideia bakhtiniana, o editor traz em seu discurso as vozes dos outros e articula essas vozes de maneira única, a partir de seu olhar, de sua sensibilidade, de sua vivência, da ideologia do veículo de comunicação.

Angrisano (2018), ao analisar o processo de narrativização e construção da realidade social pelo telejornalismo público, identifica os sentidos do material bruto, do processo de edição e do discurso das narrativas dos acontecimentos. Com relação à edição da imagem, foram observados os seguintes elementos: montagem, preparação das cenas, filmagem (planos e

semântica dos ângulos – intimidade, confronto etc., enquadramentos e seus efeitos expressivos) e os efeitos de sentido. No sentido político, segundo ele,

[...] o Jornal Minas se preocupou em garantir voz a todos os entrevistados, apesar de que nem todos os atores que apareceram nas filmagens brutas foram entrevistados. No extracampo, percebemos também certa moderação ao falar de certos políticos. No sentido sociológico, percebemos uma tentativa de tornar híbridos os acontecimentos; as temáticas, apesar de delimitadas, possuíam um sentido múltiplo, forças econômicas, políticas e sociais ganhavam espaço nas reportagens e nos imaginários transmitidos por elas. No sentido linguageiro, percebemos que a edição priorizou a narrativa indicial, a ancoragem, os discursos diretos, identificações objetivas e poucas qualificações, demonstrando objetividade jornalística do Jornal Minas, busca de concordância com o real, pouco sensacionalismo. (ANGRISANO, 2018, p. 233).

Percebemos com o trabalho de Angrisano (2018), as implicações da edição no trabalho jornalístico, mais especificamente, em um telejornal, em várias esferas seja na política, linguística, sociologia. Podemos inferir a articulação de vozes, a polifonia presente nos discursos.

Resgatando os conceitos do cinema que se adaptam perfeitamente às características do documentário, consideramos a decupagem o primeiro estágio da preparação do filme sobre o papel, servindo como referência para a equipe técnica (AUMONT; MARIE, 2003). Já o enquadramento, segundo os mesmos autores, é um “[...] conjunto do processo, mental e material, pelo qual se chega a uma imagem que contém um certo campo visto de um certo ângulo” (p. 98).

Ao buscarmos, em dicionários sobre cinema, o significado para o termo “montagem”, encontramos definições que descrevem o processo técnico de juntar fragmentos filmicos, os planos uns após os outros, em uma ordem determinada, como em Aumont e Marie (2003, p. 195-196): “A definição técnica de montagem é simples: trata-se de colar uns após os outros, em uma ordem determinada, fragmentos de filme, os planos, cujo comprimento foi igualmente determinado de antemão”. O papel da montagem tem função narrativa, “[...] a mudança de plano, correspondendo a uma mudança de ponto de vista, tem por objetivo guiar o espectador, permitir-lhe seguir a narrativa facilmente” (p. 196). O autor ressalta que a montagem pode produzir outros efeitos, sintáticos, rítmicos, plásticos, entre outros. Montagem de atrações, montagem intelectual e montagem “proibida”. Esses são os estilos de montagens levantados pelo autor.

Podemos citar dois autores que divergem sobre o conceito de montagem, Eisenstein (1898-1948) e Tarkovski (1932-1986). Eisenstein adotou uma montagem relacionada à oposição, choque de planos, enquanto Tarkovski seguiu pelas questões das sequências “naturais”, de longa duração. Em menor ou maior grau, os autores discutiram a montagem cinematográfica a partir de uma perspectiva mais ampliada que só o fazer técnico de colar planos.

Acreditamos que a produção de sentido proposta para a série *Vozes de Mariana* ou em quaisquer produtos audiovisuais, desde a sua ideia até o produto pronto para ser divulgado pela mídia, é estrategicamente pensada e não é construída de forma linear e regular. “O processo de produção de qualquer obra consiste em lutar com o material, em esforçar-se para dominá-lo para obter a concretização plena e perfeita daquela ideia que continua viva para o artista em seu primeiro e imediato impacto” (TARKOVSKI, 1998, p. 109). A montagem, portanto, é muito mais do que só o fazer técnico de colar planos.

Nesse sentido, Eisenstein (2002) definiu a montagem como um elemento eficaz do cinema, sendo que ela extrapola a junção de dois fragmentos cinematográficos, ao percebê-la na interpretação do ator e na escrita do roteiro. O cineasta chama atenção para dois aspectos que transcorrem o que ele chama de princípio da montagem: o primeiro está relacionado ao caráter integrador que a montagem deve ter, de modo que “[...] cada fragmento de montagem já não existe mais como algo não-relacionado, mas como uma dada representação particular do tema geral, que penetra igualmente todos os fotogramas” (EISENSTEIN, 2002, p. 18, grifo do autor); o segundo consiste em uma concepção aberta de montagem, de maneira a criar um estímulo criativo no espectador: “A forçada montagem reside nisto, no fato de incluir no processo criativo a razão e o sentimento do espectador. O espectador é compelido a passar pela mesma entrada criativa trilhada pelo autor para criar a imagem” (EISENSTEIN, 2002, p. 29).

Os elementos escolhidos para ficarem dentro do campo de visão são chamados de enquadramentos. Modro (2008) apresenta sete principais conceitos de enquadramento:

- a) plano geral: é aquele que apresenta todos os elementos que compõem a cena sem focar em específico, permite o maior ângulo de visão do cenário;
- b) plano de conjunto: é utilizado quando se quer dar ênfase a todos os elementos da cena, sendo possível identificar individualmente cada um;

- c) plano americano: enquadra o indivíduo dos joelhos para cima;
- d) plano médio: enquadra o indivíduo da cintura para cima. O personagem é o centro das atenções;
- e) primeiro plano: enquadra o indivíduo do busto para cima. O objetivo é enfatizar diálogos entre os indivíduos;
- f) primeiríssimo plano: enquadra apenas a cabeça do indivíduo e praticamente elimina todo o ambiente. A intenção desse enquadramento é realçar a carga dramática da cena, otimizando, assim, as reações emocionais, como, por exemplo, a lágrima saindo do olho.
- g) plano detalhe/*close*: enquadra uma parte do rosto ou objeto.

Nas figuras a seguir, procuramos exemplificar os planos especificados por Modro (2008) por meio de imagens produzidas pelo *Jornal a Sirene*, produto de comunicação realizado com a participação dos atingidos. O jornal mostra os moradores de Bento Rodrigues e Paracatu e busca contar as suas histórias, se fazerem ouvidos e denunciar as consequências da tragédia. O jornal começou a circular em 2016 e atua como uma forma de protesto, sendo publicado todo dia 5, data em que ocorreu o rompimento.

Figura 7 – Plano Geral



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Figura 8 – Plano Conjunto



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Figura 9 – Plano Americano



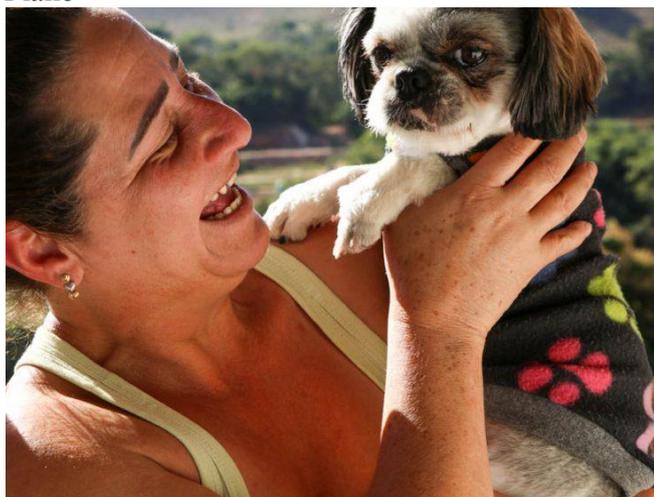
Fonte: *Jornal a Sirene*, 2020.

Figura 10 – Plano Médio



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Figura 11 – Primeiro Plano



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Figura 12 – Primeiríssimo Plano



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Figura 13 – Plano Detalhe



Fonte: *Jornal a Sirene*, 2018.

Dependendo da função, a câmera pode realizar alguns movimentos. A panorâmica é o movimento de rotação sobre o próprio eixo, podendo ser vertical ou horizontal. Já o *travelling* é o deslocamento da câmera vertical ou horizontalmente, seja na mão ou em um suporte. Os

movimentos da objetiva são o *zoom in*, que é a aproximação do ângulo de visão da objetiva, é o movimento que vai de um enquadramento mais aberto para outro mais fechado, e o movimento contrário é *zoom out*, que é o afastamento do ângulo.

Com relação à altura do ângulo, consideramos três posições: 1. Ângulo normal, a posição da câmera está no nível dos olhos da pessoa que está sendo filmada. 2. *Plongée* (palavra francesa que significa “mergulho”) ou “câmera alta”, a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. 3. *Contra-Plongée* (com o sentido de “contra-mergulho”) ou “câmera baixa” a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Na FIGURA 7, podemos perceber esse ângulo, já que voltada para cima.

David Silva e Coura-Sobrinho (2012) abordam o cenário e a relação imagem-texto presentes no telejornal que, para eles, contribuem para a configuração para a hipertextualidade. Mesmo tratando de telejornal, acreditamos que esses aspectos contribuem, no nosso entendimento, para estudar a composição dos documentários.

Os autores tecem discussão de cenografia no teatro desde a Grécia Antiga até os tempos modernos. Na Grécia Antiga, a cenografia era reduzida a pinturas de locais e fachadas em tendas ou *skenes* (local onde os atores se trocavam). O palco era delimitado por um círculo no chão e o público ficava em torno do espetáculo. Já na Idade Média, eram nas igrejas os lugares das encenações e posteriormente nas praças públicas. (DAVID-SILVA; COURA-SOBRINHO, 2012)

O teatro clássico renascentista a partir do italiano Bramante apresenta um cenário em terceira dimensão e cria uma ilusão de real para o espectador. Com a chegada da luz elétrica, o cenário amplia sua importância. Antes, apenas decorativos, os elementos passam a expressar as ideias e emoções com a cenografia moderna. O cinema também utilizou essa forma de representação, mas com a evolução cinematográfica, características próprias e técnicas diferentes são incorporadas. Hoje, conta-se também com a cenografia virtual. (DAVID-SILVA; COURA-SOBRINHO, 2012)

O cenário, para David Silva e Coura-Sobrinho (2012), é, portanto, a ambientação, a porta de entrada para o mundo da informação. Como fundamentam os autores, o cenário de estúdio do telejornal tem a função de passar credibilidade por meio de um processo de referência,

além de captar e seduzir o espectador. Ele reflete o que o jornal é capaz de fazer em relação à tecnologia e às questões estéticas com o intuito de valorizar ainda mais a informação a ser transmitida.

A partir dessas considerações sobre o processo editorial, vamos apresentar as análises realizadas com o *corpus* da pesquisa.

5 SISTEMATIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

A partir do esquema proposto por Charaudeau (2012), exposto na FIGURA 1, tentamos identificar os sujeitos da situação de comunicação da série documental *Vozes de Mariana*, os parceiros que compõem a instância de produção e a instância de recepção nas três situações de comunicação: no registro bruto, no editado e nas entrevistas realizadas por nós.

Na primeira situação de comunicação, no registro bruto, temos no circuito externo, o sujeito comunicante (EUc) que se apresenta como uma instância compósita, isto é, os agentes que compõem o jornal *Estado de Minas* (como os repórteres, produtores, administradores etc.). São eles que detêm o poder sobre o que é ou não publicado. Logo, é o ser comunicante e social. O sujeito interpretante, nessa situação de comunicação, são os próprios jornalistas do jornal *Estado de Minas*, mais especificamente, os editores que irão selecionar os fragmentos de falas para serem levados para o editado.

No espaço interno do esquema de Charaudeau (2012) está o sujeito enunciador (EUe), que é uma projeção do EUc, isto é do veículo que produz documentário. Dessa maneira, identificamos um veículo de comunicação que tenta passar uma imagem de empresa midiática cidadã ao “dar voz” a essas pessoas que sofreram com a perda de familiares e bens. Identificamos, assim, um EU enunciador que busca mostrar que está em defesa dos atingidos, comprometido em divulgar a situação desses moradores de Bento Rodrigues e Paracatu que perderam suas casas e, além disso, é um sujeito qualificado, preparado para produzir uma série documental com esses atingidos em poucos dias após o rompimento da barragem devido à sua história jornalística no cenário mineiro.

O sujeito destinatário (TUd) é o público visado, que corresponde, de forma geral, ao perfil dos internautas e prováveis assinantes do *Portal*. Um possível interpretante desse TU destinatário seria um público que espera um jornalismo do *Estado de Minas* mais crítico, combativo, denunciante, que tenta esclarecer o que aconteceu naquele dia 5 de novembro de 2015 e está do lado daqueles que foram os mais prejudicados.

Com relação à segunda situação de comunicação, nos documentários editados, temos o mesmo sujeito comunicante (EUc) do registro bruto. O TU destinatário, no editado, é mais

bem delimitado, pois certas estratégias e escolhas utilizadas para emocioná-lo e captá-lo podem ser obtidas por meio da edição.

O sujeito interpretante, nessa situação de comunicação, é o espectador real do documentário, pessoas que, de fato, “navegam” pelo *Portal*. O sujeito comunicante, nesse sentido, busca produzir efeito de discurso sobre o TU Interpretante (TU_i), porém a interpretação que este faz do discurso produzido não é tangível pela instância de produção.

No espaço interno, o sujeito enunciador (EU_e), são os entrevistados, mas com o filtro do jornal que busca mostrar que está comprometido em mostrar o lado dos moradores de Bento Rodrigues e Paracatu que perderam suas casas e, além disso, é um sujeito qualificado, preparado para produzir uma série documental.

Na terceira situação de comunicação, as entrevistas realizadas por nós com os três atingidos, o EU comunicante é a mulher Flávia Pereira Dias Menezes, o EU enunciadora é a pesquisadora que se predispôs em analisar documentários sobre os atingidos pela barragem em Mariana. O TU destinatário (TU_d) é o público visado, que corresponde aos possíveis leitores desta tese, membros da banca de avaliação e outros pesquisadores interessados no tema. O Tu interpretante (TU_i) são os leitores reais da tese.

Outro elemento externo da situação de comunicação é a finalidade ou a intencionalidade. No portal do jornal, há a predominância da visada informativa, porém temos também a visada de captação, pois há publicidades e percebemos, inclusive, o patêmico em imagens e títulos. A série documental *Vozes de Mariana* tem como visada dominante a visada patêmica, a de “fazer sentir”, em que o EU tem a intenção de provocar sensações no TU que está em posição de se sensibilizar. No entanto, como é um produto construído por um veículo de comunicação que tem a finalidade de informar seus leitores, percebemos também a presença da informativa (ou de “fazer saber”), isto é, o *Estado de Minas* está na posição de conhecedor em relação ao TU, que está na posição de dever saber. O Eu utiliza testemunhos das pessoas que foram atingidas pelo rompimento da barragem para passar credibilidade à informação. A partir disso, citamos Halbwachs (2003) quando parte do pressuposto de que a lembrança “se materializa na linguagem”. Para ele, “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma

informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (HALBWACHS, 2003, p. 29).

Outro dado que constitui a situação de comunicação é o propósito que tem a ver com o objeto temático da troca languageira, ou seja, do que se trata uma série documental? No caso do jornal *Estado de Minas*, a instância pertence ao universo do discurso midiático de informação. No caso da série, o TU interpretante, ao assisti-la, identifica elementos que são característicos de um tipo de discurso que se coloca como “verdade”, conquanto saibamos que do acontecimento em estado bruto ao acontecimento noticioso, existe um processo de percepção-captura-sistematização-estruturação.

O último elemento externo extralinguístico são as circunstâncias materiais de realização que estão relacionadas aos próprios recursos da internet, que é composta por multimídia, imagens e palavras, que são elementos interdependentes.

O gênero situacional é o documentário e há a predominância de estratégias descritivas e narrativas. Com relação aos modos de organização do discurso detectamos nos documentários o enunciativo, narrativo e o descritivo que apresentaremos a seguir.

5.1 Os modos de organização enunciativo, descritivo e narrativo nos documentários

Destacaremos aqui, por meio da análise do *teaser*, as principais construções enunciativas encontradas na série documental *Vozes de Mariana*, ressaltando os comportamentos enunciativos mais recorrentes e as funções que eles exercem nas narrativas. A configuração discursiva é marcada majoritariamente pela presença de atos elocutivos, nos quais os enunciados são apresentados pelos pontos de vista do enunciador. Nos trechos que serão apresentados, podemos perceber o posicionamento do entrevistado/atingido em relação às informações por ele apresentadas. Esse posicionamento é observado por meio da adoção de verbos na primeira pessoa do singular ou do plural e também pelo uso de advérbios e conjunções que corroboram a construção do ponto de vista do entrevistado. Nesse caso, é possível dizer que os entrevistados constroem um discurso subjetivo, com vistas a circunscrever uma impressão o que vivenciou, pois estão explícitas as impressões e opiniões

deles. Nos trechos a seguir, assinalamos, as palavras e expressões que sinalizam a presença do ato elocutivo.

***Eu acho** que esse dia foi o meu Dia D. **Acho que** cada um na vida tem o Dia D dele. É o dia que vai testar cada um, mas esse foi o **meu** Dia D. (Leonard Fasah)*

*Quando **nós** chegamos ao alto, a lama já tinha ido e voltado. **Quando vi**, veio uma árvore, bateu na **minha** casa, levantou e ela desmanchou de uma vez. (Marinalva Salgado).*

***Eu** salvaria meu cachorro. Chamava Jason. Porque ele tomava conta da minha família. **Eu** o criei para isso. (Onézio Souza).*

*Se alguém não tem fé, **eu tenho**, porque existe a mão de Deus. Se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria lá. (Leontina Marcelino).*

Com relação ao modo de organização do discurso narrativo, como estamos trabalhando com um contar sobre um dia específico, sobre um acontecimento em que as pessoas que narram foram vítimas de uma tragédia, não temos um desdobramento de uma narrativa com começo, meio e fim, ou seja, com dados da infância, um ato que a pessoa se destacou e a sua morte. Mesmo assim, podemos sinalizar alguns aspectos que mostram a narração dos fatos, como as últimas ações dos entrevistados no dia 5 de novembro de 2015. Nas falas de Marcelo e Pamela, por exemplo, eles narram os últimos momentos com as pessoas da família que morreram no dia do rompimento da barragem e, assim, assinalamos, as expressões que sinalizam a presença do modo narrativo.

*Ela falou que **minha mãe** estava no terreiro de casa com a lama já batendo no joelho dela. **Aí veio uma onda e jogou ela para dentro da lama. E ela sumiu lá no meio da lama.** (Marcelo José Felício).*

*A última coisa que tive da minha filha foi **um beijo, um abraço e mais nada.** (Pamela Rayane).*

Além do narrativo, observamos o modo descritivo nas falas dos entrevistados. O modo descritivo possui três tipos de componente autônomos e indissociáveis: nomear, localizar-situar e qualificar. No trecho de Sandra Quintão, a seguir, destacamos o momento em que ela qualifica a sua casa, permitindo manifestar o imaginário do sujeito falante, imaginário da construção e da apropriação do mundo. No segundo trecho, José do Nascimento localiza-situa, ao descrever o que encontrou em Bento Rodrigues quando lá foi morar, ele determina o lugar que o ser ocupa no espaço.

Era a minha casa, a mais bonita, a mais antiga, tinha um piso de pedra nela de dar inveja eu acho que isso a lama não levou não. A minha casa era ligada ao bar; então, a minha sala, se eu deixasse a porta aberta, o pessoal via a minha sala. Era uma casa de 20 cômodos, então tinha os cômodos do bar e da minha casa. (Sandra Quintão).

Quando eu cheguei ao Bento, lá tinha 35 a 36 casas. Então, aquela amizade, pessoal foi criando família, foi crescendo Bento; é o lugar que a gente viu as famílias criarem, nós crescemos juntos; então, coisas que eu não fiz em outro lugar. (José do Nascimento).

O modo descritivo exerceu papel preponderante nas narrativas. Os sujeitos contam com riqueza de detalhes os cômodos de suas casas. Esse processo nos diz muito sobre a premissa de Halbwachs (1994) de que o ato de recordação, além de ser determinado pelos grupos aos quais pertencemos, baseia-se na localização dos lugares, objetos, tempos que foram significativos para o sujeito.

Antes de analisarmos o bruto e o editado de *Voices de Mariana*, fizemos uma investigação do *teaser* apresentado pelo jornal *Estado de Minas* e utilizamos como instrumentos de análise, sobretudo, imaginários sociodiscursivos, interdiscursividade e patemização. O *teaser* se constitui de narrativas de alguns atingidos e pessoas que estavam presentes ou testemunharam os danos do rompimento da barragem da Samarco em 5 de novembro de 2015, materializadas em um especial audiovisual de 3min11. A seguir, reproduzimos a transcrição desse vídeo com os respectivos *frames* dos vídeos com os entrevistados:

Figura 14 – Sandra Quintão



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 1:

Cruel, foram cruéis mesmo. Não tiveram compaixão da gente. Muito cruel, fui arrancada da minha casa, muito, muito triste. Foi o pior momento da minha vida. (Sandra Quintão).

Figura 15 – Marcelo José Felício



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 2:

Ela falou que minha mãe tava no terreiro de casa com a lama já batendo no joelho dela. Aí veio uma onda e jogou ela para dentro da lama. E ela sumiu lá no meio da lama. (Marcelo José Felício).

Figura 16 – Pamela Rayane



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 3:

A última coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e mais nada. (Pamela Rayane).

Figura 17 – Marinalva Salgado



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 4:

Quando nós chegamos ao alto, a lama já tinha ido e voltado. Quando vi, veio uma árvore, bateu na minha casa, levantou e a desmanchou de uma vez. (Marinalva Salgado).

Figura 18 – Leonard Fasah



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 5:

Eu acho que esse dia foi o meu Dia D. Acho que cada um na vida tem o Dia D dele. É o dia que vai testar cada um, mas esse foi o meu Dia D. (Leonard Fasah).

Figura 19 – Mírian Carvalho



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 6:

Nesse momento de lanche, eu estava escutando um barulho. Era como se fosse um motor ligado. Vem muito na minha mente turbina de avião. (Mírian Carvalho).

Figura 20 – Nívea da Silva



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 7:

Quando cheguei lá, no ônibus das quatro, estavam avisando que a represa tinha arrebentado. Eu mesma não estava acreditando que tinha arrebentado não. (Nívea da Silva).

Figura 21 – Edinaldo da Silva



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 8:

Foi uma correria, um chorava, um gritava. Todo mundo correu para a parte mais alta. (Edinaldo da Silva).

Figura 22 – Marcos Júnio de Souza



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 9:

Quando eles gritaram que a barragem estourou, já não dava tempo de sair. Quando fomos pra porta, a água já estava entrando em casa, levantando carro. (Marcos Júnio de Souza).

Figura 23 – Maria do Carmo



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 10:

Não existia Bento mais. Só existiam as coisas indo pela água abaixo, pessoas no barro. (Maria do Carmo).

Figura 24 – Geraldo da Silva



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 11:

Tranquilo nada. Acabou com a minha vida. Cachorro é a que a gente sente mais falta, galinha é fácil de repor, mas cachorro... (Geraldo da Silva).

Figura 25 – Onézio Souza



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 12:

Eu salvaria meu cachorro. Chamava Jason. Porque ele tomava conta da minha família. Eu o criei para isso. (Onézio Souza).

Figura 26 – Leontina Marcelino



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 13:

Se alguém não tem fé, eu tenho, porque existe a mão de Deus. Se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria lá. (Leontina Marcelino).

Figura 27 – José Pascoal



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 14:

Cheiro de boi podre, quando o boi ta apodrecendo. Muito ruim. E aquilo ali atacou pra cabeça. (José Pascoal).

Figura 28 – Paula Geralda Alves



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Trecho 15:

Toda noite ele me acorda e fala: “Mamãe, aqui em Mariana tem ‘varragem’, não? Vamos precisar correr para morro não?” “Não, João Pedro, aqui estamos tranquilos”. (Paula Geralda Alves).

Figura 29 – José do Nascimento



Trecho 16:

O que a gente viu, saindo de casa, percorrendo quase um quilômetro para correr de lama. A gente não vai esquecer nunca. (José do Nascimento).

Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Na composição do vídeo, os enunciadores narram suas experiências no dia do rompimento da barragem, contam o que viram e sentiram naquele dia. O vídeo foi divulgado em um portal de notícias e espera-se que o produto esteja com características próprias do contrato de comunicação jornalístico, com a presença do jornalista, o narrar do acontecimento pelo narrador (jornalista), entre outras peculiaridades do meio. Porém, o que interlocutor encontra é o gênero documentário, com “narrativas de experiências de vida”. Devemos assinalar, a partir das observações feitas, que se privilegiou o testemunho e mais a visada de captação em detrimento da visada de informação, já que o *teaser* tem a finalidade de “convidar” as pessoas para assistirem aos próximos vídeos. É uma espécie de “vitrine”, um pouco do que se vai ter acesso posteriormente caso o internauta assista aos outros documentários, por isso a ideia de captação.

O audiovisual responde a perguntas basilares para a ocorrência de relatos de vida: Quem? (narradores dos relatos) – os atingidos pela barragem da Samarco, em Mariana (MG); O quê (o fato narrado) – relatos de passagens vivenciadas pelos atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos; quando (tempo) – 5 de novembro de 2015; Como? (de que maneira) – os atingidos presenciaram ou vivenciaram o drama de verem suas casas e familiares serem levadas pela lama; Por quê? (qual a causa do fato?) – problemas técnicos da barragem de rejeitos. Em todos os enunciados, há marcas gramaticais e lexicais que retratam bem os relatos de experiências de vida, como o emprego de pronome de primeira pessoa do discurso (“eu” e “nós”) para narrar aquilo que os atingidos presenciaram e viveram.

A instância de produção (jornal *Estado de Minas*) projeta diversos biografemas que seriam uma representação dos fragmentos de uma vida (BARTHES, 2003), espécie de invenção

pautada num modelo real imaginário que visa garantir contornos específicos a uma biografia. Para o vídeo, constata-se que os biografemas utilizados como critérios para a construção do roteiro foram a situação de desespero ao expor a brutalidade do acontecimento e a irresponsabilidade da Samarco (que está no nível do subentendido); as perdas de pessoas da família; o que os atingidos presenciaram no dia do rompimento; o que eles ouviram e viram; a saudade e os apegos; a vida após o acontecimento; a manifestação da fé; e o não esquecimento daquele dia trágico.

Considerando a patemização uma categoria de efeito, serão destacadas algumas passagens do relato que se caracterizam pelo emprego de estratégias que desencadeiam emoção. O primeiro enunciador, Sandra Quintão (Trecho 1), dá início ao vídeo já bastante emocionada e com choro evidente. Introduzir um vídeo com uma pessoa já em prantos, além de ser uma forma de captação do espectador, é uma estratégia patemizante, já que se pretende mostrar o desespero do ser humano ao perder sua casa e seus pertences, causando, assim, emoção no outro. No Trecho 1, podemos identificar a utilização de estratégias de patemização, como palavras que descrevem de modo transparente a emoção e palavras que desencadeiam esse sentimento.

A repetição da palavra “cruel”, por exemplo, é uma forte estratégia de emoção, demonstrador, tristeza, revolta e raiva. E os índices de avaliação (“muito triste”, “muito cruel”) também reforçam essa estratégia. A expressão “pior momento da minha vida” é desencadeadora de efeitos patêmicos e a palavra “compaixão” descreve emoção, tendo em si uma tonalidade patêmica. A expressão “fui arrancada” exprime uma situação violenta, que pode provocar angústia e raiva no espectador. Mas quem foram essas pessoas que cometeram a crueldade e não tiveram compaixão de Sandra? Silenciam-se, nesse trecho, os grandes responsáveis pela tragédia.

Está no âmbito do subentendido que o rompimento da barragem da Samarco poderia ter sido previsto e que as pessoas envolvidas, responsáveis, poderiam ter evitado a tragédia e ter tido compaixão pelos moradores de Bento Rodrigues.

Os enunciados de Marcelo José Felício e Pamela Rayane selecionados para o *teaser* do documentário retratam as perdas de familiares, da mãe e da filha, respectivamente, desencadeando, dessa forma, sentimentos emotivos fortes no interlocutor. Os enunciados dos Trechos 2 e 3, respectivamente, “veio uma onda e a jogou pra dentro da lama” e “a última

coisa que tive da minha filha foi um beijo, um abraço e mais nada” desencadeiam emoção e reforçam que a ação foi inesperada, de modo que a mãe de Marcelo e a filha de Pamela não tiveram tempo para correr e sair daquela situação. Entendemos, a partir das falas, que eles perderam seus familiares naquele dia.

Após o terceiro trecho, o *teaser* segue com uma trilha sonora, com uma pausa nas falas dos atingidos. Pragmaticamente, podemos considerar a pausa uma atitude do falante para impressionar o interlocutor, servindo ainda para chamar atenção para o que vai ser dito em seguida e atribuindo valor ao que se diz. Essa trilha sonora é acompanhada com a imagem com os nomes de todos os entrevistados, posteriormente é realçada uma letra de cada nome e a partir dessas letras é formado o nome da série documental *Vozes de Mariana*. Discursivamente, essa formação remete às vozes dos atingidos que estão se entrelaçando, se unindo para contar o que viveram no dia do rompimento da barragem. São demandas, histórias contadas individualmente, de acordo com o olhar de cada um para aquele dia, mas, ao mesmo tempo, entendemos, que é um grito coletivo, são vozes que se integram para narrar o acontecimento.

Nos enunciados dos Trechos 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14 e 16, os narradores contam o que presenciaram, viram naquele dia, narram os fatos segundo seus pontos de vista, seus olhares. As marcas da subjetividade em “quando nós”, “quando vi”, “quando fomos”, “eu” e a descrição de detalhes da lama destruindo as casas e levando pessoas possibilitam ao interlocutor “experienciar” o que os atingidos vivenciaram, fortalecendo o poder de patemização dos discursos.

Esses trechos descrevem o pânico dos atingidos e reconstroem o acontecimento, o que reforça o efeito patêmico: “veio uma árvore, bateu na minha casa, levantou e ela desmanchou de uma vez”; “Era como se fosse um motor ligado. Vem muito na minha mente turbina de avião”; “Foi uma correria, um chorava, um gritava. Todo mundo correu para a parte mais alta”; “A água já tava entrando em casa, levantando carro”; “Não existia Bento mais. Só existia as coisas indo pela água abaixo, pessoas no barro”; “Cheiro de boi podre”. Os enunciados provocam emoção ao constituírem descrição ordenada de uma ação que se repete com os sujeitos e que reforça o caos, o desespero.

Em dois enunciados, Trechos 11 e 12, temos dois enunciadores que fazem menções a situações vividas ao se lembrarem dos animais de estimação que foram levados pela lama e o apego que tinham com eles. Os trechos reforçam a relação entre o cachorro e o homem, sendo o cão considerado o melhor amigo do homem, fiel, companheiro. A angústia e tristeza pela perda e a insatisfação com tudo que aconteceu podem ser vistas em “acabou com a minha vida” e “eu salvaria meu cachorro”.

Já no enunciado seguinte, Trecho 13, há o *topoi* “Se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria ali”, vemos a utilização da questão da fé, do desejo divino para que a “fatalidade” não fosse pior, o que contribui para o efeito patêmico. De modo geral, são as tópicas de dor, raiva, revolta e apego presentes nos discursos dos sujeitos.

Com relação aos imaginários sociodiscursivos, percebemos tragédia e caos nos discursos dos entrevistados. Nos Trechos 2 e 3, observamos o imaginário da perda quando Marcelo José Felício e Pamela Rayane narram as últimas ações de seus familiares em vida. O imaginário da destruição provocada pela lama pode ser observado nos Trechos 4, 8, 9 e 10.

O discurso do Trecho 15 se constrói pelo comportamento delocutivo, ou seja, uma relação que se constitui com um terceiro, havendo um apagamento do locutor e do interlocutor. Identificamos que, no discurso relatado (que se caracteriza por um texto de outro locutor), o propósito é a fala do filho de Paula, que dá a entender ser uma criança: “Mamãe, aqui em Mariana tem ‘varragem’, não? Vamos precisar correr para morro não?”. Mostra-se, assim, uma criança preocupada com a possibilidade de uma nova situação de rompimento de barragem que pode desencadear uma série de sentimentos no interlocutor como compaixão, angústia por uma criança já preocupar com esse tipo de situação.

Com relação ao interdiscurso, identificamos na fala de Leonard Fasah (Trecho 5) o discurso militar quando expressa que o 5 de novembro de 2015 foi o seu Dia D. Ele diz que cada um na vida tem o Dia D, que é o dia que vai testar cada um. No vocabulário militar, o termo Dia D (do inglês D-Day) é utilizado para indicar o dia em que um ataque ou uma operação do combate devem se iniciar. Ficou mais conhecido durante a Segunda Guerra Mundial.

Podemos salientar também a presença do discurso religioso quando Leontina Marcelino (Trecho 13) diz que se não fosse a mão de Deus, ninguém estaria no local da tragédia. A

questão da fé está bem evidente e pode ser remetida ao Salmo 124 da Bíblia Sagrada, quando o rei Davi afirma duas verdades fundamentais das Escrituras: Deus é o único capaz de salvar e o único meio da salvação é a confiança em Deus.

O vídeo é finalizado com um senhor de idade dizendo que é um acontecimento que não irá sair da memória dos atingidos, convidando o interlocutor, dessa forma, a não deixar que o fato fique no esquecimento. Uma das interpretações possíveis para o fechamento do *teaser*, com um senhor de idade dizendo que o dia 5 de novembro de 2015 não vai cair no esquecimento pela brutalidade do ocorrido, pode sugerir às pessoas que estejam assistindo ao vídeo que não deixem que aquela tragédia seja esquecida.

A trilha sonora adotada nos documentários é a sonata *Moonlight*, do alemão Ludwig van Beethoven. A sonata foi escrita em 1801, e Beethoven atribuiu-lhe o nome italiano *Quasi una fantasia*, porque a peça não segue a estrutura convencional das sonatas da época e dedicou a obra à Giulietta Giucciardi, por quem estaria apaixonado. Em 1832, depois da sua morte, o crítico musical alemão Ludwig Rellstab comparou os sentimentos despertados pelo primeiro andamento da sonata às sensações experienciadas durante o nascer do astro lunar no Lago Lucerna, na Suíça. A sonata de Beethoven passou a ser conhecida como a *Sonata ao Luar*. O ambiente dramático e obscuro domina a música, além da melancolia presente. A trilha sonora escolhida para o documentário contribui, dessa forma, para causar no outro uma sensação de melancolia e compadecimento com o sofrimento do outro.

Identificamos, com o uso da *Sonata*, a capacidade argumentativa do locutor para tentar causar no outro a sensação de desconforto diante da situação, aquilo que o emocione. O jornal *Estado de Minas* valeu-se de sua competência de estruturação dos relatos de experiências de vida para convencer o interlocutor da barbaridade do acontecimento, ao dar a voz para essas pessoas que normalmente não têm espaço na grande mídia. Porém, ao mesmo tempo em que dá voz a essas pessoas, as narrativas silenciam a responsabilidade de profissionais e dirigentes da Samarco; em nenhum momento é mencionado o nome da empresa. Essa não menção ao nome da empresa pode ser resultado de diversos fatores incluindo a intenção do jornal em ouvir apenas o lado dos prejudicados da história, os que foram efetivamente atingidos, sem entrar em polêmicas, acusações.

São visíveis as marcas da heterogeneidade mostrada, do discurso relatado, no *teaser*, por meio do discurso direto dos atingidos. A importância do discurso relatado, como assinala Maingueneau (1997), é ocultar-se por trás do outrem, sendo uma forma hábil, por ser indireta, de sugerir o que se pensa, sem se responsabilizar por isso.

Aí reside toda a ambiguidade do distanciamento: o locutor citado aparece, ao mesmo tempo, como o não-eu, em relação ao qual o locutor se delimita, e como a “autoridade” que protege a asserção. Pode-se tanto dizer “o que enuncio é verdade porque não sou eu que o digo”, quanto o contrário. (MAINGUENEAU, 1997, p. 86).

Considerando o discurso fundador³⁶, de acordo com a definição de Orlandi (2007), muitos aspectos do acontecimento estão silenciados nesse *corpus*, como, por exemplo, que houve falhas de manutenção e prevenção da barragem por parte da empresa e de fiscalização por parte do poder público. Estão silenciadas as garantias fundamentais baseadas no princípio da dignidade humana protegidas às vítimas. Está silenciado que não existia, no momento do desastre, um botão de pânico, uma sirene que alertasse a comunidade. A população, dessa forma, não soube para onde correr, ou o que fazer.

Com relação às imagens apresentadas no *teaser*, todos os entrevistados estão sentados em um banco e a imagem de fundo é o que diferencia um enquadramento de outro, como, por exemplo, um campo de futebol, uma igreja, uma praça. Os locais escolhidos para entrevista com cada sujeito enunciativo estão diretamente relacionados às falas deles. Leontina Marcelino, por exemplo, fala da fé e está sendo filmada em uma igreja; Geraldo da Silva está em um ambiente onde há criação de animais e fala de seu cachorro. Parece existir, portanto, a intencionalidade do jornal em posicionar o entrevistado em um ambiente em que ele se sinta à vontade, esteja familiarizado e possa passar para o interlocutor essa identificação.

³⁶ Fundador no sentido de que o silêncio é garantia do movimento de sentidos e que todo processo de significação traz uma relação necessária com o silêncio. “O silêncio é a própria condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço ‘diferencial’ da significação: ‘lugar’ que permite à linguagem significar” (ORLANDI, 2007, p. 68). A autora, dessa forma, distingue o silêncio fundador, que é aquele que existe nas palavras, o não-dito; e a política do silêncio, o mesmo que silenciamento. A política do silêncio nos indica que, ao dizer, e sujeito estará, necessariamente, não dizendo “outros” sentidos, ou seja, o silêncio recorta o dizer, apagando-se os outros sentidos possíveis. A política do sentido tem duas formas de existência: o silêncio constitutivo e o silêncio local. O primeiro é o mecanismo que põe em funcionamento d que é preciso não dizer para poder dizer, ou determina que, ao dizer algo, outros sentidos se apagam. A segunda forma de existência da política do silêncio, o silêncio local, manifesta-se pela interdição do dizer, por exemplo, pela censura. A censura, nas palavras da autora, “[...] não é um fato circunscrito à consciência daquele que fala, mas um fato discursivo que se produz nos limites das diferentes formações discursivas que estão em relação” (p. 76), sendo que ela afeta, de imediato, a identidade dos sujeitos.

Ao utilizar um banco para os entrevistados se sentarem, interpretamos como uma forma de manter com seu interlocutor uma “conversa franca”, “olho no olho”. É o elemento que liga todas as entrevistas, é o aspecto de inter-relação das histórias. Ele remonta às conversas nas calçadas entre moradores de determinadas cidades do interior de Minas Gerais. Mas, ao mesmo tempo, ficar naquele banco certo tempo, já que não possui um encosto, pode trazer um desconforto para o entrevistado. Discursivamente, esse desconforto está também relacionado à condição em que passavam os atingidos naquele momento, pois existia a insegurança por não saberem até quando a empresa Samarco oferecerá amparo, assistência; e, ainda, por não terem perspectiva de futuro; por não saberem quanto tempo permaneceriam hospedados em um hotel e quando irão ter uma casa e retornarão à convivência com os vizinhos de Bento Rodrigues. Utilizando os conceitos de Barthes (1990) sobre a imagem, podemos constatar a predominância do *relais*, já que a palavra e a imagem se complementam e está no nível do simbólico.

Retomando a argumentação de David Silva e Coura-Sobrinho (2012) sobre o cenário e a relação imagem-texto, podemos considerar que o cenário da série documental é realista por não existir uma montagem, uma construção de cenário para a condução das entrevistas, mesmo que o local da filmagem seja escolhido previamente, logo há uma ideia de real que é condicionada pela escolha da produção da série.

Sobre os enquadramentos, o plano conjunto é predominante. Os entrevistados estão enquadrados separadamente em um plano aberto, de corpo inteiro, o que nos permite visualizar o ambiente em que estão inseridos. Podemos considerar que a ideia do enquadramento de *Vozes de Mariana* é aproximar o público espectador da situação vivenciada por aqueles atingidos e incluí-lo naquele cenário, naquela história narrada. O ângulo adotado é o normal, ou seja, a câmera está no nível do entrevistado. Discursivamente, podemos interpretar que os atingidos estão falando diretamente para a pessoa que está assistindo, como se estivesse sentada em sua sala conversando sobre o que aconteceu naquele dia, é uma maneira de aproximar o público da peça midiática.

Ainda com relação à imagem, podemos perceber no vídeo uma coloração, a cor sépia que se estende por todo o documentário. É a utilização de uma camada na cor bege/marrom em cima das imagens diminuindo sua opacidade. Percebemos ainda o uso de sombras “lavadas”, ou seja, as sombras são mais em tons escuros de cinza do que preto, causando um efeito

desbotado na imagem. Discursivamente, essa cor com ar de envelhecido, mais escura, sugere a presença de um registro documental, histórico, em que se pretende reconstruir a memória dessas pessoas que vivenciaram o dia 5 de novembro de 2015. É uma mudança de cor intencional que pode ter sido utilizada para remeter ao “mar de lama” que envolveu Mariana. Ao mencionar nos créditos “Cor e finalização: Fred Bottrel”, concluímos que houve, sim, uma intencionalidade com o processo de colorização nas imagens.

Aumont e Marie (2003, p. 98) definem o enquadramento como um “[...] conjunto do processo, mental e material, pelo qual se chega a uma imagem que contém um certo campo visto de um certo ângulo”. Podemos considerar, a partir desse conceito, que o *teaser* privilegiou um enquadramento em que o entrevistado divide a cena com um ambiente que, de certa forma, está relacionado com os dizeres dele. Discursivamente, essa escolha pode sinalizar que o entrevistado é um atingido entre tantos que foram vítimas dessa tragédia. Trazer a lama que tomou conta de Bento Rodrigues de pano de fundo, assim como uma igreja, um sítio com animais, a cidade de Mariana, entre outros cenários utilizados, revela-nos a dimensão que a tragédia proporcionou.

De forma geral, constatamos que está subentendido no documentário que os laços sociais, o cotidiano, as identidades, enfim, a noção de comunidade daquelas pessoas foi perdida. Podemos considerar, nesse sentido, a presença dos imaginários da vida interiorana e a mineiridade³⁷. O distrito Bento Rodrigues, por estar no interior de Minas Gerais, em uma localidade com poucos moradores em que todos se conheciam, podemos presumir que era um lugar tranquilo, calmo.

“Os detalhes diversos de uma maneira desaparecida de viver são a única maneira de perseguir a catástrofe”. O vídeo é finalizado com essa citação do livro *Vozes de Tchernóbil*, da jornalista e escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch, que inspirou a produção de *Vozes de Mariana*. A partir dessa citação, subentendemos que uma das propostas do vídeo foi resgatar a memória do acontecimento por meio dos relatos dos atingidos.

³⁷ A ideia de mineiridade é uma projeção, um *ethos*, uma construção com diversas contradições e pormenores. Destacamos a conceituação de França (1998) que trata o conceito de mineiridade como uma construção em movimento “a partir das formas sociais vivas, das relações e dos fatos do cotidiano” (p.99)

Assim finalizamos a análise do *teaser* e, a partir de agora, vamos analisar os materiais brutos e editados em cada um dos três entrevistados: José do Nascimento, Marinalva Salgado e Sandra Quintão.

5.2 Entre o bruto e o editado – material midiático

5.2.1 José do Nascimento (Seu Zezinho)

A entrevista do jornal *Estado de Minas* com o atingido José do Nascimento, documentada nos registros brutos, teve a duração de 37min35. No QUADRO 3, detalhamos os temas abordados e os seus respectivos tópicos relacionando-os com o tempo que lhes foi destinado. A sequência apresentada no quadro está de acordo com o encadeamento dos temas nas falas do entrevistado presentes nos registros brutos.

A equipe de jornalismo posicionou um banco onde o entrevistado ficou sentado, sendo filmado de dentro de um imóvel tendo, ao fundo, um ambiente bucólico, onde vemos o que parece ser uma Palmeira Imperial e telhados de algumas casas, este cenário compõe o panorama do vídeo, como pode ser observado na FIGURA 23. Portas e grades ao fundo são elementos que concorrem para marcar a arquitetura da cidade histórica, de casarões antigos. Nos vídeos brutos a que tivemos acesso, podemos perceber que a câmera estava parada e focada diretamente no entrevistado, sem a presença física do entrevistador no enquadramento. O plano conjunto é o único utilizado, com o entrevistado em destaque, mas o cenário ao redor dele. O ângulo normal é o utilizado. Não existe uma construção de um cenário para que fosse realizada a entrevista, como se faz em um estúdio de televisão, por exemplo. O cenário é, portanto, realista.

Figura 30 – José do Nascimento



Fonte: ESTADO DE MINAS, 2015.

O que percebemos nas perguntas feitas pelos jornalistas é que os entrevistadores já tinham um conhecimento prévio do que o entrevistado gostava, com que trabalhava, portanto, muitas perguntas foram bem direcionadas. Percebemos, dessa forma, que os jornalistas (entrevistadores) tiveram um papel fundamental na condução dos assuntos que foram tratados na entrevista. No caso de José do Nascimento, a paixão pela música e a forte convivência com a esposa foram assuntos bem explorados, como pode ser percebido no quadro a seguir.

Quadro 3 – Relação temas e tempo com o entrevistado José do Nascimento³⁸

Temas	Tópicos	Tempo
História	História com Mariana	1min14
	História com Bento Rodrigues	52seg
Família	Relação com esposa e filhos	5min05
Cotidiano	Descrição da casa em Bento Rodrigues	2min36
	Dia a dia em Bento Rodrigues	1min6
	Descrição de Bento Rodrigues	2min22
	Convivência entre moradores	2min44
Tragédia	O dia 5 de novembro de 2015	6min46
Diversão	Relação com a música	7min49
Cotidiano	Descrição de Bento Rodrigues	1min
Tragédia	O dia 5 de novembro de 2015	56seg
Saúde	Saúde	1min29
Meio Ambiente	Natureza	3min36

Fonte: Elaborado pela autora.

Os tópicos que demandaram maior tempo da entrevista foram, respectivamente, “Relação com a música”, “O dia 5 de novembro de 2015” e “Relação com esposa e filhos”. Como José do Nascimento toca instrumentos e faz *shows* com a esposa, a entrevista se estendeu um bom tempo nessa temática. Já sobre o dia 5, o entrevistado relatou o que estava fazendo antes do rompimento da barragem, como recebeu a notícia do rompimento, como fez para se salvar da lama e ajudar outras pessoas. O tópico “Relação com esposa e filhos” foi bem explorado na entrevista, as perguntas foram voltadas para como conheceu a esposa e como começou o relacionamento.

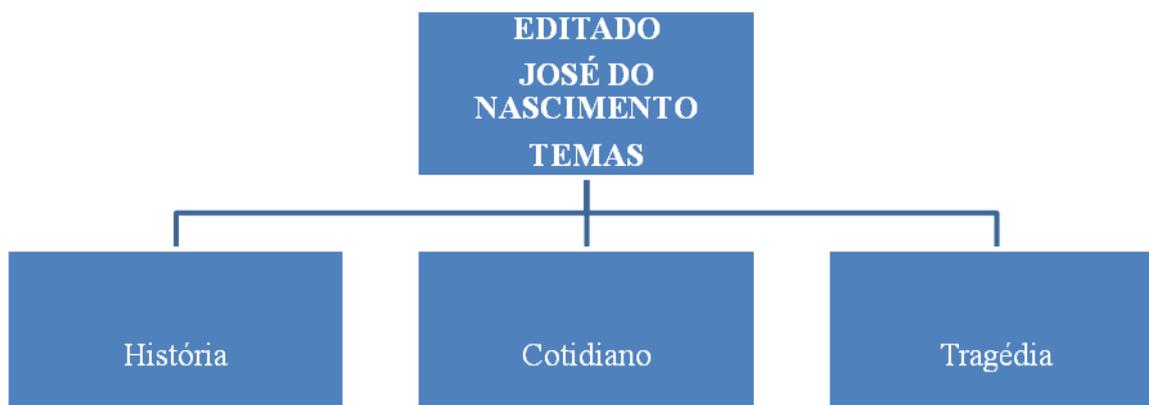
³⁸ O gráfico que representa as temáticas está disponível mais adiante, quando analisamos o material editado e comparamos este e o bruto.

Os temas “Cotidiano”, “Diversão”, e “Tragédia” foram, respectivamente, os mais abordados durante a entrevista, sendo que “Cotidiano” e “Tragédia” foram retomados pelo entrevistador.

5.2.1.1 Editado – “Vai ficar na memória o que a gente tinha”

Com o título *Vai ficar na memória o que a gente tinha*, escrito ao abrir o vídeo de José do Nascimento, já percebemos o enfoque que o jornal *Estado de Minas* pretendeu dar para esse documentário, ou seja, que tudo que tinha se perdeu e agora só restam as lembranças. A duração do documentário é de 3min22, incluindo trilha sonora e ficha técnica. A fala de José do Nascimento dura 2min50. A imagem que se tem é do atingido sentado em um banquinho, que está posicionado em uma varanda perto de uma porta com uma paisagem ao fundo que mescla natureza (árvore) e cidade (telhados). Em alguns momentos, o rosto e as mãos do entrevistado aparecem em *close*. O que se prioriza no editado é o dia da tragédia, o que ele presenciou, viu e sentiu, o resgate das pessoas, a preocupação com outros moradores. Além disso, há passagens em que se aborda a relação de José do Nascimento com Bento Rodrigues, desde quando comprou sua casa e se mudou para o distrito; o convívio com os outros moradores, que, segundo ele, era sempre amigável; a religiosidade dele, sua relação com a igreja e com a família. A seguir, fizemos um esquema que detalha os temas abordados no vídeo editado:

Figura 31 – Temas abordados no documentário editado com José do Nascimento



Fonte: Elaborada pela autora.

Mesmo que o tema “História” não tenha sido um dos mais explorados quando observamos a entrevista no material bruto, na versão editada foi dado um destaque para a história de José do Nascimento em Mariana e Bento Rodrigues. O vídeo inicia com o atingido relatando como foi o dia 5 de novembro de 2015, as lembranças sobre o que passou com outros moradores de Bento Rodrigues quando a lama tomou conta do distrito onde moravam: “*Quando nós chegamos lá em cima e quando nós olhamos lá para baixo o ‘trem’ já tava tudo inundado. Você não via igreja mais, você não via as casas mais, porque a gente foi para o lugar mais alto.*” (Grifos nossos).

Após esse trecho, há a introdução da trilha sonora e, posteriormente, tem-se a continuidade da fala do entrevistado. Presumimos que essa pausa na fala do entrevistado pretende chamar atenção para o que se vai dizer logo em seguida. Ele conta sua história com Mariana e Bento Rodrigues, descreve a casa onde morava, a convivência com os moradores e familiares e conta mais um pouco o que viveu e presenciou no dia 5 de novembro de 2015. O trecho grifado acima tem uma grande força patêmica, pois tenta remeter o espectador à perda territorial e identitária por que passou o atingido, quando este conta quando viu o lugar que se identificava e vivia sendo todo destruído sem poder fazer nada para modificar aquela situação.

Mesmo a entrevista dedicando bom tempo a outros assuntos, como “Relação com a música” e “Relação com a esposa e filhos”, no vídeo editado essas temáticas não foram exploradas. Podemos pressupor que os assuntos de maior familiaridade do entrevistado foram tratados no momento da entrevista com o intuito de deixá-lo mais à vontade diante das câmeras, de maneira que, posteriormente, fossem introduzidos assuntos de interesse dos realizadores, como a descrição do dia a dia em Bento Rodrigues antes e no dia da tragédia. Além disso, podemos presumir que aqueles assuntos não causam impacto, emoção, ou sensibilizam a instância de recepção do documentário. Essas escolhas nos sugerem que o mais importante para o produto produzido pelo jornal *Estado de Minas* seria mostrar/divulgar a vítima do acontecimento, do rompimento da barragem, e não a pessoa, o ser humano com os seus desejos, gostos, relações.

Analisaremos, daqui por diante, trechos do vídeo editado a partir dos imaginários sociodiscursivos e dos actantes narrativos neles identificados. Antecipamos que os saberes veiculados pelo documentário analisado se resumem aos saberes de conhecimento de experiência, crença de revelação e de opinião relativa. Quanto ao saber conhecimento de

experiência, as explicações pertencem ao domínio da experimentação e da experiência socialmente compartilhada. José do Nascimento tem credibilidade para fazer afirmações sobre a tragédia porque ele viveu o dia, teve a experiência. Os saberes de revelação são subjetivos, pois se fundamentam em pensamentos doutrinários e se relacionam com experiências religiosas. O discurso de José do Nascimento está sempre remetendo aos desígnios de Deus sobre a vida dele. Sobre o saber de crença de opinião relativa, os argumentos utilizados são fundamentados em julgamentos particulares sobre uma situação específica, no caso do documentário, sobre o dia da tragédia; é a opinião de José do Nascimento sobre o que vivenciou. Dividimos o documentário editado em três trechos, na sequência em que foi apresentado ao espectador, e apresentamos os imaginários e os actantes narrativos presentes, como se observa no QUADRO 4.

Quadro 4 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de José do Nascimento

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>Trecho 1: Quando nós chegamos lá em cima e quando nós olhamos lá para baixo o “trem” já estava tudo inundado. Você não via igreja mais, você não via as casas mais, porque a gente foi para o lugar mais alto.</p>	<p>Destruição Tragédia</p>	<p>O actante sofre a ação, ele a recebe de maneira passiva. Ele é vítima, pois é afetado negativamente pela ação de outro actante. O actante-vítima não reage diante da situação.</p>
<p>Trecho 2: Eu vim para Mariana em setembro de 83. Eu consegui um lote em Bento Rodrigues e construí minha casa lá e nossa casa era muito boa, muito arrumada, tinha “de um a tudo” lá dentro de casa. Então, depois que a família foi crescendo, os filhos foram casando, a gente foi ficando, eu e a esposa sozinhos lá, mas quase sempre com aquela mente de permanecer em Bento, porque ali tinha a igreja de São Bento, e eu sou muito católico em São Bento; então, por isso eu me adaptei muito bem através da igreja e também da comunidade que nos</p>	<p>Sertanejo migrante Simplicidade Mineiridade Vida interiorana Religiosidade</p>	<p>O actante age e ele o faz como benfeitor de maneira voluntária.</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>acolheu. Então por isso que eu resolvi comprar o lote para ficar em definitivo em Bento. Quando eu cheguei ao Bento, lá tinha 35 a 36 casas, então aquela amizade, pessoal foi criando família, foi crescendo Bento; então, é o lugar que a gente viu as famílias criarem, nós crescemos juntos, então coisas que eu não fiz em outro lugar.</p>		
<p>Trecho 3</p> <p>Aí nós já nos deparamos com o menino da praça gritando “Oh Zezinho corre que a barragem está chegando, mais corre, mais corre mesmo”, aí nós corremos e ainda falou comigo “entra lá pega ao menos o carro” nisso que ele falou, que tinha dado uns 20 metros da minha casa até onde a gente estava, eu olhei para trás o muro do meu vizinho já estava caindo com a lama. Na hora que nós chegamos em cima, que paramos os carros e desceu cada um naquela montanha e olhou para baixo e viu o que estava acontecendo, ninguém estava acreditando. A preocupação era demais. A hora em que a gente chegou lá em cima que fomos ver, a gente começou a perguntar “cadê Fulano”, “ não tá”, “cadê Fulano”, “tá todo mundo”, “não, tá para cima”, “não, já está subindo”, “ já subiu”. A preocupação da gente era essa, mas graças a Deus pela tragédia que foi, tiveram pessoas que foram resgatadas com vida logo após a tragédia, que é Dona Darci, que é a mãe daquele</p>	<p>Destruição</p> <p>Religiosidade</p> <p>União comunitária</p>	<p>O actante age ao correr daquele lugar e ajudar as pessoas e também sofre a ação.</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>garotinho que andava na bicicleta que é meu vizinho, a gente resgatou, ajudei, tudo normalmente, helicóptero veio e graças a Deus porque se fosse à noite... Deus ajudou muito que veio de dia onde todo mundo conhecia todo mundo, estava todos a gritarem porque, se fosse a noite, a tragédia seria enorme, porque só iria escapar daquelas ruas lá de cima que vocês viram passando e vocês viram lá, só daquelas ruas iriam escapar e o restante iria tudo embora por água abaixo.</p>		

Fonte: Elaborado pela autora.

Os imaginários da destruição e da tragédia se fazem presente no início do documentário de José do Nascimento. Ele conta da sua ausência de reação ao ver a lama invadindo o lugar que morava. Logo em seguida, quando narra como era a vida dele em Bento Rodrigues, percebemos os imaginários de simplicidade, os aspectos da mineiridade e da vida interiorana. Além destes, temos o imaginário da religiosidade, quando José do Nascimento diz que quis morar na cidade por lá existir a igreja de São Bento, de que é devoto.

Ao retomar o discurso sobre a tragédia novamente, percebemos os imaginários da destruição além da união comunitária, a ideia de altruísmo, de se pensar na vida do outro, da solidariedade, do querer ajudar. O imaginário da religiosidade é sustentado pelo discurso que se refere à mão de Deus, a qual evitou que a tragédia não fosse maior.

Ao escolher, por meio da edição, parte da narrativa em que José do Nascimento narra o que viu naquele dia, acreditamos que a instância de produção busca reforçar a patemização, como, por exemplo, quando o atingido relata a preocupação das pessoas umas com as outras, ou quando diz que a tragédia poderia ter sido pior se não fosse a presença de Deus.

José Nascimento se apresenta, por meio de seu discurso, um actante que desempenha papéis variados ao longo da narrativa, dependendo do momento e da ação que ele desempenhou

naquele dia. Ao relatar sobre a tragédia, o actante sofre a ação. Ele a recebe de maneira passiva, ao ver tudo sendo destruído e não poder fazer nada, mas, posteriormente, age ao ajudar outros atingidos. Esses papéis apresentam características e qualificações como força e fraqueza, empatia e altruísmo.

Com relação ao interdiscurso, identificamos no discurso de José do Nascimento, o interdiscurso associativo. Por meio dos verbos “resgatou”, “ajudei”, percebemos uma voz de liderança política que recorre em seu discurso. O entrevistado é diretamente envolvido nas atividades da associação dos moradores do distrito que é regida por uma gestão democrática e o interesse pela comunidade (pelo menos é isso que se espera de uma associação) e seu discurso traz a noção de coletividade e de organização.

Observamos que, de todas as perguntas feitas a José do Nascimento no material bruto, apenas seis delas estão, de alguma maneira, presentes na versão editada do documentário, isto é, aquela que, de fato, foi colocada à disposição para a instância de recepção. Apresentamos, a seguir, as perguntas e respostas dos quais foram retirados os trechos para o material editado. Podemos observar que os trechos selecionados para o documentário foram propositalmente selecionados de algumas perguntas. Algumas falas do material bruto foram totalmente ignoradas na edição; outras foram parcial ou totalmente aproveitadas, conforme podem ser observados os excertos a seguir. As partes que integram o documentário, efetivamente, estão em destaque.

Estado de Minas (EM): Gostaria que contasse como começa a história do senhor em Mariana.

José do Nascimento: A história minha em Mariana... **Eu vim para Mariana em setembro de 83.** Eu tinha um trabalho na Alcan, trabalhei antes na Mutuca perto de BH por 15 anos e depois fui transferido para uma jazida aqui no [Flagra] perto de Santa Rita Durão é aonde **eu consegui um lote em Bento Rodrigues e construí minha casa lá** para evitar da gente ficar muito fora de casa.

EM: Por que o senhor foi para Bento Rodrigues?

José do Nascimento: É porque é assim, eu tive de aluguel lá seis meses e eu vi como as pessoas me acolheram, acolheram minha esposa e meus filhos com muito carinho e foi me atraindo. A gente foi apanhando amizade, apanhando intimidade, liberdade tudo, **então depois que a família foi crescendo, os filhos foram casando, a gente foi ficando com a esposa sozinhos lá, mas quase sempre com aquela mente de permanecer em Bento porque ali tinha a igreja de São Bento** que hoje não existe mais e **eu sou muito católico de São Bento, então por isso que me adaptei muito bem, através da igreja e também da comunidade que nos acolheu, então por isso que eu resolvi comprar o lote para ficar em definitivo no Bento**, saí agora por essa tragédia.

EM: Como era a casa do senhor em Bento?

José do Nascimento: A casa ótima, muito bonita, muito ampla, sete cômodos, nós tínhamos lojinha lá, tinha um cômodo que era só de loja, de oito metros de comprimento por quatro de largura, toda prateleirada, tudo na loja no último gosto. A gente vendia tiaras, roupas, vendia cinzeiros que meu filho mais velho faz, ele trabalha em [turnos] cinzeiro, esses pilãozinhos de socar alho foram muitos embora lá por água abaixo. **Nossa casa é muito boa, era muito arrumada, tinha de “um a tudo” lá dentro de casa**, cozinha azulejada até em cima, uma cozinha de quatro metros por três e setenta. Então a gente tinha uma casa maravilhosa, quarto com suíte, dois banheiros.

EM: Como foi o seu dia no dia 5 de novembro de 2015, o senhor lembra o que fez, qual foi a sua rotina?

José do Nascimento: Lembro, lembro sim. Eu levantei de manhã aquilo que é de rotina da gente fazer porque eu olhava um sítio do meu lado que era em frente à minha casa e o outro do lado. Eu levantava de manhã, eu ia tratar das galinhas, jogar milho para as galinhas, trocar de água no sítio, depois do outro lado também a mesma coisa, a gente fazia o mesmo jeito, depois que eu fiz tudo isso, a Irene falou “vamos para Mariana?”, “vamos”, nós fomos a Mariana. Depois que a gente chegou de Mariana, era umas duas horas mais ou menos, encostei o carro e falei “Vamos lavar o carro agora” e ela falou “não, o sol está muito quente, deixa que de tardinha a gente lava” aí eu falei “não, então vou guardar para não ficar nesse sol quente para a gente lavar de tardinha”. Eu não gosto do carro tomando sol e cachorro fazendo xixi nas rodas do carro. Então guardei o carro, fui para dentro de casa e nisso que eu entrei, quando foi umas três e meia mais ou menos eu ouvi um barulho diferente, eu falei com ela, ela estava até fazendo um suco para gente: “Oh Irene, tem um barulho esquisito”, aí ela falou: “às vezes é o tubo da Samarco que furou e está fazendo um barulho”, que é de costume fazer isso. Aí eu saí na porta da cozinha, subi escada, uma escada onde a gente trata dos passarinhos, subi até metade não fui até lá em cima não. Acho que no eu sair lá fora, isso que eu falei, ela já saiu na minha frente. Tinha um corredor longo, a gente saiu no portão, ela saiu na minha frente e eu atrás dela uns dez metros, aí nós já deparamos com o menino da praça gritando **““Oh Zezinho corre que a barragem está chegando, mais corre, mais corre mesmo”, aí nós corremos e ainda falou comigo “entra lá pega ao menos o carro” nisso que ele falou, que tinha dado uns 20 metros da minha casa até onde a gente estava, eu olhei para trás o muro do meu vizinho já estava caindo com a lama**, aí saímos chegando na praça nós fomos o último carro a sair que é desse amigo meu lá umas 15 pessoas no carro, eu, minha esposa e duas irmã dele mas uns outros vizinhos lá entra no carro e um buzinando para os da frente arrancando sair. **Chegou lá em cima e olhou para baixo o tem já estava tudo inundado e você não via igreja mais, você não via as casas mais, porque a gente foi para o lugar mais alto. Na hora que nós chegamos em cima, que paramos os carros e desceu cada um naquela montanha e olhou para baixo e viu o que estava acontecendo, ninguém estava acreditando.**

EM: Tinha alguém que queria encontrar naquele dia, ficou com medo de ter acontecido alguma coisa com alguma pessoa?

José do Nascimento: Todo mundo, a minha preocupação é com todo mundo, porque a gente tem todo mundo na cabeça quem morava, quem estava ali, quem não estava, quem tinha condições de correr, quem não tinha. **A preocupação era demais. A hora que a gente chegou lá em cima que foi ver a gente começou a perguntar cadê Fulano, não está, cadê Fulano, está todo mundo, não está para cima, sumiu, está tudo ali. A preocupação da gente era essa, mas graças a Deus pela tragédia que foi, tiveram pessoas que foram resgatada com vida e logo após a tragédia que é Dona Darci que a mãe daquele garotinho que andava na bicicleta lá que é meu vizinho a gente resgatou, ajudei tudo normalmente e o helicóptero veio.** Assim que a gente chegou em cima, eu fui num lugar que dava conta de celular e eu liguei para Itatiaia de Ouro Preto que tenho muita liberdade.

“Antônio Carlos, o negócio aqui está feio, a barragem rompeu. Aqui, liga aí para o bombeiro, Globo News, Record, manda helicóptero porque nós estamos ilhados aqui. Graças a Deus, a maioria do povo está com vida, é para mandar copo com água e com tudo para resgate de pessoas que tem pessoas que estão boiando”. Aí eu passei para ele, deu vinte minutos já começou a chegar primeiro a Record, depois Globo, depois Corpo de Bombeiros já começou a fazer o resgate, mas só que a noite chegou bem rápido. E aí resgatou quem estava com vida, tinha gente que estava gritando e depois parou, a gente já não via mais grito de ninguém porque a lama tomou conta e no outro dia começaram as buscas pelos sobreviventes, pelos corpos que ainda não encontraram e os que já encontraram. **E graças a Deus porque se fosse à noite... Deus ajudou muito que veio de dia onde todo mundo conhecia todo mundo, estava todos a gritarem porque, se fosse a noite, a tragédia seria enorme, porque só iria escapar daquelas ruas lá de cima que vocês viram passando e vocês viram lá, só daquelas ruas iriam escapar e o restante iria tudo embora por água abaixo.**

EM: O que é o Bento para o senhor?

José do Nascimento: Bento me ensinou muito, porque aquela amizade que eu construí com eles lá no Bento. **Quando eu cheguei ao Bento, lá tinha 35, 36 casas. Então aquela amizade, o pessoal foi criando família foi crescendo Bento.** Isso não sai da cabeça então isso aí não vou esquecer nunca. **Então é o lugar que a gente viu as famílias criarem, a gente cresceu juntos, pois isso que eu não fiz em outro lugar.** Então por isso aonde eu for morar, se um dia eu tiver que sair de Mariana, voltar para minha terra natal, não vou esquecer. Se eu mudar para outro lugar, a gente vai sair de São João del-Rei todo mês para ir lá, às vezes com menos prazo para vir ver amigos, ver como a nossa população, como está vivendo se está tudo bem aí eu vou morrer feliz.

Nesse sentido, para fins de análise, cunhamos três termos que sintetizam a montagem estratégica da edição, a saber: montagem sincrônica³⁹, montagem diacrônica e montagem anacrônica. Consideramos a montagem sincrônica quando todo o trecho da resposta de uma pergunta é colocado na edição, na íntegra, ou seja, quando a resposta no bruto é utilizada em toda totalidade, assim houve “sincronismo” entre o que se pensou na produção e o que, de fato, se tornou produto. A montagem diacrônica acontece quando respostas foram utilizadas juntas ou mescladas. Já a montagem anacrônica se concretiza quando a resposta foi utilizada de maneira discreta, alguns pequenos trechos foram retirados em um movimento de “vai e volta”. Podemos perceber que a montagem diacrônica prevalece na edição de José do Nascimento, pois, para a composição do editado, o editor escolheu diversos trechos de respostas diferentes do entrevistado. Percebemos que trechos de diferentes respostas são justapostas como se tivessem sido ditos da maneira que está posta no documentário, como uma única resposta.

³⁹É importante ressaltar, que temos conhecimento dos conceitos de sincronia e diacronia utilizados na linguística pelo linguista Ferdinand de Saussure para indicar diferentes perspectivas de estudo da língua, sendo a sincronia o estudo na língua em um momento específico e a diacronia é o estudo da língua através do tempo. Porém, a ideia da utilização dos termos para especificar cada montagem da edição se difere da dos conceitos de Saussure.

Fizemos uma comparação dos imaginários que se fazem presentes no editado com os percebidos por nós no registro bruto e que não foram selecionados na edição. A partir dos temas abordados na entrevista, realizamos esse comparativo, como pode ser observado no QUADRO 5.

Quadro 5 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: José do Nascimento

Temas	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS	
	Editado	Bruto
História	Mineiridade Vida interiorana	Direito ao Trabalho Mineiridade Vida interiorana
Família	-	Amor de vida Harmonia familiar Valor da família
Cotidiano	União comunitária Simplicidade Sertanejo migrante Mineiridade Vida interiorana Religiosidade	União comunitária Simplicidade Sertanejo migrante Mineiridade Vida interiorana Valorização da casa como um esforço em construir Ambiente familiar Vitória /orgulho Religiosidade
Tragédia	Destruição Religiosidade Tragédia	Destruição Religiosidade Tragédia Caos Solidariedade Resiliência
Diversão	-	Música é revigorante Música como dom divino

IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS		
Temas	Editado	Bruto
Saúde	-	Saúde perfeita
Meio Ambiente	-	Destruição pelo capitalismo Valor da natureza

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos que muitos imaginários suscitados no bruto não são explorados no editado devido ao processo de filtragem, por meio da edição, feito pelo jornal. No bruto, observamos o imaginário do direito ao trabalho presente no tema “História” porque José do Nascimento narra a relação do trabalho que desempenhava com a ida a Bento Rodrigues. Observamos também os imaginários de amor de vida, ao falar sobre seu relacionamento com a esposa há 35 anos. A fraternidade, o afeto, a união com a esposa que vai muito além do casamento propriamente dito. Quando José do Nascimento relata que não é casado, mas é como se fosse muito mais que casado, sustenta a ideia do que realmente é o amor. O jornal *Estado de Minas* perguntou: “O senhor já era casado com a dona Irene?”, e ele deu a seguinte resposta:

A gente não é casado, mas a gente considera mais que casados; a gente mora junto há 35 anos. Então, a gente considera mais que muitos casados. E temos a vivência muito boa, muito amigável um com outro, onde eu estou, ela está; onde ela está, eu estou também. Então, a gente quer levar até o fim assim com essa união que Deus me deu... Essa oportunidade de construir com ela. E nossos filhos respeitam muito, tanto ela, como eu. Eu tenho outros filhos com outra ex-mulher minha, mas todos nós consideramos uma família só.

Os imaginários de vitória e de orgulho por ter construído sua casa sozinho pode ser identificado no trecho a seguir, ao ser perguntado pelo jornal *Estado de Minas*: “O senhor ajudou a construir essa casa? Você fez parte dela?”:

Eu não ajudei não, eu construí sozinho com ajuda de algumas pessoas que me deram ajuda. E a gente foi construindo com o tempo, faz uma etapa, parava, fazia outra etapa, parava. Então, hoje se ela tivesse lá para você ver; não tem nada que fazer. Ela não tinha nada que fazer; tudo, tudo com grade na varanda na frente... Muito bem fechada.

O imaginário da mineiridade, ou seja, de que mineiro recebe muito bem as pessoas que vêm de outros lugares é uma das características mais evidentes no discurso de José do Nascimento ao falar do cotidiano em Bento Rodrigues, como pode ser observado no trecho a seguir:

Eu tive de aluguel lá seis meses e eu vi como as pessoas me acolheram, acolheram minha esposa e meus filhos com muito carinho e foi me atraindo, a gente foi apanhando amizade, apanhando intimidade, liberdade, tudo, então depois que a família foi crescendo, os filhos foram casando, a gente foi ficando com a esposa sozinho lá, mas quase sempre com aquela mente de permanecer no Bento porque ali tinha a igreja de São Bento, que hoje não existe mais, e eu sou muito católico de São Bento, então por isso que me adaptei muito bem, através da igreja e também da comunidade que nos acolheu, então por isso que eu resolvi comprar o lote para ficar em definitivo no Bento, saí agora por essa tragédia.

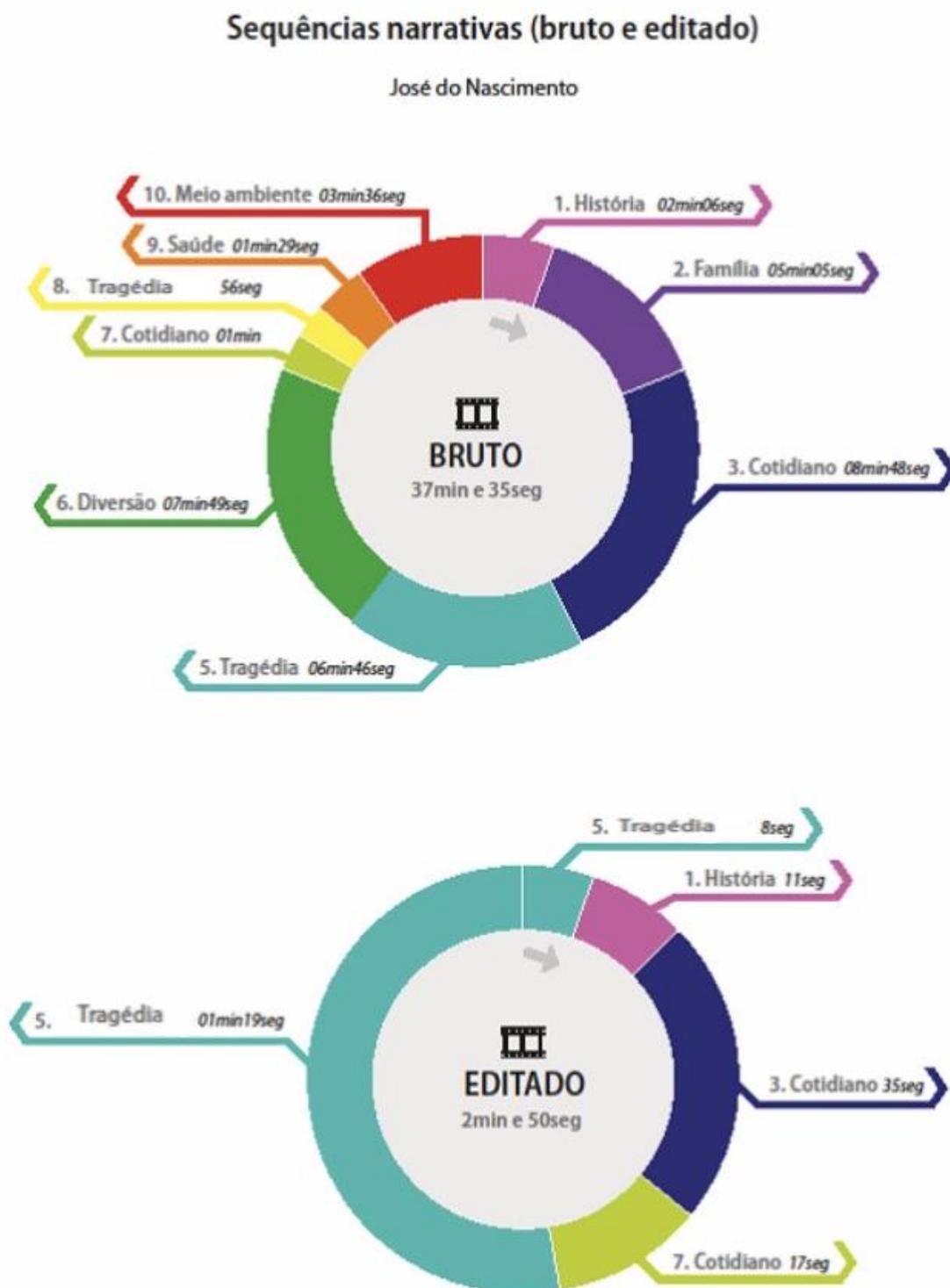
Não obstante ter perdido casa e bens, José do Nascimento se mostra resiliente com tudo que aconteceu e agradece por ter saído com vida, como pode ser observado no trecho: “Apesar de que a gente saiu com a vida, é muito bom a gente ter a vida, já os bens a gente adquire como a gente adquiriu, não é de agora para frente que vai deixar de adquirir não”.

José do Nascimento apresenta consciência crítica de que foi a empresa que causou toda a tragédia e o fez perder tudo que construiu, mas mesmo assim reconhece que a Samarco proporciona emprego para muitas pessoas, ainda que destrua a natureza. Considerando o conceito de Orlandi (2007) sobre o silêncio, podemos sugerir que houve o silenciamento do jornal *Estado de Minas* em problematizar a tragédia do ponto de vista da responsabilização dos dirigentes da Samarco. Orlandi (2007) destaca que o silêncio está presente nas palavras e que o silêncio não é o mesmo que a significação de implícito abordado pelo linguista francês Ducrot. O silêncio, aqui estudado, é o que atravessa as palavras, que existe entre elas; ele não é diretamente observável, sendo que ele indica que o sentido pode ser outro, sendo que aquilo que é mais importante nunca se diz.

Os gráficos a seguir (FIGURA 32) detalham os temas abordados no registro bruto e os selecionados para a edição, ou seja, as sequências narrativas tanto do bruto, quanto do editado. Dessa forma, fica mais evidente o que foi selecionado para ser divulgado para a instância de recepção e o tempo dedicado a cada uma das temáticas.

Podemos perceber que o tempo dedicado ao tema “Tragédia” é majoritário no registro editado, seguido de “Cotidiano”.

Figura 32 – Sequências narrativas (bruto e editado), José do Nascimento



Podemos dizer, a partir da FIGURA 32, que o processo de edição transformou a entrevista em uma narrativa distinta da que se deu no bruto, isso, decerto, para que a instância de produção realizasse a transação com a instância de recepção da maneira que supôs mais adequada para atingir seus objetivos na troca discursiva. Ao conduzir o interlocutor para uma narrativa que reforça que antes existia uma vida tranquila e boa e houve, com a tragédia, uma ruptura desse bem-estar e tranquilidade, o jornal *Estado de Minas* reforça o efeito patêmico.

Com relação à imagem, no material editado, além da imagem de José do Nascimento sentado em um banco com um cenário de fundo, temos, por vezes, o foco do rosto do entrevistado e de suas mãos se esfregando uma na outra, o que significa a presença de mais de uma câmera no dia da entrevista, pois José do Nascimento é enquadrado de outros ângulos, diferentes das imagens a que tivemos acesso no registro bruto. Tem-se, então, o plano conjunto que enquadra José do Nascimento em um plano aberto, o que permite que o espectador visualize, além do entrevistado, parte do ambiente onde ocorre a gravação. Mas, em alguns momentos, principalmente quando o atingido narra o dia do acontecimento, há o enquadramento em primeiríssimo plano, em que o rosto dele ocupa toda a tela, como pode ser visto na FIGURA 33. Esse plano demonstra toda a carga dramática do discurso do entrevistado. O plano detalhe é utilizado quando a câmera foca as mãos de José do Nascimento (FIGURA 34) se esfregando, o que discursivamente sugere apreensão, angústia do entrevistado ao narrar o que vivenciou. No momento em que se destacam as mãos do entrevistado, ele está falando de como a sua casa em Bento Rodrigues era boa.

Figura 33 – José do Nascimento



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

Figura 34 – Detalhe mãos José do Nascimento



Fonte: VOZES DE MARIANA, 2015.

É importante sinalizar que, seguindo as orientações de Barthes (1990) sobre a imagem, constatamos em todos os documentários a predominância do *relais*, sendo que a palavra e a imagem se complementam. Discursivamente, a utilização do *relais* permite que a atenção do espectador está igualmente dirigida para a imagem e ao que está sendo proferido, à palavra, ao que está sendo dito pelo atingido.

Amaral (2011) destaca que no caso de acontecimentos como tragédias ou catástrofes, a emoção é constitutiva do enquadramento e, por isso, os elementos de uma matriz dramática sempre são utilizados. “[...] o atributo do exagero não está no uso da emoção para relatar o acontecimento, mas num enquadramento que silencia seu entorno, na relação construída entre singularidade, particularidade e universalidade no interior da reportagem” (p. 66).

Concordando com as palavras da autora, podemos perceber que o jornal *Estado de Minas* utilizou enquadramentos estratégicos com o intuito de reforçar a carga emotiva do entrevistado e, dessa forma, comover o espectador.

5.2.1.2 O olhar jornalístico: o (in)visível – José do Nascimento

Ao analisarmos a condução da entrevista com os temas propostos pelo jornal e as seleções feitas pelos editores para o que se pretendeu dar visibilidade, podemos afirmar que, no encadeamento das falas no registro bruto, temos o ponto de vista do entrevistado, pelo menos parcialmente⁴⁰, já no editado é o ponto de vista jornalístico que prevalece, já que temos os “cortes”, as seleções, as escolhas realizadas transparecendo esses direcionamentos.

⁴⁰ Consideramos parcialmente porque acreditamos que a pergunta direciona a resposta, por isso é um ponto de vista parcial, pois é guiado.

A partir do documentário, as pessoas que assistiram ao vídeo têm certa imagem de José do Nascimento: um senhor de idade que vivia em um ambiente sólido, tranquilo e que foi surpreendido com a lama de forma trágica, inesperada e não pôde fazer nada para mudar aquela situação, apenas teve tempo de se salvar e ajudar outras pessoas a se salvarem. Conheceram um José do Nascimento religioso, de traje e forma de falar simples, mineiro acolhedor e que reforça a união e a harmonia dos moradores de Bento Rodrigues.

A narrativa presente no documentário editado tem início com o relato do que foi presenciado, visto no dia 5 de novembro de 2015, depois, temos a história de José do Nascimento em Bento Rodrigues, a convivência, o cotidiano no local e, posteriormente, é retomado o que se passou no dia da tragédia. A narrativa é finalizada com esse tema, tragédia. A narrativa se construiu, portanto, em três fases: caos – tranquilidade – caos. O caos apresenta uma função fática de despertar a atenção de quem assiste, de captar os espectadores. O primeiro caos é anterior à vinheta, portanto podemos interpretar que a visada é de captação. Na tranquilidade, é possível perceber que a ideia é mostrar um lugar (Bento Rodrigues) maravilhoso, um lugar ideal para se morar. Ao retornar com a narração do caos e finalizar o documentário dessa forma, podemos interpretar a tentativa do jornal *Estado de Minas* em instigar o espectador a se movimentar para agir de alguma forma, como se fosse um chamamento, uma indagação “e aí, vai ficar assim mesmo?”.

O que o público do jornal *Estado de Minas* não teve acesso e não sabe é que o homem José do Nascimento é um amante da música, toca e compõe, preocupa-se com o meio ambiente e tem um bom relacionamento com a esposa e com os filhos. Essas informações não foram repassadas à instância de recepção, estão presentes apenas nos registros brutos.

Por fim, percebemos no bruto que há uma “quebra” do imaginário do que é o documentário⁴¹, da aura do documentário, ou seja, durante a gravação da entrevista, há sons ao fundo de crianças conversando, há a voz do entrevistador com suas perguntas, assistimos à preparação do cenário para entrevista. Tudo isso não é levado para o editado. Dessa forma, percebe-se que várias perguntas são feitas, algumas sem nenhuma relação direta com o acontecimento em

⁴¹ Considerando o documentário com esse perfil, utilizado pelo jornal *Estado de Minas*, já que existem outros modos de se fazer um documentário, como por exemplo, do cineasta Eduardo Coutinho, um dos maiores documentaristas da história do cinema do Brasil que produzia filmes que privilegiavam as histórias de pessoas comuns. Nos documentários, Eduardo Coutinho aparece nas filmagens e, ainda, escutamos suas perguntas.

si, e, por fim, entendemos que é com e na edição que tudo é “resolvido”, a iluminação é ajustada, os ruídos são silenciados, as falas são cortadas.

Agora iniciaremos as análises com a atingida Marinalva Salgado.

5.2.2 *Marinalva Salgado*

A entrevista do jornal *Estado de Minas* com a atingida Marinalva Salgado, documentada nos registros brutos, durou 21min18. No QUADRO 6, detalhamos os temas abordados e seus respectivos tópicos, relacionando-os com o tempo que lhes foi destinado. A sequência apresentada está de acordo com o encadeamento dos temas durante a entrevista.

No registro bruto, a entrevistada ficou sentada em um banco, tendo ao fundo um imóvel com o que parece ser uma Palmeira Fênix e o que parece ser uma pilha de mantimentos, como pode ser observado na FIGURA 35. Nos vídeos brutos a que tivemos acesso, podemos perceber que a câmera estava parada, enquadrando a atingida e os demais objetos em plano conjunto e sem a presença física do entrevistador em cena. O jornal *Estado de Minas* não construiu um cenário para aquela entrevista, assim, o cenário externo que se apresenta é realista.

Figura 35 – Marinalva Salgado



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

Durante a entrevista, o trabalho da entrevistada com a produção de geleia de pimenta biquinho foi o tópico que mais foi explorado, como pode ser percebido no QUADRO 6.

Quadro 6 – Relação tempo e temas com a entrevistada Marinalva Salgado

Temas	Tópicos	Tempo
Cotidiano	Convivência entre os moradores	1min18
	Descrição da casa em Bento Rodrigues	1min15
Trabalho	Trabalho com a geleia de pimenta	4min04
História	História com Bento Rodrigues	51seg
Tragédia	O dia 5 de novembro de 2015	1min58
Família	Relação com o marido	24seg
Perspectivas	Futuro	47seg
Tragédia	Pertences perdidos	30seg
Família	Relação com o marido	57seg
Trabalho	Trabalho com a geleia de pimenta	2min57
Empresa	Relação com a Samarco	54seg
Confraternização	Natal 2015	55seg
Cotidiano	Convivência entre os moradores	1min29
Tragédia	Retorno a Bento Rodrigues após tragédia	1min51
	O dia 5 de novembro de 2015	1min09

Fonte: Elaborado pela autora.

As temáticas que mais se estenderam na entrevista foram, respectivamente, “Trabalho”, pois Marinalva trabalha em uma associação, formada por mulheres, que produz geleia de pimenta biquinho, “Tragédia” e “Cotidiano”. Os temas “Cotidiano”, “Trabalho”, “Tragédia” e “Família” foram abordados mais de uma vez durante a entrevista.

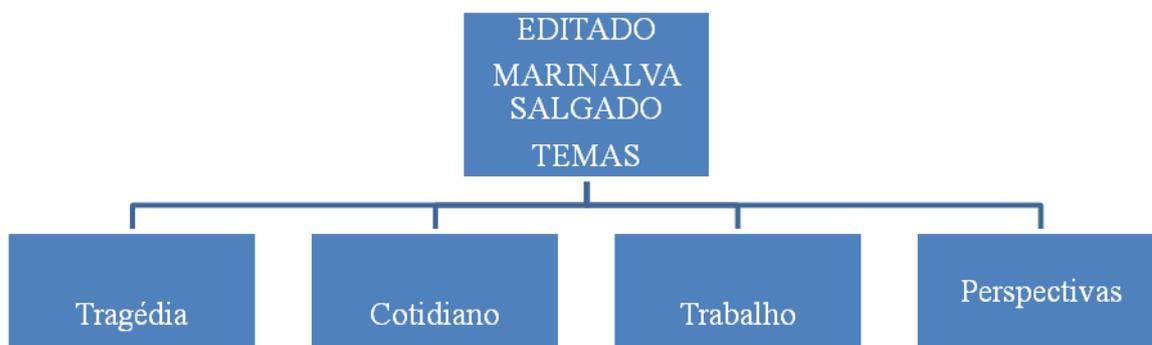
Assim como em José do Nascimento, a entrevista se desenvolveu sem movimento de câmera, com a entrevistada sentada em um banco, sem nenhum outro personagem no enquadramento. Assistindo à entrevista do registro bruto, descobrimos que o imóvel ao fundo é o hotel onde Marinalva estava hospedada após a tragédia. O cenário utilizado foi externo. O

enquadramento utilizado é o plano conjunto, a entrevistada é o destaque, porém podemos visualizar o cenário ao seu redor. E o ângulo normal é o utilizado, a câmera está colocada no nível dos olhos da atingida, como se ela estivesse olhando nos olhos do espectador, como em um bate-papo.

5.2.2.1 Editado – “Demorei anos para fazer minha casinha”

O tempo do vídeo editado com Marinalva Salgado é de 3min58, sendo que só de fala são 3min. O título do documentário é *Demorei anos para fazer minha casinha*. A edição proposta pelos realizadores enfatiza a descrição de como era a casa da atingida, o que ela sentiu quando a viu sendo destruída pela lama, a relação de Marinalva com Bento Rodrigues e com as pessoas da comunidade e o trabalho dela na produção da geleia de pimenta biquinho. O vídeo se encerra com a entrevistada falando em justiça, no sentido de ter de volta um lugar digno para morar e o desejo de ter as pessoas da comunidade reunidas novamente em um mesmo lugar. Na FIGURA 36, apresentamos os temas abordados no documentário.

Figura 36 – Temas abordados no documentário com Marinalva Salgado



Fonte: Elaborada pela autora.

Podemos perceber que os temas “Tragédia”, “Trabalho” e “Cotidiano” foram os mais explorados no registro editado. Já “Perspectivas”, pouco explorado no registro bruto, teve destaque no editado, sendo utilizado como desfecho do documentário. Diferentemente da edição feita com a entrevista de José do Nascimento, os assuntos mais explorados na entrevista de Marinalva foram, de fato, os que constituíram o editado. Apesar de Marinalva

ser bem objetiva nas respostas, os editores selecionaram e montaram trechos da entrevista sem deixar de mostrar a rotina e o cotidiano dela em Bento Rodrigues e o que vivenciou no dia do acontecimento.

O documentário com Marinalva Salgado tem início quando ela diz que viu a lama derrubar a casa dela, que demorou anos para ser construída: *“Veio uma árvore bateu na minha casa e a levantou pra cima e desmanchou de uma vez.”*

Nesse trecho, o patêmico está no próprio fato de a casa, que levou anos para ser construída, em questão de segundos ser levada pela lama. A fala nos faz visualizar a imagem da casa sendo destruída. Logo após, inicia-se uma espécie de vinheta do documentário e, assim, é dada uma pausa na fala de Marinalva Salgado. Entendemos essa pausa como uma forma de captar, instigar o espectador para que ele tenha interesse em saber o que aconteceu com a entrevistada e assistir ao documentário até o final. Em seguida, Marinalva fala de sua relação com Mariana e Bento Rodrigues, de como era sua casa, o trabalho com a produção de geleia de pimenta biquinho, a esperança de um recomeço e de que a justiça seja feita, de maneira que seja dada uma casa para ela e seus filhos.

Observamos que o relato de Marinalva Salgado apresenta imaginários calcados em saber de conhecimento de experiência por conta da experiência do dia 5 de novembro de 2015, de maneira que tem propriedade consistente para falar sobre o assunto. Ao falar sobre suas necessidades e julgar o que tem sido feito com os atingidos, parte de saberes de opinião; e recorre ainda aos saberes de revelação quando se refere a Deus. Os imaginários do relato refletem não só sobre o que a atingida vivenciou (um saber de experiência), mas dizem respeito às crenças e às opiniões (saber de crença) dela sobre o ocorrido e sobre a vida. No QUADRO 7, detalhamos esses imaginários e os actantes presentes na narrativa.

Quadro 7 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Marinalva Salgado

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
Trecho 1: Veio uma árvore bateu na minha casa e a levantou para cima e desmanchou de uma vez.	Destruição Tragédia	A actante sofre a ação. Ela a recebe de maneira passiva. Ela é vítima, pois é afetada negativamente pela ação de

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
		outro actante. A actante-vítima não reage.
<p>Trecho 2: Não, eu nasci e fui criada lá, casei, fiquei, saí de lá, depois tornei a voltar. Era assim, mas a minha vida toda foi em Bento, foi pouco tempo que eu fiquei fora. Cada cantinho tem uma história para contar. Morava eu e meus filhos, três filhos e um neto. A minha sala era grandona, tinha lugar para a gente colocar o sofá para assistir a televisão e tinha uma parte que a gente colocava mesinha de jantar, aí vinha a minha cozinha toda em cerâmica até em cima. Muito bonita que eu consegui com balcão separando da sala para cozinha que era o meu sonho, nunca tive. Era muito gostoso viu. Demorei anos para conseguir fazer minha casinha sozinha.</p>	<p>Conquista</p> <p>Mulher centro da família</p> <p>Valorização da casa como lar, lugar de bem-estar</p>	<p>A actante age. Ela o faz como benfeitora, de maneira voluntária.</p>
<p>Trecho 3: Eu trabalho com geleia de pimenta porque depois dessa tragédia ela está conhecida mundialmente. Tem muita encomenda, mas não tem onde a gente trabalhar. De manhã, a gente estava no plantio, plantava desde a sementeira até a colheita e quando era tarde, a gente ia para fábrica e da fábrica a gente já ia para produção. Agora a gente conseguiu código de barra, a gente podia colocar em supermercados. Hoje podíamos até exportar agora se a gente quisesse. A gente vendia a oito reais o pote. Tem estoque da</p>	<p>Produtividade</p> <p>Sucesso no trabalho</p>	<p>A actante age. Ela o faz como benfeitora, de maneira voluntária.</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>pimenta, a gente tem o estoque, mas a plantação acabou toda. Depois das mudinhas prontas uns três, quatro meses.</p>		
<p>Trecho 4: Ah, acordei um dia normal. Deitei, dormi um pouco, levantei, fui arrumar casa. A minha filha estava em Mariana e eu estava com meu neto. Acabei, fui, tomei um banho, aí o meu neto não me deixou deitar, eu ia dormir de novo e não deixou. Quando eu cheguei aí eu falei “Ah então vou encontrar a mamãe” aí fui ao ponto de ônibus encontrar minha filha, aí que vem a Paula buzinando gritando aí a minha filha estava chegando pegou o menino. Eu corri para buscar minha mãe e minha irmã. Parece que Deus deu um branco que só vi na hora que nós chegamos ao alto a lama já tinha ido, já tinha voltado aí quando eu vi veio uma árvore bateu na minha casa e a levantou para cima e ela desmanchou de uma vez. O resto da tarde, à noite, nós passamos no mato esperando até o dia seguinte para sermos resgatados. Nossa, foi uma dor, nosso Deus, deu uma dor enorme que é uma coisa que ali era sozinha, comecei a ter que fazer tudo. Deus me deu força para conseguir fazer minha casa e com um segundo ela foi desmoronou toda. É uma dor que vou te contar viu muito grande.</p>	<p>Religiosidade</p> <p>Destruição</p>	<p>A actante age, mas ainda sim sofre a ação.</p>
<p>Trecho 5: Tentar seguir para frente,</p>		<p>A actante não age e nem sofre</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
porque agora não tem jeito mais, o nosso pedacinho, nosso cantinho se foi. Aí, eu pretendo que a justiça seja feita agora, que a gente consiga o cantinho da gente. Eu quero um lugar digno para mim e meus filhos. O sonho é voltar todo mundo de novo.	Resiliência Justiça	a ação, ela está em estado de expectativa, de esperança.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao começar falando da tragédia, o imaginário presente é de destruição e também tragédia. Ela mostra por meio de gestos, a forma como a lama atingiu a sua casa e foi desmoronada. Além da fala, o gestual causa muito impacto no espectador, reforçando, assim, o efeito de captação e patemização. Depois da vinheta, o cotidiano de Marinalva em Bento é posto logo em seguida: a conquista da casa própria que demorou anos para ser construída, a determinação da mulher que atua como centro da família e a valorização da casa como lar, lugar de bem-estar e sua ligação com Bento Rodrigues. Logo após, o sucesso no trabalho e a produtividade com a geleia de pimenta biquinho são os imaginários presentes no discurso de Marinalva quando narra como é a rotina no trabalho.

Ao retomar a história sobre a tragédia, percebemos o imaginário de destruição pelo que ocorreu em Bento Rodrigues e o da religiosidade, sustentado pelo discurso que se refere à presença de Deus quando ela estava correndo da lama. No Trecho 4, quando começa a relatar sobre como foi a sua rotina no dia 5 de novembro, ela inicia assim: “Ah, acordei um dia normal”. A interjeição “Ah” imprime um tom emocionado no relato, desolação no sentido que tudo estava bem e, de repente, o caos se instalou.

Marinalva Salgado se apresenta, por meio de seu discurso, um actante que desempenha papéis variados em sua narrativa, dependendo do momento e da ação na qual ela esteve envolvida. Ao relatar a tragédia, a actante sofre a ação. Ela a recebe de maneira passiva, ao ver sua casa sendo levada pela lama e não poder fazer nada, mas age ao ajudar e se preocupar com as pessoas que estavam no local. Esses papéis apresentam características e qualificações como força, quando fala de sua luta para construir a casa, e fraqueza, ao vê-la desmoronada. Ela é um actante que age ao assumir seu trabalho e quando fala de sua ligação com Bento

Rodrigues. Ao falar de justiça, do desejo de que todos moradores do local voltem a residir no mesmo lugar e a conviver novamente, percebemos que a actante não age e nem sofre a ação, ela reflete sobre sua expectativa.

No Trecho 5, quando Marinalva Salgado conta que pretende seguir em frente, porque o seu lugar foi destruído, podemos estabelecer um interdiscurso de autoajuda. A narrativa atribui ao seu possível interlocutor a capacidade de superar as dificuldades e seguir em frente, entendendo as experiências passadas como superadas.

Observamos que de toda a entrevista com Marinalva, registrada no material bruto, foram retiradas as falas para o documentário de doze perguntas feitas a ela. Apresentamos, a seguir, as perguntas das quais foram retirados os trechos para o material editado, o documentário. Podemos observar, como ocorreu com José do Nascimento, que os trechos selecionados foram mesclados de algumas perguntas. Algumas falas do material bruto foram totalmente rejeitadas; em outras, o trecho foi aproveitado quase integralmente no editado e outros vários trechos foram retirados para o editado.

Estado de Minas (EM): Quem morava com você?

Marinalva: **Eu e meus filhos. São três filhos e um neto.** Uma era casada, ela separou tem pouco tempo e voltou para minha casa. Aí tem o meu menino e a menina eu já estava preparando a festa dela de 15 anos agora em janeiro. E agora acabou tudo.

EM: Sua casa era grande? Descreva, por favor?

Marinalva: **A minha sala era uma sala grandona, tinha o lugar da gente colocar o sofá para gente assistir à televisão e tinha uma parte que a gente colocava a mesinha de jantar. Aí vinha minha cozinha, toda de cerâmica até em cima, muito bonita, que eu consegui, com balcão separando tudo, a sala pra cozinha. Que era o meu sonho, nunca tive.** Aí tem o quarto de cada um dos meus filhos, o quarto do meu menino é azul e branco, que é cruzeirense, o meu era vermelho e amarelo e da minha menina era lilás também, lilás, com a parede lilás. **Ah, era muito gostoso viu, demorei anos para conseguir fazer minha casinha, sozinha.**

EM: Você estava trabalhando com que?

Marinalva: **Eu trabalho com a geleia de pimenta.**

EM: Como é que vocês faziam, onde é que plantava a pimenta, colhia?

Marinalva: Ah, tinha um sítio lá que ele era arrendado, aí a gente plantava. **De manhã a gente estava no plantio, plantava, desde a sementeira até a colheita, aí quando era à tarde, a gente já ia para a fábrica. Aí da fábrica a gente já ia para a produção.**

EM: Vendia pra onde?

Marinalva: Ah, laticínio, para feiras e agora a gente conseguiu código de barras, aí a gente já podia colocar em todos os supermercados, no Mercado Central lá em BH tem, e **a gente podia até exportar agora se a gente quisesse.**

EM: E você morou seis anos em Bento.

Marinalva: **Não, eu nasci e fui criada lá, aí eu casei, fiquei, sai de lá, depois tornei voltar. Era assim, mas a minha vida toda foi no Bento foi pouco tempo que fiquei fora.**

EM: Como é que você define Bento Rodrigues?

Marinalva: Ah minha vida, é **cada cantinho tem uma história pra contar.** Na Igreja, foi tudo, só não casei. Tudo que a gente faz numa Igreja, foi lá a Igreja que foi destruída.

EM: Faz um relato pra gente.

Marinalva: **Ah eu acordei, um dia normal**, aí depois eu... Fiquei numa boa, fiquei de boa, esquentei o almoço, almocei, **deitei e dormi um pouco. Aí levantei, fui arrumar casa, as minhas filhas estavam para Mariana e eu estava com meus netos. Aí acabei, fui tomei um banho, falei assim, meu neto não deixou eu deitar, eu ia dormir de novo e ele não deixou. Aí quando eu cheguei, aí eu falei assim “ah então vamos encontrar a mamãe”, aí fui no ponto de ônibus encontrar, aí que veio a Paula, buzinando e gritando. Aí minha filha estava chegando pegou o menino. Aí eu corri pra buscar minha mãe, minha irmã.** A mãe da minha cunhada é uma senhora de idade, ela não aguenta andar direito, aí meu menino pegou ela no colo, saiu correndo pra gente poder conseguir entrar, por ela em cima de um carro pra conseguir levar ela pro alto. **Aí parece que Deus deu um branco que na hora eu só vi na hora que nos chegamos no alto, a lama já tinha ido e já tinha voltado aí quando eu vi minha casa, veio uma árvore e bateu na minha casa a levantou pra cima e ela desmanchou de uma vez. Aí o resto da noite, o resto da tarde e da noite nós passamos no mato esperando até o dia seguinte para sermos resgatados.**

EM: O que você sentiu na hora que você viu essa cena acontecendo com sua casa?

Marinalva: **Nossa, foi uma dor gente que nosso Deus viu. Uma dor enorme. Que era uma coisa que ali era eu sozinha, com meus filhos eu tinha que fazer tudo. Deus me deu força para eu conseguir fazer minha casa e com um segundo ela foi e desmoronou toda. É uma dor que eu vou te contar viu, muito grande.**

EM: O que você pensa agora do seu futuro, porque você está aqui no hotel cheio de coisa amontoada ainda, sem casa. O que você acha que vai ser da sua vida e da sua família daqui para frente.

Marinalva: Eu pretendo agora uma casinha digna para meus filhos, para acabar de cuidar dos meus filhos e **tentar seguir pra frente né, porque agora não tem jeito mais. O nosso pedacinho, o nosso cantinho já se foi, aí eu pretendo que a justiça seja feita agora né, ver se a gente consegue o cantinho da gente**, não quero além do que eu tinha, eu quero as coisas que eu tinha, as coisas que eu mereço ter, não quero lutar por aquilo que eu não mereço ter. **Eu quero um lugar digno pra mim e para os meus filhos.**

EM: Você quer a comunidade junta de novo?

Marinalva: **Quero, o sonho é voltar todo mundo de novo.**

EM: Vocês pretendem voltar a produzir?

Marinalva: É um sonho **porque depois dessa tragédia ela está conhecida mundialmente. Tem muita encomenda, mas não tem onde a gente trabalhar.**

Podemos perceber os três tipos de montagens para a edição do documentário com a Marinalva Salgado: sincrônica, diacrônica e anacrônica. Para a composição do editado, os realizadores escolheram diversos trechos de respostas diferentes da entrevistada, mas em alguns casos usou de uma mesma resposta por inteiro e em outros pegaram pequenas falas dentro de um

contexto maior. Entendemos que as escolhas foram estratégicas porque foram retirados trechos que possuem efeito patêmico.

Percebendo os imaginários que prevalecem no editado, fizemos uma comparação desses imaginários com os presentes no registro bruto, em momentos da entrevista que não foram selecionados na edição. A partir dos temas abordados na entrevista, realizamos esse comparativo, como pode ser visto no QUADRO 8.

Quadro 8 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Marinalva Salgado

Temas	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS	
	Editado	Bruto
Cotidiano	Conquista Mulher centro da família Valorização da casa como lar, lugar de bem-estar	Harmonia comunitária Conquista Mulher centro da família Valorização da casa como lar, lugar de bem-estar
Trabalho	Produtividade Sucesso	Produtividade Sucesso Trabalho como forma de superação de perda
Tragédia	Religiosidade Solidariedade Destruição Tragédia	Religiosidade Solidariedade Destruição Tragédia
Família	-	Afeto Mulher centro da família
Perspectivas	Resiliência Justiça	Resiliência Justiça
Empresa	Justiça	Justiça
Confraternização	-	Amistosidade

Fonte: Elaborado pela autora.

No tema “Cotidiano”, presenciamos o imaginário de harmonia comunitária, que está no bruto e não foi selecionado para o editado. Marinalva Salgado narra como era a boa a convivência entre os moradores de Bento Rodrigues. Ela relata a harmonia que existia no local como pode ser observado no trecho a seguir:

Lá todo mundo é amigo, todo mundo. Mais próximo eu e mais a avó da Manuele, nós fomos criadas juntas, então a dor está sendo terrível. Tem essa senhora que está desaparecida também. A gente não tinha costume de ficar na casa de outra, mas toda hora a gente via na rua. A gente a chamava de Gracita.

Os discursos que reforçam os imaginários de conquista em conseguir construir sua casa em Bento Rodrigues, valorização da casa como lar, lugar de bem-estar e mulher como centro da família foram selecionados para o produto editado e, portanto, estão no bruto.

No tema “Trabalho”, além do imaginário de produtividade que Marinalva Salgado narra com relação à produção da geleia de pimenta biquinho, percebemos o imaginário do trabalho como forma de superação pela perda, pois ela conta que entrou para a associação de mulheres para esquecer a morte do marido que teve um infarto. Essa explicação pode ser vista no trecho a seguir:

No começo, começou assim, eu já não sei muito porque, eu entrei lá assim: na época eu fiquei viúva, aí a turma me chamou para poder entrar como sócia para eu estar esquecendo um bocado da vida né. Aí me levava pra trabalhar, comecei a trabalhar, ali enquanto eu estava no serviço, eu estava esquecendo o que estava acontecendo comigo. Aí foi muito bom, me ajudou a superar muito a dor da perda muito bem.

Sobre a família, o jornal *Estado de Minas* não selecionou as falas da entrevistada quando esta narra sobre a saudade do marido e dos objetos que ele deixou e que foram perdidos na lama. O jornalista perguntou se ela pudesse agora voltar a Bento Rodrigues e escolher uma coisa que tinha na sua casa, que tem mais valor para ela, Marinalva respondeu:

É uma agenda que meu marido deixou para mim, com umas palavras muito bonitas, é quando ele... três dias antes dele morrer, que ele sabia que ia morrer, mas não contou para gente. E a camisa que ele morreu com ela, com o suor dele que eu sempre guardei. Era o que eu mais queria ter agora, era o que eu mais queria ter pegado.

Outro tema que não foi levado para o material editado foi “Confraternização”. O Natal, que era comemorado sempre com muita alegria e união, não seria festejado com a família e amigos já que estavam hospedados, naquele momento, em um hotel.

O imaginário de justiça, explorado na temática “Perspectiva”, não é no sentido de que a empresa responda judicialmente pelo que ela causou aos moradores, mas na acepção de reaver o bem perdido. Ela demonstra que está satisfeita com o amparo, a assistência, o apoio dado pela empresa Samarco naquele momento, mas gostaria de estar em uma casa com os filhos e netos.

No documentário com a entrevistada Marinalva Salgado, temos a presença de três planos: o plano conjunto (FIGURA 35), primeiro plano (FIGURA 37) e primeiríssimo plano (FIGURA 38). Diferentemente de José do Nascimento, no vídeo de Marinalva Salgado há o movimento de objetiva, *zoom in*. Para Guttman (2012), esse movimento tem o objetivo de dar ênfase argumentativa, não apenas no que se fala, mas em como se fala. É uma convocação da proximidade do sujeito enunciatário representando um movimento de tentar persuadir o destinatário. O enquadramento do rosto é feito em alguns momentos de fala, mas principalmente quando Marinalva narra a experiência dela no dia da tragédia. O *zoom in* é utilizado quando narra o que passou no dia da tragédia. Além do plano conjunto, que é utilizado na maioria da narrativa, temos primeiro plano e primeiríssimo plano, como mostra as FIGURAS 37 e 38.

O uso desses outros enquadramentos durante a narrativa proporciona maior dinamicidade durante a fala, não deixando o documentário monótono, porém, ao destacar o rosto da entrevistada durante uma fala, o objetivo é realçar alguma expressão. A altura do ângulo é normal, a câmera está na altura dos olhos da entrevistada; isso reforça a ideia de que o jornal *Estado de Minas* pretendeu passar uma situação de “bate-papo”, conversa franca, “olho no olho”.

Figura 37 – Marinalva Salgado



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

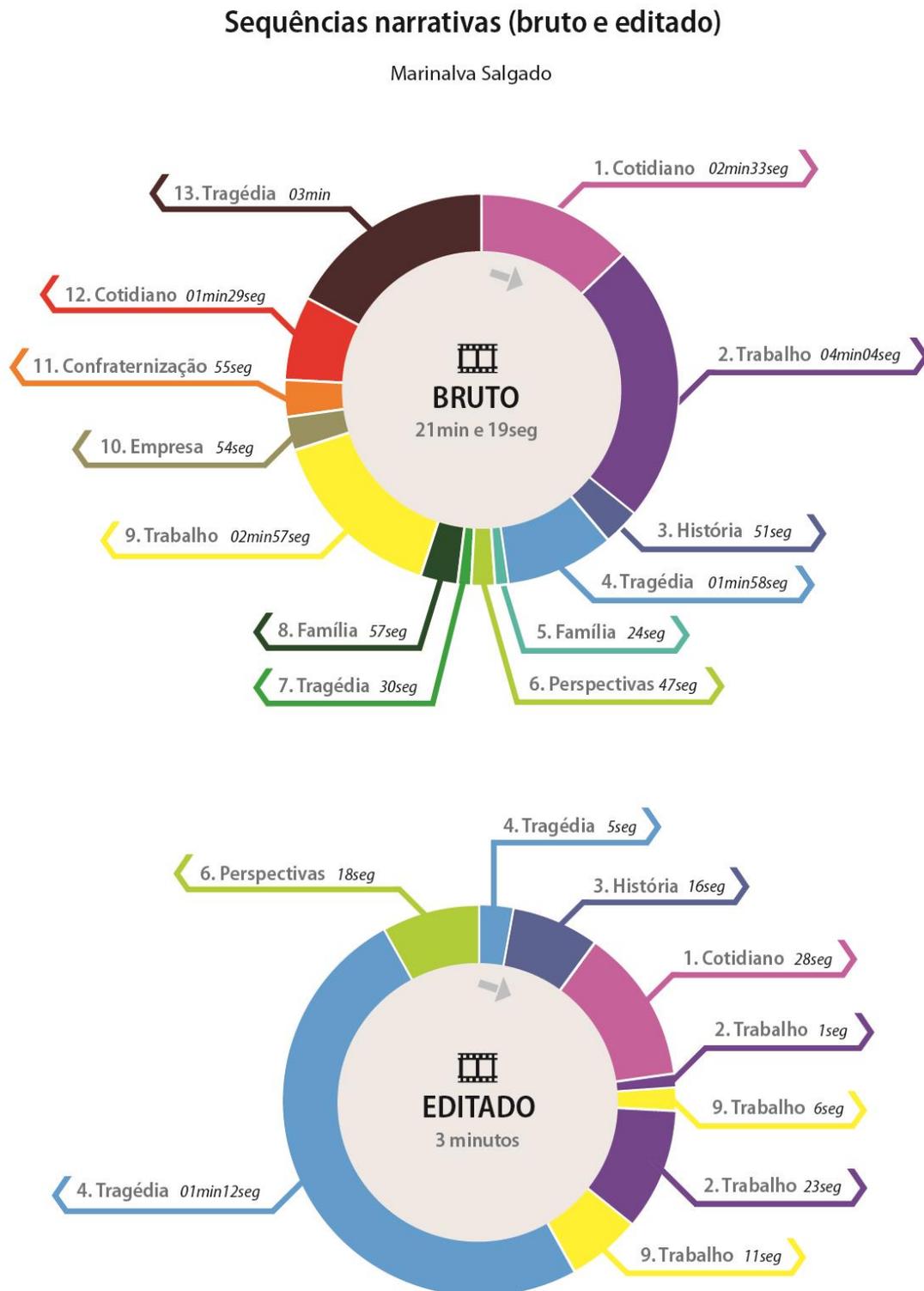
Figura 38 – Marinalva Salgado



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

Com o gráfico (FIGURA 39) que detalha a sequência narrativa do material bruto e do editado de Marinalva Salgado, podemos afirmar que o editado produziu outra narrativa com relação ao bruto, ao tentar conduzir o interlocutor para uma narrativa que reforça que antes existia uma vida tranquila e boa em Bento Rodrigues quando a entrevistada narra sobre o seu cotidiano e a rotina em seu trabalho e houve, com a tragédia, uma ruptura desse bem-estar e tranquilidade, proporcionando assim um efeito patêmico.

Figura 39 – Sequências narrativas (bruto e editado), Marinalva Salgado



Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.2.2 *O olhar jornalístico: o (in)visível – Marinalva Salgado*

As pessoas que assistem ao documentário têm uma imagem de Marinalva Salgado como uma mulher que era o centro da família, porque cuidava sozinha dos filhos e netos e construiu a casa sem ajuda financeira de ninguém; que tinha um apego muito grande a Bento Rodrigues e, mesmo tendo saído do distrito e ido morar em outros locais, sempre retornava, conhecia a todos e sempre tinha uma história para contar sobre o local; que foi surpreendida pela lama, pois, no dia 5 de novembro de 2015, estava em sua vida rotineira e, de uma hora para outra, viu sua casa ser destruída e levada pela lama; que tem prazer em trabalhar na produção de geleia de pimenta biquinho; e que tem sede de justiça, porque quer uma casa nova, um lugar digno para ela, seus filhos e netos morarem.

A narrativa do documentário editado tem início com o que foi presenciado por Marinalva no dia 5 de novembro de 2015, isto é, a casa dela indo embora com a lama. Depois da inserção da trilha sonora, da vinheta de abertura, temos a narrativa da história de Marinalva Salgado em Bento Rodrigues, como a casa dela era estruturada, e logo após, o trabalho que desenvolvia com a produção de geleia de pimenta biquinho. Em seguida, retoma-se o que se passou no dia da tragédia, desde a rotina até o momento da invasão da lama. A narrativa é finalizada com um pedido de justiça para que ela tenha uma casa nova, uma perspectiva diante da tragédia. A narrativa se construiu, portanto, em três fases: caos – tranquilidade – caos. Caos por conta da tragédia; tranquilidade por conta dos afazeres e da vida que a atingida levava; e caos novamente pelo ocorrido no dia 5 de novembro. Discursivamente, a narração do “primeiro caos” tem a função de captar o espectador para que ele tenha interesse em assistir ao documentário até o fim. Já a finalização do documentário com o “caos” novamente, interpretamos, como uma maneira de instigar o espectador, levá-lo a refletir sobre os danos, prejuízos materiais e emocionais causados naqueles atingidos.

O que as pessoas não tiveram acesso e não sabem é que Marinalva Salgado começou o seu trabalho na associação que produz a geleia porque precisava superar a perda do marido e as companheiras de trabalho foram importantes nesse processo. Inclusive, ao ser perguntada o que gostaria de ter resgatado no dia da tragédia, ela responde que seria uma agenda com declarações do marido e uma camisa dele. O que público não teve acesso também é que no Natal daquele ano, Marinalva não iria comemorar a data como sempre fazia porque estavam

em um hotel e não dava para reunir todos da família. Essas partes da narrativa não foram selecionadas para o documentário.

No registro bruto, que tivemos acesso, pudemos assistir durante a entrevista, meninos brincando, passando em frente à câmera na hora da filmagem, pausas para a equipe de jornalismo arrumar equipamentos, o neto da Marinalva pediu a avó biscoito, a câmera treme, enfim, são ruídos que aconteceram, mas que não foram mostrados para o público.

Agora, vamos para as análises com a última entrevistada, Sandra Quintão.

5.2.3 Sandra Quintão

O tempo de entrevista com Sandra Quintão para o jornal *Estado de Minas* foi de 57min02. Comparando com os outros dois depoimentos que estão sendo analisados nesta pesquisa, a entrevista com Sandra Quintão é a que mais se estendeu. Isso porque, acreditamos, ela passou a infância em Bento Rodrigues, seus pais são de lá, de maneira que ela tem uma relação mais antiga com o distrito e, conseqüentemente, mais histórias para contar sobre o lugar. A FIGURA 40 mostra o local escolhido para a entrevista.

A equipe de jornalismo disponibilizou um banco em que a entrevistada ficou sentada durante a entrevista, que se deu em uma cozinha. Ao assistirmos ao vídeo, ficamos sabendo que a cozinha onde Sandra está foi cedida pelo dono do hotel onde estava hospedada após a tragédia para que fizesse suas coxinhas e pés-de-moleque para vender. Sandra Quintão estava triste com o que aconteceu, com as perdas sofridas no dia 5 de novembro de 2015, sendo o que mais gostaria era produzir suas coxinhas para a venda; sensibilizado com a situação, o dono do hotel disponibilizou uma cozinha para ela. No vídeo bruto a que tivemos acesso, podemos perceber que a câmera estava parada e focada diretamente na entrevistada e sem a presença física do entrevistador no enquadramento. O plano conjunto foi o único utilizado, já que a entrevistada está em destaque, porém visualizamos o cenário em seu entorno. O ângulo normal foi o utilizado, como pode ser observado na FIGURA 40. O ângulo normal exprime a ideia de uma conversa direta, de “olho no olho” com o espectador.

Figura 40 – Sandra Quintão



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

Como podemos perceber, o cenário é realista, ou seja, não houve por parte do jornal uma montagem de um cenário para gravar a entrevista, pelo contrário, gravaram em local onde a entrevistada está familiarizada. No QUADRO 9, a seguir, detalhamos os temas abordados na sequência que se deu a entrevista concedida ao jornal *Estado de Minas*.

Quadro 9 – Relação tempo e temas com a entrevistada Sandra Quintão

Temas	Tópicos	Tempo
História	Relação com Mariana	41seg
	Relação com Bento Rodrigues	30seg
Infância	Infância em Bento Rodrigues	47seg
Cotidiano	Festas em Bento Rodrigues e no Bar da Sandra	51seg
História	História de Bento Rodrigues	36seg
Trabalho	Relação com a cozinha	1min32
Família	Relação esposo e filha	2min28
Cotidiano	Festas em Bento Rodrigues e no Bar da Sandra	2min43
	Descrição da casa em Bento Rodrigues	2min51
	Festa no Bar da Sandra	1min02
Tragédia	O dia 5 de novembro de 2015	7min45
	Retorno e como ficou Bento	

Temas	Tópicos	Tempo
	Rodrigues	1min10
Empresa	Relação com a Samarco	3min49
Barragem	Outros episódios de rompimento de barragem em Bento Rodrigues	1min13
Tragédia	Dia 6 de novembro (pós-rompimento)	1min12
Trabalho	Produção de coxinhas	8min18
Cotidiano	Causos de Bento Rodrigues	2min44
	Descrição da casa em Bento Rodrigues	2min03
Tragédia	Resgate de objeto	1min45
Empresa	Relação com a Samarco	55seg
Perspectiva	Futuro	2min46
Tragédia	O que restou de Bento?	1min16
Perspectiva	Recomeço	1min46
Tragédia	O que restou de Bento?	2min39
Empresa	Relação com a Samarco	3min40

Fonte: Elaborado pela autora.

Os temas mais aprofundados no momento da entrevista com a entrevistada Sandra foram “Tragédia”, “Trabalho”, devido à produção de coxinhas que realiza, e “Cotidiano”. Os temas “História”, “Trabalho”, “Cotidiano”, “Tragédia”, “Empresa” e “Perspectiva” foram abordados durante a entrevista mais de uma vez. Entendemos que a retomada dos temas deveu-se por naquele momento estar muito sensibilizada pelas perdas sofridas, pela saudade da rotina em Bento Rodrigues e incomodada em estar naquela situação, morando em um hotel e assim, percebemos que o jornalista buscou obter mais informações a respeito de sua história com o local, o trabalho no Bar da Sandra que dava prazer à entrevistada, o cotidiano com outros moradores, a forma como “recebeu” a lama, a indignação com a empresa e com os moradores de Mariana que reivindicaram, logo após a tragédia, a permanência da empresa Samarco na região e a retomada de suas atividades.

Ao falar sobre a casa dela, que a lama levou com o rompimento da barragem, Sandra fica muito emocionada, como quando fala de seus pais. Percebemos que Sandra, já emocionada ao

se lembrar da mãe falecida, ao ser perguntada como resumiria em uma só palavra o dia 5 de novembro, continuou a chorar. E foi a segunda resposta que foi colocada no material editado. As perguntas e respostas, a seguir, foram feitas consecutivamente:

Estado de Minas (EM): Se você pudesse pegar um objeto de sua casa no dia 5, o que pegaria?

Sandra: A Bíblia da minha mãe. Meu dinheiro não, deixa o dinheiro. Mas eu queria a Bíblia, porque minha sobrinha casou e ela está: “Sandra, me dá a Bíblia de vó para eu levar lá para Mariana”. Eu falei: “Não, a Bíblia da minha mãe vai ficar aqui dentro”. A Bíblia tinha todas as orações dela, que rezava lá sozinha... Que minha mãe a vida toda era da casa para igreja, igreja para casa e, como ela morava do lado da igreja, ela não tinha muita dificuldade de ir à igreja na Semana Santa. Meu pai falava: “Amélia, você está muito na rua, né?!”. Porque o pai era muito católico, mas ele não era participativo igual minha mãe. Minha mãe não, bateu o sino, minha mãe estava indo... E era isso a vida toda que eu conheci minha mãe, que eu convivi com minha mãe: era igreja para casa, igreja para casa. Minha mãe... Uma pessoa assim que era tão especial e também sofreu muito... Não sei por que uma pessoa tão especial sofreu tanto com câncer de tireoide. Minha mãe sofreu; ela tomou morfina. Eu cuidei dela em casa. Foi muito, muito triste o fim da minha mãe. Pelo que ela era, não merecia sofrer tanto como sofreu, mas acho que se ela tivesse viva agora também não estaria passando um bom pedaço não sabendo que tudo dela foi embora. Então o que eu pegaria é a Bíblia da minha mãe que ficou numa mesa antiga na sala com as orações dela.

EM: Se fosse para você resumir o dia 5 de novembro em uma palavra, qual seria?

Sandra: Maldade, crueldade, me arrancaram da minha casa na maldade e na crueldade. A palavra é essa crueldade. Cruel, foram cruéis mesmos, não tiveram compaixão da gente, muito cruel porque fui arrancada da minha casa. Muito, muito, muito triste, muito, foi o pior momento da minha vida, vai ficar gravado. Não precisava disso, eles poderiam ter conversado e tirado a gente de lá. Não precisava, foi cruel, cruel, bruto mesmo, uma coisa animal. Eu não esperava sair da minha casa assim e não poder voltar ao meu lugar mais, porque eu adorava minha casa.

Para Bosi (1994), a casa materna é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da nossa infância. “Temos com a casa e com a paisagem que rodeia a comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas” (p. 442). Então, são essas as lembranças que mais emocionaram Sandra, ao lembrar-se da casa que pertencia a seus pais e que foi levada pela lama.

5.2.3.1 Editado – *O pessoal tinha esse pesadelo*

O tempo total do documentário com Sandra Quintão é de 4min09, sendo 3min57 o tempo de fala da entrevistada. O título do vídeo *O pessoal tinha esse pesadelo*, sugere que os atingidos temiam que a barragem da Samarco se rompesse e destruísse Bento Rodrigues. Todo o documentário com a atingida Sandra Quintão foi marcado por muita emoção. Falou-se sobre as lembranças do dia do rompimento, o drama de se ter a possibilidade de uma barragem se

romper em Bento Rodrigues, as brincadeiras da infância, a vida tranquila no Distrito, as festas animadas que aconteceram lá em 2015 e a relação afetiva que ela tinha com sua casa, destruída pela lama. O fim do documentário é marcado pela revolta de Sandra por ter sido “arrancada” de sua casa, como ela própria diz, sem ao menos ter sido avisada pela empresa Samarco (mesmo que não cite o nome da empresa, está no âmbito do subentendido que a revolta é com a empresa). Os detalhes do dia 5 de novembro, as atividades que fez antes do ocorrido e o que aconteceu no momento do rompimento também foram abordados. Na FIGURA 41, apresentamos os temas tratados no documentário.

Figura 41 – Temas abordados no documentário com Sandra Quintão



Fonte: Elaborada pela autora.

Podemos perceber que “Tragédia” e “Cotidiano”, dois dos temas mais explorados no registro bruto, foram também utilizados no editado. Já “Barragem” e “Infância”, poucos explorados no registro bruto, tiveram destaque no editado. Discursivamente, podemos pressupor que os assuntos escolhidos são baseados na finalidade de captar o espectador. Ao narrar sobre um episódio passado de um possível rompimento de barragem e o desespero dos moradores de Bento Rodrigues, o discurso pode provocar sentimentos no espectador como revolta por já ter acontecido antes e a Samarco não ter se precavido para que o acontecimento não se repetisse. Com relação à infância, podemos sugerir que a inserção de informações sobre os momentos felizes na fase de criança, com total liberdade, pode causar uma identificação com o espectador. A ideia de captação está presente.

O documentário de Sandra Quintão começa com ela em prantos narrando que, depois do rompimento, não é a mesma pessoa, a vida dela passou por uma transformação, como podemos observar no trecho a seguir:

Pode me dar todo o dinheiro agora que eu não vou ser a Sandra, não vou ser a Sandra que era, vou estar sempre lembrando. Eles podiam ter evitado isso, a gente ia sair de casa, não ia guardar essa lembrança da lama, não ia ter isso na cabeça, isso acabou com a gente.

No trecho, o efeito patêmico se faz presente com a entrevistada em prantos e se mostrando muito abalada com o ocorrido, com o fato de os responsáveis pela empresa não terem evitado a tragédia; percebemos uma mistura de dor e revolta na fala de Sandra. Logo após, se faz presente a vinheta do documentário, dando uma pausa na fala da entrevistada. Em seguida, Sandra se lembra de outros episódios de supostos rompimentos de barragem em Bento Rodrigues; de sua infância simples, livre, tranquila, divertida e com muita brincadeira naquele local; das festas realizadas em Bento, que atraíram muitas pessoas e sempre eram muito divertidas; de como era a estrutura de sua casa; da crueldade da empresa pelo transtorno causado aos moradores do distrito; e encerra contando sobre o dia 5 de novembro, o dia tranquilo que estava tendo antes do rompimento seguido do desespero que tomou conta dos moradores locais com o descer da lama.

Constatamos, assim, que os temas mais explorados na entrevista não foram postos todos no editado. O trabalho na produção de coxinhas, por exemplo, foi bem explorado no registro bruto e nada foi selecionado para o editado. Entendemos que a abordagem desse tema na entrevista buscou deixar a entrevistada mais à vontade para falar sobre um trabalho que a motiva e também por buscá-lo como forma de superação.

Observamos que o relato de Sandra Quintão apresenta saber de conhecimento de experiência, já que ela vivenciou a experiência do dia 5 de novembro de 2015 e tem propriedade para falar sobre o assunto. Os imaginários do relato trazem à tona ainda as crenças e as opiniões (saber de crença) que ela carrega consigo.

Para mostrar os imaginários encontrados no discurso de Sandra e os actantes narrativos, dividimos a fala de Sandra Quintão em seis trechos, conforme QUADRO 10.

Quadro 10 – Imaginários e actantes narrativos no documentário de Sandra Quintão

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>Trecho 1: Pode me dar todo o dinheiro agora que eu não vou ser a Sandra, não vou ser a Sandra que era, vou estar sempre lembrando. Eles podiam ter evitado isso, a gente ia sair de casa, não ia guardar essa lembrança da lama, não ia ter isso na cabeça, isso acabou com a gente.</p>	Negligência	A actante sofre a ação, ela a recebe de maneira passiva. Ela é vítima, pois é afetada negativamente pela ação de outro actante. A actante-vítima não reage.
<p>Trecho 2: Há 25 anos, com muita chuva bateu de madrugada a polícia lá em casa para tirar a gente para o lugar mais alto que ficou com muita chuva a barragem ia estourar, o Bento já tinha, o pessoal do Bento já tinha esse pesadelo sim. Há 25 anos, foi todo mundo para cima lá na igreja e o que aconteceu durante esses 25 anos. Eles tentaram conviver comunidade com Samarco, fazer trabalhos, mas eles foram criando mais barragens. Todo mundo ficou lá e esperou, aí depois veio o alerta que já tinha acabado não ia acontecer mais nada.</p>	Impunidade	A actante sofre a ação. Ela a recebe de maneira passiva, mas ainda assim reage. Ela o faz como benfeitora, de maneira voluntária.
<p>Trecho 3: A minha lembrança de criança era pé no chão é o</p>	Infância feliz	A actante age e o faz como benfeitora, de maneira

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>lugar ainda sem o asfalto. Era em cima de pé de jabuticaba, em cima pegando manga no terreno dos vizinhos, brincando de pique que não tinha luz ainda. Esse ano até São Bento encheu de gente, foi uma festa muito boa, foi no dia 31 de julho. Nós nunca tivemos assim, foi muito bom, o movimento do meu Bar, nossa surpreendeu foi assim parece que esse ano foi a despedida, porque foi tudo muito bom esse ano lá em Bento.</p>	<p>Simplicidade</p>	<p>voluntária.</p>
<p>Trecho 4: Era a minha casa, a mais bonita, a mais antiga, tinha um piso de pedra nela de dar inveja; eu acho que isso a lama não levou não. A minha casa era ligada ao bar, então a minha sala, se eu deixasse a porta aberta, o pessoal via a minha sala. Era uma casa de 20 cômodos, então tinha os cômodos do bar, da minha casa.</p>	<p>Conquista Status social Tradição</p>	<p>A actante não age e nem sofre a ação, ela está em estado de saudosismo ao falar de sua casa.</p>
<p>Trecho 4: Maldade, crueldade... Arrancaram da minha casa na maldade, na crueldade. A palavra é essa crueldade, cruel foram cruéis</p>	<p>Tragédia</p>	<p>A actante sofre a ação. Ele a recebe de maneira passiva. Ela é vítima, pois é afetada negativamente pela ação de outro actante.</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
<p>mesmo, não tiveram compaixão da gente, muito cruel, fui arrancada da minha casa, muito, muito, muito triste muito. Foi o pior momento da minha vida, vai ficar gravado. Não precisava disso, eles poderiam ter conversado e tirado a gente de lá.</p>		<p>A actante-vítima não reage.</p>
<p>Trecho 5: No dia 5 de novembro estava tranquilo como todo dia normal, né... As cozinheiras chegaram às sete horas, aí eu comecei a fazer as minhas coxinhas que na quinta-feira eu já gostava de deixar tudo pronto para o final de semana. Olhando assim, eu vi a menina buzinando na moto. Na hora que eu escutei a menina estava gritando “barragem estourou”, eu fiquei tremendo e fui longe. Aí eu só pensei na chave do meu carro e gritei minha irmã que ela ia largar serviço às quatro horas. Quando nós chegamos ao alto nossa casa boiando, o segundo andar já estava boiando foi muito, muito rápido, a gente teve que sair mesmo nesse período. Deve ter dado uns 10</p>	<p>Destruição/perda</p>	<p>A actante sofre a ação. Ela a recebe de maneira passiva, mas ainda sim age. Ela o faz como benfeitora, de maneira voluntária.</p>

Trechos	Imaginários	Actantes narrativos
minutos só para a gente sair.		
<p>Trecho 6: Eu não voltei, não sei se eu vou conseguir voltar ver a casa onde minha mãe meus pais a vida toda gostaram, moraram. Vai ser difícil retornar a Bento; eu quero retornar a Bento, mas eu quero que limpam tudo que eles fizeram. Cultivem minha terra que eu estava com um lote ao lado que eu tinha comprado com mais de cem pés de milho, mandioca, estava jogando água na mangueira que eu ia comer um milho lá do meu lote. Eu quero que limpem tudo e devolvem minha casa, a minha casa que eu gostava muito, porque eu quero isso, pode ser 20%, eu e o pessoal ganharmos, mas eu lutei. Eu tentei. Ver se eles limpam tudo e dê segurança para gente ir lá. É o que eu quero deles agora é isso.</p>	<p>(In)Justiça</p> <p>Direito à propriedade</p>	<p>A actante não age e nem sofre a ação, ela está em estado de expectativa, de esperança.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O início do documentário, quando Sandra Quintão diz “Pode me dar todo o dinheiro agora que eu não vou ser a Sandra”, mostra que ela considera que a vida dela era aquele local, as relações com os moradores, era uma questão de identificação com o lugar; e com a destruição de Bento Rodrigues, a vida dela foi destruída. Desolação é o estado de Bento quando a atingida fala o que viu e presenciou com a tragédia. E, ainda, negligência ao narrar que a

Samarco (está no âmbito do subtendido, pois ela não cita o nome da empresa e nem dos responsáveis) poderia ter evitado a tragédia. O tom do discurso de Sandra foi de desabafo e ressentimento com relação à empresa.

Ao narrar outro episódio em que passou sufoco ao ser informada de possível rompimento de barragem, temos o imaginário de impunidade. Ela narra que ela e outros moradores tiveram que subir no lugar mais alto de Bento Rodrigues para fugirem da lama de um possível rompimento de uma barragem. A infância, tratada logo em seguida, é lembrada pela tranquilidade, simplicidade, liberdade e alegria, portanto, temos o imaginário de infância feliz de criança do interior. Ao falar sobre a casa onde morava em Bento Rodrigues, Sandra conta com orgulho por ser uma casa antiga, onde seus pais moraram, então temos os imaginários de conquista, status social e tradição. Quando fala da postura da empresa, demonstra raiva, revolta pelo fato de a Samarco não ter avisado os moradores com antecedência, antes da barragem se romper, para que todas as pessoas que estavam no distrito saíssem. Logo em seguida, conta sobre a tragédia e como foi pega de surpresa, ressaltando a destruição no local. Temos o imaginário de destruição/perda, ou seja, Sandra Quintão viu aquele local de tradição ser destruído e, assim, houve também uma perda do status social.

O imaginário de (in)justiça marca o discurso de Sandra Quintão quando ela fala sobre a empresa; e o imaginário direito à propriedade quando narra que o desejo dela é que a empresa limpe todos os estragos causados no distrito, em sua casa, e que dê segurança para a volta dos moradores ao local. Ela conta o que estava cultivando em Bento e esperava alimentar-se do que ela mesma produziu, plantou.

Sandra Quintão se apresenta, por meio de seu discurso, uma actante que desempenha papéis variados durante sua narrativa, dependendo do momento e da ação na qual ela esteve envolvida. Ao relatar sobre a tragédia, a actante sofre a ação. Ela a recebe de maneira passiva ao ver sua casa sendo levada pela lama e não podendo fazer nada. Esses papéis apresentam características e qualificações como impotência e fraqueza ao ver tudo que mais gostava sendo levado pela lama.

Ao narrar “Eles tentaram conviver comunidade com Samarco, fazer trabalhos”, percebemos um interdiscurso empresarial, pois as empresas, cada vez mais, tentam fazer trabalhos que envolvam a comunidade de seu entorno, buscando uma responsabilidade social, ambiental.

No Trecho 3, ao relatar “A minha lembrança de criança era pé no chão é o lugar ainda sem o asfalto. Era em cima de pé de jabuticaba, em cima pegando manga no terreno dos vizinhos, brincando de pique que não tinha luz ainda”, identificamos a composição de um estilo literário no qual as narrativas são sempre envolventes, cheias de beleza e poesia.

Observamos que do material bruto com a entrevistada Sandra Quintão foram retiradas as falas para o documentário de onze perguntas feitas para ela. Apresentamos, a seguir, as perguntas em que foram retirados os trechos para o editado.

Estado de Minas (EM): Como foi sua infância no Bento? Quais são suas lembranças?

Sandra: **A minha lembrança de criança era pé no chão, é o lugar ainda sem o asfalto, era em cima de pé de Jabuticaba, em cima pegando manga no terreno dos vizinhos, brincando de pique porque não tinha luz ainda**, batia na porta dos outros à noite para assustar as pessoas, a gente batia e escondia para a pessoa não vir a gente porque se visse ganhava muito xingo. Foi uma infância muito legal, foi de brincar de casinha no terreiro com latinha de massa de tomate que não tinha brinquedo. 43 anos de infância de brincar de cozinha em casa. Foi assim.

EM: Você morava perto do bar?

Sandra: **A minha casa era ligada ao bar. Então a minha sala se eu deixasse a porta aberta o pessoal via minha sala.** Minha casa era ligada, minha filha brincando, é ligada ao bar minha casa.

EM: Como era a casa?

Sandra: Enorme. **Era uma casa de 20 cômodos. Então tinha os cômodos do bar e da minha casa.** Quando meu pai comprou era um casarão de dois andares. O ex-morador de lá foi lá ao Bento numa excursão Estrada Real aí ele ficou procurando o local. Como eu modifiquei muita coisa, ficou diferente. Meu pai tinha tirado a parte de cima e era uma casa de madeira, tudo de madeira a estrutura, uma casa antiga mesmo. Ele ficou olhando aí quando ele se viu, estava dentro da casa aí ele falou que os pais, avós dele eram donos de lá aí falou comigo que ia mandar a foto de dois andares porque eu não conhecia. Tinha curiosidade de conhecer. Ele mesmo foi levar a foto para mim depois de alguns meses. Ele falou “trouxe as fotos do casarão”. Assustei, muito lindo. Ele já levou no quadro e um título de eleitor também de 1888 que o pessoal morava nessa casa, porque era uma fazenda, o terreno muito grande, o terreno dava até no rio. Ele levou, eu coloquei no quadro lá no bar. A minha sobrinha tem a foto porque a lama levou os quadros todos. Quando eu comecei no bar também, o pessoal que estava lá, eu falava “vou tirar uma foto sua, vou por no meu mural”. Tinha um mural antigo também foi embora, pregava na parede fotos da casa como era, como ia mudando, tinha um quadro enorme que foi embora na lama. Dos clientes que eu tirava. Quem deixava, eu ia tirando. Perdi muitas fotos, muitas lembranças do bar. Muitas lembranças de Bento sem asfalto, era terra. Eu tinha foto de Bento sem asfalto na comunidade, tinha foto dos meninos pequeninhos que hoje já estão com 30, da minha idade. Tinha foto de tudo.

EM: Qual a festa mais legal que teve no bar? Que você não vai esquecer nunca.

Sandra: Engraçado, menino, **esse ano a festa São Bento encheu de gente, foi uma festa muito boa, foi dia 31 de julho, foi muito bom o movimento do meu bar. Nossa, surpreendeu.** E também a festa de Nossa Senhora das Mercês que foi em

setembro também encheu, Bento estava cheio, festa boa, o cantor bom. Foi **assim parece que esse ano foi a despedida porque foi tudo de bom lá em Bento** esse ano. É porque estava ficando fraca, mas esse ano a coisa “bombou” mesmo, pessoal gostou, elogiou. Porque as duas festas assim tem a comitiva de festeiro então eu ajudava organizar, o jantar da banda era no Bar da Sandra, cada um fazia uma parte, os festeiros, cada um tinha uma missão, missão de enfeitar as ruas. Então as festas lá esse ano foram muito boas.

EM: E o seu dia 5 de novembro de 2015, como foi o seu dia?

Sandra: **O dia 5 de novembro estava tranquilo, como todo dia normal. As cozinheiras chegaram às sete horas, eu comecei a fazer as minhas coxinhas porque na quinta-feira eu já gostava de deixar tudo pronto para o final de semana.** Enrolei três tabuleiros de coxinha, já deixei pronto lá na geladeira, fiz o pé-de-moleque porque o pessoal iria almoçar meio-dia lá. 11 horas começava o almoço e o pessoal gostava de encontrar os doces. Eu gosto de fazer os meus doces sempre cedinho porque o produto fica novinho. Fiz o pé de moleque, já tinha tirado o coco da casca também eu ia descascar, descasquei o coco. Quando foi à tarde, servi quase 40 refeições dos funcionários das empreiteiras da Samarco que estavam fazendo sondagem nas barragens que eles já iriam iniciar a fazer a do Mirandinha que tinham falado com a gente há um ano, tinha o pessoal da sondagem, da topografia. Então eu servi umas 40 refeições e nesse dia tinham duas meninas daqui de Mariana panfletando para uma loja aí elas estavam almoçando, eu lembro que eu estava na mesa e elas “nossa que lugar gostoso, tranquilo, que comida boa”, eu falei com elas “eu adoro esse lugar, adoro aqui e as pessoas elogiam muito minha comida”. Elas falaram “vou trazer meu pai final de semana, como é que funciona?” Eu falei “é só você ligar para mim e combinar quantas pessoas vêm que eu faço um franguinho e quando você chegar já está pronto” e ela “ah tá, nós vamos vir aqui”. Quando deram quatro horas, o ônibus da linha passou, na hora que o ônibus passou, ele não tinha costume de ir lá ao meu bar não porque ele passava direto aí ele passou e deixou uma encomenda lá no bar, entregou para minha irmã na hora, a trocadora desceu e entregou. E minha filha viu o ônibus embora e ela está assim “mamãe, o “busão” não levou a gente eues tava na porta vendo ônibus embora”, e eu “ô minha filha, hoje não vamos não”. Porque era costume da gente ir à casa de uma irmã lá em Santa Rita Durão no ônibus e como ela tem dois anos e oito meses andar de “busu” é tudo curioso para ela. Eu falei “hoje a gente não vai não”. Olhando assim, eu vi a menina buzinando na moto, **na hora que eu escutei a menina estava gritando “a barragem estourou” eu fiquei tremendo, fui longe. Eu só pensei na chave do meu carro e gritei minha irmã que ela ia largar serviço às quatro horas.** Falei “Terezinha, a barragem estourou, vamos embora, a menina Paula passou gritando”. Ela disse “não Sandra, é mentira”. Eu falei “olha lá em cima já vi uma nuvem de poeira” e ela ta assim “não é normal a gente ter essa poeira” falei “ah não é não Terezinha, eu vou pegar meu carro. Acredita, vamos embora”. Eu fui, peguei a chave, nem peguei meus documentos, estava perto, mas só o carro aí consegui abrir o portão de casa, acionar o alarme, consegui tirar meu carro. No conseguir tirar o meu carro aí eu levei para fora, coloquei a minha filha e vi uma senhora que tinha dificuldade de andar lá embaixo sendo carregada, eu coloquei no meu carro, coloquei mais uma pessoa, achei um motorista perto de mim e falei “some com esse carro, leva essas pessoas embora porque vou esperar minha irmã”. Ela foi para o quintal afora chamar meu irmão, avisar esse pessoal aí ela tava tentando ajudar na correria quando ela viu a lama chegar ela correu lá para onde eu estava. Eu falei Terezinha “eu vou em casa pegar meus documentos” ela está assim “vai nada, lá a lama já está chegando nas casas”. Então foi questão dela correr, entrar para caminhonete do meu irmão, que ela tinha conseguido falar com ele, ela subiu na caminhonete. Vi um amigo meu passando, eu bati na porta dele, entrei para dentro do carro dele aí meu irmão mais ela tentaram ir para Santa Rita, mas a lama já tinha chegado. A nossa solução era subir a Igreja das Mercês, lugar mais alto. Nós subimos para a igreja, estava cheio de gente do Bento, todo mundo correndo para esse local e a lama tomando as casas aí no que a gente seguiu a Igreja das Mercês, a gente andou uns 100 metros para chegar na caixa d’água e a casa minha irmã estava

no alto, a casa dela não atingiu não. **Quando nós chegamos no alto**, meu irmão está assim “Sandra **nossa casa boiando**”. **O segundo andar já estava boiando. Foi muito, muito rápido a gente teve que sair mesmo nesse período deve ter dado uns dez minutos para a gente sair.** A gente viu do alto a casa boiando aí o pessoal correndo para o mato, para um lugar mais alto de Bento. Já estava cessando, já estava acalmando aquela lama. Depois de meia hora que nós estávamos lá, chegou um sobrinho meu e um outro rapaz que estavam conseguindo passar por um caminho aí eu falei com eles “me mostre esse caminho que a gente vai seguir vocês para sairmos” eles falaram “vamos sair porque a outra barragem está para estourar”. Ele pegou duas tábuas de pedreiro aí eu vi ele passando, umas 30 pessoas atrás dele, a gente com criança no colo, eu com a minha menina, uma menina com um bebê de nove meses. Nós corremos atrás dele, umas 30 pessoas. A minha irmã não foi com a gente porque ela iria olhar meu tio, meu tio muito idoso e não ia conseguir passar para o caminho. Ela ficou meu irmão também, meu irmão já operado de quatro cirurgia na coluna não foi também atrás da gente não. E o caminho, não tinha caminho, a gente colocou no córregozinho onde a lama passou e tinha umas árvores caídas e nós colocamos as tábuas e fomos passando criança primeiro, um jogando para o outro, ficou cada um em cada ponto. Aí um pouco a criança no colo de um, no colo do outro passando depois dos idosos Também passamos. E a mata que a gente correu não tinha caminho, eu caía, escorregava e na hora um falava por aqui, outro falava era por aqui e eu chorava, meu Deus por que não esperei o helicóptero, eu chorando com a minha menina pesada, mas todo mundo ajudando o outro carregar aí eu conseguimos com muita dificuldade, nós passamos a lama no outro ponto, nós conseguimos passar a lama antes de escurecer. Eu saí na estrada que dava acesso a Santa Rita, graças a Deus, por cima de Bento, nós chegamos antes de escurecer. Conseguimos sair, eu saí nervosa, xingando, brutalidade tirar da casa daquele jeito. O policial ainda falou para mim “vai manifestar depois, vai manifestar depois”. Eu chorava toda hora, cheguei a Santa Rita na casa da minha irmã. Ela me abraçou, as minhas irmãs que estavam trabalhando em Mariana que moravam em Bento estavam assustadas comigo, do jeito que eu cheguei em Santa Rita e com minha filha eu passei a noite.

EM: Qual a última imagem que você tem do dia, do Bento?

Sandra: Acho que a imagem que meu irmão me mostrou do segundo andar que rancou e foi rodando rodou até sumir, essa a última imagem que eu tenho de lá que eu não voltei, **não sei se eu vou conseguir voltar, ver a casa onde minha mãe e meus pais a vida toda gostaram, moraram. Vai ser difícil retornar a Bento, eu quero retornar a Bento, mas eu quero que eles limpam tudo que eles fizeram, cultivem a minha terra, porque eu estava com o lote que eu tinha comprado com mais de cem pés de milho, mandioca, estava jogando água na mangueira que eu ia comer um milho lá do meu lote. Eu quero que eles limpem tudo e devolvem minha casa a minha casa que eu gostava muito porque eu quero isso pode ser 20% eu e o pessoal ganhar, mas eu lutei, eu tentei, ver se eles limpam tudo e dê segurança para a gente lá é o que eu quero deles agora é isso**, eu quero segurança e o meu lugar no meu lugar. Que eles arrumem minha casa tudo de novo aí eu volto para Bento quando eles arrumarem tudo de novo lá para eu voltar.

EM: Você acha que Bento vai voltar a ser o que foi?

Sandra: É difícil né. Eu não sei o estado de Bento, mas dizem que está horrível. Minha irmã foi lá tirar as coisas da casa dela e falou comigo “Sandra, lá está horrível, não tem como mais ser o que o Bento era para a gente”. Então está machucando porque **pode me dar o dinheiro agora porque não vou ser a Sandra, não vou ser a Sandra que era, vou estar sempre lembrando. Eles podiam ter evitado isso, a gente ia sair de casa, não ia guardar essa lembrança da lama, não ia ter isso na cabeça. Isso acabou com a gente.** Eles compraram ao redor de Bento tudo, um amigo meu construiu um sítio lá de dois andares quando eles negociaram com ele e falou comigo “Sandra, eu não vou conviver com uma barragem na porta da minha casa” que era a barragem do Mirandinha que eles já estavam fazendo pesquisa lá para fazer essa outra barragem. Na reunião que eles me levaram, levaram 19 pessoas de Bento e eu estava no meio, anunciaram a barragem do Mirandinha.

Eles tinham uma pesquisa de Bento, que sempre tinham pesquisando a gente, saber quantos cômodos tem a sua casa, sempre tinha entrevista. Olharam o que pessoal mais ansiavam em Bento, era asfalto. E eles prometeram o asfalto lá e eu só fiz uma pergunta para eles quanto tempo da minha casa está a outra barragem. Dois quilômetros em linha reta e no córrego seriam seis. Eu achei um absurdo, eu fui para casa chateada porque eu já tinha ouvido falar de Itabirito. Nessa semana, eles apresentaram, levaram a gente lá para comunicarem e no outro final de semana, no sábado, onde todo mundo estava reunido, eles foram lá para comunicar a comunidade toda, porque eu não fui ao grupo, à reunião, fiquei no meu restaurante aí quando eles saíram da reunião, eles pararam lá, porque eles também tinham um laço entre a gente e eles participavam do meu restaurante, todos eles da Samarco, os funcionários eles iam também comer meu pé de moleque, minha coxinha, minha comida. Eles não saíam lá do meu restaurante, tinha um laço com eles e tem o menino da comunidade, o Guilherme chegou para mim e falou “Sandra, essa barragem vai ser boa”, falei “não, dois quilômetros é muito perto, não tem como levar para mais longe não?”. A minha irmã mais velha estava perto de mim, ela viu que eu estava nervosa na hora nesse dia e ela está assim “Sandra, eles não vão fazer nada para agredir a gente. Eles têm tudo lá”. Eles falavam que estava tudo sobre controle. Sinceramente fiquei assustada, porque controle não teve nenhum, não teve alarme, não teve sirene, eles não propuseram tirar a gente das nossas casas. Nunca chegaram e falaram vamos tirar Bento. A gente tinha na cabeça porque um dia iriam tirar a gente porque eram muitos comentários de barragem perigosa.

EM: Esses comentários, desde criança você escuta a questão do perigo de rompimento de barragem?

Sandra: **Há 25 anos**, com muita chuva, eu era pequena. **Bateu de madrugada a polícia lá em casa para tirar a gente para o lugar mais alto porque a barragem iria estourar Bento, já tinha esse pesadelo sim. Há 25 anos, foi todo mundo para cima lá na igreja e o que aconteceu durante esses 25 anos eles tentaram conviver comunidade com Samarco, fazer trabalhos, mas nunca nunca... eles foram criando mais barragens.**

EM: A cidade inteira se mobilizou?

Sandra: **Fomos para o alto, nesse alto que a gente ficou que salvou a gente, todo mundo ficou lá e esperou. Depois aí o alerta que já tinha acabado não ia acontecer mais nada.**

EM: Qual o maior tesouro de Bento?

Sandra: **Era minha casa, a mais bonita, a mais antiga. Tinha um piso de pedra nela de dar inveja, eu acho que isso a lama não levou não.** No lavar lá, vai aparecer meu piso de pedra, só escravo mesmo. Então era um piso de pedras grandes. Ela vai estar lá, um dia vai lavar e vocês podem filmar, você vão ver o meu piso. Antigamente o resto dos cômodos era assoalho, como a tábua apodrece com o tempo, coloquei ardósia no comércio e piso de cerâmica nos quartos. O que vai restar da minha casa lá, que eu tenho certeza, que não é possível que a lama tenha levado, é piso de pedras antigo, piso de décadas.

EM: Se fosse para você resumir o dia 5 de novembro em uma palavra, qual seria?

Sandra: **Maldade, crueldade, me arrancaram da minha casa na maldade e na crueldade. A palavra é essa crueldade. Cruel, foram cruéis mesmo, não tiveram compaixão da gente. Muito cruel porque a fui arrancada da minha casa. Muito, muito, muito triste, muito, foi o pior momento da minha vida, vai ficar gravado, não precisava disso eles poderiam ter conversado e tirado a gente de lá. Não precisava, foi cruel, cruel, bruto mesmo, uma coisa animal. Eu não esperava sair da minha casa assim e não poder voltar ao meu lugar mais, porque eu adorava minha casa.**

Podemos perceber os três tipos de montagens para a edição do documentário com a Sandra Quintão: sincrônica, diacrônica e anacrônica, porém a diacrônica prevalece, pois diversos trechos de respostas diferentes da entrevistada foram utilizados para a composição da narrativa. Em alguns casos, foi utilizada uma mesma resposta por inteiro e em outros pegaram trechos irrisórios, pequenas falas dentro de um contexto maior. No QUADRO 11, buscamos fazer um comparativo dos imaginários encontrados no registro bruto e no editado de acordo com cada temática abordada na entrevista com Sandra Quintão.

Quadro 11 – Tematização e imaginários no material bruto e editado: Sandra Quintão

TEMAS	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS	
	EDITADO	BRUTO
História	-	Amor
Infância	Simplicidade Infância feliz	Simplicidade Infância feliz
Cotidiano	Tranquilidade Conquista Status social Tradição	Tranquilidade Conquista Status social Tradição
Trabalho	-	Satisfação Reconhecimento Direito ao trabalho
Família	-	
Tragédia	Tragédia Negligência Destruição/perda	Tragédia Negligência Destruição/perda
Empresa	Negligência	Negligência
Barragem	Impunidade	Impunidade
Perspectiva	(In)Justiça	(In)Justiça Futuro melhor

Fonte: Elaborado pela autora.

Identificamos, no registro bruto, imaginários que não foram vistos no material editado. No tema “História”, não abordado no material editado, o amor de Sandra Quintão por Bento

Rodrigues é evidente, sendo o local que ela e seus pais viveram por muitos anos, onde tinha seu bar, local de trabalho, e convivia com todos. No tema “Trabalho”, visto apenas no registro bruto também, Sandra mostra satisfação em trabalhar em seu bar, reconhece a valorização do trabalho e conta que tinha muita vontade de retornar ao trabalho que seria uma forma de esquecer o que viveu naquele dia 5 de novembro de 2015. No tema “Perspectiva”, além do imaginário de justiça presente também no material editado, identificamos a vontade de Sandra Quintão que sua filha Ana Amélia comece a estudar e esquecer o que passaram no dia da tragédia, ela quer um futuro melhor para a filha e aposta nos estudos para que isso aconteça.

No registro bruto, percebemos a revolta de Sandra Quintão com as manifestações realizadas em Mariana para que a Samarco voltasse a operar na cidade, já que, na época do rompimento da barragem, seus trabalhos foram interrompidos. Ela apresenta consciência crítica que a empresa prejudicou muita gente, causou muitas mortes e era muito cedo para pensar em um retorno de suas atividades na cidade, como pode ser observados em sua fala a seguir. Os imaginários de negligência nas operações da Samarco e um sentimento de revolta estão bem presentes no discurso de Sandra.

[...] vi o pessoal de Mariana reivindicando a Samarco, aquilo me entristeceu, muito cedo. Não tem nem um mês da tragédia e o pessoal já a favor da Samarco? Ela agiu errado. Ela errou. O que eu tenho medo hoje é da gente que é vítima, se tornar o contrário. Se acontecer alguma coisa com a Samarco, nós ainda vamos ser culpados. O pessoal que fala que depende dela para trabalhar, deles acharem que a gente vai ser culpado da Samarco sair da cidade. Eu penso assim, e a gente vai ter que viver aqui porque nosso lugar acabou, nós vamos ter que conviver com eles que dependem da Samarco e está querendo a Samarco. Eu achei muito cedo para fazer manifesto em favor de uma empresa que não teve cuidado de colocar um alarme para alertar a gente. Estou com pano preto no meu carro. Eu estou de luto porque eu perdi. Eu sou uma Marianense, mas eu estou sentindo dor. Eles dependem do emprego. Eu achei muito cedo o manifesto deles. Tenho medo da gente que é vítima, no futuro a gente ser visto com outros olhos pela população. A população pode olhar a gente com outros olhos. Eles foram muito rápidos em protesto a favor da Samarco. Eles foram muito rápidos. Estava assistindo a um programa na televisão, o apresentador mostrou o povo fazendo manifesto. Ele que não é daqui da região, que não sofreu nada, ele se sentiu incomodado da população agir dessa maneira. Ele mostrou o pessoal de BH sujos de lama e aqui em Mariana, eles estão dando apoio à mineradora, as pessoas reagiram. Tiveram mortes e não foram poucas, teve gente Bento que não foi encontrada, eles estão procurando corpos e a população de Mariana saindo às ruas. Eu não concordei com isso, tudo bem que eles dependem do emprego, mas esperassem uns seis meses, três meses, mas sentisse a dor primeiro. Tem menos de 15 dias e o povo sair a favor. Não sei se estou pensando errado. Eles tinham que primeiro ouvir quem é culpado. Se ela iria embora mesmo. Eu me senti machucada no Centro de Convenções. Quando eu vi o manifesto, eu falei com as meninas que estavam me dando doação “Queria estar lá no hotel para não ver”. Machucou-me. A reação da população de Mariana me machucou. O apresentador da televisão que não é daqui da região também achou um absurdo o povo fazendo isso, teve mortes, eram amigos da gente. Por que a população fez isso? Esperasse um

tempo, esperasse um mês, esperasse a dor baixar um pouquinho, mas não... É difícil, eu não gostei.

Os planos de câmera que prevalecem no vídeo de Sandra Quintão é o plano conjunto (FIGURA 40) e o primeiríssimo plano (FIGURA 42). Plano conjunto porque há o enquadramento da entrevista e, ao mesmo tempo, do cenário que o compõe, no caso a cozinha onde Sandra Quintão estava trabalhando. Este último enquadramento é utilizado quando a entrevistada, bem emocionada, fala da crueldade da empresa por não ter avisado e tirado a tempo os moradores antes do rompimento da barragem. Podemos perceber, portanto, que esse plano pretende reforçar a carga dramática da entrevistada e também o que está sendo dito.

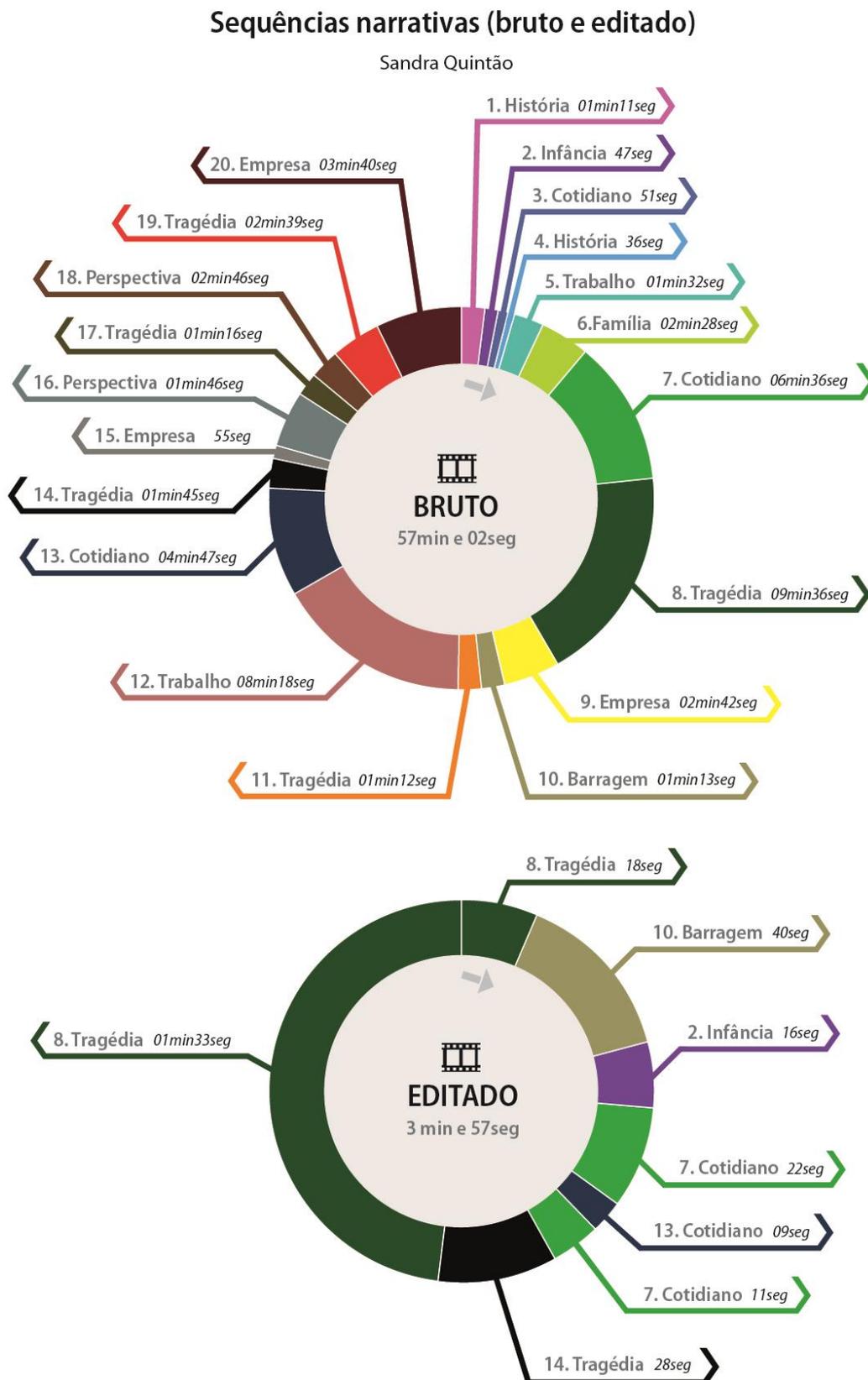
Figura 42 – Sandra Quintão



Fonte: *VOZES DE MARIANA*, 2015.

As sequências narrativas adotadas nos registros brutos e editados podem ser vistas na FIGURA 43. Como podemos observar, o tema “Tragédia” foi o mais explorado no material editado, seguido de “Cotidiano”.

Figura 43 – Sequências narrativas (bruto e editado), Sandra Quintão



Fonte: Elaborada pela autora.

5.2.3.2 O olhar jornalístico: o (in)visível – Sandra Quintão

Assistindo ao documentário de Sandra Quintão, a imagem que se tem é de uma mulher que tem muito afeto pelo local (Bento Rodrigues) e pela casa onde foi criada e, por muitos anos, viveu. Tinha um apego e afeição muito grande pela casa que era dos pais e passou dias muitos prazerosos naquele distrito desde a infância. Além disso, o que se tem conhecimento da atingida é que ela foi surpreendida pela lama, pois no dia 5 de novembro de 2015 estava em ritmo de vida rotineiro e, de uma hora para outra, viu sua casa sendo levada. Conheceram uma Sandra Quintão bem sentida, revoltada pelo acontecimento e na espera de justiça, pois, segundo ela, haveria jeito daquela tragédia ter sido evitada. O último trecho do material editado, portanto, mostra uma mulher que quer o retorno da harmonia do local e a sua casa de volta.

A narrativa no documentário editado tem início com a demonstração de revolta por parte de Sandra Quintão, de que nunca vai cair no esquecimento o que foi visto no dia 5 de novembro de 2015 e de que todo o ocorrido poderia ter sido evitado. Depois, a atingida conta uma possibilidade de rompimento de uma barragem de rejeitos em Bento Rodrigues há 25 anos, mas que não aconteceu de fato. Em seguida, ela diz das lembranças prazerosas da infância e das festas realizadas em seu bar, que ocorriam com tranquilidade. Logo depois, Sandra conta, com satisfação e orgulho, sobre a casa em que morava. Depois, sentimentos de raiva e revolta tomam conta da fala da entrevistada, ao dizer que a empresa poderia ter evitado a tragédia e alertado os moradores antes. Sandra conta ainda o dia tranquilo que estava tendo antes do rompimento e quando houve a ruptura dessa tranquilidade. A narrativa é finalizada com o tema tragédia, a dificuldade de Sandra retornar ao local e ver toda a destruição; por fim, ela pede justiça, que limpem o local e construam uma casa nova para ela. A narrativa, portanto, se estrutura em caos – tranquilidade – caos – tranquilidade - caos.

O que as pessoas não tiveram acesso e não sabem é que Sandra Quintão tem uma filha, Ana Amélia, que conheceu o pai da menina em uma das festas no bar de sua propriedade e que a entrevista foi interrompida algumas vezes, por conta de uma pessoa chamar Sandra para encomendar salgados que ela produz e o telefone dela chamou e atendeu. Enfim, aconteceram ruídos que não foram passados ao público, já que não era a intencionalidade do jornal *Estado de Minas*.

Finalizando as análises com a atingida Sandra, vamos mostrar o que temos em comum nos três entrevistados.

5.3 Vozes que se entrelaçam: o que as entrevistas têm em comum

Em todas as entrevistas, na edição dos documentários, foram priorizadas as falas sobre o dia do acontecimento, a tragédia, o que os atingidos viram, presenciaram, atuando, dessa forma, como testemunhas do acontecimento. Além disso, busca-se enfatizar o cotidiano delas em Bento Rodrigues. Os três documentários têm início com o drama vivenciado na tragédia e finaliza com o retorno das informações sobre a tragédia. Então, em todos temos no início o discurso do caos, passando por um lugar prazeroso e tranquilo e finalizando com o discurso do caos novamente. Entendemos que esses “primeiros caos” tiveram a função de captar possíveis espectadores, que estes se interessassem em assistir aos documentários até o final. As partes que ressaltam a tranquilidade e o prazer em viver em Bento e conviver com os moradores buscam “dar um respiro” ao espectador pela tensão passada anteriormente, além de reforçar que os atingidos eram felizes, viviam bem e harmoniosamente naquele local. Ao retomar o “caos” novamente, a ideia é sensibilizar, causar emoção no espectador.

O testemunho, para Amaral (2011), de forma geral, desempenha o papel de evidenciar um “[...] fato ou situação, de ser uma prova cabal, afinal, nele alguém relata o que viu ou ouviu ou sentiu. Outra função do testemunho é permitir ao público ‘ver’ a partir de um lugar trágico sem que ele tenha que viver a tragédia, o que lhe dá conforto, alívio e segurança” (p. 74).

As fontes testemunhais, para Amaral (2011), reforçam os efeitos de realidade pela interpelação de sua experiência. Para a referida autora, os critérios de escolha dos atores sociais que terão visibilidade na matéria jornalística servem para credibilidade, captação e podem, ainda, obedecer às lógicas de notoriedade, representatividade, polêmica ou expressão. Segundo Amaral (2011), dificilmente vimos atores sociais que provocam polêmica em coberturas de tragédias. Os testemunhos são utilizados para provar a verdade do relato.

Dessa forma, o que percebemos foi uma tentativa do jornal *Estado de Minas* em mostrar narrativas de testemunhas de um acontecimento que, antes da tragédia, tinham uma vida tranquila, viviam em um ambiente amistoso, de boa convivência, saudável e, de repente, de uma hora para outra, de forma abrupta, essa normalidade acaba. Mostra-se uma ruptura, a

passagem de uma situação de paz e tranquilidade para uma de caos e sofrimento. Ainda, o entrevistado mesmo quando é agente da ação, ele se apresenta como vítima da tragédia e muito abalado pelas perdas simbólicas e materiais.

Dos três entrevistados, Sandra Quintão é a que demonstrou mais emoção evidente (por meio do choro, da voz trêmula e embargada etc.) e a que teve maior tempo de documentário. Por ela ter uma história com Bento Rodrigues desde a infância, sendo que seus pais moraram no local por muitos anos, e por ela ter presenciado outro acontecimento de rompimento de barragem, a entrevista com ela perpassou várias temáticas. O seu envolvimento com a cozinha e produção de coxinhas teve destaque no registro bruto, pois foi com o retorno de suas atividades, do trabalho que a fez superar, pelo menos um pouco, o que passou. A entrevista com José do Nascimento enfatizou a paixão dele pela música e a relação dele com a esposa, desde quando se conheceram. No entanto, tais temáticas não foram aproveitadas no documentário. Na entrevista com Marinalva Salgado foi a relação dela com a produção de geleia de pimenta biquinho, o seu trabalho, em que houve um aprofundamento. Em todos os três atingidos, a narração do dia 5 de novembro de 2015 foi o que mais se destacou, pois cada um relatou o que viu, ouviu, sentiu naquele dia. Dessa forma, mesmo abordando temas que os entrevistados se sentiam à vontade e tinham mais afinidade, o que foi privilegiado na edição foram o dia 5 de novembro e o cotidiano de cada um, a rotina deles antes da tragédia. Constatamos que outros temas foram abordados com o intuito de deixar os entrevistados mais à vontade frente à situação de comunicação (entrevista midiática).

Percebemos, contudo, que os tópicos-guias utilizados durante a entrevista pelos entrevistadores direcionam as construções narrativas e a edição midiática trechos das narrativas focalizando determinados imaginários em função de uma intenção comunicativa: dar visibilidade a uma parcela da tragédia pelo olhar de testemunhas oculares que juntas ecoam a coletividade dos atingidos, sem perder o caráter pessoal e subjetivo de cada entrevistado.

Terminando essa parte das análises dos materiais midiáticos, o registro bruto e os materiais editados, vamos analisar as entrevistas realizadas por nós com os três entrevistados: José do Nascimento, Marinalva Salgado e Sandra Quintão, com foco na memória, por isso, iremos fazer um comparativo com a entrevista realizada pelo jornal *Estado de Minas*.

5.4 Dois anos depois: as entrevistas com os atingidos

5.4.1 Memória: a entrevista acadêmica

Ao entrevistar os três atingidos, buscamos seguir o mesmo roteiro do jornal *Estado de Minas*, a fim de observarmos a memória dos atingidos em relação ao rompimento e à entrevista concedida para a série documental *Vozes de Mariana*. Então, o que mudou ou se manteve no que diz respeito às lembranças, nesses quase dois anos depois do rompimento da barragem? Lage (2001) considera que, de modo geral, o testemunho imediato é o mais confiável, por se apoiar na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, “[...] embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão fatural”. (LAGE, 2001, p. 12).

Entendemos, portanto, que o ato de memória é uma interpretação dos atingidos das experiências vivenciadas por eles. Apresentaremos as análises realizadas com relação às memórias dos atingidos José do Nascimento, Marinalva Salgado e Sandra Quintão, respectivamente.

5.4.1.1 José do Nascimento

A primeira pergunta feita por nós já sinalizou a vontade do entrevistado José do Nascimento em externar o que viu e sentiu naquele dia 5 de novembro de 2015. Ao ser perguntado sobre sua relação com Mariana, assim como foi iniciada a entrevista pelo jornal *Estado de Minas*, José do Nascimento relatou sua rotina antes de a lama chegar a sua casa e os desdobramentos daquele dia, como pode ser visto no trecho a seguir:

Pesquisadora: Gostaria que contasse como começou a história do senhor em Mariana.

José do Nascimento: É muito difícil. A gente tinha chegado de Mariana porque teve que fazer compra, receber pagamento e por volta das duas horas e meia, três horas, a gente chegou a casa e com a compra no carro a gente tirou colocou tudo dentro de casa aí eu falei com a esposa tinha muita poeira né na estrada falei “vou lavar o carro” ela falou “não, deixa bem de tardezinha a gente vai”. Aí eu guardei o carro na garagem, coloquei a compra por dentro de casa, muita coisa que eu em cima da mesa foi embora. Foi passando uns minutinhos a gente guardando alguma coisinha outras não e falei “Ah, faz um suco para nós depois de guardar isso para nós lavarmos o carro mais tarde” aí eu deitei na porta da cozinha, forrei com um tapete, só de bermuda e o celular no bolso da bermuda e chinelo até sem camisa porque eu estava

deitado no tapete. Aí eu percebi um ruído, porque a gente no chão percebe fácil, e aquele ruído foi só aumentando aí a Irene falou assim “pode ser um tubo que passa água”. E só aumentando, eu falei “vou sair aqui fora para eu ver”. Na saída de fora, o comecei a subir escada, “não, não é o tubo não”. Ela falou vamos sair lá fora para a gente ver e o barulho só aumentando. Ela saiu na minha frente eu saí mais para trás dela uns 10 a 15 metros. Já deparei com o Quintão irmão da Sandra, gritando “Zezinho corre porque a barragem rompeu e vamos correr mesmo senão morre” Aí ela falou comigo “pega pelo menos o carro”. E o muro do vizinho meu lá embaixo já estava caindo com a lama aí eu falei “não tem jeito, não achei não, vamos embora vamos levar a chave”. Lá tinha umas 15 pessoas já que a gente foi colocando dentro do carro Terezinha irmã da Sandra, “seu” Marcolino, Dona Geralda de bastante idade, carregamos, colocamos lá no carro e a gente foi saindo de dentro da lama. Ainda bem que ela veio mais grossa e deu o tempo a gente sair senão a gente não saía. Ela estava uma altura de 10 metros acima da gente e a gente vendo vindo e nisso ela já estava voltando do lado contrário. O ônibus cheio de menino, eu falei, dei sinal para o motorista, “corre, corre” e subindo nós chegamos lá no alto que a gente olhou para baixo e estava tudo inundado até a igreja já estava indo embora, o ônibus que estava na praça que era de levar alunos para Santa Rita à tarde cinco horas também flutuando, em cima vários carros na pista. Só Deus mesmo que ajudou a gente que foi de dia e nós muito unidos, cada um foi gritando um, gritando outro subindo e ficamos lá em cima vendo tudo destruir.

Percebemos uma vontade do entrevistado em narrar, contar sobre a sua história com a tragédia. Com relação à pergunta do jornal *Estado de Minas* sobre o problema de saúde, José do Nascimento contou que não tomava remédio. Passados quase dois anos, como as situações se transformam e as histórias são contadas de forma diferente, na entrevista realizada por nós, ele contou que passou a tomar remédios devido à demora de morar em um lugar prazeroso como Bento Rodrigues, de convivência com os moradores daquele local. Os trechos das duas entrevistas podem ser vistos a seguir:

Jornal *Estado de Minas*: O senhor tem algum problema de coração?

José do Nascimento: Eu não tenho, graças a Deus. Tenho 70 anos, minha pressão é 12 por 8 por isso que eu estou tendo tranquilidade. Tranquilidade para conversar com vocês como já conversei com milhares de repórteres que já vieram e me procuraram devido à tranquilidade que eu tenho para falar, o jeito que eu tenho para falar, o jeito que tenho que mostrar o que a gente tinha lá que é a união e a amizade.

Pesquisadora: O senhor tem algum problema de coração?

José do Nascimento: Passei a ter depois da tragédia, mas eu não tomava medicamento, não tomava nada. A gente que tem idade suficiente para pensar, refletir a vida, porque a gente é hoje de idade, então isso me preocupa muito porque você vê tudo que eu tinha lá. Quem é que pode falar que eu vou receber tudo? Então a preocupação não é o dinheiro porque o dinheiro eu tinha e ele não vale mais que a vida da gente, mas a gente tinha loja, carro, mas foram embora. A gente tinha uma casa tão linda aí é uma coisa que a gente não vai esquecer. Tomo meu calmante, eu tenho que ficar calmo por causa dos outros, saber negociar. Depois dessa tragédia, eu respondia mal os outros, eu ficava agressivo então depois que eu estou tomando, já tem mais de ano, é antidepressivo. Devo muito ao doutor que salvou minha vida e se eu não pago particular, eu ia morrer com uns 15 dias. No dia em que eu fui lá, fazer o controle do sangue na veia, o doutor “Zezinho, se você não vem aqui, você iria viver no máximo 15 dias, iria ter derrame cerebral, você iria apagar de vez”, o que ele falou. Eu já estava esquisito, não comia, não dava vontade, na hora em que eu vinha comer, a fome sumia. Estava ficando angustiado, secando, as calças todas

caindo e tinha que dar um jeito no inchaço do joelho, para baixo estava tudo inchado. Eu tomo lasix que é para controle chato de urina, todo dia eu tomo de manhã e urino toda hora no banheiro e a urina está branquinha, à noite está bem amarelada cor de cerveja. Estou muito bem, tem uns seis meses mais ou menos está controlado. Ele passou para a gente tomar um todo dia, depois eu passo a tomar um dia meio e outro dia meio. Deu certo e hoje eu tomo um quarto, no outro dia eu tomo meio então tem uns seis meses assim mantendo que é o normal. Então está ótimo, hoje até tem uma consulta com ele que era retorno, a gente vai fazer hoje novamente o eletrocardiograma, vai fazer tudo porque quem gosta da vida da gente é a gente.

Como o passar dos anos, percebe-se maior consciência do que realmente foi o dia 5 de novembro de 2015. Isso pode ser comprovado por meio da pergunta: “Se o senhor pudesse definir o que aconteceu no dia 5 de novembro em uma palavra, qual seria?” Para o jornal *Estado de Minas*, ele disse:

[...] igual essa, eu nunca vi, vai ficar na minha memória para sempre; tem uma coisa que eu vi, o que a gente viu... Eu saindo da minha casa, correndo quase um quilômetro para correr da lama, a gente não vai esquecer nunca. Depois que a gente está lá em cima vendo aquele lamaçal, misturada com água, madeira, tudo, criação, isso aí não vai esquecer. Essa é uma palavra que eu deixo: nunca, nunca vai sair da minha cabeça.

Já para a pesquisadora, a resposta é bem direta, objetiva: “seria tragédia, tragédia a gente não vai esquecer não, é um crime que aconteceu com a gente. Hoje a gente pode falar que é um crime, porque a Samarco é a culpada disso, não tem como fugir”. Podemos interpretar que a utilização dos termos tragédia e crime está muito ligado ao imaginário que a mídia constrói, assim como instituições como Ministério Público, organizações que os atingidos participam. Portanto, essa opinião de José do Nascimento foi construída com base no discurso da coletividade, do discurso associativo.

Mesmo dizendo que tem uma relação boa com a Samarco e que é a favor que a empresa continue com suas atividades, José do Nascimento, com o passar dos anos, tem uma percepção maior de que a mineradora é culpada, que cometeu um crime, e quer a indenização que lhe é de direito. Percebemos que a angústia é grande por não estar no local de que gostava, onde tinha uma rotina de cuidado com animais, de convivência com os moradores de Bento Rodrigues, de encontros na igreja. Essa necessidade de estar em um ambiente com o qual se identifica ficou mais latente na entrevista com a pesquisadora. Na entrevista para o *Estado de Minas*, a resiliência era mais nítida.

Quando perguntado pela pesquisadora qual a definição sobre o que aconteceu no dia 5 de novembro em uma palavra, José do Nascimento respondeu: “Seria a tragédia, tragédia. A gente não vai esquecer não, é um crime que aconteceu com a gente. **Hoje a gente pode falar** que é um crime porque a Samarco é a culpada, disso não tem como fingir, porque construiu mal, rejeito demais e no final das contas é isso que eu tenho que dizer.”

O sintagma adverbial de tempo “Hoje a gente pode falar”, grifado no excerto acima, como ressaltado por Lessa (2015), é “índice de auto-objetivação”. “O eu-lá-antigamente é reconstruído, avaliado a partir do sistema de referências éticas e morais do eu adulto, aqui-agora”. (p.177). No caso do atingido, passados quase dois anos, ele avalia a empresa como responsável pela tragédia, o que na entrevista para o jornal *Estado de Minas* não é posto.

Sobre a música, quando perguntado pelo *Estado de Minas* se comporia uma canção sobre a tragédia em Mariana, José do Nascimento foi categórico que não iria fazer, porque sempre estaria se lembrando do dia do rompimento e que não iria fazer bem para ele e nem para a família; passados quase dois anos, a opinião dele mudou. Ele disse à pesquisadora que tem vontade, sim, de externar o que passou naquele dia 5 e fazer conhecer o que as pessoas do Bento vivenciaram.

Estado de Minas: Mas depois daquela tragédia do dia 5, você gostaria de falar alguma coisa por meio da música?

José do Nascimento: Eu não quero fazer isso porque a gente vai ter aquela recordação que passa deixando, por exemplo, em falta minha, que a gente não é eterno, meus netos, meus filhos vão ouvir aquelas músicas e falarem “meu pai que fez”. Então é por isso. Porque cabeça para isso eu tenho, mas eu não quero dividir isso aí. Mesmo que a gente passa para outro cantor, a gente vai sentir aquele drama. Toda hora que rodar a música, a gente vai ter que lembrar. Então é por isso que não me interessa, mas capacidade para fazer, com certeza, e cabeça eu tenho.

Pesquisadora: Depois do dia 5, o senhor teve inspiração para fazer outras músicas?

José do Nascimento: Tinha e tenho. Vou fazer de toda a tragédia, não fiz porque a cabeça está cheia, sou presidente da associação, sou membro da comissão de negociação. Pretendo fazer uma, com certeza, porque tudo que passa na natureza, os verdes sumindo, as águas secando, hoje todo mundo corre atrás das coisas para si, então se esquece da natureza. Essa música roda na Itatiaia, passa direto na Itatiaia porque ela fala tudo que está acontecendo.

Percebemos, portanto, a necessidade de contar-se, de externar o que viveu. Em ambas as entrevistas, podemos perceber imaginários em comum nos discursos, como a religiosidade, ao fazer referência que Deus, que, para ele, permitiu que muitas pessoas saíssem vivas e não fossem levadas pela lama; a solidariedade, todos se ajudam e muito se falou em união

comunitária; paixão por Bento Rodrigues; orgulho de ser morador do distrito, já que é um lugar aconchegante, tranquilo, harmonioso; e gratidão por ter conquistado muitos bens materiais em Bento.

De forma geral, percebemos que as lembranças de José do Nascimento continuam bem fortes em relação ao dia 5, os detalhes ainda estão presentes em sua memória. O tempo não fez com que as lembranças ficassem enfraquecidas. Como na primeira pergunta, o entrevistado passou todas as informações do dia 5 de novembro para a pesquisadora, quando foi perguntado sobre o dia, não estendeu na resposta, como pode ser observado a seguir:

Pesquisadora: Como foi o seu dia no dia 5 de novembro de 2015, o senhor lembra o que fez, a rotina...

José do Nascimento: Levantei, tirei o leite, fui a Mariana, fiz compra, recebi o pagamento. Não gosto de Mariana, gosto de comprar e ir embora. Fomos embora chegando a casa aí eu falei antes de volta de três horas, três e pouquinho, quando foi quatro e meia, a tragédia. E isso é uma coisa que a gente não esperava nunca, mas fazer o que né, aconteceu.

Já para o jornal *Estado de Minas*, José do Nascimento fez o relato muito próximo do que ele narrou para a pesquisadora na primeira pergunta realizada.

Jornal *Estado de Minas*: Como foi o seu dia no dia 5 de novembro de 2015, o senhor lembra o que fez, a rotina...

José do Nascimento: Lembro, lembro sim. Eu levantei de manhã... Aquilo que é de rotina da gente fazer, porque eu olhava um sítio do meu lado que era em frente à minha casa e o outro do lado. Eu levantava de manhã, eu ia tratar das galinhas, jogar milho para as galinhas, trocar de água de sítio, depois do outro lado também a mesma coisa, a gente fazia o mesmo jeito, depois que eu fiz tudo isso, a Irene falou: “Vamos para Mariana?”. “Vamos”. Nós fomos a Mariana. Depois que a gente chegou de Mariana, era duas horas mais ou menos, aí encostei o carro: “Vamos lavar o carro agora”. Ela falou: “Não, o sol está muito quente, deixa que de tardinha a gente lava”. Aí eu falei: “Então vou guardar para não ficar nesse sol quente.” Então guardei o carro, aí fui para dentro de casa... Nisso que eu entrei em casa, quando foi três e meia mais ou menos, eu ouvi um barulho diferente; eu falei com ela, ela estava até fazendo um suco para gente: “Oh Irene, tem um barulho esquisito”. Aí, ela falou: “Às vezes o tubo da Samarco furou e está fazendo um barulho”, que é de costume fazer isso. Aí, eu saí na porta da cozinha, subi escada, uma escada onde a gente trata dos passarinhos, subi até metade não fui até lá em cima não... Eu saí lá fora... Nisso que eu saí lá fora, ela já saiu na minha frente... Tem um corredor longo, a gente saiu no portão, ela na minha frente eu atrás dela uns dez metros... Aí, nós já deparamos com o menino da praça gritando: “Oh Zezinho, corre que a barragem está chegando, corre, mas corre mesmo”. Aí corremos. Olhei para trás o muro do meu vizinho já estava caindo na lama. Aí, saímos, chegando à praça, a nós fomos o último carro a sair, que é desse amigo meu lá... Umás 15 pessoas no carro, eu, minha esposa e duas irmã dela mais outros vizinhos lá... Entramos no carro e um buzinando para os da frente irem arrancando, sair e chegamos lá em cima. E olhou para baixo o trem já estava tudo inundado e você não via igreja mais, você não via as casas mais, porque

a gente foi para o lugar mais alto. Na hora que nós chegou a cima, que parou naquela montanha e olhou para baixo, o que estava acontecendo, ninguém estava acreditando.

Elencamos os imaginários presentes na entrevistada realizada por nós no QUADRO 12.

Quadro 12 – Tematização e imaginários na entrevista científica: José do Nascimento

	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS
Temas	Entrevista científica
História	Direito ao Trabalho Mineiridade Vida interiorana
Família	Harmonia familiar Valor da família Religiosidade
Cotidiano	União comunitária Simplicidade Sertanejo migrante Mineiridade Vida interiorana Valorização da casa como um esforço em construir Ambiente familiar Vitória /orgulho Religiosidade
Tragédia	Destruição Religiosidade Solidariedade Resiliência
Diversão	Música como denúncia Música como dom divino
Saúde	Saúde abalada
Meio Ambiente	Destruição pelo capitalismo Valor da natureza

Fonte: Elaborado pela autora.

Comparando com a entrevista cedida ao jornal *Estado de Minas*, os imaginários presentes na entrevista concedida para a pesquisadora são bem parecidos. Apenas a saúde que ficou abalada, a música teve um tom de denúncia, pois José do Nascimento pretende fazer a música para falar da tragédia. Além dos detalhes, que estão mais nítidos na entrevista acadêmica.

Percebemos o interdiscurso associativo no discurso de José do Nascimento, a questão da união dos moradores está bem forte em sua fala. Além do religioso e do histórico ao falar de Bento Rodrigues. No trecho a seguir, destacamos as partes que ficam bem evidentes o discurso histórico e o associativo.

Pesquisadora: Gostaria que descrevesse para uma pessoa que não conhece Bento, como era lá?

José do Nascimento: Bento era um lugar pequeno, mas com uma tradição muito grande que é dos escravos, trabalhavam com ouro lá no século 17. No século 18 foi construída a igreja. Então Bento era um lugar muito aconchegante, sempre tinha visitas tanto de turista como essas cavalgadas que vinhas para conhecer a Estrada Real passavam lá, paravam. Então é lugar muito amplo, muito tranquilo para viver, sem problema algum. Lá as ruas muito bem feitas porque fui eu quem fiz o projeto, pedi a prefeitura, o prefeito, tudo que era obra lá foi feito. Como você está vendo aqueles asfaltos, tudo é pedido meu, você entendeu. Eu que trabalhei nesse meio fio, canaleta boca de lobo, eu fiz rede fluvial então é um lugar muito, muito simples, muito humilde, todo mundo que chegava era amigo, então a gente sabia de todo mundo. Tem uma igreja dos Evangélicos mais na parte de cima, então era muito visitado, tem muita coisa boa, tinha ginásio muito bom, coberto, que tem e que não foi destruído, então ele está na parte mais alta. Lembrando de um problema que tinha lá era a falta de água. Quando a gente estava melhorando o volume de água e ampliando esse problema da água porque as caixas, se você for lá, você vai ver que está lá no alto, é que a gente estava construindo, mas veio essa tragédia e tirou esse poder nosso, mas tenho certeza que para aonde nós vamos agora, não vai ter problema, esse problema será solucionado. Então Bento é um lugar muito bom, muito bom para viver. Gostei. Fiquei lá até 35 anos, hoje estava completando, 10 de novembro agora, 35 anos lá e já tem dois anos que a gente saiu de lá, saí com 33 né. E lá é ótimo, de muita amizade, muita tranquilidade. Fazia parte do coral, mexia com futebol, aí depois eu parei de futebol comecei a só mexer com música, a gente também tocava, a gente fazia várias festas. Às vezes, nós éramos mais aplaudidos do que o povo de fora que ia cantar lá porque a gente sabia o que o povo gostava, procurava fazer da melhor maneira, brincando com todo mundo “essa música é para você”, “você que você gosta dela, canta junto com a gente”. Todo mundo cantava. Isso para nós aí eu acho que é o motivo de muito orgulho, por isso que eu tenho Bento no coração, não vou desistir nunca. O dia em que eu morrer pode falar que lá vai o da geração de Bento Rodrigues. E hoje fui homenageado agora recente como cidadão honorário de Mariana após 35 anos aqui, então a gente recebe com muito carinho, com muito orgulho e sou muito feliz por isso, de representar muito bem a minha imagem e também da minha família como Marianense e como Bento Rodrigues.

O depoimento de José do Nascimento sinaliza a tese de Halbwachs (1994) de que a memória individual é um ponto de vista sobre a coletiva.

5.4.1.2 Marinalva Salgado

Marinalva Salgado conseguiu, passados quase dois anos da entrevista para o jornal *Estado de Minas*, lembrar mais os detalhes do que aconteceu antes e durante o dia do rompimento.

Pesquisadora: No dia 5 de novembro de 2015, você lembra qual foi a sua rotina?

Marinalva: Lembro. Eu estava com o meu neto caçula, ele estava com um ano. Eu o sentei no tapete e fui arrumar a casa. Estava arrumando casa com o som ligado. Estava sozinha com meus dois netos. Meu outro neto falou assim: “Vó, a senhora ligou o som, vou para a casa da minha outra vó, não vou ficar aqui não”. Na casa da minha mãe. Eu falei “Então vai, deita no quarto do nego lá” e o pequenininho ficou comigo. Ele era um amor quando ele nasceu porque ele ficou na estufa sete dias aí é até nesse ponto ali antes de começar a andar ele já tinha aquele ritmo, menino muito sossegado. Aí arrumei minha casa, arrumei tudo minha casa, fiz almoço, dei almoço, eu ainda fui pintar meu cabelo, tomei banho e eu só tomo banho à noite porque eu gostava para eu deitar mais fresquinha. Tomei banho e ele começou a chorar e não parava. Eu estou assim “por que esse menino está assim se ele não é de chorar”, e falei “vamos encontrar com a mamãe”. Saí com ele para rua. Eu cheguei lá aí a minha prima está assim comigo brincando como ele aparece comigo e eu estou assim “ele deu o primeiro passinho lá em casa hoje na cozinha e ficou em pé no fogão assim e mudou o passo para porta para onde é que eu estava eu e deu um passinho”. E ela “daqui uns dias está andando porque ele é espoleta”. Por pouco a Paula passa gritando e o ônibus encosta. Quando a Paula passou gritando, que eu olho para cima, a lama já vinha, vinha numa altura e para baixo vinha acompanhando e do lado da minha casa também vinha e só tinha um lugar para correr. Só que eu tinha que voltar porque estava o outro neto meu, estava minha mãe, meu filho. A minha filha já estava no ônibus que ela estava na escola na hora e estava o meu neto mais outro neto meu lá e uma senhora, o pessoal da rua toda estava lá. Eu fui correndo, gritei e quando olhei para baixo aí já estava invadindo na minha casa, eu saí na frente e a lama saiu atrás. Foi uma coisa muito impressionante. É Deus que estava segurando a lama para a gente andar. Era uma onda enorme.

Pesquisadora: O que pensou na hora?

Marinalva: Pensei, vamos morrer todo mundo. Não sei o que minha prima foi fazer na casa dela, só sei que a lama já estava invadindo a minha casa, porque a casa dela era do meu lado. Mas então era mais fácil para chegar a casa dela para depois chegar a minha. Ela já não conseguiu sair por causa da lama, ela foi arrastada. Nós saímos correndo, fomos para o alto da igreja e tinha estrada e a gente não lembrava que tinha estrada, nós só fomos para igreja, saímos escalando o morro, no meio do mato carregando idosos, gente com fêmur quebrado. Nós fomos para o alto e quando chegou ao alto era só choradeira, um “bocado” tinha saído no carro, conseguiu sair do Bento, outro não saiu, ninguém sabia quem tinha morrido, quem estava vivo. Para eles nós estávamos mortos e para nós, eles tinham morrido porque nós estávamos um pouco atrás do ônibus e eles, para nós, não tinham sobrevivido. Passou aquela agonia o tempo todo. A minha prima foi arrastada pela lama a 500 metros, ela, o filho dela e o sobrinho. Os que conseguiram se salvar, faziam corrente humana e tiravam quem estava lá. A Manuele estava junto com o pai dela e o irmão dela e conseguiram salvar o pai e o menino e a Manuele afundou de uma vez, foi embora. No alto, a gente via os animais, carro, a igreja rodando inteirinha. Ela rodou todinha inteirinha e desabou de novo.

Pesquisadora: Você ficou quanto tempo lá em cima?

Marinalva: Nós ficamos da hora da tragédia até o outro dia. Não tínhamos como sair. A gente estava preso de um lado e do outro. Aí pessoal a noite começou a limpar a estrada para a gente que estava lá dentro com uma máquina, começou a limpar. Quando foi de madrugada, quase manhã, a Samarco já mandou máquina

para poder chegar, mas só que a máquina já estava indo, já estava chegando ao lugar. Foi pouca coisa que eles fizeram. Saiu um “bocado” de caminhonete só que não estava dando sair de caminhonete mais. Conseguiram tirar algumas crianças e bastantes idosos. Eu mesma saí na caminhonete que eu saí segurando os meninos. Então estava muito ruim, ele falou que não dá mais para ficar caindo na lama, quase afundava na lama. Aí os bombeiros tiveram que dar um jeito, pôr todo mundo descalço e passamos na lama caminhando.

Pesquisadora: Gostaria que fizesse um relato na hora da cena da lama levando sua casa.

Marinalva: Quando cheguei ao alto, veio uma árvore bateu na casa, subiu e ela desabou. Foi o mesmo que ganhar uma facada. É porque a casa a gente constrói de novo. Lá dentro da minha casa tinha lembrança do meu falecido marido, tinha uma agenda e a camisa que ele morreu com ela. É uma coisa que nunca mais vou ter. Porque três dias antes de morrer, ele escreveu várias coisas para mim na agenda se declarando tudo e eu não separava dela. Morreu de infarto com 45 anos. Foi uma capotada... eu pensei gente, foram seis anos para fazer minha casa, para conseguir entrar na minha casa, olha como a minha casa está indo embora. Foi horrível. Aí você só via zoeira, casa desabando, poste caindo. A gente ficou a noite inteira até 10 horas da manhã inalando aquele mal cheiro. Criança, adulto... a noite toda. Os helicópteros chegaram e voaram e falaram que o pessoal estava morto, passavam direto e não parou ninguém. Só tinham os repórteres. O céu estava estrelado de repórteres. Pedimos socorro. A Record ligou para os bombeiros “volta que tem muita vítima aqui, tem muita gente morrendo, tem muita gente aqui na lama”, aí posaram três helicópteros. Só saíram três pessoas. Eles falaram que não podiam voar a noite. Eu só falei com ele “Se fosse sua mãe você voava, se fosse sua mãe, você voava”. Ele está assim: “Não, é perigoso voar. Perigo está de todo jeito. Se a outra estourar, nós vamos morrer. Pelo menos um “bocado” de gente salva. Dois helicópteros voaram sem ninguém. Tinha gente com fêmur quebrado, minha tia mesmo. Só salvou a avó do Tiago e uma moça que tinha cortado e entrou muito minério na perna nela, a gente olhava aquilo... A gente olhava a mãe da Manuele. Em um momento, ela ficava pensando, a minha filha está do outro lado. A gente já sabia que ela tinha morrido e outros não tinham como escapar. Ela tinha cinco anos e o menino com sete. Essa aí a gente sabia tinha certeza que tinha morrido. Ficou muitos dias ainda assim “não, a minha menina não morreu” e o pai só não conseguiu resgatá-la da lama é porque ele quebrou a perna, a dor foi tanta na lama que ele soltou. Saía todo mundo pelado. Você via passando a lama, via carro passando por cima, tinha aquelas máquinas pesadas lá do alto passavam. Teve gente que viu só que no dia em que a gente foi para o lado, não sabia o que estava acontecendo, a gente no alto. Muita gente escutou uma pessoa pedindo socorro em cima da caminhonete, a gente não sabia quem era e como que a gente ia, a gente estava no meio. Os bombeiros ficaram com a gente lá aí a noite inteira, eles colocando pressão “gente, a outra barragem vai vir e se ela vier acabou”. Foi armando chuva, nós pedimos a Deus “nós não merecemos tanto castigo, abençoa que não chove não”. Diz que aqui estava caindo uma tempestade e lá não choveu.

Na entrevista para o jornal, Marinalva disse que ela e sua família estavam sendo bem amparadas pela Samarco, porém, com o passar dos anos, conseguiu ter uma visão mais crítica do acontecido, o quanto foi prejudicada e passou a entender os seus direitos, exigindo que a Samarco cumpra com suas obrigações. Percebeu ainda que a tragédia poderia ter sido evitada.

Percebemos uma Marinalva questionadora, como quando fala que os repórteres chegaram bem antes do Corpo de Bombeiros e gostaria de saber o porquê disso, como se pode perceber em sua fala:

Eu perguntei para os repórteres se eles foram avisados. A gente sempre pergunta isso como eles foram os primeiros a chegar. Quero saber dos repórteres. Perguntei dois e eles não me responderam. Quero perguntar aos repórteres se eles foram avisados se a barragem estava estourando e eles já tinham chegado. Eles não falam, falam que não podem falar, não falam com a gente e eu quero matar essa curiosidade. A gente começou a descobrir tudo, ela começou a romper 10 horas da manhã, que ela deu o primeiro sinal [...]

Ao ser perguntada sobre uma palavra ou uma expressão que definiria o dia 5 de novembro, Marinalva, para o jornal *Estado de Minas* disse: “Ai, um dia de horror, nós nunca imaginamos isso. A gente tinha medo de acontecer isso, mas não imaginávamos que aconteceu isso, então o dia de terror mesmo”. Para a pesquisadora, “Nós renascemos. É nosso Renascer. Eu falo que a gente tem dois aniversários, o da gente e do 5 de novembro”. Portanto, logo após a tragédia, ela só conseguia guardar na lembrança o horror que passou, já passados os dois anos, ela vê como um nascer de novo. Nesse sentido, podemos citar Halbwachs (2003) quando argumenta que “[...] é possível que logo depois de um evento que abalou, destruiu em parte, renovou a estrutura de uma sociedade, comece um novo período. Só perceberemos isso mais tarde, quando uma sociedade nova realmente houver arrancado de si mesma novos recursos e se tiver proposto novos objetivos” (HALBWACHS, 2003, p. 104). Passados quase dois anos da tragédia, a comunidade havia conquistado os lotes onde serão construídas as casas. Podemos perceber, naquele momento, certo avanço na situação dos atingidos.

Percebemos uma grande necessidade dela de falar de Bento e da tragédia. Depois da pergunta “Como começou a sua história com a geleia de pimenta”, a pesquisadora perguntou como era a rotina dela no distrito. Marinalva respondeu sobre o cotidiano dos netos em Bento Rodrigues: “Era tranquilo, meus meninos ficavam à vontade, não precisava falar onde ia, meus netos iam no bar sozinhos para comprar uma bala, um chiclete, iam sozinhos”. Portanto, identificamos essa necessidade de a atingida contar, narrar o que testemunhou.

No QUADRO 13, detalhamos os imaginários de acordo com as temáticas abordadas.

Quadro 13 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Marinalva Salgado

	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS
Temas	Entrevista científica
Cotidiano	Harmonia comunitária Tranquilidade
Tragédia	Desconfiança Renascimento Destruição
Família	Amparo
Perspectiva	Recomeço
Empresa	Negligência
Confraternização	Harmonia

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando perguntada se sente raiva da empresa Samarco pelo que aconteceu, Marinalva Salgado, para o jornal *Estado de Minas*, ela se mostra conformada com a situação e a assistência prestada, porém, para a pesquisadora, ela mostra um discurso mais engajado e crítico com relação às ações da empresa.

Jornal *Estado de Minas*: Você sente raiva do que aconteceu? Qual o sentimento você tem? Você sente raiva de alguém, da empresa?

Marinalva: Não, até que raiva não, tenho não. A gente podia ter tido tempo pelo menos pegar as coisas da gente tudo, mas faltou aviso, porque a gente não foi avisado, só isso. Porque a gente está muito bem assistido, eles não deixam faltar nada para gente, graças a Deus. Eles estão olhando a gente muito bem, aí a gente não pode reclamar não. O que está fazendo falta agora é a gente ir para casa.

Pesquisadora: Você sente raiva da Samarco?

Marinalva: Tenho, não vou falar que ela pare porque tenho filhos e tenho netos. E a comunidade precisa dela. Mas, tenho ódio da Samarco porque o problema é que ela sabia que estava acontecendo. Ela não teve dignidade de avisar a gente.

Pesquisadora: Você quer que ela pague o que ela fez?

Marinalva: Quero minha casa de volta, minhas coisas de volta.

Percebemos, portanto, a entrevistada mais engajada, questionadora, mais exigente quanto aos seus direitos.

Os interdiscursos sindical e jurídico estão presentes nas respostas dadas à pesquisadora. Marinalva Salgado se mostra mais engajada, combativa e conhecedora dos seus direitos e os

exige. Podemos pressupor que ela participa de reuniões com movimentos sociais, promotória em prol dos atingidos.

Pesquisadora: Qual a sua relação com a Samarco?

Marinalva: Normal, não os procuro. Tenho muito amigo da Samarco. Eu fiz amigos dentro da Samarco, porque os funcionários não têm culpa, são os maiores que têm culpa. Os trabalhadores nada, é o contrário, muitos que tem contra a gente. Aqui é um pessoal tudo unido, não tem ninguém preso de Bento, ninguém preso de Bento. Eles começaram a falar que a gente está nadando em dinheiro e a gente está escolhendo as coisas boas para a sua casa. A casa que eu morava era horrível porque durante um ano sofria, entupia ralo direito, a gente fica desentupindo aquilo, gastando, porque se eu ligasse, eles iriam mandar bombeiro vir mexer, mas só que eu achava que ficava amolando e eu não queria quebrar o contrato com a Samarco porque ela tem o dever com a gente, mas na hora que a gente assina o contrato está escrito que para sair tinha que pagar o dono. Aí quanto mais eles gastassem era pior para a gente, gastar o dinheiro da gente. Esperei completar um ano, quando estava com 11 meses eu falei que queria sair. Aqui é de dois anos, se o proprietário quiser que eu saio, ele paga a Samarco.

Pesquisadora: Vocês ficaram apreensivos a noite toda?

Marinalva: A noite toda, as crianças abraçavam a gente com medo, nós vamos morrer, nós vamos morrer e a gente correndo da lama. A minha filha morando no Rio e ela já estava ligando, “não posso falar nada não. Vou desligar, vai morrer todo mundo, estou correndo”. Eu perguntei para os repórteres se eles foram avisados. A gente sempre pergunta isso como eles foram os primeiros a chegar. Quero saber dos repórteres. Perguntei dois e eles não me responderam. Quero perguntar aos repórteres se eles foram avisados se a barragem estava estourando e eles já tinham chegado. Eles não falam que não podem falar, não falam com a gente e eu quero matar essa curiosidade. A gente começou a descobrir tudo, ela começou a romper 10 horas da manhã, que ela deu o primeiro sinal, afastaram o povo do Bento, quem trabalhava na área, eles afastaram, não deixaram perto da barragem não. O cara chegou e falou assim “avisa o pessoal do Bento, que a barragem vai estourar”. Quando foi 2 horas, ele falou de novo “não, está tudo no controle, está 100% seguro” e eles tentando lá aí quando foi 4:45 mais ou menos ela foi de uma vez, mas eles foram avisados lá que ela estava sendo rompida e o pessoal do Bento que trabalhava lá dentro não sabia. Depois da destruição toda aí que o pessoal do Bento começou a ver aquele alvoroço todo é que eles vieram para portaria aí eles começaram a perceber mesmo que tinha que levar o pessoal para o alto. Há 3 anos, o prefeito aqui de Mariana ganhou dinheiro para ficar calado porque ele sabia que estava correndo risco de estourar, ele sabia, portanto que Celso Cota você não vê em momento nenhum aparecer aqui. Ele já sabia, ele saiu da candidatura sabendo que ia acontecer isso e nunca avisou nada. Esconderam tudo. A gente fica indignado por duas coisas que ele falou primeiro que a gente morava no barraco de lona, não tinha piso na casa, não tinha nada e hoje a gente quer tudo. Mentira, eram poucas casas que eram ruins em Bento. E segundo, ele falou que eles nos avisaram. Não tinha sirene, mas tinha outro aviso, só a lama chegando, o aviso foi simplesmente a lama chegando. Pessoal e que morava no alto gritando para todo mundo sair e a Paula veio da parte de baixo gritando também. Gritando que a gente conseguiu salvar todo mundo porque agora eu falo não morreu ninguém, de Bento morreu só uma pessoa. A gente era mais de 600 pessoas e acho que era 280 casas e fora muitas que já estavam para construir para os filhos da gente.

Pesquisadora: O que pensa do seu futuro?

Marinalva: Eles trouxeram a gente para aqui (Mariana) e colocaram na Arena. O promotor, que é o nosso protetor pegou e falou “não, não tem como esse pessoal sofrer o que sofrer, ficar aqui” e o repórter em cima da gente e agente não estava

aguentando. O promotor falou que tinha até à tarde para colocar todo mundo no hotel, pousada e eles começaram a entrar coisa de comer, medicar a gente. Teve gente que ficou pouco tempo, porque ele falou “ninguém precisa sobreviver preso, mesma coisa de estar cadeia se ficar no hotel, então vocês têm até dezembro para estar todo mundo em casa”. Mas não tem condição, não tem como nós conseguirmos essas casas aí começou aparecer casa, uma atrás da outra casa. Essa casa aqui foi alugada para um que morava aqui só que ele preferiu ir perto do filho dele que desocupou uma casa lá. Eu vim para casa dele aqui aí foi mudando. E aquela esperança da gente nos hotéis, “será que amanhã vou mudar, será que amanhã”, ficava naquela agonia. No dia 22 ou 23, eu consigo mudar com minha família e dividia um quarto com uma filha minha e outro quarto era dividido por duas filhas minhas, meu filho e meu neto com uma cama de casal e o colchão no chão porque não tinha onde por mais, ali tinha acabado. Só tinha um café da manhã, era um café decente. Pousada não fornecia o almoço, aí traziam o marmitex para gente comer. Tenho que agradecer a Deus que não faltou, mas ninguém comia, a comida estava horrível. A gente reclama, vinha dois dias bons. A gente vivia mais com fruta, biscoito essas coisas aí que a gente alimentava porque o marmitex você abria e costumava jogar fora, nem comia, a gente estava muito chocado ainda. Quando a gente passou para casa aí já aliviou um bocado, mas a dor ainda não passa, não passa. Teve uma festa em Bento no fim de semana. Eu não quis ir ao sábado, eu enfeitava a rua, eu e uma colega minha. Eu não vou enfeitar mais porque o ano passado eu passei mal ao enfeitar uma parte que foi destruída. Foi no domingo a gente estava bebendo aqui e eu falei “eu quero ir a Bento” e de repente apareceram dois carros. Fomos ao Bento. Quando cheguei lá não aguentei ver. Você chega do alto, só vê água e mato. As ruas estão limpas e quando eu vi a rua enfeitada, aquilo foi horrível, foi uma coisa muito horrível porque eu fiquei três meses sem conseguir lá depois da tragédia e estava indo direto só que aí estava me fazendo mal. Minhas meninas pegaram e falaram “mãe, pára de novo” aí eu parei e voltei depois de muito tempo o pessoal, até o Falamansa queria que a gente levasse lá, ele veio. Eu parei, não estou me sentindo bem. Quando foi domingo eu fui, mas não tive como conter as lágrimas.

5.4.1.3 Sandra Quintão

Ao lembrar o que viveu naquele dia 5 de novembro, novamente Sandra se emociona. Passados quase dois anos, as lembranças ainda estão bem fortes e ela expõe mais detalhes sobre o dia. Identificamos a necessidade de contar-se, de narrar o que aconteceu no dia 5 de novembro.

No discurso de Sandra, o apego à casa que tinha em Bento Rodrigues é evidente, os objetos que lá existiam, ao seu restaurante, ao convívio, à tranquilidade e à liberdade que tinha no local. No QUADRO 14, detalhamos os temas, que são os mesmos da entrevista com o jornal *Estado de Minas*, e os imaginários.

Quadro 14 – Tematização e imaginários na entrevista científica: Sandra Quintão

	IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS
Temas	Entrevista científica
História	Amor
Infância	Liberdade Simplicidade Infância feliz
Cotidiano	Tranquilidade Segurança
Trabalho	Recomeço Superação
Família	-
Tragédia	Destruição Tragédia Solidariedade Religiosidade
Empresa	Desconfiança Ganância Capitalismo
Barragem	Negligência

Fonte: Elaborado pela autora.

Na entrevista para esta pesquisa, a atingida se predispôs a falar mais sobre a tragédia e sua relação com a Samarco. Os outros assuntos foram tratados de forma mais rápida, como a relação com o esposo. Ao relatar a tragédia, Sandra Quintão lembra o desespero das pessoas, a destruição que causou, a ajuda que lhe foi dada, da religiosidade, da fé.

Pesquisadora: Como foi o seu dia em 5 de novembro de 2015? Qual foi sua rotina?
 Sandra: Não era um dia que eu vinha à Mariana, que sempre vinha à Mariana duas, três vezes por semana. Então, acordei de manhã, fiz os meus pés de moleque, minhas coxinhas e as meninas serviram umas 30 refeições na hora das refeições, o pessoal chegava para almoçar, estava muito quente, o sol muito quente, aí chegou umas meninas de Mariana que estavam panfletando lá no Bento para uma loja aí ela falou assim “nossa que lugar gostoso” aí eu falei com ela assim “Ah eu adoro aqui”. Foram lá na mesa colher assinatura do pessoal que estava almoçando aí falei com elas “adoro Bento”. Ela está assim “olha, eu vou chamar os meus pais para virem aqui almoçar um dia”, eu falei assim “no fim de semana, pode falar para ligar para mim, eu vou te passar meu número aqui”, passei o número para elas e saíram e foi na hora do almoço. À tarde minha irmã que cozinhou para mim mais outra ajudante

largou o serviço às quatro horas, uma já saiu às três e meia, a que morava de frente para mim. A minha irmã estava terminando de passar pano na cozinha para ir embora que ela morava na parte de cima onde a lama não atingiu. Ela estava se preparando para ir embora, aí nisso que tinha uma caminhonete lá da empresa Samarco, quatro funcionários conversando comigo, a gente batendo maior papo lá, isso uns quinze minutos antes da tragédia. Na hora que eles saíram, despediram de mim e foram embora, passou o ônibus assim que eles saíram, passou o ônibus aí passou lá no meu bar para entregar uma encomenda e a minha filha falou assim “mãe, o “buso” não levou a gente” porque sempre a gente está indo a Santa Rita Durão passear na casa da minha irmã que morava mora lá. Aí eu estou assim “oh filha, hoje a gente não vai não” Eu ia entrar para ralar meu coco, fazer minhas cocadas. Na hora que eu vi o ônibus passando, a menina na moto avisou aí eu tremi toda, eu gritei “Terezinha”, que é minha irmã, “vamos embora, barragem estourou” aí ela falou assim, veio correndo, olhou a poeira “é poeira, estamos acostumados com poeira”. Eu corri, acreditei, e peguei a chave do meu carro porque meu carro que vai me levar para longe. Peguei a chave, consegui, tremendo, aí minha irmã chegou e olhou, consegui tirar meu carro e minha irmã viu que eu estava tirando meu carro, ela correu, gritou a Eliana que trabalhava comigo e foi lá para dentro de casa e tentou socorrer mais pessoa. Na hora, eu coloquei no carro uma senhora que vinha no colo com dificuldade de caminhar aí pedi o rapaz que a olhava a senhora, pedi o rapaz “leva esse carro embora, salva essas pessoas para mim que eu vou esperar minha irmã”. O rapaz pegou meu carro e sumiu com meu carro aí lá na rua eu comecei a gritar muito, vi o pessoal correndo aí nisso minha irmã chegou. Na hora em que ela chegou, eu falei “eu vou pegar meus documentos”. Ela falou assim “não vai não”. O negócio estava pegando os bambus, já pegando as casas, engolindo tudo. Aí nós corremos, ela subiu na caminhonete do meu irmão na hora ainda caiu aí nós começamos a correr e subir no carro. Meu irmão tentou sair de Santa Rita e já não conseguiu, já tinha comido a estrada. Eu cheguei à igreja das Mercês, eu vi que o pessoal de Bento estava tudo lá, um senhor com dificuldade de caminhar, na dificuldade no mato. Meu Deus, o que é isso né. A gente atravessou a Igreja das Mercês para a caixa d’água aí eu vi muita gente de Bento, meu carro não estava na Igreja das Mercês eu fui ver meu carro lá na caixa d’água, a minha filha estava com a avó no meio do mato, que estavam procurando um lugar mais alto, porque toda hora falavam que iria estourar outra. Ao chegar em cima, meu irmão mostrou “a sua casa lá”. O segundo andar boiou todinho, encheu tudo aí arrancou o segundo andar, ele foi rodando, rodando, foi quinze minutos a imagem que eu tenho do segundo andar. Foi o último a sumir naquela lama porque encheu todo, porque a altura do poste da minha casa, aí ele arrancou todo. A lama cobriu a parte de baixo toda. Graças a Deus que teve o alto para gente ficar. Naquele desespero lá em cima, um corre por um lado, um corre para o outro, subiu aquele mal cheiro, ainda com a minha filha de dois anos e pouco no colo aí eu pensei assim gente “a gente tem que sair daqui” aí que chegou um sobrinho meu que não estava no meio da gente e conseguiu passar para o mato eu falei o “Breno, por onde você passou?”. Ele falou e eu falei “vamos seguir, vão embora daqui”. Um 30 pessoas crianças e idosos nós conseguimos acompanhar ele no mato. Ficou minha irmã, meu irmão para trás na parte alta e no caminho que a gente conseguiu sair para o lado de Santa Rita não tinha caminho, a gente estava fazendo no corpo, arranhando tudo, machuquei toda aí eu pensei em chorar, oh meu Deus porque eu não fiquei para o helicóptero me levar, porque ele estava tirando todo mundo, mas aí quando anoitecendo, nós saímos na Estrada de Santa Rita. Eu, ela e mais as pessoas que seguiram a gente. Chinelo já perdeu no chão, andando descalço, furou o pé. Nós saímos aí nós vimos um tanto de carro, polícia chegando, socorrendo as pessoas. Entrei numa caminhonete e fui dormir lá em Santa Rita na casa da minha irmã, assim dormi nada porque ficou lá meu irmão, minha irmã. Muita gente não saiu no mesmo dia, eles não conseguiram e anoiteceu. Nós passamos uma noite assim. Veio o pai dela lá, o pessoal que estava lá da Samarco, o meu colega chegou lá chorando que gente não tinha conseguido, mas foi muito rápido. Na hora que saíram do meu comércio, que chegou à escola, eles viram o pessoal correndo aí ele também partiu para correr e lá tinha que sair correndo mesmo porque depois que a menina avisou, eu tirei meu carro da garagem, gritei minha irmã então foi o tempo de chegar ao morro, 10 minutos para encher o Bento.

Nossa sorte é que no passar, depois a gente viu passando senão não ia dar tempo, aí na hora que ela vem retornando pegando Bento, teve tempo de a gente correr porque aquele espaço de tempo de ela passar se a gente não tivesse visto, ela pegava a gente, mas a gente viu aí deu tempo da gente correr. Saindo de Santa Rita, no outro dia, às 10 horas, nós fomos para Arena, da Arena fomos encaminhados para o hospital porque tive contato com a lama. Fui colher sangue e deixei minha filha com a avó na Arena. Coletando sangue, as enfermeiras falaram “muita tempestade e pouca chuva. Não saiu de casa quem não quis”. Eu falei “Menina, você não estava lá”. Papo besta com a gente, peguei e saí correndo hospital, desci e xinguei bastante. Graças a Deus não morreu tanta gente da minha terra. Desci e encontrei um amigo de carro, na subida do hospital, me deu carona até a Arena fiquei sabendo o hotel que eu iria. Ao chegar ao Hotel Providência, chegou aquela turma toda e o gerente do hotel falou comigo “Vi que você é líder do pessoal, porque vocês têm até o dia 20 para ir embora porque eu tenho uma excursão para receber aqui”. Eu falei assim “não preocupa não, que quem contratou, vai liberar seu hotel”. Fui tomar banho e nisso a menina que estava lá da Vale olhando a gente, falou assim “Sandra, conversei com o Toninho, esquece aquilo que falou com você, vai ficar aqui o tempo que precisar viu, pode ficar tranquila”. Aquilo deixando a gente assustada. No fazer amizade lá no hotel com o Toninho, com a turma, aí teve muita visita, que o pessoal frequentava muito meu bar, de Mariana. O hotel vivia cheio, só podia ter visita até às 18 horas, eu ia lá para frente do hotel, recebia todo mundo, minha família começou a encher o hotel também. Nisso o Toninho pegou e me cedeu uma cozinha.

Ao falar sobre Bento Rodrigues e sua infância, Sandra ressalta a liberdade que sentia lá e o amor por aquele local, diferente do sentimento em morar em Mariana. Ela se sente aprisionada, é a sensação de não pertencimento.

Pesquisadora: Gostaria que falasse das lembranças da infância em Bento.

Sandra: Bento é a lembrança de pé no chão, era terra ainda, não era asfalto, vivi em Bento esse tempo, a chegada dos postes para luz. A gente brincando em cima dos postes, não sabia o que era televisão, nada. Bento era isso, era porco no meio da rua, galinha, cachorro, então aquela infância de apanhar jabuticaba, subir no pé de laranja, correr para horta afora, a noite no escuro sair batendo na porta do outro, era muito legal, tinha muitas aventuras em Bento, a gente criava muita brincadeira.

Pesquisadora: E no dia 6 de novembro, como foi para você?

Sandra: Você acorda com umas paredes diferentes e você está acostumada na sua casa e tudo no hotel, crianças correndo no hotel assim, crianças que estavam acostumadas a correrem em Bento, nas ruas de Bento, sem problema e de repente está ali no hotel correndo, muito estranho no hotel fiquei. Minha filha às vezes passa lá perto ela abaixa a cabeça no carro. Eu falei assim: “minha filha, levanta, já passou”. Assim, a gente tem que agradecer a Deus, graças a Deus teve um cantinho para gente, mas que não era nossa casa, a gente nunca sentiu que era nossa casa nem aqui onde eu estou, a gente não sente que é, porque o negócio é o que era da gente mesmo, o simples, o gostoso era aquele que a gente tinha mesmo, de Bento, o que a gente viveu.

Mesmo passados quase dois anos, Sandra ainda emociona quando se fala da casa, de Bento Rodrigues e de seus pais.

Na entrevista, Sandra apresenta consciência mais crítica de que Bento Rodrigues acabou mesmo e busca uma vida nova. Com relação à Samarco, entende que a culpa pela tragédia é

da empresa, de pessoas que ocupam altos cargos, porque muitos funcionários ela conhecia e atendia em seu restaurante e acredita que esses com quem tinha contato também não sabiam dos riscos. É a favor do retorno das atividades da empresa no local, porém acredita que ela deverá repensar em como investir. Houve, assim, uma mudança de opinião a respeito da Samarco se compararmos a entrevista para o jornal *Estado de Minas* e para esta tese.

EM: Gostaria de falar mais alguma coisa?

Sandra: [...] vi o pessoal de Mariana reivindicando a Samarco, aquilo me entristeceu, muito cedo. Não tem nem um mês da tragédia e o pessoal já a favor da Samarco. Ela agiu errado. Ela errou. O que eu tenho medo hoje é da gente que é vítima, se tornar o contrário. Se acontecer alguma coisa com a Samarco, nós ainda vamos ser culpados. O pessoal que fala que depende dela para trabalhar, deles acharem que a gente vai ser culpado da Samarco sair da cidade. Eu penso assim, e a gente vai ter que viver aqui porque nosso lugar acabou, nós vamos ter que conviver com eles que dependem da Samarco e está querendo a Samarco. Eu achei muito cedo para fazerem manifesto em favor de uma empresa que não teve cuidado de colocar um alarme para alertar a gente. Estou com pano preto no meu carro. Eu estou de luto porque eu perdi. Eu sou uma Marianense, mas eu estou sentindo dor. Eles dependem do emprego. Eu achei muito cedo o manifesto deles. Tenho medo da gente que é vítima, no futuro a gente ser visto com outros olhos pela população. A população pode olhar a gente com outros olhos. Eles foram muito rápidos em protesto a favor da Samarco. Eles foram muito rápidos. Estava assistindo um programa na televisão, o apresentador mostrou o povo fazendo manifesto. Ele que não é daqui da região, que não sofreu nada, ele se sentiu incomodado da população agir dessa maneira. Ele mostrou o pessoal de BH sujos de lama e aqui em Mariana, eles estão dando apoio à mineradora, as pessoas reagiram. Tiveram mortes e não foram poucas, teve gente de Bento que não foi encontrada, eles estão procurando corpos e a população de Mariana saindo às ruas. Eu não concordei com isso, tudo bem que eles dependem do emprego, mas esperassem uns seis meses, três meses, mas sentissem a dor primeiro. Tem menos de 15 dias e o povo sair a favor. Não sei se estou pensando errado. Eles tinham que primeiro ouvir quem é culpado. Se ela iria embora mesmo. Eu me senti machucada no Centro de Convenções.

Pesquisadora: Você acha que a Samarco é culpada?

Sandra: É culpada sim porque alguns já sabiam. Ela estava colocando rejeitos onde já não estava cabendo mais, então já foi provado que fez coisa errada. Então, ela é culpada sim. Eu acho que pode retornar a Samarco, voltar, mas mude o jeito de minerar, pois ela tem que investir naquele rejeito, para ela retornar hoje. Quer minerar que dá muito lucro e pouco investimento. A gente vai a Bento e policia faz BO na gente, então ela quer Bento. Tenho medo de que daqui a dez anos, as autoridades concedam Bento e ela fazer uma outra armadilha, porque o povo esquece. Porque a empresa Samarco quer retorno. O que é dois anos para a Samarco?

A desconfiança ainda está presente quando se trata do trabalho desenvolvido pela Samarco. Mesmo fazendo trabalhos para a empresa com o fornecimento de salgados em reuniões e festas da Samarco, ela não gostaria de morar perto de uma barragem:

Pesquisadora: Qual a relação com a Samarco?

Sandra: Hoje estou tendo relação boa com a Samarco. A Renova já contratou meu trabalho, estou fornecendo lanche na festa de São Bento, através deles e eles estão tentando ajudar sim. Se a Samarco minerar com barragens em cima de onde eu

moro, minha relação com a Samarco não é de confiança mais. O que eu vivi hoje, onde a Samarco tiver minerando, eu não moro mais. Não confio mais. Antes eu acreditava muito, mas o que eu vivi. Antes eu acreditava na Samarco, tinha orgulho quando parava no meu restaurante um tanto de caminhonete, acreditava, confiava muito. Era sinal que meu tempero era bom, tinha muito orgulho, hoje já não confio mais. A Samarco poderia tirar a gente mais dignamente, que ela tirasse do meu lugar, mas não como eu saí. Para tirar tudo, sua casa seria bem menos agressivo. Eles tinham estrutura para tirar a gente para que não precisasse ver as pessoas idosas sofrendo no meio do mato.

Sandra demonstra que sempre desconfiou das intenções de aproximação da Samarco com a comunidade e sempre esteve insegura de possíveis rompimentos de barragens, porém o trabalho da empresa desenvolvido com os moradores sempre teve o intuito de tranquilizar e reafirmar a segurança que existia.

Em algumas perguntas feitas para Sandra Quintão, percebemos nas respostas o interdiscurso publicitário ao falar das coxinhas produzidas por ela e a condução do restaurante que era proprietária em Bento Rodrigues, como podemos perceber nas marcações realizadas nos trechos a seguir. Além do publicitário, percebemos o interdiscurso jurídico, pois se mostra conhecedora de seus direitos e os mecanismos da justiça.

Pesquisadora: A sua coxinha que virou a sua marca?

Sandra: **Tudo o pessoal gostava, da comida. Então, o pessoal mesmo da Samarco tinha muita frequência lá no meu restaurante, o próprio pessoal da empresa, ele saía de lá da mineradora para ir comer no restaurante. Meu restaurante era muito famoso na própria mineradora do pessoal lá, ele estava sempre no restaurante comigo, estava sempre frequentando, as empreiteiras da Samarco pegavam comida comigo. Então tinha muita frequência, a gente estava muito na empresa Samarco, a gente tinha eles dali como da família mesmo.** A gente acreditava. Hoje eu me pergunto como aconteceu isso, muito difícil eles deixarem aquilo se romper. Nossa, não acredito hoje como que eles deixaram romper, porque eles mesmos estavam em Bento presente, eles mesmos frequentavam, então é complicado. Hoje eu fico me perguntando porque aquilo não poderia ter rompido nunca. Acho que se ficaram sabendo antes foram presidente, gerente, os grandes da empresa. Consegui resgatar duas panelas, que eu tinha guardado debaixo de uma escada de concreto e a escada não foi e depois de nove meses cavando lá, tentando tirar, mas abriram para o ladrão entrar para saquear. O ladrão roubava e quando a gente lá, não podia. Muito estranho essa história da empresa. Eles deixaram o ladrão roubar. Quando eles compram o local, Bento não foi vendido. Eles compraram em volta de Bento tudo. **Eles deixaram o pessoal tirarem tudo porque não querem gasto com vigia. Se entrar gente, tem indenizar de novo.** Acredito que eles já sentiram donos de Bento. Para o pessoal não voltar para a casa, deixou o pessoal limpar tudo, acho que foi isso que eles fizeram. Agiram desse jeito.

Pesquisadora: Bento vai voltar o que era antes?

Sandra: Agora é outra coisa. **Meu comércio era muito livre, o pessoal chegava e servia a sua cerveja, era um local longe da cidade, que você ficava tranquilo, você sabia quem de fora chegava. Então você ficava em Bento, não tinha grade nas janelas, não tinha isso aqui que tem em Mariana. Você era livre. Então, minhas mesas ficavam do lado de fora, eu tinha uma mesa de sinuca enorme que ficava do lado de fora, ninguém mexia, tinha frequêns de toda a região que**

não incomodava. Então aquele Bento, agora, conseguiu acabar com ele. Agora o que vier hoje vai ser tudo nova vida, nova fase e aquilo acabou no dia 5. Acredito que o Bento, infelizmente o que a gente vivia em Bento, acabou aquele dia. Vai inaugurar outro lote, outro Bento, mas vai ser perto da cidade, dez quilômetros, vai ficar muito próximo. A gente torce para ser o mesmo Bento, tentar ser o antigo Bento, mas vai ser difícil.

Pesquisadora: E como foi o recomeço?

Sandra: A Samarco fez reunião no Sebrae aí eu peguei o microfone e falei “quero o meu trabalho para ontem”. Aí eles me levaram uma barraca que eu queria vender na feira, não quero ir a reuniões, fazer cursos. Eu conversei na feira em Mariana, eles me deixaram ir à feira. Na mesma semana eu já eu estava com estoque grande de coxinha no meu freezer. Fui à feira de sábado, já tem um ano e cinco meses que eu estou na feira. Todo sábado. Eu saio de casa às quatro horas da manhã e chego à feira quatro e quinze, minha barraca já está montada porque o rapaz monta, coloco nos meus isopores as minhas coxinhas congeladas, porque são fritas na hora, minha empada. **O pessoal vai comendo e vai gostando, vai levando e quando eu não vou lá, dois sábados que eu falhei, nossa, mas o pessoal não gostou da ideia não, eles querem chegar lá e achar coxinha.** Agora surgiu essa feira noturna que eu estou atendendo também às quintas-feiras já é outro dia. Recomeço com trabalho é que está dando certo, então segunda, terça, quarta fabricando manual mesmo, não tenho a máquina ainda de fabricar as coxinhas, então é fabricando, congelando, embalando em pacotes. Em 3 horas, eu faço 600 coxinhas da pequena. Então para atender as duas feiras, eu tenho que ter 80 pacotes por feira, 80 pacotes para outra e nessa feira noturna eu estou levando a 300, 400 da grande e está bombando e é muito pouco, mas está saindo. **O pessoal gostando do tempero aí já ficou a famosa coxinha de Bento. Graças a Deus que dei um produto que deu o resultado e que está me dando trabalho para não ficar pensando em Bento.** Para minha filha não, está com três anos, coloquei na escola. A gente que é de Bento, que é mais velho, isso não vai passar nunca, não vai esquecer nunca. Eu tinha amor a Bento, minha casa, o lugar onde meu pai viveu com a minha mãe, então tinha história.

De modo geral, nos três entrevistados percebemos pelas entrevistas realizadas por nós que há mais riqueza de detalhes ao narrarem o que aconteceu no dia 5 de novembro de 2015. Eles deram mais detalhes do que viram e presenciaram em comparação às entrevistas realizadas pelo jornal *Estado de Minas*. Eles têm a necessidade de se contar, querem ser ouvidos e externar o que aconteceu no dia 5. Podemos constatar que as lembranças estão bem fortes. Todos eles acreditam que a Samarco é culpada do crime, que ela poderia ter evitado a tragédia, porém são a favor que a empresa volte a funcionar em Mariana, retome suas atividades. Mesmo assim, se mostram mais engajados com relação aos seus direitos, estão mais instruídos juridicamente.

Segundo Halbwachs (2003) é “impossível que duas pessoas que presenciaram um mesmo fato o reproduzam com traços idênticos quando o descrevem algum tempo depois” (HALBWACHS, 2003, p.96). Confirmando os dizeres do autor, constatamos que os três entrevistados narraram a tragédia com a inserção de mais elementos passados quase dois anos da entrevista para o jornal.

Essa percepção pode ser interpretada pelo fato de os entrevistados terem sido entrevistados por um veículo de comunicação como o jornal Estado de Minas e pode ter trazido algum receio por estarem falando diante de uma câmera também. Talvez, eles tenham ficado mais à vontade com a entrevistadora pesquisadora.

5.5 Abram a Portagem

Para concluir este capítulo de análise, propusemos uma metáfora que exprime como se deu a edição da série documental *Vozes de Mariana*, produzida pelo jornal *Estado de Minas*. Entendemos a complexidade do trabalho jornalístico na produção de um material audiovisual, pois envolve planejamento, objetivo, preparação de roteiro, logística, entre outras etapas. Para exemplificar esse trabalho até a exibição do produto final para a instância de recepção, propusemos a concepção de uma “Portagem”. Utilizamos esse termo, pois consideramos que melhor sintetiza o processo que envolve a edição. A escolha desse termo não foi aleatória, se deu por meio da leitura do romance *Portagem* (1981), do escritor moçambicano Orlando Mendes, que tem como personagem principal o mulato João Xilim. A jornada desse protagonista é traçada durante a narrativa. O romance foi escrito na década de 1950, contudo sua primeira publicação foi lançada em 1966 e consagrou Orlando Mendes como o primeiro autor de romance moçambicano.

Temos, assim, elementos e etapas necessárias para a concepção de um material audiovisual antes de passar pela edição/portagem. Depois de ultrapassada essa etapa, o público terá acesso às narrativas que o veículo quis que esse público tivesse acesso, é a sua versão, seu olhar, é a materialização dos objetivos propostos⁴².

Com a ideia de “portagem”, palavra própria do português de Portugal, que significa “pedágio”, ou seja, um direito de passagem após o pagamento de taxa para uma autarquia ou concessionária delegada, para ressarcir custos de construção e manutenção de uma via; pensamos no conceito “portagem sociodiscursiva”, para pensar sobre os mecanismos discursivos da concepção, realização e edição de um produto audiovisual.

⁴² Vale ressaltar que nem tudo que o jornal veicula é intencional, às vezes, algo “escapa”.

É importante para o entendimento do conceito “portagem sociodiscursiva” que expliquemos um pouco sobre o romance de Orlando Mendes. Mesmo que a palavra “portagem” não seja referenciada durante a narrativa e esteja presente apenas no título da obra, é possível perceber o significado e a possível intencionalidade do autor.

Temos, então, João Xilim, o protagonista da história, um mulato, filho de um homem branco com uma negra e, por esse motivo, pela mistura das raças, é rejeitado inúmeras vezes, como pode ser visto na passagem: “Alguns dos negros sentem um certo rancor contra João Xilim. E fazem surdamente, alusão à ignomínia da sua cor mestiça a que atribuem a possibilidade de todas as cobardias e traições” (MENDES, 1981, p. 33).

Estudioso da obra de Orlando Mendes, Cruz (2013) observa que João Xilim, durante a narrativa, vive uma série de situações em que o seu destino será na realidade a simbolização da grande miscigenação cultural vivenciada pelo país nos anos coloniais, em que moçambicanos e lusitanos conviviam situações harmônicas e conflituosas. O romance revela, segundo o pesquisador, em sua forma ideológica, o desejo por este instante. “[...] através de um enredo guiado pelo destino de um mulato e numa terra imersa a um grande trânsito cultural, a voz singularizada por João Xilim expressa uma vontade coletivizada de um povo determinado a lutar pelo ressurgimento de Moçambique” (CRUZ, 2013, p. 18).

Portagem é constituído por 28 capítulos e a história se apresenta com o narrador em terceira pessoa. Cruz (2013) nos apresenta a interpretação da ideia do título e a presença do mulato como personagem principal da história:

A ideia proposta no título (Portagem) evidencia a necessidade da passagem para outro tempo, isto é, um instante desprovido das imposições imperialistas para que assim fosse possível a continuação da caminhada das personagens guiadas pelo mulato. Contudo, a dificuldade em ultrapassá-la também é exposta, pois para vencer a força opressiva do colonizador é preciso desestabilizar o grande impasse formado entre colonizador e colono. Com o mulato, observam-se as inúmeras provações a serem enfrentadas pelo herói durante o seu caminhar, e como a sua cor é o símbolo de desprezo e traição, a derrota vem como resultante maior destes enfrentamentos. Porém, o que lhe motivará constantemente durante o seu trajeto é a esperança de conquistar a sua portagem, que o conduzirá pela busca incessante de um novo tempo africano. (CRUZ, 2013, p.183)

A obra traz, portanto, “portagem” expresso no título fazendo referências às várias “passagens” por que passa João Xilim. Acreditamos que todas essas passagens, trajetos vivenciados pelo personagem precisam ser pagas com muito sofrimento para que seja ultrapassado,

[...] como se fosse de fato um pedágio construído na rota do destino do país durante o colonialismo, cuja ultrapassagem ocorreria por meio destas três relações: o antes (processo de submissão colonial – colonização), o agora (presença actual diante do obstáculo e criação de metas para superá-lo – estabelecimento das frentes de libertação) e o depois (a ultrapassagem é efetivada, com o acarretamento da independência, contudo vive-se um tempo de incertezas). (CRUZ, 2013, p. 184).

No final, o narrador revela que o personagem cumpriu seu destino e reconta o que passou com o protagonista durante a história:

Foi sempre ele, o mulato, um homem clandestino: na barriga da mãe, moleque em casa de D. Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido (MENDES, 1981, p. 160)

Na narrativa, o mulato era lembrado somente pelas cores da traição do negro com o branco. A fim de enfatizar essa desigualdade, o narrador de *Portagem* mostra as sensações de não lugar de Xilim e, embora tenha tudo para sucumbir à sua derrota, é, muitas vezes, o guia de seu povo, abrindo caminhos diante do abuso da autoridade política e moral dos vilarejos.

Cruz (2013) considera que a obra não está presa aos desígnios somente de uma literatura que fala sobre Moçambique; e, ainda, a *Portagem* ao ser lido e refletido, abre as cancelas de sua narrativa para deixar passar seus leitores como contribuintes da história, que, uma vez lida, já estará modificada pela (re)leitura. Desse modo, a portagem de Mendes, segundo Cruz (2013), projeta-se às portagens do leitor.

A partir do que foi abordado no romance, a ideia de “portagem sociodiscursiva” está relacionada com essa passagem, a transposição da cancela que tem em um pedágio. Temos em uma construção de um documentário ou uma reportagem televisiva uma bagagem considerável e consistente de imagens e informações que são coletadas *in loco*, temos, também, no caso de uma cobertura de uma tragédia, de um acontecimento de grande repercussão, entrevistas com testemunhas, especialistas para falarem sobre o assunto, mas é a partir da edição que o material vai tomando objetividade e atendendo à intencionalidade da empresa jornalística. Após a passagem pelo “pedágio”, os espectadores irão ter acesso ao conteúdo a partir do olhar, da lente da empresa, a partir do que ela escolheu para ser mostrado, visível, divulgado. Essa “passagem” é uma porta de acesso às escolhas feitas pelos profissionais, é o caminho percorrido pelos jornalistas para mostrar o que considerou que

poderia chamar mais atenção, causar mais emoção, enfim atingir seu objetivo final. O jornal abre as cancelas das narrativas dos atingidos pelo rompimento da barragem pelo seu olhar, é a sua versão, sua perspectiva da história. O termo sociodiscursiva remete à ideia de que a linguagem está numa perspectiva social como atividade de comunicação, destacando-se a relevância da linguagem com foco nas interações sociais. O termo está relacionado às trocas sociais por meio da linguagem, instauração de vínculos e produção de efeitos.

Podemos considerar, portanto, a partir dessa metáfora, que no processo de uma produção de um produto audiovisual, a equipe responsável já vai a campo com um roteiro das perguntas pré-definido, mesmo que no percurso da entrevista haja uma alteração ou aprofundamento de questões que estavam fora desse roteiro, tem-se em mente também a ideia da imagem e quem serão os entrevistados. Esse processo seria o que antecede a cancela da portagem. Com as imagens feitas e as entrevistas realizadas, é o momento de o editor preparar o produto para atingir seu público. O editor, nessa etapa, faz suas escolhas e toma decisões. Ao abrir a portagem, com o vídeo finalizado, o público terá conhecimento de uma parte de tudo que foi coletado.

Entendemos que há uma pré-produção, um planejamento, um objetivo, mas tudo pode ser alterado depois de analisadas as imagens coletadas e o conteúdo que o jornalista conseguiu de fala do entrevistado. Houve, no *Vozes de Mariana*, uma motivação, que é a tragédia, o rompimento da barragem; um objetivo que pode ser atingir uma determinada audiência ou até mesmo dar voz aos atingidos; uma inspiração e referências, no caso o livro *Vozes de Tchernóbil*. A partir disso, foram traçados enredo, argumento, relação das cenas etc. Personagens e locações fizeram parte dessa produção para que a filmagem fosse realizada até chegar à edição, em que a narrativa audiovisual ganhou forma.

No caso de *Vozes de Mariana*, ao passar pela portagem sociodiscursiva, o jornal *Estado de Minas* deu ênfase à rotina tranquila dos moradores em Bento Rodrigues antes do rompimento da barragem e com a tragédia houve um turbilhão de sentimentos e mudanças na vida dessas pessoas. Portanto, a ideia foi mostrar o desespero enfrentado pelos atingidos. E do outro lado da portagem, os espectadores veem uma tentativa dos atingidos em reconstruir, por meio das memórias individuais, o lugar destruído, fragmentos de Bento Rodrigues vistos do lugar mais alto do local.

Depois de apresentadas as análises realizadas e os achados da pesquisa, passamos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar, discursivamente, as condições de produção e circulação de entrevistas em materiais audiovisuais midiáticos para percebermos o processo de edição e, conseqüentemente, a configuração de narrativas e a reconstrução da memória. Investigamos o processo de construção e mediação editorial da série documental *Vozes de Mariana* produzida pelo jornal *Estado de Minas*. Nela, os atingidos pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, em Mariana, Minas Gerais, ocorrido em 5 de novembro de 2015, contam o que viram e sentiram naquele dia, bem como sua relação e vivências no distrito de Bento Rodrigues, que foi coberto pela lama de rejeitos.

Para que pudéssemos alcançar esse propósito, retomamos conceitos relevantes relacionados ao objeto temático da tese, tais como, acontecimento, narrativas e memória. Utilizamos como base teórica-metodológica a Semiolinguística do linguista Charaudeau. Em uma perspectiva analítico-discursiva, abordamos a edição por meio de três intervenções: primeiro, com base nos registros brutos dos vídeos nos quais jornalistas do *Estado de Minas* realizaram, a partir de um roteiro pré-definido, entrevistas com algumas pessoas que moravam nos distritos Bento Rodrigues e Paracatu, atingidos pela lama de rejeitos de minério; segundo, partindo de uma análise do mesmo material, mas já editado, em que há narrativas que resgatam as trajetórias de vida dos atingidos as quais são veiculadas no portal de notícias do *Estado de Minas*; e em um terceiro momento, a partir de um lapso temporal de dois anos, realizamos entrevistas com os mesmos sujeitos-enunciadores selecionados pelo jornal *Estado de Minas* lançando mão das mesmas perguntas feitas pelos jornalistas, com o intuito de examinar a memória e perceber a composição de significados durante esses três processos.

Como dito no primeiro capítulo, o rompimento da barragem de rejeitos de minério de propriedade da empresa Samarco, em Mariana (MG), no dia 5 de novembro de 2015, constitui, pelo viés fenomenológico, um autêntico acontecimento no sentido do improvável, do imprevisível e do inesperado. O acontecimento na mídia se estrutura de acordo com a atualidade dos fatos, expectativa e sociabilidade.

Se no primeiro capítulo, resgatamos o conceito de acontecimento e buscamos contextualizar o acontecimento trágico e noticioso do dia 5 de novembro de 2015, explorando a destruição deixada pela lama em Bento Rodrigues, em várias cidades mineiras e capixabas, e contamos

um pouco sobre a história do distrito e de seu inspirador, o segundo capítulo foi momento de estabelecer parâmetros teóricos para conceituar narrativas de vida e memória, bem como trazer um comparativo de entrevista midiática e científica.

No terceiro capítulo, empenhamos em detalhar a Semiologia em seu nível situacional, trazendo as características da identidade, finalidade, propósito e condições materiais; no nível discursivo e semiológico, tratamos das escolhas linguísticas e usos dos modos de organização do discurso enunciativo, descritivo, narrativo.

No quarto capítulo da tese, buscamos aprofundar em nosso objeto empírico, primeiramente, tentando mostrar quem é o jornal *Estado de Minas* a partir de sua história, e, em segundo lugar, trabalhamos com as características do documentário e os aspectos que compõem o processo editorial.

A tese se apresentou, portanto, como um tratado de mediação de imaginários sociodiscursivos presentes nas narrativas dos atingidos e na forma como eles veem a tragédia e o impacto em suas vidas. Tratou-se de analisar como a mídia quer que vejamos a forma como os entrevistados viram, sentiram a tragédia.

Entre os resultados obtidos a partir das análises do registro bruto, dos materiais editados e das entrevistas realizadas por nós, constatamos que a participação dos jornalistas na condução das entrevistas apresentou função estratégica discursiva, pois conseguiram resgatar lembranças que sensibilizaram os entrevistados e, de certa forma, emocioná-los. As entrevistas buscaram provocar efeito patético e os assuntos tratados nas entrevistas buscaram desinibir os entrevistados, deixando-os mais à vontade para falar diante da câmera. Falar da infância, de uma pessoa de que gostam muito, de um trabalho que é revigorante, por exemplo, é uma tentativa de criar um laço de confiança entre entrevistado e entrevistador. Os jornalistas exploraram a empatia, a dor da perda, o altruísmo, a força dos atingidos, em detrimento às ações praticadas pela empresa e os danos causados aos seres vivos e ao ambiente. Os assuntos explorados podem desencadear o efeito patético indignação nos espectadores. Indignação pela perda material e simbólica, impacto na rotina e no trabalho; e ao falarem sobre esses pontos, os entrevistados vão reconstruindo o lugar devastado pela lama.

Concluimos que a edição dos documentários realizada com as narrativas dos atingidos da barragem, por suas estratégias discursivas, permitiu percebermos que, mesmo que a produção de um audiovisual passe por vários processos e etapas, como motivação e objetivo, é somente na edição que é possível definir o enquadramento que será dado de acordo com o que se conseguiu coletar com as entrevistas. É dessa maneira que temos uma versão do veículo de comunicação sobre aquela temática, é o olhar dele para aquela situação. É nesse sentido que chamamos as filtragens realizadas para o produto final de “portagens sociodiscursivas”. A edição de *Vozes de Mariana* mostrou uma ruptura da normalidade em Bento Rodrigues, de um estado de tranquilidade e paz em que viviam os moradores para uma situação de caos e desespero, com o rompimento da barragem. O que passam pela portagem, pelo filtro da edição e chega ao espectador em termos de matriz de sentido são os imaginários e os efeitos de patemização, sendo o carro-chefe a comoção.

Assim como o personagem João Xilim do livro *Portagem* guarda na memória os caminhos percorridos em sua trajetória de vida, a processo de edição deixa suas marcas por trás desse filtro por meio dos pressupostos e subentendidos. Mesmo com o processo de edição, da filtragem, a memória do registro bruto está presente. Ainda que tenhamos, nessa etapa jornalística, as escolhas do editor sobre o que vai ou não ser exibido, a edição deixa uma lacuna de interpretações, pressupondo, assim, intenções comunicativas.

Percebemos ainda que a memória episódica dos entrevistados está mais consistente passados quase dois anos do acontecimento, pois eles conseguiram contar o que viveram com mais riquezas de detalhes e se mostraram mais críticos em relação à responsabilidade da Samarco e aos seus direitos como vítimas de um crime.

A visada dominante que observamos nos documentários foi a patêmica, que é aquela de “fazer sentir”. O jornal *Estado de Minas* tenta provocar sensações desagradáveis no TUD, que está em posição de se sensibilizar. Além dessa visada, percebemos a presença de uma nova visada nas entrevistas realizadas por nós, que é a visada de se contar, que é aquela “do querer narrar-se”; o EUC tem a necessidade de narrar o que aconteceu a si próprio e o TUD está na condição de ouvir esse relato. Consideramos que há na visada “querer narrar-se” uma dimensão argumentativa e, às vezes, até mesmo uma intenção argumentativa.

Como estratégia discursiva, pudemos identificar que o jornal *Estado de Minas*, nas edições dos documentários com José do Nascimento, Marinalva Salgado e Sandra Quintão, buscou dar voz aos atingidos por meio de um efeito patêmico, que é gerado pelo acontecimento e pela gravidade do fato em si. Tenta consolidar uma narrativa de ruptura de um ambiente saudável, feliz (infância em Bento Rodrigues, vivências com familiares e amigos, trabalho e ocupação no distrito etc.), para um ambiente caótico e desesperador, com o intuito de sensibilizar o público a que está assistindo, aproximá-los pela compaixão, pela dor desse(a) atingido(a).

Na série documental *Vozes de Mariana*, o editor utilizou estratégias patêmicas ao privilegiar palavras que descrevem e desencadeiam emoção e também imagens em que as pessoas estão mais sensibilizadas para falarem sobre determinado tema. O imaginário da tragédia/destruição é reforçado por estratégias de patemização diversas como o tratamento das imagens, trilha sonora, seleção de trechos narrativos, tudo isso com o intuito de comover o espectador. Os enunciadores podem ter provocado no espectador uma série de emoções, como compaixão em relação aos atingidos e raiva contra aos causadores daquele sofrimento (no caso, a Samarco). Nesse processo de edição, identificamos o silêncio como parte constitutiva do dizer. Quando se privilegia o discurso do sofrimento desses atingidos, silencia-se o papel dos responsáveis e suas responsabilidades. Percebemos, portanto a subjetividade nas escolhas dos editores ao retratarem um acontecimento de grande repercussão, utilizando, por exemplo, planos de câmera mais próximos do entrevistado quando este está sob forte emoção. Assim, a composição cenográfica alternou entre o plano conjunto, sendo o de maior recorrência, em que os sujeitos são o centro das atenções, embora tenha o cenário enquadrado, e o primeiríssimo plano, em que está enquadrada apenas a cabeça do indivíduo e praticamente se elimina todo o ambiente, realçando a carga dramática da cena, e o plano detalhe/*close*, em que se enquadra uma parte do rosto, do corpo ou objeto. O movimento de câmera foi raro, apenas em uma única entrevistada foi utilizado o *zoom in*. Em todos os entrevistados, foi utilizado o ângulo normal que é aquele em que a câmera está na altura dos olhos do entrevistado.

A edição tem o poder de mostrar para o público a espontaneidade e autenticidade como características dos entrevistados, sendo essa a ideia que o jornal quer passar para o público, que é um momento “espontâneo” dos entrevistados, eles que sentiram a necessidade de abordarem determinado tema, porém podemos perceber no material bruto que houve uma condução do jornalista, sendo que este preferiu privilegiar certas temáticas em detrimento de outras.

A entrevista de testemunho, dessa forma, possibilita mostrar a sensibilidade daqueles que presenciaram ou foram vítimas de um acontecimento trágico. O visível, o que a mídia quer mostrar, é essencialmente a fragilidade daqueles que passaram por um momento traumático. As narrativas dos três entrevistados (José do Nascimento, Marinalva Salgado e Sandra Quintão), mesmo que focando assuntos diferentes entre si, seguiram num mesmo movimento: a ideia do caos; depois os momentos de tranquilidade, fases prazerosas que passaram em Bento Rodrigues e, por último; o caos novamente. São os imaginários de paraíso e de inferno presentes nas narrativas. O jornal *Estado de Minas*, ao iniciar o documentário com o drama dos atingidos, interpretamos que a ideia é provocar o efeito de captação no espectador para que ele fique interessado em saber mais o que se passou com aquele atingido.

Refletindo sobre a representação do documentário, podemos considerar a intencionalidade do jornal *Estado de Minas* em se mostrar uma mídia cidadã, que se preocupa com o próximo, “dando voz” às pessoas que, normalmente, não têm espaço na “grande mídia”. Percebemos uma tentativa de construção dessa imagem mesmo que a intenção também passe pela conquista da audiência, já que é uma empresa que precisa gerar lucros.

Trabalhar com os relatos (auto)biográficos de sujeitos-narradores vítimas de uma tragédia, portanto, é revelar a riqueza de possibilidades de estudo sobre as narrativas em diferentes materialidades discursivas e favorecer a discussão sobre um espaço de produção de sentidos. É revelar as máscaras do “eu” presentes nas narrativas e refletir sobre a relação do sujeito com a coletividade. Considerando a ideia de visadas de Charaudeau, por fim, percebemos a importância de desconstruir a edição e identificar os sentidos propostos pela mídia, pois percebemos que as escolhas não são aleatórias.

Outros trabalhos nessa perspectiva podem ser desenvolvidos de maneira a enriquecer os estudos na área de edição de documentários, já que são poucos trabalhos voltados para essa linha analítica. Um estudo que pode colher bons frutos seria uma análise comparativa das séries documentais *Vozes de Mariana* e *Vozes de Brumadinho*, também realizado pelo jornal *Estado de Minas* logo após o rompimento da barragem em Brumadinho, em janeiro de 2019. Verificar o que existe em comum na produção dos materiais brutos e editados seria um trabalho instigante. Outra pesquisa que propomos que está relacionada à Análise do Discurso e à edição em documentários seria a utilização dos mecanismos da “portagem

sociodiscursiva” nas narrativas de vida de pessoas menosprezadas, invisibilizadas socialmente, como refugiados, mulheres encarceradas e homossexuais.

As entrevistas com os atingidos, após quase dois anos da tragédia, nos fizeram refletir sobre a atuação do jornalista e a construção das narrativas na mídia diante de um acontecimento de grande repercussão. Podemos perceber que estão presentes os critérios de atualidade no agendamento e produção dos temas que serão divulgados. A “notícia quente” tem prioridade efêmera, apresenta-se em um curto período de tempo; depois que o acontecimento “esfria”, a mídia não noticia mais, ou apenas raramente. Semelhante à série produzida pelo jornal *Estado de Minas* com os atingidos pela barragem de rejeitos em Mariana não encontramos outros documentários que retrataram o retorno dos jornalistas ao local e as entrevistas com os mesmos atingidos com o intuito de divulgar como ficou a situação deles depois de um determinado período de tempo. A nossa ida a Mariana e o contato com os atingidos nos fizeram perceber esta lacuna no trabalho jornalístico, de acompanhar, de retomar um assunto de grande relevância social e que suscita reflexão. Essa ação ou não ação é justificada pelo papel pragmático da função jornalística, as narrativas se fundam com o fato, e há um declínio do jornalismo analítico. Mesmo que os veículos de comunicação divulguem o acontecimento após alguns anos, isso normalmente ocorre quando há algum fato novo ou quando acontece uma tragédia similar como quando do rompimento da barragem em Brumadinho. A retomada das narrativas dos atingidos, em geral, não parece ser realizada, não se busca conhecer suas vitórias, seus medos, suas angústias e seus anseios novamente.

E essa retomada pela mídia é de extrema importância para que o crime corporativo socioambiental não caia no esquecimento pela sociedade porque para os atingidos, que eu me incluo, essa tragédia estará sempre guardada na memória.

REFERÊNCIAS

- ALEXIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AMARAL, Márcia Franz. O enquadramento nas catástrofes: da interpelação da experiência ao relato da emoção. **Contracampo**, Niterói (RJ), n. 22, p. 65-82, fev. 2011.
- ANGRISANO, Rafael Magalhães. **A edição do real na TV**: mediações editoriais no Jornal Minas. 245 f. 2018. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Departamento de Linguagem e Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. **Revista Contemporânea**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 1-21, jun. 2007.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 25-39.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual telejornalismo**. 2. ed. São Paulo: Campus, 2003.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2013. p. 19-62.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol. I** – Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. D. M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

BRASIL. Governo do Brasil. Entenda o acidente de Mariana e suas consequências para o meio ambiente. 23 dez. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/3anB1PF>>. Acesso em 10 jul. 2016.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp> Acesso em: 25 outubro 2019.

CARVALHO, Aline Torres Souza. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELO, Mônica Santos de Souza (Orgs.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 21-42.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène. **Langue(s), discours**. Vol. 4. Paris : Harmattan, 2007. p. 49-63.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução Angela Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução de Fabiana Komeu e Dílson Ferreira da Cruz. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder** – a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CORIOLO, Maria das Graças Wanderley de Sales. Eletromiografia de superfície de músculos envolvidos na deglutição em pacientes com Doença de Parkinson. 2009. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Neuropsiquiatria e Ciência do Comportamento, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

COURTINE Jean J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours. **Langages**, Paris, n. 62, p. 9-128, 1981.

CRUZ, Clauber Ribeiro. O (re) nascer de uma nação: 'portagem' e o destino de um mulato. 2013. 199 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis (SP), 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94035>>. Acesso em: 12 maio 2018.

DAVID-SILVA, Giani. A informação televisiva: uma encenação da realidade (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses). 2005. 219 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

DAVID-SILVA, Giani; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. A hipertextualidade constitutiva do discurso de informação televisiva. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al. **Linguagem, tecnologia e educação**. São Paulo: Peirópolis, 2012. p. 40-52.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EdUSP, 2009.

DRUMMOND, Ivan. Estado de Minas e o 'sentimento mineiro': uma história de 90 anos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Onuj3K>>. Acesso em: 15 out. 2019.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

EMEDIATO, Wander. O problema da informação midiática entre as ciências da comunicação e a análise do discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; SANTOS, João Bosco Cabral dos; MENEZES, William Augusto (Orgs.). **Movimentos de um percurso em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE/UFMG, 2005. p. 99-116.

EISENSTEIN, Serguei. **O sentido do filme**. Tradução Teresa Ottoni. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

FERREIRA, Bárbara. Minas Gerais vira 'refém' da mineração em relação perigosa. **O Tempo**, Mercado, 6 dez. 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/38oPNEJ>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

FIOCRUZ. Fiocruz e outras entidades divulgam manifesto em apoio às vítimas da tragédia provocada pela Samarco. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2IhQt46>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da redação da Folha de S.Paulo**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2001.

FRANÇA, Vera. **Jornalismo e vida social** – a história amena de um jornal mineiro. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. **Galáxia**, São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012a.

FRANÇA, Vera. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera R.V.; OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b. p.39-51.

GENETTE, Gérard. Fronteiras da narrativa. In: BATHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2013. p.265- 284.
GUELLER, Viviane. Pílula de um dia qualquer: dose para remontar o ordinário. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/107998> >.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: o que jornal, revista, TV, rádio e Internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2012.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 17- 44.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LESSA, Cláudio. A discursivização da memória em relatos autobiográficos de alunos da EJA. **Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 1, p. 161-186, 2015.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MACHADO, Ida Lúcia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio Editor, 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. Heterogeneidade mostrada/constitutiva. Tradução de Sírio Possenti. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 261-262.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso. Tradução de Sírio Possenti. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 286.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MEDEIROS, Cintia Rodrigues. O. Crimes corporativos contra a vida e necrocorporações. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 27., Rio de Janeiro. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2013. p. 1-16.

MESQUITA, Marília. Tem nomes que nunca morrem. **Revista Curinga**, Especial Revista-Laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, n. 16, n. p., mar. 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

MODRO, Nielson Ribeiro. **Nas entrelinhas do cinema**. Joinville, SC: Univille, 2008.

MOULLIAUD, Maurice . A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOULLIAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Tradução de Sérgio Dayrell Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 179-193.

OLIVEIRA, Solange de. Arte por um fio: mitopoética nas obras têxteis de Bispo do Rosário e de Judith Scott: um estudo no campo da recepção crítica. 2017. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14112017-173649/> >.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Orgs.). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 59-71.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos de Linguísticos**, Campinas, SP, v. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV – manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Orgs.). **Papel da memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999. p. 49-57.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERINI, Mário A. Sobre língua, linguagem e linguística: uma entrevista com Mário A. Perini. **ReVEL**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 1-12, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUÉRÉ, Louis. L'événement. Introduction. In: BEAUD, Paul et al. (Orgs.). **Sociologie de la communication**. Paris: Réseaux/CNET, 1997. p. 413-432.

QUÉRÉ, Louis. Entre fait et sens, la dualité de l'événement. **Réseaux**, Paris, n. 139, p. 183-218, 2006.

QUÉRÉ, Louis. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 176-183, 2011.

QUÉRÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Vera; OLIVEIRA, Luciana (Orgs.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa** – Tomo I. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOULLIAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Tradução de Sérgio Dayrell Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p. 217-233.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico – o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 201-218, maio 2000.

ROSA, Rosane. A natureza e os limites dos discursos jornalísticos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2002. (CD-Rom).

SIBILIA, Paula. O “eu” dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem: In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. (CD-Rom).

SOARES, Rosana; LIMBERTO, Andréa. Tramas do outro nas telas do discurso: circulação audiovisual e consumo cultural. **PragMATIZES – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, Rio de Janeiro, Ano 4, n. 6, p. 40-57, abr. 2014.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. 2. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.